

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

LETICIA FANTIN VESCOVI CORDEIRO BARTOS MOREIRA

***“QUID, QUIS ET QUALIS EST?”: O SOCRATISMO CRISTÃO NA OBRA DE
CONSIDERATIONE (1149-1052) DE SÃO BERNARDO DE CLARAVAL (1090-1153)***

VITÓRIA

2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

LETICIA FANTIN VESCOVI CORDEIRO BARTOS MOREIRA

***“QUID, QUIS ET QUALIS EST?”: O SOCRATISMO CRISTÃO NA OBRA DE
CONSIDERATIONE (1149-1052) DE SÃO BERNARDO DE CLARAVAL (1090-1153)***

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas e naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Filosofia, na área de concentração Metafísica.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Luiz Silveira da Costa.

**VITÓRIA
2015**

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente.

A meu professor orientador, Prof. Dr. Ricardo Luiz Silveira da Costa, cuja permanência no mestrado em Filosofia e a paciência amorosa para com minhas dificuldades foram meu primeiro e maior incentivo.

Aos professores Prof. Dr. Jorge Augusto da Silva Santos e Prof. Dr. Matteo Raschiatti, por terem aceitado gentilmente participar de minha defesa.

À Profa. Dra. Barbara Botter, pela participação em minha qualificação e pela bondade em me ensinar.

À CAPES, pela bolsa concedida.

RESUMO

Não à toa o século XII é considerado “o século de São Bernardo”: enquanto fora abade de Claraval, não houve na Igreja cisma ou disputa teológica-filosófica nos quais sua influência não tivesse sido crucial. Em sua última obra, *De Consideratione* (1152), a admoestação que dirige a seu confrade e ex-discípulo Pier Bernardo Pignatelli, eleito Papa Eugênio III (1145-1153), figura nessa perspectiva como alerta sobre o cuidado com a vida transcendental, dada a magnitude de seu cargo. Com os quatro objetos da consideração, “te”, “*quae sub te*”, “*quae circa te*”, “*quae supra te*” expostos, São Bernardo ratifica seu objetivo de refletir sobre os aspectos da pessoa de Eugênio também em três perguntas: “*quid*’, ‘*quis*’ et ‘*qualis est?*”. Não obstante São Bernardo ser reconhecido comumente entre os estudiosos como um radical antidialético, em virtude da querela entre dialéticos e antidialéticos do século XII, os recursos filosóficos que utiliza no *De Consideratione*, e que já havia sinalizado em outras obras, nos dão ensejo para compreender sua aproximação com a Filosofia sob uma perspectiva muito mais positiva. Essa mudança, afinal, culmina no *De Consideratione* em reflexões de caráter filosófico socrático-cristão sobre a necessidade que tem o homem de conhecer-se a si mesmo. Isso posto, objetivamos, nesse trabalho analisar o *nosce teipsum* (conhece-te a ti mesmo) socrático de São Bernardo de Claraval que, perpassando toda a obra, acompanha também suas considerações sobre o mundo e Deus.

Palavras-chave: São Bernardo de Claraval; Papa Eugênio III; *Da Consideração*; *De Consideratione*; socratismo cristão; *nosce teipsum*

ABSTRACT

There is no wonder the twelfth century be considered the "Saint Bernard's century": being Abbot of Clairvaux, there was no schism or theological-philosophical dispute in the Church in which his influence was not crucial. In his last work, *De Consideratione* (1152), the admonition that he transmitted to his order fellow and pupil Pier Bernardo Pignatelli, elected Pope Eugene III (1145-1153), figured as a warning about how he was supposed to taking care of the transcendental life according to the magnitude of his office. Having exposed the four objects of consideration, "te", "quae sub te," "quae circa te," "quae supra te", Saint Bernard ratified that his intention was also meditate about aspects of the person of Eugene on three questions: "'quid', 'quis' et 'qualis est'?" . However, although Saint Bernard be usually recognized by the scholars as a radical man against Dialectic, due to the quarrel of dialectics and antidialectics of the XII century, the philosophical resources that he uses in the *De Consideratione*, and had already showed in other works, permits us to understand his approach with Philosophy beneath a more positive perspective. This change, at last, culminates in the *De Consideratione* in Christian-Socratic reflections about the need that the man has to know himself. Finally, we aimed in this work to analyze the *nosce teipsum* (know thyself) Socratic of Saint Bernard of Clairvaux that, permeating all the work, also follows the considerations about the world and God.

Keywords: Saint Bernard of Clairvaux; Pope Eugene III; *On Consideration*; *De Consideratione*; Christian Socratism; *nosce teipsum*.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	14
I.1 Cluny e a Reforma gregoriana: potestas e auctoritas nos livros III e IV do De Consideratione	14
I.2 Contexto histórico do De Consideratione: a revolta republicana e a Segunda Cruzada	20
I.3 A escrita do De Consideratione: publicidade e cronologia dos livros.....	29
CAPÍTULO II	39
II.1 O nascimento e a maternidade espiritual de São Bernardo.....	39
II.2 A educação e as influências literárias de São Bernardo	45
II.3 A conversão e o ingresso na vida religiosa	48
CAPÍTULO III	51
III.1 Os pontos convergentes entre o Cristianismo e a Filosofia grega	51
III.2 A querela entre dialéticos e antidialéticos nos séculos XI e XII	56
CAPÍTULO IV	69
IV.1 A opinião de alguns estudiosos sobre São Bernardo em relação à Filosofia	69
IV.2 A <i>superbia</i> , a <i>curiositas</i> e a <i>loquacitas</i> dos maus filósofos.....	72
IV.3 A humilitas e o nosce teipsum dos bons filósofos	83
IV.4 A definição de consideratio no De Consideratione.....	86
IV.5 A prática do nosce teipsum no De Consideratione.....	93
CONCLUSÃO	117
REFERÊNCIAS	122
Fontes Primárias de São Bernardo	122
Fontes Primárias várias.....	124
Fontes Bibliográficas e Referências	126
ANEXO	134

INTRODUÇÃO

Costuma-se, em referência ao nascimento de um homem, dizer metaforicamente que a ele foi dada a luz. Em relação a São Bernardo, faz mais jus à metáfora e à história dizer, em contrapartida, que ele “deu a luz ao mundo”. O Ocidente do século XII, entre os estudiosos,¹ foi considerado seu por excelência. Enquanto abade de Claraval, não houve na Igreja cisma ou disputa filosófico-teológica nos quais sua influência não tenha sido decisiva. São Bernardo predicou contra abusos clericais, reformou liturgias, debateu com grandes filósofos, pregou por ordens e cruzadas, guiou concílios, aconselhou bispos, papas e reis. Sua voz foi ouvida de Paris a Roma, da Alemanha à Suíça, e, por isso mesmo, confundida com a de um verdadeiro papa.²

Desde sua entrada em Cister, em 1113, giram em torno de quinhentos o número de epístolas, trezentos o número de sermões e vinte o número de tratados que escreveu. Muito até, se se levar em conta que passou dois terços de sua vida a viajar pela Europa. Por causa de suas jornadas, chamou-se de “quimera de seu século”.³ “Nem monge, nem laico”, um personagem, duplamente místico, então, porque extremamente espiritualizado, por um lado, e elementalmente híbrido, por outro, tal qual a besta mitológica que habitava a imaginação dos gregos de outrora. “Muitas vezes sofro, e tantas outras me irei”,⁴ disse aos cartuxos de São Bruno, revelando, além de sua condoída humanidade, o quão paradoxal também era para ele ensinar aos outros a vida que, por força das circunstâncias, não levava a contento.

São Bernardo lançou-se à vida ativa pelo excesso de zelo, e quiçá por isso, a Igreja e a história o tenham escusado gratificadamente por não ser o monge ideal de Bento de Núrsia (480-547).⁵ Não tornou sua vida infecunda, entretantes, por causa

¹ A esse respeito, pode-se conferir o que Etienne Gilson disse no prefácio de GILSON, 1940 e o que afirma COLOMBÁS, 1993. p. 138.

² Carta 239 ao Papa Eugênio III (1145), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p.757.

³ Carta 250 a Bernardo, prior de Portes (1147-1150), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 801.

⁴ Carta 12 aos cartuxos (c. 1133), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 145.

⁵ Não se quis dizer no texto que cremos Bernardo pertencente a essa cepa de maus monges ou pouco disposto a seguir o exigido pela Regra Beneditina (disciplina, humildade e obediência). Em

dos reveses sofridos. Se, por um lado, escreveu menos que o claustro e sua saúde lhe permitiriam, por outro, a experiência que teve pelo contato com diferentes personalidades o enriqueceu sobria e sabiamente.

São Bernardo, dissemos, debateu com grandes figuras de seu século. Enfrentou Gilberto Porretano (1070-1154), bispo, teólogo e representante da Escola de Chartres, quando este propôs uma interpretação da Trindade na qual se encontravam distintas Deus e a deidade. Freiou os impulsos pauperistas do clérigo Arnaldo de Bréscia (1105-1155) utilizando sua reputação, tanto quanto lhe permitia a consciência, contra o acobertamento de certos bispos em relação à polêmica figura. Nenhuma das duas controvérsias se compararam, entretanto, àquela suscitada por Pedro Abelardo⁶ (1079-1142), ilustre filósofo, a qual fez São Bernardo adentrar nos anais da História como ferrenho antidialético.

Como requisitado propagandista em virtude de sua ortodoxia, São Bernardo também se viu no centro de duas magnas catequeses que, embora coerentes com sua visão de mundo, lograram fins diametralmente opostos. O sucesso sorriu-lhe ao mobilizar-se, entre 1131 e 1138, contra o cisma de Pietro Pierleoni (?-1138),⁷ bispo que se propunha papa legítimo em lugar de Inocêncio II (1130-1143).⁸ Conseguiu com êxito

verdade, quis-se expressar que seu dilema psicológico dizia respeito majoritariamente à medida de sua culpabilidade quanto a seus desvios do silêncio e da solidão ascéticos, propostos tão vivamente por São Bento em sua regra. No último parágrafo do Terceiro Livro do *De Consideratione*, Bernardo expressou essa preocupação referindo-se a monges desertores que “pelo hábito parecem soldados, pela profissão, clérigos; mas não são nem uma coisa nem outra quando agem.” Não há como não imaginar que estivesse preocupado consigo mesmo ao defender, diante de Eugênio, a intolerância de Deus no Juízo Final quanto à desordem e à infidelidade. Para aprofundamento e estudo do tema, recomendamos que cotejem suas cartas com o disposto na Regra em SÃO BENTO, 1980.

⁶ COSTA, 2010.

⁷ Filho do cônsul Pier Leoni, era descendente da poderosa família romana dos Pierleoni e beneditino da abadia de Cluny. Quando Honório II morreu, a eleição de Pedro fora apoiada por dois grandes nomes, Guilherme X da Aquitânia e Rogério II, rei da Sicília. Mas Bernardo interviu decisivamente no cisma e, enviando cartas a bispos, reis, imperadores e povos, conseguiu reverter a situação em favor de Inocêncio II. Para um estudo aprofundado sobre o tema, aconselhamos a leitura das cartas 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 138, 139, 140, 147, 176, 213 e 314, da edição espanhola da BAC, porque são nelas que se encontram os conselhos bernardinos e as movimentações históricas da turbulência.

⁸ Chamado Gregório de Papareschi até 14 de fevereiro de 1130, data de sua eleição pontifical, Inocêncio II é destinatário de 55 das 99 epístolas que Bernardo destina a Sumos Pontífices, quais sejam, aquelas, as seguintes: 136, 150, 152, 155, 156, 159, 161, 164, 166, 167, 169, 171, 172, 176, 177, 178, 179, 180, 184, 189, 190, 191, 194, 198, 199, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 314, 318, 323, 330, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 502, 503 (segundo a numeração da BAC). Importa ressaltar, como dado, que o número de cartas destinadas a ele (e que chegaram até nós) ultrapassa as destinadas a Honório II (6), Celestino II (2),

que os partidários do autodenominado Anacleto II (1130-1138), depois de sua morte, passassem para o lado de Inocêncio. Com o fim do pontificado do antipapa e de seus imediatos sucessores, fora alçado à cátedra petrina sob o nome de Eugênio III (1145-1153) Pier Bernardo Pignatelli (1100-1153), seu ex-discípulo, em cuja eleição, embora indiretamente, muito influenciou.

No pontificado, pois, de Eugênio, São Bernardo promoveu a pedido do Santo Padre uma segunda incursão à Terra Santa, com vistas a libertar o Condado de Edessa das mãos dos muçulmanos. A expedição, ocorrida entre 1147 e 1149, revelou-se ao final um contundente fracasso, de cuja má fama o santo de Claraval não conseguiu desvencilhar-se até o fim da vida. Na prática, fora por esse e outros problemas que São Bernardo, a pedido de Eugênio, escreveu o tratado sobre o qual nossa atenção se voltou.

Resumidamente, façamos-lhes notar que ele é composto por cinco livros, semelhantes em sua extensão, distintos levemente quanto a seus conteúdos. São Bernardo abertamente propôs analisar as realidades mais necessárias para o exercício do pontificado católico. Eram, para ele, quatro as que mereciam a atenção de seu especial leitor: o *te*, referente ao si mesmo; o *quae sub te*, referente às realidades inferiores ao Sumo Pontífice; o *quae circa te*, referente às realidades circundantes; e, por fim, o *quae supra te*, referente às superiores. Conquanto variadas eram, todavia, interligadas entre si por uma perspectiva extremamente filosófica, a do *nosce teipsum* socrático (ou “conhece-te a ti mesmo”). O nosso intuito, em uma retomada geral, é analisar a aproximação de São Bernardo à Filosofia, em especial ao socratismo cristão, relacionando-o aos quatro objetos da consideração dispostos acima.

Cumprido dizer que, para o intento, não pudemos proscreever aspectos extralinguísticos circundantes. A escrita de São Bernardo é marcada profundamente por um signo retórico-literário. O estilo errante, explorador e digressivo de seu

Lúcio II (1) e Eugênio III (35), todos juntos. Explica-se, primeiramente, pelo *frenesi* político em virtude do cisma supracitado, mas, sem dúvida, também em virtude da duração de seu pontificado. Treze anos de sua vida monástica Bernardo passou sob a proteção petrina de Inocêncio (1130-1146); oito, de Eugênio (1145-1153); seis de Honório (1124-1130); um de Celestino (1143-1144) e outro ano de Lúcio (1144-1145).

pensamento é também uma *excitatio mentis*,⁹ o que faz o tratado pertencer a essa cepa de textos impossíveis de se reduzir a um único ângulo interpretativo, tal qual são também as *Confessiones* (397-398) de Agostinho (354-430) e a *Consolatio Philosophiae* (c.524) de Boécio (480-525). Como analisá-los sem tomarmos nota da profundidade de estilo, de emulações, de referências ao sagrado, da paixão pela língua, pela verdade crida e pelo objetivo sempre em mente? Com pesar dizemos que o tempo nos limitou e os objetivos nos impediram que seguíssemos para além de ver triunfar ciumentamente a Ciência Primeira em nosso trabalho. Todavia, para mitigar nosso desejo, não nos foi sem dúvida improdutivo mantermos aspectos literários e históricos fronteiriços, para deles colher, vez ou outra, novos ares que dessem fôlego à empreitada.

Assinalemos que, primeiramente, traduzimos para a língua portuguesa a obra sob o título de *Da Consideração*, direta e integralmente do latim. O resultado de nosso esforço encontra-se no anexo final do trabalho. Em segundo lugar, em virtude de uma benéfica restrição, julgamos necessário mais um recorte histórico e biográfico para contextualização do autor e da obra, pois verão os leitores que o encadeamento de fatos e personagens facilitará e muito o entendimento sobre as ideias de Bernardo, em nada alheio aos acontecimentos e influências de seu século, aquele no qual alvorecia o método escolástico e a Filosofia em seu pendor dialético mais controverso.

Não para postergarmos o vértice de nosso trabalho, tampouco para enfileirarmos linhas sobre linhas é que, nos arraigando a essa linha de pensamento, decidimos por breves palavras sobre a tutela de Cluny sobre a Cristandade, a Reforma gregoriana e importantes acontecimentos referentes à figura de Eugênio III e de seu pontificado, inseridos no *De Consideratione* e enfocados neste trabalho porque em direta relação com o escopo do escrito.

Ao avicinar-se o nascimento de São Bernardo, como que por um breve respiro, pontuamos dados de sua infância e juventude até sua entrada em Cister, bem como o próprio crescimento da ordem em que fez votos.

⁹ EVANS, 2000, p.4.

Na parte em que toca a Filosofia, seguimos dos pontos convergentes entre a doutrina cristã e a filosofia grega direção à querela entre dialéticos e antidialéticos do século XI, por nos servir de pano de fundo a polêmica tanto à apresentação do fazer filosófico da época, quanto à de alguns dos personagens que mais influenciaram, ainda que controversamente, a aproximação de nosso monge à Filosofia, como Pedro Abelardo e Gilberto Porretano, por um lado, e Santo Agostinho e Boécio, por outro.

Utilizamos as pegadas que encontramos relacionadas à Filosofia para ensejar um de nossos principais debates, qual seja, o de refletir em que medida seria São Bernardo, como propõem alguns estudiosos,¹⁰ seu intransigente opositor. Para responder a esse e outros questionamentos, que nos levam diretamente à conclusão de que era, filosoficamente falando, um socrático, iniciamos a terceira parte de nosso trabalho pela apresentação dos trechos de seus escritos que ensejam o debate. O confronto de perspectivas nos levou, finalmente, à definição de sua Filosofia e às suas marcas nos quatro objetos do *De Consideratione*, em especial o “si mesmo”, as quais escrutinamos ao final tanto quanto nos pareceu necessário para garantir nossos objetivos cumpridos nessa dissertação. Tudo o que resumimos em nossa conclusão, por fim, reflete a pesquisa que empreendemos nesses dois anos e que se vê sintetizada nas páginas a seguir.

¹⁰ Referimo-nos a Nicola Abbagnano (1984), Garcia Colombás (1993) e tantos outros que, haja vista a querela do santo com Pedro Abelardo, forjaram àquele uma máscara de insensibilidade filosófica menos adequada que os escritos do cisterciense nos revelaram.

CAPÍTULO I

I.1 Cluny e a Reforma gregoriana: *potestas e auctorictas* nos livros III e IV do *De Consideratione*

As décadas que cercaram o século X foram marcadas por uma série de mudanças de caráter político e religioso que inevitavelmente fizeram envolver a cultura e a religiosidade na Cristandade do período. Depois da tripartição do reino de Carlos Magno¹¹ e da vaga de invasões bárbaras que solaparam a Europa ocidental de norte a sul,¹² a Igreja adentrou em um chamado “século de ferro”,¹³ prolongado desde a metade do século X a meados do século XI, sob a égide dos imperadores germânicos. A Igreja estava imersa em profunda decadência moral e numa crise política, soçobrada pelos achaques do paganismo e pela secularização de um clero cada vez mais caudatário da aristocracia leiga.¹⁴ Culturalmente falando, era um período especialmente difícil para a prática das ciências e das artes, em especial da Filosofia. À frente, quando tratarmos dos esforços culturais do século, veremos que poucos foram os lumiares filosóficos que se destacaram no período.

O resgate do Ocidente europeu adveio de duas reformas na Igreja. A primeira nasceu da reflexão do monacato sobre sua vocação e seus deveres¹⁵; a segunda, da resistência papal em relação à intromissão régia na Cúria. Em uma época em que todos os cristãos estavam efetivamente convencidos da superioridade do monaquismo em relação aos outros estados de vida,¹⁶ Guilherme I, duque da Aquitânia (875-918) doou, em 910, a Bernon, abade de Baume-les-Messieurs, uma porção de terra situada ao sul da Borgonha francesa, assinalando como desejo testamentário que nessa *villa*, chamada Cluny, se formasse uma congregação observante da Regra beneditina completamente dispensada da jurisdição local, quer

¹¹ Em 843, pelo chamado Tratado de Verdun, foi estabelecida a divisão do reino entre seus três netos. O filho mais velho de Luís Pio, Lotário, que sucedeu a seu pai no trono do Sacro Império Romano, recebeu a porção central do Império, incluindo a Itália, os Países Baixos, a Alsácia, a Lorena e a Borgonha. Luís II, o Germânico, teve por domínio o reino franco oriental. Carlos, o Calvo, depois intitulado Carlos V, imperador do Sacro Império Romano-Germânico, recebeu a parte ocidental do Império, que deu origem à França.

¹² Do sul, os muçulmanos; do leste, os húngaros; do norte, os escandinavos.

¹³ SARANYANA, 1999, p. 115.

¹⁴ VAUCHEZ, 1995, p.34.

¹⁵ WEISBACH, 1949, p. 23.

¹⁶ VAUCHEZ, 1995, p. 33.

de príncipes, de condes ou de bispos. O ato era expressão autêntica do desejo de fundação de um monaquismo restaurador, embora as condições decisivas para o sucesso imediato de Cluny – sua autonomia e ligação direta com o Papado – tenham sido também as responsáveis por seu fracasso em longo prazo.

Com uma missão claramente tutelar e catequética, a ordem rapidamente expandiu-se quando João XI (931-936), no primeiro ano de seu pontificado, outorgou-lhe oficialmente o direito de reforma, isto é, de que a casa-mãe cluniacense incorporasse a si qualquer mosteiro que desejasse auxílio para o reestabelecimento de sua disciplina. Com sua disposição essencialmente autônoma, a Cluny foi possível criar um verdadeiro exército, chamado por Raul Glaber, de *ecclesia cluniacensis*.¹⁷ Na virada do século, transformou-se em santuário independente, uma “pequena Roma”,¹⁸ como dizem, quando em 981 adquiriu relíquias de São Pedro e São Paulo e recebeu dos papas Gregório V e João XIX, em 998 e 1024, respectivamente, privilégios de isenção para si e para todas as abadias filiadas.¹⁹

Pode se apontar um sem-número de ações favoráveis à expansão da ordem cluniacense no século X e nos posteriores, mas todas elas, sem dúvida, descendem essencialmente do fato de Cluny ser o depósito de expectativas para a recuperação da Cristandade. Dava-se tanto mais a Cluny, material e politicamente falando, quanto se esperava que ela retornasse espiritual e culturalmente os efeitos da doação. Num vasto movimento de penitência e de purificação, numa mistura de esperanças, perturbações e de sonhos, qual seja, numa intensa atividade coletiva, religiosa e psicológica,²⁰ os fiéis cristãos só sentiam expressa sua satisfação pelo renascimento da golpeada Cristandade quando contribuía materialmente à reforma religiosa.

A esta renovação espiritual promovida pelos cluniacenses, uniu-se como adjutório a chamada *Reforma gregoriana*, amplo movimento empreendido pelo poder papal a partir de 1049, com o intuito de soçobrar principalmente a “anarquia feudal”

¹⁷ COSTA, 2002.

¹⁸ IOGNA-PRAT, 1998, p. 102.

¹⁹ IOGNA-PRAT, 1998, p. 102.

²⁰ LE GOFF, 2007, p. 67.

resultante da ausência do poder estatal carolíngio.²¹ Gregório VII (1073-1085), que emprestou o nome à reforma iniciada por seus predecessores, apoiou as mudanças de caráter moral principalmente na condenação da simonia (troca de bens materiais por espirituais) e do nicolaísmo (concubinato dos sacerdotes).

O papa concentrou as mudanças de caráter político em dois documentos, o *Dictatus Papae* e a bula *Libertas ecclesiae*, nos quais arrazoava formalmente proposições que tanto afirmaram a submissão dos nobres laicos à *potestas* e à *auctoritas* do sucessor de Pedro quanto incentivavam a burocratização da hierarquia da Igreja. Nesse contexto, diz-se que o papado venceu a antiga controvérsia das investiduras ao reclamar para si o direito de nomear bispos, abades e outros oficiais da Igreja, e que, com outros gestos concretos, denotou definitivamente a ascensão política do papado contra o poder secular. Na esteira do êxito cluniacense, o partido gregoriano afirmava o caráter inviolável dos bens, das propriedades, dos direitos e dos procedimentos sobre os quais se assentava a organização da Igreja.²² Em confronto à desordem provocada pela ascensão da nobreza, é importante ressaltar que o papado foi forçado a ocupar um lugar de Estado, arrolando para si o controle de certos direitos, atribuições e competências tradicionalmente exercidas pelos poderes temporais.²³

São Bernardo escreveu o *De Consideratione* depois dos sessenta anos, perto da morte, mas seus juízos nunca deixaram de ser francos e posicionados. Defendeu a Igreja e o papado em época de cisma e de litígios com os nobres italianos, mas não deixou de apontar a crise interna da Santa Sé ao desnudar o que a corrompia por dentro: a ambição, a avareza, a insubordinação e, finalmente, a burocracia. Essa seção vem para adiantar, de fato, que politicamente falando, São Bernardo também quis lembrar Eugênio de sua posição frente a seus inferiores.

À *Reforma gregoriana* em si, nominalmente falando, em nenhum de seus escritos teceu críticas, mas muito do que discutiu no *De Consideratione* tinha que ver com as más consequências da estatização do clero iniciadas no século anterior. Do primeiro

²¹ RUST; SILVA, 2009, p. 137.

²² RUST; SILVA, 2009, p. 138.

²³ RUST; SILVA, 2009, p. 139.

ao quarto livro São Bernardo dirigiu a Eugênio algumas interrogações, por exemplo, sobre a compra de cargos episcopais que ainda abalava a Igreja²⁴ e sobre as audiências que demandavam do papa atenção nem sempre de acordo com sua dignidade apostólica:

Livro I.III.4

Quaeso te, quale est istud, de mane usque ad vesperam litigare, aut litigantes audire? Et utinam sufficeret diei malitia sua! Non sunt liberae noctes. Vix relinquatur necessitati naturae, quod corpusculi pausationi sufficiat, et rursus ad iurgia surgitur. Dies diei eructat lites, et nox nocti indicat malitiam: usque adeo non est respirare in bonis, non est alternam capessere requiem, non vel rara interseri otia. Non ambigo te quoque ista deplorare: at frustra istud, si non et emendare studueris.²⁵

Pergunto-te: que é isso de litigares ou escutares litigantes desde manhã até à tarde? Quem dera bastassem a cada dia suas preocupações! Nem tuas noites são livres, pois mal te abandonas ao descanso necessário ao corpo e logo te levantas novamente para as contendas. Um dia passa ao outro os processos, e uma noite à outra se repetem as preocupações. Frequentemente falta-te tempo para respirar, não há momento em que possas te agarrar a um descanso alternativo, raros são os intervalos de ócio. Não duvido que tu te oponhas a essas coisas, mas o fazes inutilmente se não te esforças por remediá-las.²⁶

Porque, com efeito, os homens que litigavam por heranças e demarcações de terra recorriam muitas vezes ao papa para verem seus problemas solucionados, por acreditarem que, sendo dever do pontífice deliberar sobre coisas muito maiores, estas menores seriam de fácil resolução. Para São Bernardo, ao contrário, justamente por sua constituição superior é que o primado de Pedro deveria se abster maximamente dos litígios cotidianos e dedicar-se às questões espirituais.²⁷ Do contrário, Eugênio pareceria suceder Constantino,²⁸ não Pedro, e na Igreja ressoariam, em vez das leis de Deus, as de Justiniano,²⁹ isto é, aquelas do *Corpus iuris civilis* que alguns juízes italianos utilizavam em seus julgamentos desde cerca do ano mil. O papado havia adquirido um caráter fortemente jurídico no final do século XI, a partir da publicação do *Concordia discordantium canonum*, ou Decreto de Graciano, entre 1140 e 1142, obra que compilava normas canônicas dos séculos

²⁴ *De Consideratione* Livro III.III.13, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 136.

²⁵ Em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 58.

²⁶ Todas as traduções dos textos latinos são nossas, salvo indicação contrária.

²⁷ *De Consideratione* Livro I.IV.7, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 66.

²⁸ *De Consideratione* Livro IV,III.6, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 160.

²⁹ *De Consideratione* Livro I.IV.5, em em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 62.

anteriores³⁰ e que havia sido aprovada, segundo tradição, pelo próprio Eugênio III.

São Bernardo lançou outros questionamentos no *De Consideratione* para conscientizá-lo de que ao papa não era lícito desalinhar a ordem assinalada por seus anteriores,³¹ porque embora gozasse da *plenitudo potestatis* na esfera espiritual, não deveria exercê-la para prejudicar a estabilidade da hierarquia, como fez Gregório VII, em seu *Dictatus Papae*.³² Essa consideração, como veremos mais tarde, era aquela que mantinha relação estreita com a consideração do si mesmo pela perspectiva do *quis in persona*.

A esse respeito, vale destacar que o monge de Claraval chamava uma série de ocupações excessivas para Eugênio porque entendia a *potestas* e a *auctoritas* como princípios distintos em relação ao papa, dando ao último termo menos abertura a uma gama de significados do que o primeiro. Quando usava o termo *auctoritas*, associava-o ao poder da Igreja, ao poder de Deus em relação ao plano espiritual,³³ em termos amplos, à conduta da Cristandade no que tangesse à moral e à unidade de crença. O termo *potestas*, por outro lado, era para ele um termo moralmente neutro, já que mesmo na Vulgata era utilizado largamente para significar tanto as ações de Cristo no Evangelho, quanto os poderes seculares e os principados.³⁴

Nesse sentido, São Bernardo explicou que Eugênio não poderia exercer a *potestas* como um rei ou um imperador que mantém seu domínio material,³⁵ porque para ele valia a *Tese dos dois gládios*, elaborada pelo Papa Gelásio (492-496) no século quinto. Esse pensamento, expressão do agostianismo político, afirmava uma interdependência e apoio mútuo entre os poderes espiritual e temporal, estabelecendo as esferas específicas de atuação de cada um.³⁶ Ressalvando-se, com efeito, que o argumento da Igreja era de que os governantes temporais possuíam o gládio material porque ela mesma, detentora de ambas as espadas, lhes

³⁰ FERNANDES, 2007, p. 90.

³¹ *De Consideratione* Livro III.IV.17. em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 144.

³² SOUZA, 2004, p. 612.

³³ CHAPMAN, 2004, p. 588.

³⁴ CHAPMAN, 2004, p. 591.

³⁵ *De Consideratione* Livro III.IV.17, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 144.

³⁶ FERNANDES, 2007, p. 22.

havia delegado o direito de exercer esse domínio. Assim também pensava nosso monge, como se vê no trecho a seguir:

Livro IV.III.7.

“Dracones”, inquis, “me mones pascere, et scorpiones, non oves”. Propter hoc, inquam, magis aggredere eos, sed verbo, non ferro. Quid tu denuo usurpare gladium tentes, quem semel jussus es reponere in vaginam? Quem tamen qui tuum negat, non satis mihi videtur attendere verbum Domini dicentis sic: *Converte gladium tuum in vaginam*. Tuus ergo et ipse, tuo forsitan nutu, etsi non tua manu, evaginandus. Alioquin, si nullo modo ad te pertineret et is, dicentibus Apostolis: *Ecce gladii duo hic*, non respondisset Dominus: *Satis est*, sed: “Nimis est”. Uterque ergo Ecclesiae, et spiritualis scilicet gladius, et materialis, sed is quidem pro Ecclesia, ille vero et ab Ecclesia exserendus: ille sacerdotis, is militis manu, sed sane ad nutum sacerdotis, et iussum imperatoris. Et de hoc alias. Nunc vero arripe illum, qui tibi ad feriendum creditus est, et vulnera ad salutem, si non omnes, si non vel multos, certe quos possis.³⁷

7. Dize-me: “Estás me pedindo que apascente dragões e escorpiões, não ovelhas”. Respondo que, por esse motivo, é melhor que os atraia com palavras do que com armas. Para que tentarás usar a espada novamente se novamente terás de embainhá-la? Não se pode negar, porém, que a espada seja tua. Quem assim faz a meu ver não prestou atenção suficiente nas palavras do Senhor, que disse: Enfia a tua espada na bainha. A ti pertence a espada, e se ela deve ser desembainhada, que seja, sim, com tua anuência, mas não por tua mão. De outro modo, se não te pertencesse, quando o Apóstolo disse “eis aqui duas espadas”, o Senhor não teria respondido “é suficiente”, e sim “são muitas”. Por isso a Igreja pode possuir duas espadas, a espiritual e a material, mas esta é para que ela seja defendida, aquela, com efeito, para que exerça seus direitos. Os sacerdotes utilizam a espiritual, a material os militares, com a anuência do sacerdote e por ordem do imperador. Sobre isso, tratarei em outro momento. Agora empunha a espada que te foi dada para ferir, curar as feridas, se não a todos ou muitos, ao menos dos que tu conseguires.

São Bernardo, todavia, era contra uma hierocracia plena e a favor de uma monarquia papal, como seu combate ao republicano Arnaldo de Bréscia, que veremos depois, deixou claro. Também acreditava, ao contrário do italiano, que era direito da Igreja possuir terras, em que pese ao papa não dever se comportar como um senhorio, mas como um caseiro que guarda a casa de seu senhor.³⁸ Portanto, o pontífice, devendo delegar ao imperador o uso da *potestas* secular, devia evitar ao máximo se imiscuir nos assuntos temporais³⁹ que não refletissem a salvação de uma alma ou o bem da Cristandade.

³⁷ Em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 160.

³⁸ *De Consideratione* Livro III.1.1, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 119.

³⁹ FERNANDES, 2007, p. 120.

São Bernardo deixou estes ecos monásticos sobre a *auctoritas* (autoridade) e a *potestas* (potestade) exercidas pelo pontífice extensamente delineados no *De Consideratione* porque era a confusão entre os termos, ou melhor, a consequência visível dessa confusão a razão pela qual Eugênio Ihe havia pedido o consolo. Na prática, afinal, o papa estava deliberando sobre ações que, além de não Ihe corresponderem diretamente, prejudicavam seu julgamento sobre as que mais importavam. E isso não tanto porque interferiam umas nas sentenças das outras, mas porque justamente o tempo que Eugênio necessitava para praticar a consideração (e a autorreflexão) era tomado por ninharias judiciais. Para São Bernardo, só a consideração do *quid in natura* (o que se é pela natureza), do *quis in persona* (o que se é pela pessoa) e a solução do *qualis in moribus* (o que se é pelos costumes) poderiam resolver seu problema, afinal, porque era pela consideração de si mesmo que se iniciava o mais importante dos julgamentos.

Tratar deste assunto agora e do contexto em que se insere o tratado nas páginas a seguir leva-nos a compreender que ele foi incentivado a expor sua filosofia em meio a uma crise política e espiritual que Eugênio passava.

I.2 Contexto histórico do *De Consideratione*: a revolta republicana e a Segunda Cruzada

Dos pontificados de Inocêncio II (1130-1143) a Adriano IV (1154-1159), isto é, durante quase trinta anos, a Itália viu-se em meio a uma turbulenta disputa político-religiosa, cujo ideário reformador, em linhas gerais, exigia da Igreja a interrupção de sua atuação na esfera civil e, em consequência do ditame, o retorno da República e Senado romanos. Como não há, todavia, movimento que se sustente sem uma figura responsável pelo *frenesi* revolucionário, coube ao eloquente e irretorquível clérigo Arnaldo de Brécia (1090-1155) o papel de centelha ideológica da laicidade estatal e do republicanismo. O ideário de Arnaldo, pode se dizer, foi o que fomentou de modo recalcitrante os reverses sofridos pela Igreja e, ainda que não intencionalmente, o escopo de nossa investigação filosófica.

Chamado de Bréscia por seu nascimento, Arnaldo iniciou os estudos em sua cidade natal, dando-lhes continuidade na França, em 1115, sob a preceptoria de Pedro Abelardo, polemista assaz conhecido de São Bernardo – sobre o qual falaremos mais tarde –, com o qual particularmente comungava certo apreço reformista. Político e orador nato, sorveu-lhe os ensinamentos e combateu, na prática, por uma reforma eclesiástica. Ao fim dos estudos, regressou à Itália e adentrou no Mosteiro dos Cônegos Regulares em sua cidade natal, no qual logo foi nomeado superior em virtude, principalmente, de sua marcante piedade e ascese.

O que sabemos sobre sua vida e pensamento provém-nos principalmente as crônicas de Otto de Friesing (c. 1114-1158), os escritos de João de Salisbúria (c.1115-1120 – 1180)⁴⁰ e as cartas de São Bernardo, relatos da época que não o pouparam de adentrar na história sob epítetos pouco obsequiosos. Otto chamava-o amante de excentricidades (*singularitatis amator*), desejoso de novidades (*novitatis cupidus*), lobo sob pele de ovelha (*lupus sub ovina pelle*) e classificava-o como uma daquelas personalidades aptas às heresias e ao cisma. No segundo livro de seu *Gesta Friderici Imperatoris*, deu-nos uma breve ideia de suas formulações doutrinárias:

Clericorum ac episcoporum derogator, monachorum persecutor, laicis tantum adulans. Dicebat enim nec clericos proprietatem nec episcopos regalia nec monachos possessiones habentes aliqua ratione salvari posse. Cuncta haec principis esse, ab eiusque beneficentia in usum tantum laicorum cedere oportere. Preter haec de sacramento altaris, baptismo parvulorum non sane dicitur sensisse.⁴¹

Detrator de clérigos e bispos, perseguidor de monges, adulator de laicos. Dizia que nem clérigos, nem bispos, tampouco monges poderiam possuir propriedades, regalias ou possessões, porque assim não poderiam ser salvos. Além desses princípios, para ele convinha que todos esses benefícios fossem cedidos ao uso dos laicos. Em relação ao sacramento do altar, dizia não fazer sentido o batismo dos pequenos.

Arnaldo, como se vê no relato, aspirava por uma reforma moral e hierárquica consonante à renúncia dos bens prefigurada por Cristo no Evangelho de Marcos, modo pelo qual se restauraria, a seu ver, a própria pobreza evangélica na Igreja:

Mc.10,17-25:

17. et cum egressus esset in viam procurrens quidam genu flexo ante eum rogabat eum magister bone quid faciam ut vitam æternam percipiam. 18.

⁴⁰ *Historia Pontificalis*, c. 1163.

⁴¹ *Gesta Friderici Imperatoris* Livro II.XXVIII.

Jesus autem dixit ei quid me dicis bonum nemo bonus nisi unus Deus. 19. praecepta nosti ne adulteres ne occidas ne fureris ne falsum testimonium dixeris ne fraudem feceris honora patrem tuum et matrem. 20. et ille respondens ait illi magister omnia hæc conservavi a juventute mea. 21. Jesus autem intuitus eum dilexit eum et dixit illi unum tibi deest vade quaecumque habes vende et da pauperibus et habebis thesaurum in cælo et veni sequere me. 22. qui contristatus in verbo abiit mærens erat enim habens possessiones multas.[...]

17. E, tendo saído para se pôr a caminho, veio um homem correndo, e, ajoelhando-se diante dele, suplicou-lhe: Bom Mestre, que devo eu fazer para alcançar a vida eterna? 18. E Jesus disse-lhe: Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão Deus. 19. Tu sabes os mandamentos: Não cometas o adultério, não cometas fraudes, honra teu pai e tua mãe. 20. E ele, respondendo, disse-lhe: Mestre, todas estas coisas tenho observado desde a minha mocidade. 21. E Jesus, pondo nele os olhos, mostrou-lhe afecto, e disse-lhe: Uma coisa te falta; vai, vende quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no Céu; e vem depois, e segue-me. 22. Mas ele, entristecido por esta palavra, retirou-se desgostoso, porque tinha muitos bens [...].⁴²

Arnaldo raciocinava que Cristo, ao escolher o jovem à vida religiosa, o tinha feito tomar ciência de uma espécie de 11º mandamento: o que possui vende e dá aos pobres. Eis a pobreza absoluta e o desapego aos bens materiais como condição *sine qua non* para a salvação de sua alma, e por extensão, de todos os que caminham pela via clerical. Em virtude do pauperismo radical, encontrou em São Bernardo seu adversário mais combatente.⁴³

Atormentava Arnaldo a desatenção do prelado quanto a desmesura. O luxo nas vestes tornara-se excessivo e, ainda que se conservassem na Igreja alguns celibatários, não era incomum a manutenção pública de uma concubina. A longa discórdia entre o Sacro Império e a Igreja acabou por minar, também, o resquício de disciplina. Os sacerdotes pendiam, como marionetes, de um lado a outro da balança partidária. Quando a parte imperial apresentava-se mais potente, fácil era encontrar nobres clérigos que, em favor do César, entravam em complôs e cismas. Quando, ao contrário, o partido papal fortalecia-se, outros tanto zelavam por sua causa e incitavam o povo à rebelião contra o imperador.

⁴² Tradução Pe. Matos Soares, em BIBLIA SAGRADA, 1950, p. 105.

⁴³ Henrique de Lausanne, eremita fundador da seita dos henricianos, também pregava ideias semelhantes às de Arnaldo, como a rejeição da autoridade doutrinal da Igreja, a condenação do batismo das crianças e de outras cerimônias. Não nos estenderemos sobre ele porque, de fato, morreu por volta de 1148, pouco depois de ter sido condenado por Eugênio III no Concílio de Reims, e não foi o que poderíamos considerar de responsável maior pelos problemas políticos do papa. São Bernardo escreveu uma carta ao povo de Tolouse, em 1146, convocando-o a extirpar os restos da heresia da região.

Mas a horda de eclesiásticos nocivos aos preceitos cristãos exasperava-o tanto quanto a São Bernardo, que compreendia perfeitamente a gênese de seus ensinamentos, afinal, havia ele adentrado em uma ordem nascida para conter as extravagâncias e o relaxamento de Cluny. Predicavam, pois, contra as mesmas ignomínias. A guisa de exemplo, observemos que São Bernardo listou no primeiro livro do *De Consideratione* um par de *gente monstruosa* que, sem dignidade alguma, tomava o tempo do Sumo Pontífice:

Livro I.IV.5

Numquid ad eum de toto orbe confluebant ambitiosi, avari, simoniaci, sacrilegi, concubinari, incestuosi et quaeque istiusmodi monstra hominum, ut ipsius apostolica auctoritate vel obtinerent honores ecclesiasticos, vel retinerent? [...] Quid servilius indigniusque, praesertim summo Pontifici, quam, non dico omni die, sed pene omni hora, insudare talibus rebus, et pro talibus? Denique quando oramus? Quando docemus populos? Quando aedificamus Ecclesiam? Quando meditatur in lege? Et quidem quotidie perstrepunt in palatio leges, sed Justiniani, non Domini. Iustene etiam istud?⁴⁴

Porventura servia ele [São Paulo] como um escravo aos homens para obter sórdidos lucros? Porventura se dirigiam a ele, de todas as partes do mundo, ambiciosos, avarentos, simoníacos, sacrílegos, amasiados, incestuosos ou qualquer outro tipo de gente monstruosa para conseguirem ou conservarem, mediante sua autoridade apostólica, honras eclesiásticas? [...] Pode haver algo mais servil e indigno, especialmente ao Sumo Pontífice, e não digo nem todos os dias, mas em todos os momentos, que transpirar por causa desses negócios e dessas pessoas? Que tempo nos restará para a oração? Quando ensinaremos aos povos? Quando edificaremos a Igreja? Quando meditaremos a Lei do Senhor? Diariamente, de fato, retumbam no palácio as leis, mas as de Justiniano, não as do Senhor! Isso é justo?

Em verdade, no que dissesse respeito à disposição de espírito, energia de caráter e eloquência invulgar, separava Arnaldo de São Bernardo uma linha tênue de métodos e maneiras.⁴⁵ Conquanto Arnaldo via na manutenção dos bens a nascente pela qual jorravam os problemas, São Bernardo propunha que não era ela, em si, a dispensadora dos males. Se nem mesmo as virtudes, como defendia no *De Consideratione*, eram virtudes por sua natureza, senão pelo uso que delas se fazia,⁴⁶ tampouco o uso de bens materiais em si deveria ser condenado sem se levar em consideração circunstâncias de modo, lugar e tempo. Nesse sentido, por exemplo, quando São Bernardo exortava Eugênio a se despir de seus ornamentos

⁴⁴ Em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 60.

⁴⁵ Luddy, [s/d], p. 445.

⁴⁶ *De Consideratione* Livro II.XI.20, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 112.

pontifícios não era porque em si eles eram prejudiciais às suas ações, senão porque o problema era considerar uma adição accidental como essencial do ser.

Em 1139, Inocêncio II convocou o II Concílio de Latrão para, dentre outras deliberações, condenar as ideias de Pedro Abelardo e Arnaldo e imputar-lhes como pena o silêncio. Arnaldo, então, decidiu ir ao encontro do mestre em Paris, mas no ano seguinte, ao comparecer ao Concílio de Sens, viu novamente as ideias de Abelardo condenadas pela ferrenha oposição de São Bernardo.

Este, sabendo da estadia de Arnaldo na França, enviou uma carta ao rei Luís exortando-o a expulsá-lo de sua terra. Rechaçado em virtude da queixa, Arnaldo refugiou-se na Suíça, mas São Bernardo, caçando-lhe os passos, o denunciou ao bispo Hermann, da Constância, como autor de um péssimo cisma (*schisma pessimum*) e admoestou a autoridade sobre a diabólica sede por sangue das almas que sua aparente piedade ascética trazia consigo.⁴⁷

Descoberta a ida de Arnaldo para a Boêmia, onde fora bem recebido por Guido, legado do papa, São Bernardo não poupou esforços e também advertiu o eclesiástico sobre a presença do inimigo da Igreja em sua jurisdição. Se Guido desconhecia o caráter do refugiado ou intencionava convertê-lo, Bernardo não sabia, mas desejava-lhe boa sorte se a última alternativa fosse seu intento. Duro quanto aos adjetivos, chamou Arnaldo de homem cujas palavras eram como mel e a doutrina como veneno; cuja cabeça era de pomba e a cauda de escorpião. Um homem vomitado por Bréscia, temido por Roma, rejeitado pela França, pela Alemanha e pela Itália.⁴⁸

Inocêncio II, à época, já havia sido sucedido pelos breves pontificados de Celestino II (1143-1144) e Lúcio II (1144-1145). Este último, que tentara recuperar o poder da Igreja após uma investida armada contra a Cidade Eterna, morreu por causa dos ferimentos recebidos em meio à ação malograda. A agitação política exigia da Igreja, após a morte de Lúcio, a eleição de um sucessor que verdadeiramente contrarrestasse o desejo dos republicanos de verem eleito papa Giordano Pierleoni,

⁴⁷ Carta 195 ao bispo de Constância (1142), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 645.

⁴⁸ Carta 196 ao legado Guido (1142), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 647.

chefe do Senado. Eis que então, por unanimidade, o colégio de cardeais elegera um monge sem sagração episcopal ou dignidade cardinalícia. Era Pier Bernardo Pignatelli, um dos monges de São Bernardo. Por causa da situação política em Roma, teve então de ser coroado em Viterbo.

O eleito Eugênio III, era, ao que parece, homem de crescente sabedoria, virtude e santidade. Havia sido educado em Pisa, onde provavelmente nascera. Em 1106, foi cônego da catedral da mesma cidade e desde 1115 seu subdiácono. Desde 1130, fora noviço de São Bernardo. Em 1139, um ano depois de ser ordenado sacerdote por Inocêncio II, adentrou na ordem cisterciense em Scandriglia. No outono de 1140, Inocêncio II o nomeou abade do mosteiro de Santo Anastácio, em Tre Fontane. Não há como negar que a fama que São Bernardo havia adquirido por sua irrefreável ortodoxia fora propícia, ainda que não diretamente, à escolha de seu discípulo à cátedra, mas o fato é que São Bernardo, a princípio, era contra sua eleição. Quando soube, ao mesmo tempo, da morte de Lúcio e da eleição de Eugênio, enviou a este uma carta:

Carta 238

Auditum est in terra nostra, et celebri sermone vulgatum verbum hoc, quod factum est de vobis a Domino. Presseram stilum hactenus, rem tacitus considerabam. Exspectabam enim litteras vestras, et praeveniri a vobis in benedictionibus dulcedinis. [...] 3. Ergo fiduciam talem habens in te, qualem in nullo praedecessorum tuorum a multis retro temporibus visa est habuisse, exsultat merito ubique et gloriatur in Domino omnis Ecclesia sanctorum; sed specialiter illa, cuius uterus te portavit, et cuius ubera tu suxisti. Quid ergo? Nonne et mihi licet gaudere cum gaudentibus? Nunquid non ero unus de numero laetantium? Exsultavi, fateor, sed cum tremore; exsultavi, sed in ipso exsultationis meae articulo timor et tremor venerunt super me. Ego enim etsi nomen patris deposui, sed non timorem, sed non anxietatem, postremo nec affectum, nec viscera patris. Considero gradum, et casum vereor: considero fastigium dignitatis, et intueor faciem abysi iacentis deorsum. Attendo celsitudinem honoris, et e vicino periculum reformido, pro eo quod scriptum est: Homo cum in honore esset, non intellexit.⁴⁹

A notícia das grandes coisas que o Senhor fez por vós 'foi escutada na nossa terra' (*Cân.*, 2,12) e é discutida por toda a parte. Abstive-me, até agora, de escrever, ponderando o assunto em silenciosa meditação. Esperava, confesso, receber uma carta vossa e ficar prevenido de bênçãos e doçuras' (*Sl.* 20,4). [...] Com mais confiança em vós do que parece haver depositado nos vossos predecessores desde longa data, a Igreja universal dos santos, e em especial aquela que vos acarinhou no seio e vos nutriu, regozija-se justificadamente pela vossa elevação, e glorifica a Deus por ela. E não deverei também regozijar-me? Não deverei pertencer ao número dos que se alegram com vossa promoção? Alegrei-me, confesso, mas não sem

⁴⁹ Carta 238 ao papa Eugênio (1145), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 749.

temor. Exultei, mas na própria hora da minha exultação 'o medo e o temor apoderaram-se de mim' (*Sal.* 54,6); pois embora haja perdido o nome de pai para vós, não fui despojado do temor e ansiedade paternos. Não perdi o afecto nem o coração de pai. Avalio a proeminência do lugar a que ascendestes e receio uma queda. Ergo o olhar para a altura da vossa dignidade e baixo-o para o abismo que se encontra próximo. Penso na sublimidade da honra que atingistes e no perigo que vos espreita junto aos pés.⁵⁰

A preocupação de São Bernardo não era infundada. A Igreja necessitava não de um papa de carácter monástico e contemplativo, mas de uma figura proeminente cujas ações pudessem superar e minimizar as dos revoltosos. O *De Consideratione*, se se nota por essa perspectiva, é um tratado de cariz extremamente motivacional, porque São Bernardo, conhecendo a personalidade por demais afável de seu ex-pupilo,⁵¹ não poucas vezes exortou-o de algum modo a deixar transparecer em seu carácter uma faceta mais dura, rígida e condizente com o cargo que ocuparia até o fim de sua vida. O conhecer-se a si mesmo era a medicina certa para ele, conquanto fossem bem conhecidos o doente e a doença que o poderia dominar.

Nesse meio tempo, Arnaldo, que ainda estava na Boêmia, deixou-se converter por Guido, a cujo rogo, ao que parece, se dirigiu a Viterbo e repudiou seus erros aos pés do novo papa.⁵² Eugênio, depois de perdoá-lo, parece que ouviu os conselhos de São Bernardo, pois dissolveu a República, mas permitiu que o Senado permanecesse na condição de se confinar a assuntos municipais. Ao entrar em Roma, no Natal de 1145, foi acolhido pela população, todavia, os submetidos republicanos fervilhavam por não poderem resistir. Ademais, Arnaldo que outrora havia pedido perdão, voltara a predicar contra o Sumo Pontífice. Disse-nos Otto de Friesing que

Comperta vero morte Innocentii, circa principia pontificatus Eugenii Urbem ingressus, cum eam erga pontificem suum in seditionem excitatam invenisset, viri sapientis haut sectatus consilium de huiusmodi dicentis: *Ne in eius ignem ligna struas*, amplius eam in seditionem concitavit, proponens antiquorum Romanorum exempla, qui ex senatus maturitatis consulto et ex iuveniliū animorum fortitudinis ordine et integritate totum orbem terrae suum fecerint.⁵³

⁵⁰ Tradução de Eduardo Saló, em LUDDY, [s/d], p. 440.

⁵¹ EVANS, 2000, p.16.

⁵² LUDDY, [s/d], p. 449.

⁵³ *Gesta Friderici Imperatoris* Livro II.XXVIII.

Sabendo da morte de Inocêncio, adentrou na cidade no início do pontificado de Eugênio, encontrando-a sublevada contra o pontífice. Não seguindo o conselho de um sábio que disse *não deixai fogo perto de uma pilha de madeira*, excitou-a rapidamente em favor de uma revolta, propondo o exemplo dos antigos romanos, que subjugarão toda a terra pelo decreto do senado e pelo vigor de seus jovens espíritos.

Perante aos seus, ávidos por recolher-lhe as palavras, Arnaldo pregou contra Eugênio, que teve de refugiar-se novamente em Viterbo ao fim de 1146. No ano seguinte Eugênio dirigiu-se à França, onde Luís VII preparava-se para a Cruzada que o pontífice havia proclamado em 1º de dezembro de 1145, na bula *Quantum praedecessores*,⁵⁴ em resposta à notícia da captura do Condado de Edessa por Zengi de Mossul.⁵⁵ A mesma que, pelo fracasso, fez São Bernardo anexar uma breve apologia no início do segundo livro do *De Consideratione*.

Eugênio havia formulado a cruzada e São Bernardo, com toda sua eloquência e prestígio, foi seu representante. São Bernardo pregou primeiro em Vézelay, na Borgonha, e em suas cercanias.⁵⁶ Fazia enorme sucesso por onde passava, convertendo à ideia da incursão reis e nobres, como Luís VII de França, Leonor da Aquitânia e Conrado III da Alemanha. Mas como na primeira cruzada, a combinação de peregrinação e expedição militar provou ser problemática. Objetivos religiosos e militares não eram consonantes. A pregação de São Bernardo exigia de todos que se comprometessem com intenções puras, o que não houve.⁵⁷ O fracasso cruzadístico, em 1149 mereceu destaque, por isso, na abertura do segundo livro do *De Consideratione*. Nele, São Bernardo lamentou da seguinte maneira:

Livro II.I.1

Diximus: "Pax", et non est pax; promissimus bona, et ecce turbatio, quasi vero temeritate in opere isto aut levitate usi simus. Cucurrimus plane in eo, non quasi in incertum, sed te iubente, imo per te Deo. Quare ergo ieiunavimus, et non aspexit, humiliavimus animas nostras, et nescivit? Nam *in his omnibus non est aversus furor eius, sed adhuc manus eius extenta*. Quam patienter interim adhuc audit voces sacrilegas et Aegyptios blasphemantes, quia callide eduxit eos, ut occideret in deserto? Et quidem *iudicia Domini vera*, quia nesciat? At iudicium hoc abyssus

⁵⁴ DOEBERL, 1910, p. 333-336.

⁵⁵ Outras duas cruzadas, pode-se dizer, foram propagadas ao mesmo tempo. Em uma reunião em fevereiro de 1147, ficou decidido que dinamarqueses, moravianos, polacos, russos e saxões também iriam se unir em uma cruzada, mas contra os eslavos. São Bernardo, em nome do papa, afirmou os mesmos privilégios espirituais para estes daqueles que seguiam para o Oriente. Em maio do mesmo ano, o papa Eugênio autorizou uma cruzada na Península Ibérica, para a Reconquista. Essas duas foram mais bem sucedidas que a de Jerusalém.

⁵⁶ LUDDY, [s/d], p. 464.

⁵⁷ PASCUAL, 1983, p. 148.

tanta, ut videar mihi non immerito pronuntiare beatum, qui non fuerit scandalizatus in eo.⁵⁸

Dissemos “paz”, mas não havia paz. Prometemos as boas novas, e eis que apareceu o terror, como se nossa obra tivesse sido fruto de uma leviandade. Demo-nos por inteiro à ela, não sem rumo certo, mas porque tu mesmo ordenaste, ou melhor, porque Deus, por meio de ti, ordenaste. Por que jejuamos e Ele não nos deu atenção? Por que humilhamos nossas almas e Ele nos ignorou? “Sua cólera não se aplacou, e Sua mão está prestes a precipitar-se”. Quão pacientemente ouve os sacrilégios e as blasfêmias dos egípcios, que dizem: “com maus desígnios os conduziu para morrerem no deserto”. Mas quem pode ignorar que os “juízos do Senhor são verdadeiros?” Esse julgamento é tão profundo que, não sem razão, considero um santo aquele para o qual o Senhor não foi ocasião de queda.

Acusavam-no de ser o responsável pelo fracasso da cruzada, o que São Bernardo rechaçava veementemente: haviam sido os próprios homens que, imitando os hebreus, pagaram pelos pecados cometidos. Quer dizer, estes, mesmo sabendo que Moisés os estava guiando em direção à terra prometida, voltiam os olhos ao Egito,⁵⁹ como que com sinal de desconfiança e apego ao passado. Os cruzados, a seu ver, comportavam-se da mesma maneira. São Bernardo foi realista ao afirmar que pregar por outra cruzada estava fora de cogitação, porque de nenhuma maneira lhe ouviriam depois do retumbante fracasso.⁶⁰

O que isso tem a ver com o tema do tratado, o próprio São Bernardo respondeu. A consideração era tema importante, e de certo modo eram os grandes personagens que consideravam sobre coisas importantes. A cruzada fora sua maior derrota porque pública. Foi considerando sobre ela que São Bernardo compreendeu que a justificativa perfeita e absoluta de cada um era o testemunho de sua própria consciência,⁶¹ esta mesma que interiormente perscrutava a alma do homem. A dele estava tranquila, sabendo ter feito tudo o que estava ao seu alcance para o sucesso. A de Eugênio, confusa, necessitava de seu conselho para recobrar a paz. Ensiná-lo como considerar era a grande pastoral de São Bernardo

Depois da Cruzada, Eugênio viveu em Túsculo de 1149 a 1152, porque o povo romano ainda não havia se acalmado das revoluções, ainda que São Bernardo o tivesse pedido em algumas cartas. Em 1152, quando enfim retornou à Roma sob

⁵⁸ Em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 82.

⁵⁹ *De Consideratione* Livro II.I.2, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 85.

⁶⁰ *De Consideratione* Livro II.I.3, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 87.

⁶¹ *De Consideratione* Livro II.I.4, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 87.

aclamação popular, não pôde desfrutar muito tempo de uma estadia tranquila. Morreu em 8 de julho de 1153, um mês antes de São Bernardo.

I.3 A escrita do *De Consideratione*: publicidade e cronologia dos livros

Já sabemos, de tudo o que apresentamos acima, que o tratado veio a lume a fim de satisfazer um pedido de consolo a São Bernardo sobre essas dificuldades eminentes, fato que de nós exige que o compreendamos, primeiramente, alerta em relação a uma expectativa de acolhimento interferente em sua própria feitura. São Bernardo era cômico de que em sua pessoa havia sido depositada a confiança de quem esperava não só uma solução para problemas pontuais, mas principalmente a compreensão e o compartilhamento de uma dor pungente.

Não havia o que mais unisse um homem a outro que o amor e o sofrer por um bem em comum. Não sem razão, portanto, a abertura do primeiro livro (ainda que discutamos se fora mesmo o primeiro escrito) de pronto se deu por um lamento e, mais ainda, pela exposição clara de sua causa:

Livro I.I.1

Unde iam ergo incipiam? Libet ab occupationibus tuis, quia in his maxime condoleo tibi. Condoleo dixerim, si tamen doles et tu. Aliter enim "doleo" magis dixisse debueram, quia non est condolere, ubi nemo qui doleat. Itaque si doles, condoleo: si non, doleo tamen, et maxime, sciens longius a salute absistere membrum quod obstupuit, et aegrum sese non sentientem periculosius laborare.⁶²

Por onde começaria? Decido-me por tuas ocupações, porque são elas as que mais me levam a condoer-me contigo. Digo condoer-me, se em ti também doem. Caso não doam, deveria então dizer que me afligem, pois não há condolência quando não há quem sinta a dor. Portanto, se sentes dor, me dói; se não, mais ainda sinto, pois sei que um membro que se tornou insensível, quanto mais longe da saúde estiver, é para si mesmo a enfermidade mais perigosa.

As tantas ocupações civis tratavam de roubar de Eugênio o pouco de tempo que lhe restava para a consideração, sem a qual, em consequência, tornava-se apático no que dissesse respeito à consideração de seu interior. São Bernardo lançou-se ao âmago do sofrimento desse que tão bem conhecia não para devolvê-lo à Raquel,

⁶² Em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 54.

que simbolicamente representava a vida contemplativa, senão que para expô-lo à medicação contra uma dor que a ele se fez necessária.⁶³

É por essa perspectiva que já podemos aproximá-lo de alguma filosofia, especificamente à de Boécio, que em sua *Consolatio Philosophiae* a posicionou como uma medicina para as misérias do mundo. Enquanto meditava-as, Boécio, na *Consolatio*, viu se aproximar de si uma mulher de porte e vestes delicadas que, afastando as impuras Musas da poesia de sua presença, quis curá-lo ela mesma do sofrimento espiritual que o filósofo passava: o cárcere injusto e a condenação à morte.⁶⁴ Logo Boécio a reconheceu como a Filosofia, sua antiga nutriz, que desde a adolescência frequentava sua mente.⁶⁵ Não seria difícil pensar, sabendo do conhecimento que São Bernardo tinha da filosofia boeciana⁶⁶ e a intimidade que compartilhava com Eugênio, que São Bernardo foi para ele o que a Filosofia, simbolicamente, foi para o filósofo romano.

Isso porque, comparando trechos de ambos os livros, fica claro que São Bernardo tomou emprestado de Boécio não só a divisão quántupla dos livros do *De Consideratione*, que nunca havia experimentado,⁶⁷ mas também um pouco da linha de argumentação da Filosofia personificada. A Filosofia consolou Boécio, primeiramente, afirmando que compreendia perfeitamente o motivo de sua doença, causada por algo além da perda da tranquilidade que gozava antes de ser acusado de magia negra (por seguir princípios filosóficos) e de defender um senador que o rei acusava de traição.⁶⁸

Sed hoc quoque respondeas uelim: hominemne te esse meministi? 15 -- Quidni, inquam, meminerim? -- Quid igitur homo sit poterisne proferre? -- Hocine interrogas, an esse me sciam rationale animal atque mortale? Scio, et id me esse confiteor. 16 -- Et illa: nihilne aliud te esse nouisti? -- Nihil. 17 - - lam scio, inquit, morbi tui aliam uel maximam causam; quid ipse sis nosse desisti. Quare plenissime uel aegritudinis tuae rationem uel aditum reconciliandae sospitatis inueni. 18 Nam quoniam tui obliuione confunderis et exsulem te et exspoliatum propriis bonis esse doluisti; 19 Quoniam uero quis sit rerum finis ignoras, nequam homines atque nefarios potentes

⁶³ *De Consideratione* Livro I.I.1, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 54.

⁶⁴ *Consolatio Philosophiae*, Livro I.2, em BOÉCIO, 2012, p. 5.

⁶⁵ *Consolatio Philosophiae* Livro I.6, em BOÉCIO, 2012, p.8.

⁶⁶ Cita-a em *De Consideratione* Livro V.VII.17, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 213.

⁶⁷ Isso afirma VERBAAL, 2004, p. 581.

⁶⁸ *Consolatio Philosophiae* Livro I.8, em BOÉCIO, 2012, p. 15.

felicesque arbitraris.[...] ⁶⁹

“Então”, replicou ela, “o que é afinal um homem? Poderias me explicar?” “Tu me perguntas se sou um animal racional e mortal? Sim, eu o sei, e é isso que digo que sou.” E ela me perguntou: “Não sabes que és mais alguma coisa?” “Não”, respondi. Disse então ela: “Agora reconheço uma outra causa de tua doença, e talvez esta seja a causa principal: deixaste de saber o que tu és. Assim, desvendei completamente a causa de tua doença, bem como a maneira de te curar. De fato, é devido ao esquecimento que estás perdido, que te lamentas de ter sido exilado e privado de teus bens. É porque desconheces qual é a finalidade do universo que tu imaginas serem felizes e poderosos os que te acusaram.[...]” ⁷⁰

Boécio esqueceu-se de si mesmo ao esquecer-se do princípio de tudo e ignorar seu fim, característica de males que afastam o ser humano de sua morada, mas felizmente não lhe arrancam por inteiro de si próprio. ⁷¹ Esse mesmo esquecimento Eugênio provou ao se tornar papa e afastar-se da consideração que, veremos, era a verdadeira filosofia para São Bernardo:

Livro I.II.3

En quo trahere te habent hae occupationes maledictae, si tamen pergis, ut coepisti, ita dare te totum illis, nil tui tibi relinquens. Perdis tempus et, si licet nunc alterum me tibi exhibere Jethro, tu quoque in his stulto labore consumeris, quae non sunt nisi afflictio spiritus, evisceratio mentis, exinanitio gratiae. Nam fructus horum quid, nisi aranearum telae? ⁷²

Eis aonde essas malditas ocupações podem te levar se, tal como começaste, continuares absorvendo-te por inteiro, sem reservar nada de ti para ti mesmo. Perdes tempo. Caso permitas que eu seja para ti outro Jetro, diria também que tu seguramente te esgotarás com ocupações que são nada menos que tormento do espírito, esgotamento da alma e perda da graça. De fato, que são os frutos dessas ocupações senão puras teias de aranha?

São Bernardo compreendia que o motivo da intranquilidade de Eugênio eram, basicamente, as ocupações excessivas que carregara pelos anos de pontificado. Com efeito, conjugá-las retamente ao caráter de um homem tímido, feito monge por profissão e pouco conhecedor dos problemas do mundo era uma grande dificuldade:

Livro I.I.1

Novi quibus deliciis dulcis quietis tuae non longe antehac fruebare. Non potes his dissuevisse tam cito, ita subito non dolore nuper subtractas. Plaga recens dolore non caret. Neque enim iam occalluit vulnus, nec in tam brevi versum in insensibile est. ⁷³

⁶⁹ CONSOLATIO PHILOSOPHIAE, disponível em http://faculty.georgetown.edu/jod/boethius/jkok/toc1_t.htm

⁷⁰ *Consolatio Philosophiae* Livro I.12, em BOÉCIO, 2012, p. 21.

⁷¹ *Consolatio Philosophiae* Livro I.12, em BOÉCIO, 2012, p. 21.

⁷² SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 59.

⁷³ SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 54.

Sei que, há pouco, desfrutavas as delícias de tua vida tranquila. Não pode ser que tenhas te afastado delas tão facilmente e que não te doas essa mudança repentina. Uma chaga recente dói muitíssimo. Não pode ser que a ferida já não seja sentida, tampouco que te insensibilizaste tão rapidamente.

A Filosofia continuou seu diálogo com Boécio em termos muito semelhantes, mostrando que sabia ser a Fortuna responsável pela perturbação do espírito do filósofo:

Livro II.1

Si penitus aegritudinis tuae causas habitumque cognoui, fortunae prioris affectu desiderioque tabescis; ea tantum animi tui sicuti tu tibi fingis mutata peruertit.⁷⁴

“Se eu compreendi perfeitamente as causas e a natureza de tua doença, creio que é por sentires profundamente a perda de tua fortuna anterior que desfaleces. É apenas o que tomas por uma reviravolta da Fortuna que agita teu espírito.”⁷⁵

A Filosofia lançou seu medicamento, que era devolver a Boécio a consciência de si mesmo, e o mesmo medicamento São Bernardo ofereceu, por sua vez, pela força das expressões que alternadamente aparecem no texto. Um *scio, si bene te novi, non ambigo*, devolviam a Eugênio a convicção de que, embora afastado pelos degraus de seu pai, a relação de ambos em essência não havia mudado. Ele poderia confiar que receberia os conselhos pedidos. Na carta que São Bernardo enviou-lhe quando recém-eleito pode-se notar essa mesma relação.

Sob a égide de uma relação hierárquica subitamente invertida, o tratado se mostra fruto da obediência, mas São Bernardo não se limitou, por ela, à palidez de uma lisonja. Quis, antes de tudo, cumprir seu papel de *mãe* e *pai*. É digno de nota que, nesse sentido, deu e retirou de sua ordem monasterial, na qual soía dizer que as abadias mães davam à luz às filhas, uma série de expressões carregadas de referências à maternidade.⁷⁶ São Bernardo não necessitou verdadeiramente suplantar a subordinação que exigia o ofício de Eugênio, pois para além do vínculo mestre-discípulo, unia-os primeiramente a genitura abacial. Rechaçado o primeiro laço, por conveniência ao abrandamento de um temor que não um par de vezes se

⁷⁴ CONSOLATIO PHILOSOPHIAE, disponível em http://faculty.georgetown.edu/jod/boethius/jkok/2p1_t.htm

⁷⁵ *Consolatio Philosophiae* Livro II.1, em BOÉCIO, 2012, p. 25..

⁷⁶ COLOMBÁS, 1993, p. 119.

referirá no tratado, São Bernardo lançou mão daquele que efetivamente influiria na consideração do filho. Pois soube ele, antes de tudo, ser pai de todos, inclusive dos que durante toda sua vida lhe foram superior, afinal, sob suas ordens encontraram-se não menos que todos os seus irmãos, seu pai e alguns outros parentes no mosteiro em que foi abade por toda a vida.

Mas São Bernardo também foi *filho e irmão*, porque se revelava em Eugênio uma paternidade herdada do próprio Deus e uma irmandade, por Cristo, na caridade que os unia. Por um lado, não lhe custava lembrar que de fato essa paternidade era puramente adotiva, isto é, herdada e não suprema (no sentido absoluto da palavra), o que levaria Eugênio a basear sua autoridade no usufruto que um servo faz da casa de seu senhor:

Livro III.I.2

“Quid?”, inquis. “Non negas praeesse et dominari vetas?” Plane sic. Quasi non bene praesit, qui praeest in sollicitudine. Numquid non et villa villico et parvus dominus subiectus est paedagogo? Nec tamen villae ille, nec is sui domini dominus est. Ita et tu praesis ut provideas, ut consulas, ut procures, ut serves. Praesis ut prosis; praesis ut fidelis servus et prudens, quem constituit Dominus super familiam suam. Ad quid? Ut des illis escam in tempore; hoc est, ut dispenses, non imperes. Hoc fac, et dominari ne affectes hominum homo, ut non dominetur tui omnis iniustitia.⁷⁷

“Então”, dirás, “não me negas o governo, mas me proíbes a dominação?”. Sim, exatamente isso. Porque governa bem quem governa com zelo. Não está uma casa de campo sob as ordens do caseiro e o filho do senhor sujeito a seu preceptor? E, mesmo assim, a casa de campo não é do caseiro, tampouco o preceptor é dono do senhor, de modo que tu governas para ordenar, tomar decisões, velar e servir. Governas a fim de que sirvas, como um servo fiel e prudente que o Senhor dispôs para sua família. Para quê? Para dar a eles alimento no momento certo, isto é, para despender, não para imperar. Faze isso e, ainda que sejas homem, não ambiciones dominar os outros, para que não sejas tu dominado pela injustiça.

Por outro, reunir sobre ele de um só golpe epítetos memoráveis serviria de contingente a quaisquer sobressaltos em sua admoestação. Os qualificativos, mais tarde, também foram necessários para a compreensão da tríplice divisão que o homem deveria fazer de si mesmo para considerar. Estes diziam respeito, nesse sentido, à dignidade adquirida por Eugênio enquanto *persona*:

Livro II.VIII.15

Sacerdos magnus, summus Pontifex. Tu princeps episcoporum, tu haeres Apostolorum, tu primatu Abel, gubernatu Noe, patriarchatu Abraham, ordine

⁷⁷ Em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 120.

Melchisedech, dignitate Aaron, auctoritate Moyses, iudicatu Samuel, potestate Petrus, unctioe Christus. Tu es cui claves traditae, cui oves creditae sunt. Sunt quidem et alii coeli ianitores, et gregum pastores; sed tu tanto gloriosius, quanto et differentius utrumque prae caeteris nomen haereditasti.⁷⁸

Um grande sacerdote, o Sumo Pontífice. Tu, príncipe dos bispos, herdeiro dos Apóstolos, Abel pelo primado, Noé pelo governo, Abraão pelo patriarcado, Melquisedeque pela ordem, Aarão pela dignidade, Moisés pela autoridade, Samuel pela jurisdição, Pedro pela potestade, Cristo pela unção. Tu és aquele ao qual foram dadas as chaves e confiadas as ovelhas. É certo que outros [bispos] também foram porteiros do céu e pastores do rebanho, mas tu herdaste esses dois poderes diferentemente dos demais: mais gloriosamente.

Acrescente-se a toda essa relação sua explícita publicidade: São Bernardo assumia em Eugênio a figura responsável pela composição, mas não o único destinatário a recebê-la. Virtualmente, dignava-se a escrever a todos os que, após a morte do discípulo, herdariam a cátedra:

Livro III.III.13

[...] quae quam longe a te sit, in libro superiori testatus sum, sciens quanta et in quanta tua necessitate respueris. Ad te proinde scripserim ista, non propter te. Nempe quod tibi scribitur, soli prodesse non decet.⁷⁹

No segundo livro deixei bem claro que estás longe disso, pois sei quantas coisas rejeitaste em circunstâncias críticas. Por isso essas coisas escrevo a ti, não *para* ti. O que é escrito para ti não convém que só a ti seja útil.

Mais ainda, a quaisquer cristãos que advocassem a si os conselhos dados. Embora no *De Consideratione* alguns destes fossem sobre problemas pontuais, São Bernardo sabia que, tal qual suas cartas, nada impedia que um cristão analogamente utilizasse-as para sua vida. Seria até bom que fizessem. Sabe-se, ademais, que em todo o tempo de composição São Bernardo nunca deixou de revisá-lo e que continuaram assim os monges de Claraval, que enviaram em 1153 um manuscrito ao bispo de Bamberg que, por sua vez, deixou uma cópia deste aos monges de Morimond, que se incumbiram de espalhá-la entre os mosteiros e episcopados.⁸⁰

Não obstante o exemplo do tratado, que em verdade não deixa de ser uma compilação de cartas, todo seu epistolário emergiu da consciência de que sua

⁷⁸ Em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 102.

⁷⁹ Em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 136.

⁸⁰ LEGE, 2011, p. 14.

redação não se limitava ao destinatário que a recebia e que, segundo o preceito cristão, deveria ser deliberadamente cenário de hábitos modelares:

Carta 7

Multa quidem tibi carissime locutus sum, cum multis opus non habeas, quippe cui sit et ingenium velox ad intelligendum quod dicitur, et voluntas agilis ad eligendum quod utiliter suadetur. Sed licet specialiter quidem **ad te**, non tamen tam multa **propter te** scribenda putavi. Haec itaque, quibus Deus providit fore necessaria.⁸¹
(grifo nosso)

Disse-te muitas coisas, caríssimo, ainda que não as necessite, posto que possuis um engenho rápido para compreender o que te é dito e uma vontade ágil para eleger o que te é recomendado para teu bem. Ainda que tenha me dirigido a ti especialmente, não escrevi esta carta tão extensa por tua causa, senão por causa daqueles que necessitarão segundo os planos de Deus.

Na epístola acima, por sinal uma de suas mais extensas, São Bernardo acentuou a gama de destinatário a recebê-la tendo em mente a importância dos argumentos que nela expunha. Tratavam-se, pois, de excertos de suma importância tanto para leigos quanto, sobremaneira, para monges católicos, que diziam respeito aos liames entre a verdadeira e a falsa obediência, as circunstâncias que diferenciam males absolutos de relativos e a necessidade de uma vida professa estável espiritualmente.

O que mais podemos dizer sobre sua construção, por fim, é se se deseja pensar o tratado como epistolar, deve-se ter atenção para o caráter evidente, mas, às vezes, obnubilado pela visão globalizante: não é *uma* carta, é a amálgama de *cinco*. Portanto, é mister que equilibremos, em sua interpretação, a formalidade da prosa e sua submissão estética com a autonomia e flexibilidade que o envio espaçado conferiu a cada livro, participantes, por essa relação, de uma construção original (senão atípica) para o monge. Já que falamos, ademais, da parte de chancelaria do tratado, isto é, de sua explícita publicação, ressaltemos algo sobre a cronologia dos livros.

George Lewis assimila a crescência numérica correspondente à própria cronologia da escrita. O primeiro livro, para ele, havia sido composto em 1149, logo após o fracasso da Segunda Cruzada; o segundo, em 1150; o terceiro, em 1152; o quarto

⁸¹ Carta 7 ao monge Adão (1125), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 120.

e o quinto, algum tempo depois.⁸² Não nos parece que a cronologia resolva algumas questões que, embora não interfiram em nosso estudo, cabe a nós ponderar.

São Bernardo, ao propor-se discorrer sobre quatro realidades, o fez dando a cada uma especial preponderância em livros distintos. Enquanto no segundo ressaltou o exercício da consideração tendo por início o *teipsum*, deixou claro que no terceiro pretendia deter-se mais especificamente à consideração das realidades que estavam *sub pontífice*. No quarto, lidou com questões majoritariamente da esfera circundante, de Roma à Cúria, admoestação que culminou, no quinto livro, na consideração da mais alta realidade, a celeste.

Parece distinta e harmônica a ascendência gradual que fez entre estes quatro livros – do si mesmo ao Ser por excelência – de modo que o primeiro poder-se-ia sem temor considerar-se apenas introdutório. Mas São Bernardo, que vez ou outra observamos escusar o prolongamento em demasia de certos assuntos, mantém a coesão entre os livros por um elemento recorrente em suas finalizações, uma espécie de gancho coesivo,⁸³ indicador explícito de que o próximo livro, já na mente do escritor, não tardaria a aparecer. Essa recorrência, desde o primeiro livro, poderia favorecer na mente de seus leitores, a nosso ver, a perspectiva de que os livros saíram de sua pena na sequência em que ficaram conhecidos.

Todavia, Mariano Ballano, um dos tradutores da edição espanhola da BAC, ressaltou na introdução de seu trabalho um fato incontestável: São Bernardo, no primeiro livro, descreveu e assinalou várias vezes os efeitos da *consideração* (doze, para sermos mais precisos), sem, contudo, oferecer sobre ela uma definição propriamente dita.⁸⁴ O monge repreendeu Eugênio por não se dedicar a ela, assemelhou-a à piedade e ao culto a Deus, ponderou seus efeitos na alma, harmonizou-a com as quatro

⁸² LEWIS, 1908, p. 10.

⁸³ Assim finaliza São Bernardo o primeiro livro: “Sobre essa consideração penso estender-me mais. Entretanto, o farei em outro livro, a fim de que este já termine e não te resulte duplamente oneroso por sua excessiva extensão e aspereza de meu estilo.” O segundo: “Agora temos de encaminhar a consideração até as realidades que estão abaixo de ti. Mas isso faremos em outro livro, porque tuas muitas ocupações te exigem que seja breve.” O terceiro: “Já falamos o bastante sobre as coisas que estão abaixo de ti e, ainda que a matéria seja grande, atingi o objetivo ao qual me propus. Veremos agora as coisas que estão ao seu redor, e o Livro IV nos dará a oportunidade.” Por fim, o quarto: “Resta-nos somente tratar do que está acima de ti. Espero fazer com a ajuda de Deus em um livro somente. Assim acabarei de cumprir o que te prometi.”

⁸⁴ BALLANO, 1994b, p. 50.

virtudes, exortou-o, por fim, a ela dedicar-se, sem contudo, significar precisamente seus limites em forma oracional. A esperada definição de fato ocorreu somente no segundo livro, pelo cotejo com a definição do termo contemplação. É certo que, em absoluto, não havia da parte de Eugênio uma limitação racional que o impossibilitasse compreender os efeitos e frutos do tema sem ter de recorrer previamente à definição “técnica”, todavia, parece-nos que tardá-la condiz muito pouco com a preocupação de São Bernardo em apresentar seu escopo livre de dúvidas e carências explicativas.

Ao invés, é característica marcante de seus tratados admoestativos⁸⁵ a manutenção de um foco de argumentação que, de modo radial, parte do questionamento, alcança prontamente a resposta mais singela (e, podemos supor, mais fácil de ser memorizada e relatada a outrem) e, para efeito clarificador, deslinda-se em exemplos, suposições, analogias e perguntas retóricas.

A guisa de exemplo, fitemos a abertura do primeiro livro do *De Diligendo Deo*, no qual se lê a pergunta-chave: “Por que e em que modo Deus há de ser amado?”. A resposta é tácita e aparece logo nas primeiras linhas: *Vós quereis ouvir de mim por que e em que modo Deus há de ser amado? E eu vos respondo: a causa pela qual Deus há de ser amado é o próprio Deus; o modo é amar sem modo.*⁸⁶ Se não satisfaz, ilustremos que no *Liber de gradibus humillitatis et superbiae* antes mesmo de se enumerar os degraus pelos quais os homens se aproximam ou se afastam de Deus, São Bernardo deliberou assim, já no segundo parágrafo do tratado, acerca da própria definição de humildade: *A humildade poderia se definir deste modo: é uma virtude que incita o homem a menosprezar-se ante a clara luz de seu próprio*

⁸⁵ A classificação é nossa, para efeito didático. Em análise, percebemos que os textos desse gênero, na escrita de São Bernardo, obedecem a dois motes em particular, quais sejam o do esclarecimento doutrinal e do louvor a figura ou ordem religiosa. Da última categoria participam o *Liber ad milites templi de laude novae militiae* e o *Vita Sancti Malachiae Episcopi*. Da outra, além do *De Consideratione*, fazem parte o *Liber de gradibus humillitatis et superbiae*, a *Apologia ad Guillelmum abbatem*, o *Liber de Diligendo Deo*, o *Ad clericos de Conversione*, o *Liber de gratia et libero arbitrio*, o *Liber de praecepto et dispensatione*, o *De moribus et officio episcoporum*, a *Epistola [LXXVII] ad magistrum Hugonem de Sancto Victore: de Baptismo*, o *Contra errori Petri Abaelardi*. São Bernardo somente escreveu um tratado, vale lembrar, sem que lhe houvessem pedido, o *Tractatus ad laudem gloriosae V. Mariae*. Desse modo, era mister para o monge que em seus tratados admoestativos fosse o menos tergiversante possível, para a boa fruição de seus leitores.

⁸⁶ SÃO BERNARDO DE CLARAVAL, 2010, p.9.

conhecimento.⁸⁷ Os exemplos, poucos dentre tantos outros que por economia não elencamos, são testemunho da aspiração que Bernardo tinha por clareza e ordenação, característica que, inclusive, relatou duas vezes ao papa Eugênio, em 1146: *não é de meu feitio, como de tantos, recorrer a preâmbulos e circunlóquios para dirigir-me a vós: inicio minha fala pelo próprio assunto*,⁸⁸ e em 1148:

Carta 268

Alii vereantur maiestatem in vobis, et tremulis labiis ac digitis quod ad rem pertinet, vix ad id umquam longis ambagibus anfractibusque perveniant. Ego certe utilitatem vestram et honorem vestrum tantummodo attendens, rem, ut est, nude et aperte illico aperio, et sine cunctatione et obvolutione, tamquam uni nostrum, Apostolico, quod opus est, intimare non vereor.⁸⁹

Aos outros deixo o temor que os inspira vossa majestade e a proposta de assuntos com palavras e gestos tremulantes. Busco somente vosso interesse e vossa glória; por isso apresento o tema abertamente, tal como é, sem perifrases ou rodeios. Não temo indicar ao sucessor dos Apóstolos o que seja necessário, como se fosse um de nós.

Ponhamos em relevo que outra aparente dissonância surge quando vimos retardado o trecho em que o monge claravalense faz sua apologia pelos desastres ocorridos em Jerusalém, quando da Segunda Cruzada. Condiz historicamente com a recência do fracasso, mas nos é lícito perguntar o porquê de São Bernardo ter achado conveniente seu adiamento para mais a frente do tratado. Wim Verbaal, em nota de rodapé de seu artigo *Bernardus philosophus*,⁹⁰ diz-nos que sua colega Alice Chapman, da Clare College, em Cambridge, crê possuir boas evidências para provar que o primeiro livro fora escrito após o segundo. Embora não tenhamos tido acesso a seus argumentos, podemos afirmar, por fim, que conquanto não interfira substancialmente na interpretação filosófica da obra, como já dissemos, a hipótese expõe-nos ao menos à consciência de São Bernardo sobre o alcance de sua filosofia na Cristandade de sua época.

⁸⁷ *Liber de gradibus humillitatis et superbiae* I,2, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983g, p. 175.

⁸⁸ Carta 248, ao papa Eugênio (1146), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 797.

⁸⁹ Carta 286, ao papa Eugênio (1148), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 851.

⁹⁰ VERBAAL, 2004, p. 579.

CAPÍTULO II

II.1 O nascimento e a maternidade espiritual de São Bernardo

São Bernardo de Claraval nasceu na cidadela-forte de Fontaine-les-Dijon, ao norte de Dijon, na Borgonha francesa, em 1090. Na cidade, cresceu como o terceiro de sete irmãos, todos filhos de Tescelino Sorrel e Alice de Montbard. Em ordem, veio ao mundo depois de Guido e Gerardo; antes de Umbelina, André, Bartolomeu e Nivardo. As raízes da família, de ambas as partes, volviam à nobreza da Borgonha: Tescelino era da família dos senhores de Chatillon-sur-Seine e Aleth, filha do *sire Bernardo* de Montbard,⁹¹ privilégio que os permitia, para além de ter boas relações sociais, gozar de uma situação econômica favorável e próspera.

Poucos biógrafos oferecem-nos dados sobre seus genitores, tanto menos de seus irmãos, mas as historietas que se conservaram sobre eles relembram frequentemente características próprias das hagiografias e que servem de modelo para a elucubração de um grande caráter. Guilherme de São Teodorico disse-nos que Tescelino era homem de carreira militar, piedoso e tenaz na justiça.⁹² De Alice,⁹³ que era modelo de devoção, paciência e amabilidade,⁹⁴ a grande responsável pela instrução dos filhos na religião, já que o marido frequentemente se afastava de casa para cumprir os deveres da profissão.

A falta de mais detalhes sobre os membros de sua família não prejudica sensivelmente as conjecturas que se pode fazer sobre sua influência, em especial de Alice, nos traços mais destacados da personalidade de São Bernardo. As fontes atestam que a morte precoce da mãe, aos quarenta anos, foi um dos motivos principais do desterro espiritual do santo na juventude e de sua decisão, ao final, pelo ingresso na vida religiosa.

⁹¹ RICHÉ, 1991, p. 11.

⁹² GUILLELMO SANCTI THEODERICI, S. Bernardi vita et res gestae libris septem comprehensae Livro 1.1.1.

⁹³ Conta-nos Elphège Vacandard que, pela fama de santidade, Aleth teve o corpo reclamado por Jareton, abade do mosteiro de Saint-Benigne, para ser sepultado em sua igreja. Em 1250 foi dali removido para Claraval, por autorização do papa Inocêncio IV. Partilha, desde então, junto ao marido e aos filhos, a veneração pública na Igreja Católica. O fato encontra-se em VACANDARD, 1910. p. 18, e é ressoado por LUDDY, [s/d], p. 24.

⁹⁴ LUDDY, [s/d], p. 15.

Da relação entre mãe e filho, Guilherme informou-nos primeiramente um sonho de Alice quando grávida, no qual São Bernardo, em seu ventre, aparecia como um cão ladrante, todo branco, mas de dorso avermelhado. O presságio, para um religioso amigo, significava que dali iria nascer um homem cuja virtude seria a de curar, com uma língua lenitiva, as feridas do pecado em muitas almas.⁹⁵ Muitas biografias de São Bernardo citam essa passagem como uma das mais famosas de sua vida.⁹⁶

Outra passagem da vida de São Bernardo que merece destaque, pela relação que tem com o tema dessa seção, foi aquele ocorrido na véspera do Natal de 1098. Conta-se⁹⁷ também que Bernardo estava esperando com sua mãe o soar dos sinos da igreja, que indicavam a abertura de suas portas para a vigília da natividade. Por não estar acostumado com o tardar da hora, adormeceu em uma cadeira. Em sonho, apareceu-lhe a Virgem parturiente, e o Verbo infante no momento de seu nascimento. A aparição comoveu-lhe fortemente, de tal modo que foi a partir desse momento que se inflamou por se tornar panegirista por excelência da humanidade de Cristo e da intercessão de Maria.⁹⁸

Minimamente importando a extranaturalidade dos presságios, que aparecem mesclados à sua biografia para atender a expectativas hagiográficas,⁹⁹ queremos ressaltar o papel fundamental da maternidade no desenvolvimento dos escritos e do caráter de São Bernardo, que tinham por um dos pilares espirituais a mediação da Virgem Maria.

São Bernardo foi autor do hino *Ave Maris Stella*, da oração *Memorare* e, diz-se, da invocação final da *Salve Regina*. Também escreveu três sermões litúrgicos para o tempo de celebração da Purificação de Maria e quatro homilias que, juntas, formam o *In laudibus Virginis Matris*. Se normalmente sabemos que escrevia impulsionado por algum pedido ou ordem superior, insta notar que este tratado escreveu, como

⁹⁵ GUILLELMO SANCTI THEODERICI, S. Bernardi vita et res gestae libris septem comprehensae Livro 1.1.2.

⁹⁶ RATISBONNE, 1853, p. 68.

⁹⁷ GAUFRIDO MONACHO CLARAE-VALLENSIS, Fragmenta ex Tertia Vita Sancti Bernardi II.

⁹⁸ LUDDY, [s/d], p. 22.

⁹⁹ EVANS, 2000, p.7, e PASCUAL, 1983, p. 149.

disse, por *pura devoção*. Também desinteressadamente deve ter escrito suas invocações marianas.

Dante representou a mística mariana de São Bernardo tão bem quanto a arte espanhola dos séculos XV e XVI conseguiu ceifar de sua hagiografia um de seus testemunhos oníricos mais icônicos, aquele no qual fora amamentado pela própria Virgem, de seu leite e de seu seio, para que adquirisse o dom da eloquência. A cena deu origem a várias pinturas de um estilo que se chamou no barroco espanhol *Lactatio Bernardi*, transformação pictórica de uma nudez inesperada em mais pura afetividade maternal.

Se pudermos, portanto, em vista desses aspectos de grande relevo simbólico, destacar o que se manteve firme do jovem borgonhês no futuro abade de Claraval, é o vínculo com a maternidade que experimentou carnal e espiritualmente antes de sua conversão, vínculo esse com o qual houve de conduzir, mais de perto, os filhos de sua ordem, e em sentido amplo, a Cristandade europeia de seu tempo.

Era típico do vocabulário cisterciense exprimir a caridade que unia todos os monges e abadias sob o signo da maternidade e do partejar, como já dissemos. Por São Bernardo fazer parte da segunda geração da Ordem, é correto dizer que foi um dos que mais difundiu esse belo simbolismo entre os cistercienses, já que desde sua conversão tomou-o por empréstimo e tornou-o referência em seus escritos. Não foram em poucos momentos que se referiu a si mesmo como uma mãe que não é capaz de esquecer os filhos de suas entranhas. Ao Papa Eugênio, por exemplo, ressaltou essa sua característica ao menos duas vezes. Na primeira, quando lhe pediu que liberasse do cargo de abade de Santo Anastácio o monge Rualeno, que antes do fato era prior em Claraval,

Carta 258

Nolite mirari hoc: una anima sumus, nisi quod ego mater, ille filius; nam patris in eo cessi vobis et nomen, et auctoritatem. Solus qui transfundi non potuit, mihi remansit affectus, qui me excruciat. Mater autem non potest oblivisci filii uteri sui. Id me fuisse quis dixerit? Ego adhuc esse sentio. Clamat matrem pectus triste, et continuus dolor cordis mei pro eo.¹⁰⁰

¹⁰⁰ Carta 258 ao Papa Eugênio III (1145), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 835.

Não os assombreis dele: somos uma só alma, ainda que eu seja a mãe, e ele, o filho. O nome e a autoridade de pai cedi-os a vós. Restou-me somente o amor, que é intransferível, e isso é o que me atormenta. Uma mãe não pode esquecer os filhos de suas entranhas. E quem disse que isso acabou? Sinto, ainda. Meu peito angustiado e a dor incessante que sinto por ele declaram que sou sua mãe.

Em um segundo momento, é o próprio pontífice que se vê atado definitivamente ao coração do monge, no prólogo do *De Consideratione*:

Prólogo

Ego, ut verum fatear, matris sum liberatus officio, sed non depraedatus affectu. Olim mihi invisceratus es: non mihi e medullis tam facile abstraheris. Ascende in coelos, descende in abyssos: non recedes a me, sequar te quocumque ieris. [...] Monebo te proinde, non ut magister, sed ut mater: plane ut amans. Amens magis videar, sed ei qui non amat, ei qui vim non sentit amoris.¹⁰¹

1. Eu, a bem da verdade, estou livre de meus ofícios maternais contigo, mas o afeto não me foi arrancado. Desde muito tempo estás em minhas entranhas, não é tão fácil que te arrebatem assim de minh'alma. Que subas aos céus, que desças aos abismos, não te afastarás de mim, pois te seguirei aonde fores. [...] Aconselhar-te-ei com o coração pleno de amor: não como um mestre, mas como uma mãe. Que me vejam como louco aqueles que não amam, aqueles que não sentem a força do amor.

A Balduíno, abade do mosteiro de Rieti, São Bernardo lamentou a distância que os separava de modo semelhante, em uma carta na qual o exortava a se entregar varonilmente à oração, ao exemplo e à pregação, próprios do seu cargo:

Carta 201

Sicut mater unicum amat filium, ita te diligebam, haerentem lateri meo, placentem cordi meo. Diligam et absentem, ne solatium meum ex te, et non te videar dilexisse. Eras perneccessarius mihi. Atque hinc vel maxime claret quam sincere te diligam. Hodie nempe non te caruissem, si quaessem quae mea sunt.¹⁰²

Como uma mãe que ama a seu único filho, assim te amava, meu inseparável, gozo de meu coração. E continuo te amando agora ausente, para que não pareça que buscava meu consolo em ti em vez de te amar. Eras para mim indispensável. E essa é a prova mais evidente de quanto era sincero meu amor. Se procurasse meu interesse, hoje não estaria longe de ti.

São Bernardo aconselhava todos os prelados a compreenderem que não eram senhores de seus subordinados, mas mães cujos seios transbordam a doçura do

¹⁰¹ SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 52.

¹⁰² Carta 201 a Balduíno, abade do mosteiro de Rieti (entre 1136 e 1140), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 660.

leite para o sustento dos filhos.¹⁰³ São muitos os exemplos que nos parecem ter relação inelutável com a maternidade que já o consumia em sua infância e juventude. Não precisamos elencá-los todos, basta que saibamos ser ela o esconderijo de um sentimento maior, a caridade para com o próximo.

São suas correspondências, com efeito, que nos fornecem o necessário para a reconstrução de seu lirismo amoroso.¹⁰⁴ Para conhecer São Bernardo, é preciso lê-lo e compreender, ao final, que mesmo a fórmula mais repetida em suas cartas, a “permita que te diga o que sinto”, convinha tanto à cordialidade quanto à espontaneidade de uma abertura sincera.¹⁰⁵ É factível tomá-las como o espelho mais fiel¹⁰⁶ que se poderia ter de sua alma, porque como ele as ditava rotineiramente, elas o acompanharam por toda sua vida monástica. Quando confrontadas com sua biografia, vemos que São Bernardo impunha-se um único caminho desde sempre, e entre os cistercienses foi capaz de torná-lo sem volta:

Carta 142

Ordo noster abiectio est, humilitas est, voluntaria paupertas est, obedientia, pax, gaudium in Spiritu sancto. Ordo noster est esse sub magistro, sub abbate, sub regula, sub disciplina. Ordo noster est studere silentio, exerceri ieiuniis, vigiliis, orationibus, opere manuum, et, super omnia, excellentiorem viam tenere, quae est caritas.¹⁰⁷

Nossa ordem é abjeção, é humildade, é pobreza voluntária, obediência, paz, gozo no Espírito Santo. Nossa ordem é ser submisso ao mestre, ao abade, à Regra, à disciplina. Nossa ordem é desejar o silêncio, exercitar-se nos jejuns. São as vigílias, as orações, o trabalho manual e, sobretudo, manter-se no caminho mais excelso: o Amor.

Não sem razão há quem compare algumas de suas cartas àquelas de amor que trocam os que estão apaixonados,¹⁰⁸ mas para um homem que se questiona como pode um espírito cansar de amar,¹⁰⁹ o espaço para a continência simplesmente não tem razão de existir. Poder-se-ia objetar que nas cartas ou nos sermões vez ou outra se mostre mais inspirado do que de costume, mas não é assim que acontece, a nosso ver. São Bernardo é extremamente constante em seus excessos, quer dizer,

¹⁰³ Sermão 23 sobre o Cântico dos Cânticos, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983d, p. 323.

¹⁰⁴ ARANGUREN, 1990, p. 23.

¹⁰⁵ ARANGUREN, 1990, p. 8.

¹⁰⁶ VACANDARD, 1910, p. XV.

¹⁰⁷ Carta 142 aos monges de Aulps (1138), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 510.

¹⁰⁸ COLOMBÁS, 1993, p. 114.

¹⁰⁹ Carta 90 a Ogério, canônico regular (antes de 1124), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 349.

transforma em exceção justamente o sentimento de indiferença e a mediocridade da tibieza. Dando a impressão de que talvez tenha sofrido com essa desconfiança, chegou a afirmar que se alguém acreditasse que mentia quando dizia que entre os mensageiros que enviava era possível vê-lo junto, em espírito, isso significava que tal pessoa nunca tinha experimentado a força da amizade e ignorava o poder do amor.¹¹⁰

São Bernardo era agostiniano, nesse e em tantos outros sentidos, porque insistia que a plenitude da essência humana, enquanto criação de Deus, radicava em amar e ser amado.¹¹¹ Em São Bernardo, a alma se reconhecia quando sofria, chorava, e sentia o amargor de sua miséria.¹¹² Ele amava, simplesmente, e é comum vê-lo coagido pelo amor,¹¹³ porque, como mesmo disse, uma vez o espírito tendo sido afetado por ele, já não era dono de si mesmo.¹¹⁴ Uma das grandes motivações que justificam seu epistolário é de que permanecia livre para o amor e para a verdade,¹¹⁵ de modo a ser preferível, para ele, escandalizar a todos que traí-la.¹¹⁶ A verdade e o amor eram os valores que o permitiam ser ele mesmo. E quem era São Bernardo se não um homem que sempre queria deixar claro que sentia desde suas entranhas até o leito de morte¹¹⁷ a ausência de todos os que estavam distantes? Se o obrigaram a desmamar prematuramente seus filhos, os de Claraval, para cuidar de outros,¹¹⁸ obteve o consolo de seus dissabores, como disse, pela glória que pôde oferecer à Igreja ao defendê-la.

O amor e a ausência fizeram parte de sua vida desde a juventude, tal como a caridade, pelo signo da maternidade, e a humildade, pelo da submissão. Os poucos exemplos elencamos para que se compreenda, enfim, que, quer o tenhamos correto ou equivocado em suas críticas a certas teorias filosóficas, a análise de seus

¹¹⁰ Carta 53 a Aimeric, chanceler (1128), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 229.

¹¹¹ ARANGUREN, 1990, p. 23.

¹¹² COSTA, 2013.

¹¹³ Carta 73 a Rainaldo, abade de Foigny (cerca 1122-1123), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 279.

¹¹⁴ Carta 74 a Rainaldo, abade de Foigny (entre 1125 e 1131), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 283.

¹¹⁵ ARANGUREN, 1990, p. 18.

¹¹⁶ Carta 34 ao monge Drogon (sem data definida), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 193.

¹¹⁷ Carta 144 aos monges de Claraval (1137), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 520.

¹¹⁸ Carta 144 aos monges de Claraval (1137), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 520.

posicionamentos devem ser conjugados com esses traços de personalidade que condicionaram sua experiência e tendo por certo que, por eles, São Bernardo sempre almejava ter sua consciência comprometida, em um contexto muito concreto, à sua fé. Mas vamos a mais alguns caracteres que se adicionaram em sua educação.

II.2 A educação e as influências literárias de São Bernardo

São Bernardo teve de se separar da família quando completou oito anos, pois já era tempo de ser enviado à escola para receber educação apropriada a um nobre. Na França do século XII, aqui e ali haviam surgido escolas cujas lições se davam a partir da tutela de bispos. Em Reims, Chartres, Tours, Poitiers, Mans e Auxerre foram estabelecidas grandes escolas-catedrais e, por mais que anteriormente tenha sido vacilante a sorte da civilização carolíngia, nelas o currículo de estudos do *Trivium* e do *Quadrivium* havia se tornado fixo e tradicional. Meio século antes do nascimento de São Bernardo, lembremos, o ensino havia saído do campo, da guarda dos mosteiros, e se instalado nas grandes cidades.

De todos os irmãos, parece que ele foi o único a frequentar a escola pública.¹¹⁹ Todos, entretanto, em virtude da nobre descendência, possivelmente tivessem noções do vernáculo da região, a língua romance, e do latim. Se cremos no testemunho de Pedro Berengário de Poitiers, apologista de Pedro Abelardo e seu implacável opositor, não feriremos a história ao supor que seus irmãos também possuíssem algumas noções de literatura, pois, quando jovens, disse Berengário em tom de chiste, brincavam de passatempos poéticos. Bartolomeu, ademais, possuía fama de grande admirador de Gregório Magno, e Gerardo aparece como signatário de alguns documentos em latim.¹²⁰

Tescelino e Alice dispunham de um bom número de escolas célebres na França para as quais poderiam enviar São Bernardo. Escolheram, a despeito da conceituada Saint-Benigne em Dijon, consignar a educação do filho aos cónegos da também

¹¹⁹ LUDDY, [s/d],. p. 17.

¹²⁰ LUDDY, [s/d], p. 17.

célebre Saint-Vorles, em Chatillon-sur-Seine, distante setenta quilômetros de Fontaine-lès-Dijon. Ephelge Vacandard sugere que a escolha de Saint Vorles deu-se, para além da elevada reputação da escola, em virtude de ser Chatillon-sur-Seine a cidade natal de Tescelino, como vimos, e de abrigar, ademais, um dos castelos da família.¹²¹ Lá, São Bernardo, aos cuidados de parentes, dedicar-se-ia aos estudos sem as distrações que a familiaridade poderia trazer, ao passo que estaria disponível para receber as visitas de sua mãe, quando necessário, no castelo da família.

Pouca coisa existe a indicar o conteúdo formal ensinado pela escola, mas é provável que, do *Quadrivium*, o jovem não tenha adquirido noções para além das elementares. Do *Trivium*, ao invés, testemunha a favor da intimidade que possuía com as letras os excertos que traremos à baila em toda a nossa dissertação. Ninguém que se ponha minimamente familiarizado com suas obras duvidará de que possuía um enorme domínio da Retórica e da Gramática.

São Bernardo frequentou com estima¹²² clássicos latinos como Cícero (106 a.C.- 43 d.C.),¹²³ Boécio, Horácio (65 a. C.- 8 d. C.),¹²⁴ Lucano (39-65), Estácio (c.45 - c.95), Virgílio (70-19 a. C.) e Ovídio (43-18 a. C.) quando jovem. São copiosas nos tratados, cartas e sermões as apropriações de versículos das Sagradas Escrituras, e raríssimas as vezes, ao invés, nas quais se dedica à citação de algum texto profano, em que pese certamente os objetivos pontuais – teológicos e morais – de seus escritos. É digno de admiração e estudo posterior, por conta disso, vê-lo prescindivelmente citar em sua *Apologia* um verso do satírico Pérsio,¹²⁵ em duas cartas comparar a dificuldade que é reaver para a Igreja suas posses das mãos dos laicos à penosa tentativa de arrancar a clava da mão de Hércules¹²⁶ e, em outras tantas, citar dois conhecidos trechos de Virgílio, um da *Eneida*¹²⁷ e outro de suas

¹²¹ VACANDARD, 1910, p. 11. COLOMBÁS, 1993, p. 107, também ressoa a afirmação, advinda de Ferruccio Castaldelli.

¹²² COLOMBÁS, 1993, p. 108.

¹²³ Cujas influência em algumas de suas noções sobre o amor, a amizade e a benevolência não podem ser negadas (GILSON, 1940, p.10).

¹²⁴ O amor profano de Ovídio certamente era proibido nos mosteiros, mas as sátiras de Horácio, Pérsio e Juvenal ainda eram de uso para os que desprezavam o mundo. (GILSON, 1940, p. 8)

¹²⁵ *Saturae* II,69, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983a, p. 289.

¹²⁶ Carta 180 ao Papa Inocêncio II (1144) e Carta 227 ao bispo de Soissons (1143), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 607; 719.

¹²⁷ *Aeneida* II,49, na carta 129 aos genoveses (1134), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 487.

Bucólicas;¹²⁸ quatro de Ovídio, seu preferido: um verso das *Heroides*¹²⁹, dois de *Remedia Amoris*,¹³⁰ e um trecho da *Epistola ex Ponto* – este, inclusive, no *De Consideratione*.¹³¹ Foi este elegíaco que, ademais, Pedro Berengário de Poitiers o acusou de imitar em versos profanos,¹³² tamanha familiaridade de São Bernardo com o lirismo ovidiano.¹³³ Advertiu ele, inclusive, que os escritos de São Bernardo deram-lhe grande fama, mas que se seus leitores tivessem visto suas cantilenas, ririam de sua pobreza de estilo. Berengário foi ácido, mas não se pode levar a sério essa parte de sua apologia, tanto porque São Bernardo era jovem quando as escreveu, quanto porque a defesa que fazia de Pedro Abelardo beirava muitas vezes o desenfreio.

São Bernardo era muito tímido e pensativo, como disse Guilherme de São Teodorico,¹³⁴ de modo que no que dissesse respeito ao conteúdo de seus estudos, tudo o que fazia tinha por razão cultivar o amor pelo estudo das Sagradas Escrituras. A maior parte de suas obras, com efeito, dedicavam-se a falar de e com a Escritura. São Bernardo não foi exegeta no sentido moderno da palavra, mas também não foi um comentador no sentido medieval.¹³⁵ Explicava, mas *aplicava* a Escritura em seus ensinamentos.

São Bernardo terminou seus estudos em meio ao escolasticismo, que mais tarde iria combater, de mestres como Roscelino de Compiègne, Guilherme de Champeaux (que se tornou seu amigo) e, como não dizer, principalmente de Pedro Abelardo. Quando Bernardo contava vinte anos, o nominalismo de Roscelino e o realismo de Guilherme, entre farpas e polêmicas, já haviam saído de cena em virtude mesmo da pertinácia e energia de Pedro Abelardo em defender sua tese conceitualista sobre a

¹²⁸ *Eclogae* II, 17-18, na carta 412 a um discípulo, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 1161.

¹²⁹ *Heroides* I,11, na carta 74 a Rainaldo, abade de Foigny (entre 1125 e 1131), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 283.

¹³⁰ *Remedia Amoris*, 91-92, na carta 191 ao Papa Inocêncio II, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 635.

¹³¹ *Epistola ex Ponto* I 3,17, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 155.

¹³² BERENGARII SCHOLASTICI APOLOGETICUS, *Contra beatum Bernardum Claraevallensem abbatem, et alios qui condemnaverunt Petrum Abaelardum*.

¹³³ São Bernardo renunciou a Ovídio, e às letras latinas quando entrou em Cister (GILSON, 1940, p. 8). Certamente, tendo por base essa dispensa obrigatória foi que Pedro Berengário de Poitiers o tentou causticar lembrando esse passado não muito distante.

¹³⁴ GUILLELMO SANCTI THEODERICI, *S. Bernardi vita et res gestae libris septem comprehensae* Livro 1.II.5.

¹³⁵ BALLANO, 1988, p. 4.

querela dos universais. Pondo-se abertamente contra a posição de seus antigos mestres, Abelardo atraiu a si os olhares do século. O reinado de Aristóteles principiara-se no Cristianismo,¹³⁶ mas para um agostiniano como Bernardo de Claraval, alterar contra as intromissões e silogismos dos seguidores do Estagirita nos domínios da doutrina, quer em Concílios quer em tratados e correspondências, não era mais que sua obrigação de cristão.

II.3 A conversão e o ingresso na vida religiosa

São Bernardo regressou à sua cidade natal provavelmente em 1110, momento em que deveria, então, decidir se seguiria carreira eclesiástica, literária ou militar. A morte precoce de sua mãe, aos quarentas anos, prostrou-o de tal modo que por um tempo manteve-se indiferente quanto à sua espiritualidade. Foi por conselho da irmã que retomou o ânimo, entretanto, ligando-se a amizades e passatempos que lamentou desgostosamente, inclusive, em alguns sermões. São Bernardo era uma vinha abandonada, esquecida à solidão, com os ramos da virtude secos no tronco estéril da fé.¹³⁷ Assim definiu-se quando vivia no mundo. Pela letra de seus biógrafos, alguns casos de tentação levaram-no à decisão de sair do declive em direção à castidade e ao ingresso na vida religiosa monástica.¹³⁸

Pari passu às novidades no campo filosófico, o século também fora tempo de experimentação na vida religiosa,¹³⁹ principalmente no que se refere à variedade de ordens decididas a formalizarem um estilo de vida para servirem a Deus. Em Saint-Benigne repousavam os restos mortais de sua mãe, mas em Cluny, a duocentenária abadia que havia revitalizado a moral da Cristandade, a vida seria amena tanto quanto convinha à sua saúde delicada. Quando escreveu mais tarde a apologia de sua ordem contra os cluniacenses, explicou a Guilherme de São Teodorico o porquê de não tê-la escolhido como casa: sentia-se carnal e vendido ao pecado,

¹³⁶ LUDDY, [s/d], p.23.

¹³⁷ Sermão sobre o Cântico dos Cânticos 30,III.6, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983d, p. 443.

¹³⁸ GUILLELMO SANCTI THEODERICI, S. Bernardi vita et res gestae libris septem comprehensae Livro 1.III.7; RATISBONNE, 1853, p. 77.

¹³⁹ EVANS, 2000, p. 7.

necessitava de uma medicina mais forte.¹⁴⁰

Ainda não havia decidido seu destino quando foi à Alemanha completar seus estudos, como haviam sugerido seus irmãos pouco tempo antes. Durante a viagem, entrou em uma Igreja e rezou. Novamente a figura materna encontrou espaço entre suas recordações e, refletindo se sua mãe estaria satisfeita com sua escolha, enxergou que era preciso buscar de novo o silêncio, a fim de encontrar a Deus.¹⁴¹ Decidiu, então, fazer-se monge e levar ao claustro seus irmãos,¹⁴² parentes e amigos, mesmo os já casados, na paupérrima Cister para esconderem-se do mundo.

Quando Cister foi fundada, São Bernardo tinha apenas oito anos de idade. Quando decidiu entrar na ordem, contava com vinte, Roberto de Molesme, seu fundador, já havia desertado, e Alberico, segundo prior, já havia sido sucedido por Estevão Harding. Estava estagnada no que dissesse respeito à entrada de noviços, mas também em um momento de consolidação de ideias. Os primeiros textos legislativos de Cister formam um conjunto ao que se dá tradicionalmente o nome de *Consuetudines*. Nele, encontram-se 1) uma introdução história, o *Exordium*; 2) as constituições, a *Carta caritatis*; 3) uma porção de estatutos de capítulos gerais antigos; 4) uma coleção de costumes litúrgicos e não litúrgicos, os *Ecclesiastica officia* e; 5) os *Usus conversorum*, regras que regiam os irmãos convertidos.¹⁴³

A afluência de postulantes à ordem era pequena, quase extinta nos anos difíceis de Alberico, mas mais crescente à época de Estevão Harding. Por isso o repentino e espetacular aumento de vocações que se vê em 1113 exalta a importância de São Bernardo para a continuação da ordem.¹⁴⁴ Se adentrou nela com trinta parentes e amigos postulantes de uma só vez ou ao largo de um ano, pouco importa, de fato, porque o aumento quantitativo e qualitativo deixou claro a Estevão não só a possibilidade, mas a necessidade da fundação de outros mosteiros, para além do de La Ferté, no ano de entrada de São Bernardo, e de Pontigny.

¹⁴⁰ *Apologia* Livro IV.7, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983a, p. 261.

¹⁴¹ RICHÉ, 1991, p. 12.

¹⁴² COLOMBÁS, 1993, p. 110-111.

¹⁴³ COLOMBÁS, 1993, p. 37.

¹⁴⁴ COLOMBÁS, 1993, p. 104.

Dizer que Molesme foi um mosteiro de monges contestatários¹⁴⁵, Cister, fruto de uma desobediência¹⁴⁶ e Claraval uma fundação precipitada¹⁴⁷ choca quem estuda as raízes dos cistercienses e vê que o desenrolar de sua história segue em direção contrária ao fracasso que se suporia de um princípio tão tumultuado e delicado.

Com efeito, as razões que levaram Estevão Harding a escolher São Bernardo como monge fundador da quarta abadia da ordem soarão sempre ousadas aos ouvidos mais pragmáticos. Escolher um jovem frágil de saúde e inexperiente no monacato para suportar tamanha responsabilidade parece temerário. Mas nem mesmo Estevão Harding tomaria essa decisão se os problemas da fundação de Morimond não tivessem mudado seus planos. Conjectura-se que, além de faltarem monges veteranos para assumirem o comando de novos mosteiros (o que se confirma, por exemplo, do fato de um dos convertidos por Bernardo, Hugo de Vitry, ter sido escolhido abade da já fundada abadia de Potigny), os problemas enfrentados pela recém-fundada Morimond fizeram com que esta tivesse como abade Arnaldo, que antes estaria designado para fundar Claraval.¹⁴⁸ O extranumerário de monges acelerou, por sua vez, seu processo de fundação.

Estevão Harding, excepcionalmente, deixou Bernardo a cargo do exame das terras no Vale do Absinto, que era doação de um parente, e da guia espiritual dos monges destinados à fundação, a maioria seus familiares.¹⁴⁹ O mosteiro de Claraval foi a abadia de Bernardo de modo muito particular, como se vê, pela autoridade confiada, pela autonomia cedida e pela familiaridade que não lhe foi tolhida.

A decisão do prior foi arriscada, mas o carisma e a seriedade de Bernardo contornou o possível fracasso para não deixar dúvidas, na história da ordem, que Claraval seria muito fecunda sob sua direção. Ao final do ciclo bernardino, contavam dezoito mosteiros os que saíam diretamente de sua filiação, sem mencionar os já existentes “convertidos” que se agregavam a ela. Alguns calculam que o ramo claravalense de

¹⁴⁵ COLOMBÁS, 1993, p. 50.

¹⁴⁶ COLOMBÁS, 1993, p. 51.

¹⁴⁷ COLOMBÁS, 1993, p. 140.

¹⁴⁸ COLOMBÁS, 1993, p. 118.

¹⁴⁹ COLOMBÁS, 1993, p. 119.

Cister fundou mais de cento e sessenta abadias.¹⁵⁰

CAPÍTULO III

III.1 Os pontos convergentes entre o Cristianismo e a Filosofia grega

São Paulo disse em uma de suas cartas (I Cor. 1,23) que o Cristianismo não era em absoluto uma Filosofia, senão que a verdadeira religião.¹⁵¹ Em termos célebres, um escândalo para os judeus, que não admitiam um Deus humilhado, e uma loucura para os gentios, que não compreendiam os mistérios da encarnação, da morte e da ressurreição de Cristo. Um método de salvação que não pregava outra coisa que Cristo crucificado¹⁵² e, por seu sacrifício, a redenção do homem. As palavras do apóstolo foram categóricas, mas poderiam ser interpretadas num outro sentido que aquele em que se nega ao Evangelho o fato de ser também uma sabedoria, tanto quanto uma salvação.¹⁵³ Porque enquanto proclamava o fim da sabedoria grega, São Paulo a quis substituir por outra, a de Jesus Cristo,¹⁵⁴ de modo que daí se poderia concluir que quem possuísse a religião teria a sabedoria, e quem tivesse a sabedoria deteria, em última instância, todas as ciências, da arte à filosofia.

São Paulo contentava-se em tão somente pregar essa sabedoria, mas os primeiros filósofos cristãos, como São Justino (100-165), Atenágoras de Atenas (c.133-190), Clemente de Alexandria (c.150-215) e Teófilo de Antioquia (?-186), necessitavam de provas, isto é, de confirmar se dentre alguns axiomas que criam ser verdadeiros, não haveria certo número que a razão poderia saber verdadeiros.¹⁵⁵ Viram certa vantagem em se tornarem cristãos e, dentro dessa conveniência declarada, de algum modo encontraram espaço para filosofar nos limites impostos pelo Cristianismo. É por isso que se pode pensar que entre algumas correntes filosóficas helênicas e ele havia pontos concordantes que, na ordem intelectual, favoreceram o

¹⁵⁰ COLOMBÁS, 1993, p. 149.

¹⁵¹ GILSON, 2006, p. 26.

¹⁵² GILSON, 2006, p. 26.

¹⁵³ GILSON, 2006, p. 27.

¹⁵⁴ GILSON, 2006, p. 28.

¹⁵⁵ GILSON, 2006, p. 44.

compartilhamento, ou a luta quiçá, por um território intelectual comum.¹⁵⁶

Sócrates esboçou suas teses em um período de radical deslocamento no eixo da filosofia grega, com a crise dos valores da aristocracia e o esgotamento dos filósofos da natureza.¹⁵⁷ Por um lado, o poder crescente da *demos*, a ampliação do comércio e o aumento das experiências culturais levaram a um inevitável confronto de valores entre os gregos e outros povos.¹⁵⁸ Por outro, a especulação naturalista, contradizendo-se frequentemente em seus resultados, desgastou o interesse pela cosmologia e empurrou o pensamento filosófico a outro círculo de conhecimento. Assim, o cosmo deu espaço ao homem e a antiga *areté*, baseada na prerrogativa de sangue, à possibilidade de aquisição da virtude por todos. À luz do método empírico-dedutivo e da ideia de que a virtude fundava-se no saber,¹⁵⁹ os sofistas deram voz a novos conhecimentos concernentes à ética, à política, à retórica e à religião, afinal, a tudo o que dissesse respeito ao homem.

E assim também Sócrates deu um passo largo em direção ao chamado período humanista¹⁶⁰ da filosofia grega, por um pessoal desencanto quanto aos resultados aos quais os jônicos chegaram,¹⁶¹ mas não pôde concordar com seus contemporâneos sofistas quanto à crença de que o pensamento jazia no relativismo de princípios e na impossibilidade de se chegar a algum conhecimento que fosse absoluto. Contra o utilitarismo de Protágoras, a negação da verdade de Górgias, o imoralismo dos eristas, o apego à retórica e à descrença do divino que todos os sofistas comungavam, em maior ou menor grau, Sócrates entendeu que seus erros dependiam substancialmente do fato de terem eles falado dos problemas do homem sem indagar de maneira adequada sua essência.¹⁶² Desse modo, para a filosofia socrática, não souberam alcançar o princípio do qual dependiam todos os problemas morais,¹⁶³ porque era preciso que, antes de rejeitarem por completo toda a tradição sobre o divino (aquela dos mitos gregos), o tivessem concebido como princípio das

¹⁵⁶ MARRONE, 2008, p. 29.

¹⁵⁷ REALE, 2013, p. 26.

¹⁵⁸ REALE, 2013, p. 27.

¹⁵⁹ REALE, 2013, p. 28.

¹⁶⁰ REALE, 2013, p.26.

¹⁶¹ CORNFORD, 2005, p. 27.

¹⁶² REALE, 2013, p. 92.

¹⁶³ REALE, 2013, p. 75.

coisas nos estudos cosmo-ontológicos.¹⁶⁴

Com seus métodos, o irônico e o maiêutico, Sócrates, pela pena de Platão, restabeleceu a possibilidade de se determinar o objeto da ciência, que não era o mundo sensível, mas o inteligível, e de dar à problemática do homem um significado novo. No que seus estudos têm parte com a psicologia: as novidades foram a profissão da imortalidade da alma, a distinção das duas ordens de conhecimento (sensitivo e intelectual) e a identificação da vontade com a inteligência. Em sua teodiceia, estabeleceu a existência de Deus e o sentido de providência divina. Na moral, que é a parte culminante da sua filosofia, reconheceu a existência de uma lei natural, entendeu a prática da virtude com o fim supremo para se alcançar a felicidade e a utilidade como motivo e estímulo dessa mesma virtude.¹⁶⁵ Também Platão, nessa perspectiva, descobriu o mundo supra-sensível, deu solução à sorte escatológica da alma, incentivou o anti-hedonismo, reiterou a suprema tarefa moral do homem, que para Sócrates era o “cuidado da alma”, acrescentando a ela um matiz místico purificador.¹⁶⁶ Deu, afinal, um fundamento teológico ao Estado, que no segundo livro da *República* fundava-se sobre uma lei, primordial, a de que deveriam falar os oradores e poetar os vates que Deus, o Bem Supremo, não era a causa de tudo, mas só do bem.¹⁶⁷

Algumas das notas do dogmatismo dos gregos mostraram-se bastante afins às da doutrina cristã, mas o que, com efeito, uniu o Cristianismo a essa vertente filosófica foi o fato de ela ter conseguido entrelaçar definitivamente a ciência dos costumes, que se chama moral ou ética, à filosofia especulativa.¹⁶⁸ O oráculo de Delfos, donde Sócrates recolheu seu célebre preceito (conhece-te a ti mesmo – *scito te ipsum*), não ensinava filosofia, mas religião,¹⁶⁹ daí concluímos que, sendo também o Cristianismo uma religião que não distingue os sentidos moral, social e religioso uns dos outros,¹⁷⁰ a origem espiritual da proposta socrática, de que a verdadeira preocupação humana era o conhecimento de si mesmo e a maneira correta de

¹⁶⁴ REALE, 2013, p.75.

¹⁶⁵ FRANCA, 1944, p. 55-56.

¹⁶⁶ REALE, 2007, p. 214.

¹⁶⁷ *A República* 380b-380c, em PLATÃO, 2001, p. 90.

¹⁶⁸ FRANCA, 1944, p. 56.

¹⁶⁹ GILSON, 2006, p. 279.

¹⁷⁰ LECLERCQ, 1967, p. 6.

viver,¹⁷¹ favoreceu o empenho de moralistas, místicos e metafísicos do século XII nessa questão, e principalmente aqueles cuja antropologia é manifesta, como São Bernardo. De fato, outro fator de assimilação é a compreensão de que qualquer religião sempre se limita, nesse campo, a sancionar uma moral que existe e que se julga conhecida.¹⁷² Mesmo quando promulga, pela autoridade de Deus, certos elementos de um código moral, como no Cristianismo, trata-se, muitas vezes, duma recordação solene, não da revelação de princípios que os homens não conhecem.¹⁷³ Nesse sentido, impossível seria negar aos gregos um valor inerente a essa interpretação.

Muitas coisas, afinal, pareciam tão primitivamente cristãs¹⁷⁴ em Sócrates e em Platão que a primeira relação daqueles convertidos com a Filosofia grega teve de se dar no âmbito da apropriação, da síntese e da transformação de seu patrimônio. Compreendendo, então, que até mesmo os gregos, quando afastados da camada mais superficial de sua religião, poderiam oferecer um escopo terminológico capaz de ser ressignificado para expressar o universo mental cristão,¹⁷⁵ bastou aos filósofos convertidos, a princípio, decantar conceitos como *Logos (verbum)* e *psique (anima)*, dos erros que acreditavam que a razão pura sem a Revelação continha.

Nesse sentido, estes metafísicos, filhos intelectuais dos gregos, impugnavam questões em busca de uma verdade capitular e o Cristianismo deu-lhes verdades filosóficas ainda que por caminhos não filosóficos.¹⁷⁶ Pôr-se sob a autoridade de uma Revelação não os incomodava, em absoluto, porque filosofar para eles não era

¹⁷¹ CORNFORD, 2005, p. 29.

¹⁷² LECLERCQ, 1967, p. 17.

¹⁷³ LECLERCQ, 1967, p. 18.

¹⁷⁴ República, II, 361 e-362: “Assim sendo, o justo será flagelado, torturado, amarrado; seus olhos serão queimados e por fim, depois de sofrer todos os males, será crucificado [...]”, em REALE, 2007, p. 224; Górgias, 527 b-d: “Entre tantos raciocínios que se fizeram [...] somente este permanece firme: é preciso evitar cometer a injustiça mais do que sofrê-la, e o homem deve preocupar-se não em parecer bom, mas em sê-lo verdadeiramente privada e publicamente. Se alguém comete uma injustiça, deve ser punido e esse, depois do ser justo, é o bem que vem em segundo lugar: tornar-se justo cumprindo a pena e sofrendo o castigo. E todo tipo de lisonja, dirigida a si mesmo ou aos outros, a poucos ou a muitos, deve ser afastado para bem longe [...]. Ouve-me, pois, e segue-me até onde, se chegares lá, serás feliz enquanto vives e depois de morto, como mostra o raciocínio. Deixa que os outros te desprezem considerando-te um maluco e que te ofendam se assim o quiserem. Deixa mesmo, por Zeus, permanecendo impávido, que te atinjam com aquela bofetada ignominiosa porque, se fores verdadeiramente honesto e justo e exercitares a virtude, nada de mal poderás sofrer.” em REALE, 2007, p. 223.

¹⁷⁵ GILSON, 2007, p. 24.

¹⁷⁶ GILSON, 2006, p. 31.

incessante busca, mas a chegada a algum destino.

Não é difícil compreender por que, então, da parte de São Justino, por exemplo, tenha havido um imenso desejo de invocar em favor dos pagãos que viveram antes de Cristo o sucesso, ainda que parcial, do conhecimento racional da verdade, para que tanto pudesse o Cristianismo aceitar a responsabilidade da história anterior da humanidade quanto reivindicar todo seu benefício.¹⁷⁷ Tudo o que julgava haver de verdadeiro na Filosofia era um pressentimento, um esboço do Cristianismo.¹⁷⁸

No século IV, período da Patrística, as grandes heresias ofereceram a homens como estes o ensejo de aprofundarem as noções filosóficas da natureza, da graça e do livre-arbítrio.¹⁷⁹ Nesse ínterim, os intelectuais cristãos incorporaram ao máximo a herança filosófica clássica, em especial o estoicismo e o neoplatonismo, por parecerem suportes mais adequados aos compromissos práticos e intelectuais prévios do Cristianismo.¹⁸⁰ Foi Santo Agostinho que testemunhou a maturação desse pensamento e consagrou-o enfatizando no oitavo livro do *De Civitate Dei* – sobre a história da Filosofia à luz da religião – que o ensinamento dos profetas hebreus havia antecipado as investigações dos filósofos gregos¹⁸¹ e que estes, principalmente os platônicos,¹⁸² haviam realmente se aproximado da Verdade, embora não a tivessem alcançado perfeitamente.¹⁸³

A parte da Filosofia que interessava a Santo Agostinho era a *Theologia naturalis*,¹⁸⁴ fato que explica o porquê de Platão, seu fundador, figurar entre seus mais admirados filósofos. Santo Agostinho esforçou-se constantemente em situar a religião cristã na tradição filosófica, em harmonizar as Sagradas Escrituras com Platão e Cícero, na medida do possível, em meio às refutações dos argumentos filosóficos anticristãos.¹⁸⁵ É certo que todas as suas conexões foram perpassadas por um viés biográfico marcante: ele fora convertido por Platão à fé cristã,¹⁸⁶ e assim a Filosofia

¹⁷⁷ GILSON, 2006, p. 33.

¹⁷⁸ GILSON, 2006, p. 35.

¹⁷⁹ FRANCA, 1944, p. 96.

¹⁸⁰ MARRONE, 2009, p. 31.

¹⁸¹ KENNY, 2012, p. 30.

¹⁸² *De Civitate Dei*, VIII,5, em SAN AUGUSTÍN, 1958, p. 525.

¹⁸³ KENNY, 2012, p. 24.

¹⁸⁴ *De Civitate Dei* VIII,8-9, em SAN AUGUSTIN, 1958, p. 531.

¹⁸⁵ KENNY, 2012, p. 36.

¹⁸⁶ *Confessiones*, VII, 20-21, em SANTO AGOSTINHO, 1975, p. 178.

acompanhou-o em seu avanço no campo da religião,¹⁸⁷ e não ao contrário. O que podemos compreender, dado seu interesse último em Deus, é que, não querendo abandoná-la, fê-la *ancilla theologiae*, isto é, serva da Teologia, a outra, chamada por ele de *supernaturalis*, apoiada na Revelação e por isso, superior e fora do campo de ação da razão. Com base nessa hierarquia intelectual, Santo Agostinho pode ter seus princípios de estudos sintetizados em uma máxima, tão repetida quanto discutida pelos medievais: *intellige ut credas, crede ut intelligas*, ou seja, "entende para crer, creia para entender". Foi questionando o auxílio da razão à fé e da fé à razão que todos os problemas teológicos e filosóficos da Idade Média foram discutidos, mais ainda, em que limites essa contribuição bilateral se poderia propor.

III.2 A querela entre dialéticos e antidialéticos nos séculos XI e XII

O período que se seguiu à morte de Santo Agostinho foi, para o Ocidente, de ignorância por causa da barbárie que assolou o Império Romano desde sua queda. A atividade da Igreja concentrou-se, nesse período, em cristianizar as hordas invasoras, daí que a partir do século VI a atenção tenha se voltado à escrita com fins narrativos, afetivos ou práticos.¹⁸⁸ Com São Bento de Núrsia, iniciou-se um período em que mesmo os textos puramente religiosos eram menos engajados no exame sistemático e na exploração de doutrinas, ou seja, teológicos, e mais devocionais.

No terceiro período da Patrística, dos séculos V ao VII, Cassiodoro (468-575), Santo Isidoro de Sevilha (m. 636) e Beda, o Venerável (674-735) foram os escritores que se esforçaram por preservar, com ares enciclopédicos, o legado da cultura científica. Mas afora a influência em Pseudo-Dionísio Aeropagita, não era mais Platão que vigorava como o único na preferência dos estudiosos, por causa daquela influência basilar de Santo Agostinho. Aristóteles começava a ser reabilitado com Boécio (470-526) que, ainda platônico em muitos aspectos, até o século XII foi a única via de acesso às obras de Aristóteles.¹⁸⁹

Ainda que não tenha podido realizar seu desejo de ver em língua latina todas as

¹⁸⁷ MORAN, 1958, p. 30.

¹⁸⁸ MARRONE, 2009, p. 33.

¹⁸⁹ GUERRERO, 2002, p. 45.

obras do Estagirita, Boécio traduziu e comentou a *Isagoge*, de Porfírio, contribuindo grandemente para a projeção em séculos posteriores do chamado problema dos universais, que discutia com que fidelidade conceitos como gênero e espécie exprimiam a realidade externa – afinal, se eram coisas subsistentes ou não passavam de meras ideias. Também contribuiu para a difusão do platonismo e da Filosofia como sabedoria de vida (e não sabedoria de fé religiosa)¹⁹⁰ na *Consolatio Philosophiae*, obra que já mencionamos.

A metodologia que empregou no *Consolatio Philosophiae*, seu último livro, qual seja, a de discutir o caminho da mente até Deus por via racional e estritamente humana,¹⁹¹ foi a mesma que, anos antes, havia utilizado para explicar, no *De Trinitate*, como a Trindade era um só Deus e não três deuses. Neste, Boécio de modo inovador discutiu teologia sem mencionar as Sagradas Escrituras ou a autoridade dos Padres da Igreja, tão somente com conceitos platônicos, neoplatônicos e aristotélicos. Boécio seguiu maximamente o lema de Santo Agostinho, de conjugar a fé e a razão, mas ao passo que este as misturava em suas análises, o romano radicalizou a investigação racional numa metodologia precursora de São Tomás de Aquino.¹⁹² A transição da patrística para a escolástica se pode dizer sem dúvida que ocorreu com base nessas duas discussões, o problema dos universais e a relação entre fé e razão, de modo que não sem motivo, por causa do impulso de Boécio, entre os anos 600 e 800 o talento intelectual foi despendido principalmente em disputas teológicas.¹⁹³

João Escoto Erígena (810-877), considerado por muitos o lumiar do século que conheceu Alcuíno de York (735-804) e Rábano Mauro (780-856), escapou das trincheiras da fé e considerou mais decididamente defender a liberdade especulativa no trato com ela.¹⁹⁴ Seu pressuposto era de que razão e fé harmonizavam-se, e nisso se conformou sem novidade ao que antes haviam dito Santo Agostinho e toda a Patrística latina, mas rompeu essencialmente com esse pensamento ao entender que, havendo uma só Verdade e dois caminhos certos para alcançá-la, o da

¹⁹⁰ GUERRERO, 2002, p. 46.

¹⁹¹ GUERRERO, 2002, p. 47.

¹⁹² LAUAND, 1998c, p. 79.

¹⁹³ KENNY, 2012, p. 48.

¹⁹⁴ ABBAGNANO, 1984, p. 23.

Revelação e o da especulação, correspondia à razão ter maior dignidade e importância que a autoridade. E isso principalmente porque, em relação à cronologia natural, a razão nasceu juntamente com a natureza, e a autoridade nasceu da razão. Desse modo, ainda que uma e outra não devessem ou pudessem criar obstáculos entre si, a autoridade estaria subjacente à aprovação da razão, enquanto a razão não necessitava de qualquer autoridade para ser confirmada. A autoridade, em outros termos, nada mais seria que *a verdade descoberta pela razão dos Santos Padres e por eles transmitida por escrito em benefício da posteridade*.¹⁹⁵ Se os teólogos do século XIII tiveram de lutar para cristianizar os metafísicos gregos, os do século IX tiveram de domesticar¹⁹⁶ a dialética emancipada pelo furor do pensamento de Erígena que, como dizem, fora tentação permanente, contra a qual, de século em século, as autoridades doutrinárias, como São Bernardo, jamais cessariam de lutar.¹⁹⁷

A despeito do aprofundamento de João Escoto Erígena, o método filosófico no século XI foi revestido de certa puerilidade e exagero com, por exemplo, Anselmo, o Peripatético, que lançava a certa altura de seus argumentos em *Rhetorimachia* silogismos exdrúxulos¹⁹⁸ pelas ilógicas conclusões às quais conduziam. Ainda que não fossem considerados em si perigosos para a fé, porque não se imiscuíam nos principais mistérios cristãos, como a Trindade unitária e a transubstanciação real, por outro lado eram grande amostra de que a especulação racional em certo momento de exaltação desenvolveu-se e disseminou-se por toda a Europa sob tal forma exercitadora, que alguns a confundiram com a própria Filosofia.¹⁹⁹ E não se tendo bem definido seu campo de atuação e a validade de um ou outro escrutínio, a Filosofia acabou por se revestir de um caráter audacioso e amplo em sua investitura: a partir da lógica propunha aplicar-se também ao sagrado.

Berengário de Tours (999-1088), pondo a razão eminentemente acima da autoridade, foi um dos que perpassou o dogma da Eucaristia pelo crivo aristotélico.²⁰⁰ Se não podiam os acidentes do pão e do vinho subsistirem sem a

¹⁹⁵ ABBAGNANO, 1984, p. 26.

¹⁹⁶ GILSON, 2007, p. 269.

¹⁹⁷ GILSON, 2007, p. 267.

¹⁹⁸ Por exemplo: mus (rato, em latim) é um monossílabo, mas mus rói o queijo; logo, um monossílabo rói o queijo. SARANYANA, 1999, p. 116.

¹⁹⁹ GILSON, 2007, p.340.

²⁰⁰ SARANYANA, 1999, p.117.

substância dessas mesmas coisas, a Eucaristia deveria, para ele, ser puro sinal de realidades suprasensíveis, somente expressão da presença intelectual e virtual de Cristo no sacramento. Roscelino (1050-1125), por sua vez, defendeu opinião controversa sobre a Trindade como resultado de sua solução nominalista para o problema dos universais frente ao realismo exacerbado.²⁰¹ Aplicada à Trindade, a teoria sustentada propunha, ao fim, que as três pessoas divinas se convertiam em três indivíduos, como três deuses (triteísmo).

Excetuando-se as particulares das propostas de cada pensador, todas se debruçaram profundamente sobre a possibilidade, já presente na prática, de um posicionamento mais invasivo e discretivo da Filosofia no ponto nevrálgico do Cristianismo, seus dogmas e mistérios de fé. Chamamos invasivo porque se tratou, sob a perspectiva da Igreja, de um acesso desautorizado e desrespeitoso quanto a tradicional soberania da Teologia, há séculos promulgada. Dizemos discretivo porque, do ponto de vista dos novos filósofos, impôs por fim os limites entre os dois campos de saber, que até aquele momento, no seio da filosofia cristã, não eram explícitos ou quiçá desejados. Eis o grande momento em que a abordagem tradicional dos mistérios de fé sofreu o maior de seus impactos e, conseqüentemente, uma tentativa de defesa.

Essa tendência de conseqüente supressão do sobrenatural, quando transformada a relação entre razão e autoridade, fez do século XI período de profunda paixão por silogismos,²⁰² argumentos e controvérsias, enfim, por toda e qualquer especulação capaz de produzir na alma humana inquietude e movimento. Nesse palco de grandes ideias, a polarização entre dialéticos e antidialéticos foi exacerbada principalmente pela posição radical de São Pedro Damiano (c. 1007-1072) contra a Filosofia em alguns de seus tratados. O teólogo situava-se em um ponto de inflexão entre o pensamento monástico de interesse pastoral e a nova orientação dialética,

²⁰¹ O filósofo acreditava que as substâncias universais (gênero e espécie) não passavam de um sopro de voz (*flatus vocis*), de modo que o problema dos universais acabava por reduzir-se à fonética, sendo as próprias palavras os gêneros e as espécies.

²⁰² Aristóteles definiu o silogismo do seguinte modo: "Um silogismo é um argumento no qual, estabelecida certas coisas, resulta necessariamente delas, por serem o que são, outra coisa distinta das antes estabelecidas" (*Analíticos Posteriores*, I 24b 18-23). "O estagirita, no entanto, procedeu a exemplificar tal definição mediante inferências de um tipo especial: aquelas nas quais se estabelece um processo de dedução que conduz a estabelecer uma relação de tipo *sujeito-predicado* partindo de enunciados que também apresentam a relação *sujeito-predicado*", FERRATER MORA, 2001, p. 2679-2684.

que contemplava como os recursos lógicos da Filosofia ocupavam um campo dominado até o momento pela interpretação simbólica dos textos sagrados.²⁰³

O bispo argumentava em seu *De divina simplicitate*,²⁰⁴ tal como São Bernardo argumentou posteriormente em um sermão, que Cristo não havia escolhido nenhum filósofo como discípulo, senão que pescadores simples e rudes, o que mostrava, ao fim e ao cabo, que a Filosofia era prescindível para os monges por não ser necessária à salvação. São Pedro Damiano, ao condenar esse tipo de estudo, dava à Filosofia uma paternidade peculiar. “Quereis aprender gramática?”, disse em seu *De Sancta Simplicitate*, “Aprendeis a declinar Deus no plural”²⁰⁵: com o Diabo, o artífice das disciplinas (a Gramática e a Dialética) e introdutor dos vícios no mundo. Contra os que diziam que com o estudo das letras era possível lucrar muito para Cristo, São Pedro Damiano respondia que o martírio edificava mais que a pregação, e que o exemplo valia mais que a palavra.²⁰⁶ A sabedoria humana subjazia muitos perigos, de tal modo que para ele não foi pouco lembrar que São Jerônimo foi admoestado por Jesus por ser muito ciceroneano.²⁰⁷

Nas circunstâncias e no contexto dos escritos de São Pedro Damiano, se pode apreciar a complexidade de sua época, que se preocupa em servir de fortificação espiritual da vida monástica frente aos riscos da *vana curiositas* que conduz à perdição e às tentações da indagação escrutadora.²⁰⁸ Essa preocupação com os ensinamentos da dialética aristotélica era provocada nele por Berengário de Tours que, tal qual Pedro Abelardo, para São Bernardo encarnava todos os problemas dos filósofos. Se se assemelham em um ponto, é o de se comportarem com empenho na defesa de uma ortodoxia teológica à qual se filiavam.

Santo Anselmo de Aosta (ou de Bec), a personalidade que mais dominou o século XI, também teve algo que acrescentar à história da Filosofia do período, ao escrever três livros de especial destaque: *Monologion*, *Proslogion* e *Cur Deus homo*. Ele associava estreitamente a fé e a razão e, seguindo a máxima de Santo Agostinho,

²⁰³ FLORIDO, 2012, p. 398.

²⁰⁴ PETRUS DAMIANUS, *De Sancta Simplicitate*, p. 699.

²⁰⁵ *De Sancta Simplicitate* cap. I. p. 695.

²⁰⁶ *De Sancta Simplicitate* cap. III p. 697.

²⁰⁷ *De Sancta Simplicitate* cap. VI, p. 703.

²⁰⁸ FLORIDO, 2012, p. 401.

compreendeu como *fides quaerens intellectum*, isto é, a fé busca o entendimento. Para ele, quaisquer que fossem os direitos da razão, nem o ponto de partida do conhecimento era unicamente racional, nem o ponto de chegada, quando alcançado, deveria desdobrar-se em contemplação e em amor. O conhecimento racional apresentava-se como um intermediário, precedido pela fé que o suscitava e seguido pela visão beatífica que o consumava.²⁰⁹

Santo Anselmo dedicou-se primeiramente no *Monologion* a deduzir todas as conseqüências referentes aos atributos do ser supremo. Admitindo-se que Deus seja o maior dos seres e o máximo bem,²¹⁰ segue-se logicamente que a ele devem ser atribuídas todas as perfeições. Assim, Deus seria a máxima sabedoria, verdade, potência, justiça e beatitude. Esses atributos pertenceriam a Deus não como qualidades exteriores ajustadas à sua essência, mas como idênticas a ela. Deus, segundo Santo Anselmo, não participava de nada; pelo contrário, ele é, *por si mesmo*, tudo aquilo que é.²¹¹ Deduz-se, de sua essência como ser supremo, que todas as coisas somente são na medida em que derivam seu ser da essência de Deus. O ser supremo é, assim, concebido por Santo Anselmo como criador de todas as coisas. São Bernardo repetiu esse argumento quase literalmente no quinto livro do *De Consideratione*, ao considerar Deus como aquele que é, sem o qual nada é, subsistente por si mesmo, criador único e princípio primeiro de todas as coisas, idêntico essencialmente a seus atributos:

Livro V.VI.13

Nunc iam transi spiritus istos, si forte cum sponsa dicere possis et tu: *Paululum cum pertransissem eos, inveni quem diligit anima mea. Quis est? Non sane occurrit melius, quam qui est. Hoc ipse de se voluit responderi, hoc docuit, dicente Moyse ad populum, ipso quidem iniungente: Qui est, misit me ad vos. Merito quidem: nil competentius aeternitati, quae Deus est. Si bonum, si magnum, si beatum, si sapientem, vel quidquid tale de Deo dixeris, in hoc verbo instauratur, quod est: Est. Nempe hoc est et esse, quod haec omnia esse. Si et centum talia addas, non recessisti ab esse. Si ea dixeris, nihil addidisti; si non dixeris, nihil minuisti. Iam si vidisti hoc tam singulare, tam summum esse, nonne in comparatione huius quidquid hoc non est, iudicas potius non esse, quam esse? Quid item Deus? Sine quo nihil est. Tam nihil esse sine ipso, quam nec ipse sine se potest: ipse sibi, ipse omnibus est, ac per hoc quodammodo ipse solus est, qui suum ipsius est, et omnium esse. Quid est Deus? *Principium*; et hoc ipse de se responsum dedit. Multa in rebus dicuntur principia, sed respectu*

²⁰⁹ CHATELET, 1974, p. 103

²¹⁰ *Monologion cap. III*, em SANTO ANSELMO/ABELARDO, 1979, p. 10.

²¹¹ *Monologion cap. VI*, em SANTO ANSELMO/ABELARDO, 1979, p. 13.

posteriorum. Alioquin si ad aliquid praecedens respicias, ipsum potius principium dabis. Quamobrem si quaeras verum simplexque principium, invenias oportet quod principium non habuerit. Ex quo universum coepit, ipsum profecto minime coepit; nam si coepit, aliunde coeperit necesse est: a se enim coepit nihil, nisi forte quis putaverit, quod non erat dare sibi potuisse, ut esse inciperet, aut fuisse aliquid, antequam esset, quod utrumque quia ratio non consentit, constat nihil sibimet extitisse principium. Quod vero aliud principium habuit, primum non fuit. Verum ergo principium nequaquam coepit, sed totum ab ipso coepit.

14. Quid est Deus? Cui saecula nec accesserunt, nec decesserunt, nec coaeterna tamen. Quid est Deus? *Ex quo omnia, per quem omnia, in quo omnia.* *Ex quo omnia*, creabiliter, non seminabiliter; *per quem omnia*, ne alium auctorem atque alium opificem arbitreris; *in quo omnia*, non quasi in loco, sed quasi in virtute. *Ex quo omnia*, tanquam uno principio, auctore omnium; *per quem omnia*, ne alterum inducatur principium artifex; *in quo omnia*, ne tertium inducatur, locus; *ex quo omnia*, non de quo, quia non est materia Deus: efficiens causa est, non materialis. Frustra philosophi materiam quaerunt: non eguit materia Deus. Non enim officinam quaesivit, non artificem. Ipse per se, in se omnia fecit. Unde? De nihilo; nam si ex aliquo fecit, illud non fecit, ac per hoc nec omnia. Absit ut de sua incorrupta incorruptibilique substantia tam multa fecerit, etsi bona, corruptibilia tamen. Quaeris, si in ipso omnia, ipse ubi? Nihil minus invenio. Quis capiat locus? Quaeris ubi non sit? Nec hoc quidem dixerim. Quis sine Deo locus? Incomprehensibilis est Deus; sed non parum apprehendisti, si hoc tibi de eo compertum est, quod nusquam sit qui non clauditur loco, et nusquam non sit qui non excluditur loco. Suo autem illo sublimi atque incomprehensibili modo, sicut omnia in ipso, sic ipse in omnibus est. Denique, sicut ait evangelista, *in mundo erat*. Alias vero, ubi erat antequam mundus fieret, ibi est. Non est quod quaeras ultra ubi erat: praeter ipsum nihil erat; ergo in se ipso erat.²¹²

Agora que já falei sobre esses espíritos, talvez tu pudesses dizer com a esposa: Mal passara por eles, encontrei aquele que meu coração ama. Quem é ele? Não me ocorre melhor explicação que aquele que é. Ele quis que essa mesma resposta fosse dada sobre si quando a ensinou a Moisés a fim de que este a dissesse ao povo: Aquele que é, ele me envia a vós. Justa resposta. Nada descreveria melhor a eternidade que “Deus é”. Se disseres que Deus é bom, magno, beato, sábio ou qualquer outra coisa, nessas expressões está impresso que esse que é, é. Em verdade, por ele existir todas essas coisas existem. Se tu acrescentasses cem outros atributos, não deixarias de ser: ao enumerá-los, nada acrescentaste; se os omitisses, nada tornaste menor. Com efeito, tendo visto esse ser tão único e sumo existente, não julgarias que, comparando-o às outras coisas, estas em verdade “não são”? O que é, então, Deus? Aquele sem o qual nada é. Nada pode existir sem ele tanto quanto ele não pode existir sem si mesmo. Existe para si mesmo e para todos os demais. Nesse sentido, ele é solitário, ele, que é sua própria existência e a de todo ser. O que é Deus? O Princípio: eis a resposta que ele mesmo deu sobre si. Muitas coisas são chamadas princípios de outras, mas no que diz respeito ao que lhes é posterior. Sob esse ponto de vista, se volveres os olhos para algo que é precedente, a ele darias o nome de princípio. Se procuramos um princípio puro e verdadeiro, convém que seja um que não teve seu próprio, a partir qual o universo teve início – pois sem dúvida teve algum início –, de modo que faz-se necessário ter iniciado a partir de outrem. Nada começa por si mesmo. A não ser que “o que não era” tenha pensado ser capaz de dar a si mesmo existência para começar a ser, ou fosse outra coisa antes de ser, duas possibilidades que a razão não consente porque é evidente que nada

²¹² SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 204-206.

existe antes de seu próprio princípio. Aquilo que de fato teve um princípio a partir de outro o primeiro não foi. Assim, o princípio verdadeiro de modo algum pode ter tido um início, senão que todo seu ser começou por si mesmo.

14. O que é Deus? Aquele cujos séculos não ultrapassam ou ficam atrás, mas tampouco são coeternos a ele. O que é Deus? Aquele do qual procedem todas as coisas, para o qual todas as coisas existem, no qual todas as coisas existem. Do qual todas as coisas procedem por criação, não por geração. Pelo o qual todas as coisas existem para que não creias que um é o autor e outro é o artífice. No qual existem todos os seres, mas não localmente, senão que potencialmente. Do qual todas as coisas procedem, como de um único princípio, autor de todas as coisas. Pelo o qual todas as coisas existem, porque não há fora dele outro princípio criador. No qual existem todos os seres, porque não há um terceiro princípio que seja o lugar em que existem. Do qual todas as coisas procedem, não como se Deus fosse a matéria do qual procedem: Deus é a causa eficiente, não material. Em vão os filósofos procuram a matéria: Deus não necessitou de matéria, não procurou uma forja e um artífice. Ele mesmo em si e por si fez todas as coisas. De onde? Do nada, porque se tivesse feito de outra coisa, esta mesma coisa ele não haveria de ter feito, de modo que não seria, então, aquele que fez todas as coisas. Não se pode pensar que de sua incorrupta e incorruptível substância tivesse feito tantas coisas, boas, é verdade, mas corruptíveis. Perguntas-me: Se nele estão todas as coisas, onde ele mesmo está? Para mim, é um mistério. Que lugar pode contê-lo? Onde ele não está? Não saberia te responder. Em que lugar não há Deus? Deus é incompreensível, mas já sabes muito sobre ele se isto aprendeste: que não pode ser contido em lugar algum, nem há um lugar do qual ele esteja ausente. Assim como todos os seres estão nele, também ele está em todos os seres de uma maneira sublime e incompreensível, como disse o evangelista: estava no mundo. Ademais, estava onde estava antes de fazer o mundo. Não tens de perguntar onde estava: fora dele nada existia, portanto, estava em si mesmo.

No *Proslogion*, Santo Anselmo teve ambição de atingir o mesmo objetivo pelo desenvolvimento de um único argumento, denominado tradicionalmente de “argumento ontológico”, que consistia em deduzir a existência de Deus partindo de sua essência. Em termos simples, a proposta do bispo de Aosta era de que podemos partir do princípio que todos estão de acordo definindo Deus como “o ser do qual não é possível pensar nada maior”.²¹³ Assim, se esse ser existisse somente na inteligência e não na realidade, seria possível pensar um outro ser que tivesse todas as suas perfeições e uma a mais (que é a existência real), o que seria um absurdo.

O argumento ontológico de Santo Anselmo, que data de 1078, teve partidários e adversários na posteridade, mas desde sua época foi discutido e difundido largamente, não só no meio escolástico, mas por toda a Cristandade intelectual. São

²¹³ *Proslogion* cap. IV, em SANTO ANSELMO, 1979, p. 104.

Bernardo mesmo, continuando a explicação do longo trecho anterior, o utilizou para ensinar a Eugênio a impossibilidade herética que era assentir que outro ser possuía a essência de Deus e não seja Ele mesmo:

Livro V.VII.15.

Quid est Deus? Quo nihil melius cogitari potest. Si approbas, non oportet assentiaris esse aliquid, quo Deus sit, et quod Deus non sit. Hoc enim sine dubio melius. Quomodo non melius Deo, si Deus non est, quod dat Deo ut sit? At melius illam divinitatem, qua dicunt Deum esse, non aliud quam Deum esse fatemur. Non est ergo in Deo nisi Deus. “Quid?” inquit: “negas Deum habere divinitatem?” Non, sed quod habet, hoc est. “Negas divinitatem Deum esse?” Non, sed non alia, quam quae ipse est. Aut si tu aliam invenisti, adiuvet me Trinitas Deus, adversus illam tota me contumacia erigo. Quaternitas orbem determinat, non signat deitatem.²¹⁴

O que é Deus? Aquilo sobre o qual nada melhor pode ser pensado. Se concordas comigo, não podes assentir que exista outro que possua a essência de Deus e não seja Deus. Este sem dúvida seria melhor. Como não seria superior a Deus um ser que não é Deus e faz com que Deus exista? Havemos de concordar que essa divindade que dizem ser a essência de Deus não é outra coisa senão Ele mesmo. Não há em Deus nada mais que Deus. “O quê? Então negas que Deus tenha divindade?”, perguntam-me. Não, digo que o que Deus tem, Ele é. “Negas que Deus exista em virtude de sua divindade?” Não, mas que ele não existe por outra coisa que ela mesma. Se descobriste outra divindade, que Deus Trindade me ajude, pois contra ela ergo-me com toda a contumácia! A quaternidade separa o orbe, não assinalada a deidade.

Mas São Bernardo estava se referindo neste capítulo a Gilberto Porretano (1142-1154), discípulo de Anselmo de Laon (c. 1050-1117) que, quando ensinou na escola de Chartres, tentou solucionar a querela dos universais repudiando o realismo extremo de sua época. Gilberto defendia que a forma pura de existência, mediante a qual Deus é Deus, deve se distinguir das três pessoas que são Deus pela participação nessa forma.²¹⁵ Por causa de seu rigorismo lógico, que distinguia subsistência e subsistente, essência e substância, acabou por incorrer em erro teológico ao comentar o *De Trinitate* de Boécio.

A essência é uma, as pessoas ou substâncias são três. Por causa da forma de deidade cada uma delas é o que é, e cada uma delas é Deus. Foi essa distinção entre *deitas* (ou *divinitas*) e *Deus* que levou a doutrina de Gilberto à condenação.²¹⁶

Para São Bernardo, a noção de Gilberto de que tudo o que existe, o *quod est* (o que

²¹⁴ SAN BERNARDO DE CLARAVALL, 1994a, p. 209.

²¹⁵ ABBAGNANO, 1984, p. 107.

²¹⁶ CATHOLIC ENCYCLOPEDIA, Gilbert de la Porrée, disponível em <http://www.newadvent.org/cathen/06555a.htm>.

é), existe em virtude de algo que o faz existir, o *quo est* (pelo o que é), é absurda, ainda mais quando se refere a Deus, que existe por si mesmo. Se Deus não fosse sua deidade, sua própria essência, o ser que a possuísse concorreria com ele ao posto de “ser sobre o qual nada melhor pode ser pensado”, o que seria um absurdo lógico.

A escrita do quinto livro do *De Consideratione* data de 1153, portanto, a referência a Gilberto veio cinco anos depois da condenação de algumas de suas ideias no Concílio de Paris, em 1147, e no Sínodo de Reims, em 1148. Desse fato, entende-se que São Bernardo não estava admoestando Eugênio sobre um assunto novo. Devido à publicidade do tratado, é mais plausível admitir a citação como uma reiteração a todos seus contemporâneos sobre o resultado da solução papal para essa novidade. Gilberto Porretano morreu em 1154, dez anos depois de Pedro Abelardo, mas causou a São Bernardo menos problemas, digamos, que este, porque com resultado das deliberações a Igreja decidiu que Gilberto deveria apenas corrigir os excertos de seus livros que não estivessem de acordo com seus princípios e que o filósofo, se o fizesse, não sofreria nenhuma grande sanção.

Pedro Abelardo, por outro lado, mais velho que São Bernardo onze anos, já ensinava com grande fama e prestígio na escola catedral de Paris quando o monge nem havia entrado ainda na Ordem de Cister. Em que pese seus problemas pessoais (o matrimônio secreto com Heloísa, sua mutilação e ingresso no mosteiro de São Dionísio), a agitação doutrinal provocada por seu ensino (os debates e as vitórias contra Roscelino e Guilherme de Champeaux, seus antigos mestres) e sua condenação no Sínodo de Soissons (em 1121, por causa de seu *De unitate et trinitate divina*)²¹⁷, São Bernardo ignorava quase por completo os textos de Abelardo até 1140, como disse em uma carta-resposta²¹⁸ a outra, que Guilherme de São Teodorico lhe enviou pedindo que avaliasse os ensinamentos do mestre escolástico. O encontro entre os dois, aliás, foi promovido pelo abade Guilherme, que antes do distanciamento, havia sido amigo de Abelardo.

Em 1138, a *Theologia christiana* e a *Introductio ad theologiam* de Abelardo haviam

²¹⁷ ABBAGNANO, 1984, p. 70.

²¹⁸ Carta 326 ao abade Guilherme de São Teodorico (1140), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 973.

causado má impressão em Guilherme, que pensava que a segurança do método dialético constituía um sério perigo para a fé.²¹⁹ São Bernardo, avisado, reuniu-se com Guilherme e Hugo de São Vítor em Paris. No segundo encontro que teve com Pedro Abelardo, no mesmo ano e na mesma cidade, conseguiu do mestre a promessa inicial de que iria corrigir seus ensinamentos, mas, mais tarde, Abelardo decidiu não retratar nada.²²⁰

Percebendo nas universidades o perigo de uma racionalização da fé, com o apoio do arcebispo de Sens obteve autorização para que o caso de Abelardo fosse tratado no sínodo de Sens e Reims, que já seria celebrado na festa de Pentecostes de 1140. Em uma pequena carta endereçada aos bispos convocados,²²¹ São Bernardo os advertiu que se tratava de caso de extrema necessidade, porque, segundo suas palavras, “o adversário, com sua astúcia e sagacidade, previu assaltar os imprudentes e obrigar que se rendam os indefesos”. Neste meio tempo, Abelardo escreveu a *Confessio fidei ad Heloissam*, *Confessio fidei universis* e a *Apologia contra Bernardum*, e prometeu ao arcebispo de Sens que compareceria ao sínodo, no qual esteve também São Bernardo.²²²

Em uma carta aos bispos e cardeais da Cúria, sobre o mesmo assunto, São Bernardo deixou claro que a falta de limites da racionalização de Abelardo o exasperava, porque questionava heterodoxamente os ensinamentos sobre a alma e a pessoa de Cristo, a Eucaristia, o pecado original e tantos outros assuntos teológicos.²²³ Para São Bernardo, Abelardo estava a poucos passos de crer a inteligência humana dona de tudo e de não se guiar em nada pela fé. Para São Bernardo, a fé transcendia a razão,²²⁴ de tal modo que não era opinião, como queria o filósofo francês, mas a antecipação do que se esperava e prova de realidades que não se viam.²²⁵

²¹⁹ COLOMBÁS, 1993, p. 170.

²²⁰ COLOMBÁS, 1993, p. 170.

²²¹ Carta 187 aos bispos convocados em Sens, contra Pedro Abelardo (1140), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 621. Por outras pequenas cartas alertou também ao mestre Guido de Castello, ex-discípulo de Abelardo e futuro Papa Celestino II, em 1140 (p. 192) e ao mestre Ivo, cardeal (1140), p. 639.

²²² COLOMBÁS, 1993, p.170.

²²³ Carta 188 aos bispos e cardeais da Cúria, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 623.

²²⁴ Sermão 28, SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983d, p. 417.

²²⁵ Carta 190 ao papa Inocêncio (1140) ou *Tratado Contra os erros de Pedro Abelardo* IV.9, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994b, p.543.

São Bernardo não foi ao sínodo por vontade própria, mas porque recebeu uma carta do arcebispo de Sens pedindo que expusesse as ideias de Abelardo e tentasse rebatê-las. A falta de traquejo com as escolas e sua metodologia o levaram a evitar o confronto com Abelardo, que de anônimo comentador tinha se tornado afamado mestre. São Bernardo não poucas vezes admitiu que entrar em terreno alheio não lhe competia por inexperiência. Não tivera educação voltada a tal ciência, não manejava com habilidade, e por gosto pessoal, as ferramentas com as quais os acadêmicos costumavam se digladiar. Por isso, justificou a Inocência II o porquê de não desejar enfrentar Abelardo: *porque era um menino e, ele, um guerreiro desde a adolescência.*²²⁶ Não acreditava ser adversário filosófico de um homem calejado em *disputationes*.

Ele não quis debater, e disse que bastavam os próprios escritos do mestre para denunciá-lo. Mas Abelardo levantou a voz e propagou a todos que iria enfrentar São Bernardo no sínodo.²²⁷ Bastou os rumores se espalharem para que o cisterciense, ao final, não quisesse causar escândalo. Teve de comparecer para combater o poder do inimigo, como disse,²²⁸ e isso também porque Guilherme de São Teodorico o instou com palavras comoventes:

Vosso dever é falar e não guardar silêncio diante de uma questão grave e que interessa ao bem comum dos fiéis... Não se trata de bagatela. É a fé na Santa Trindade, na pessoa do mediador, na do Espírito Santo, na graça de Deus e no sacramento de nossa redenção que está em causa. [...] Eu também ameí Pedro Abelardo. E, Deus é testemunha, gostaria de continuar a amá-lo. Mas, no presente caso, não posso levar em conta nem o próximo nem o amigo. É demasiado tarde para remediar o mal com conselhos ou admoestações privadas. O erro é público... É uma condenação pública e solene que se impõe.²²⁹

São Bernardo deu-nos detalhes do embate: estava ele sem o apoio de nenhum escrito, e na presença de todos foram lidos alguns capítulos dos livros que continham suspeita de heresia. Nesse momento, Abelardo foi embora, apelando à

²²⁶ Carta 189 ao Papa Inocência, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 629.

²²⁷ Tudo isso, nas palavras do próprio São Bernardo, carta 189, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 629.

²²⁸ Idem, *ibidem*.

²²⁹ Em VILELA, 1989, p. 150.

Sé Apostólica.²³⁰ A famosa carta 190 de São Bernardo²³¹ ao papa Inocêncio, apresenta maiores detalhes sobre a doutrina de Abelardo, tanto que fora transformada em um tratado sobre seus erros. Ela ajudou à condenação de Abelardo ao silêncio perpétuo e o recolhimento em uma casa religiosa, além da queima de seus livros.

O que se pode compreender, afinal, da participação de São Bernardo na querela entre dialéticos e antidialéticos é que essa disputa marcou profundamente a imagem que se tem dele nos dias atuais, quase como se Pedro Abelardo tivesse se convertido, como diz um estudioso, em um “bode expiatório” para o cisterciense.²³² É certo que Abelardo reunia muitas das características de um homem de letras que São Bernardo condenava, tentava superar a razão somente com a força da razão e opinava onde a fé não vacilava,²³³ mas por isso mesmo é que não se pode pensar a oposição de São Bernardo a ele como uma arbitrariedade irracional, como a expressão pode nos induzir a crer. Aos que dizem que ao condenar tão violentamente Abelardo talvez tenha, sem querer, mutilado o pensamento cristão e afastado a Igreja de seu tempo de uma busca fecunda, ainda que arriscada, da Verdade,²³⁴ podemos dizer que a ascensão do método escolástico no século XIII, com Santo Tomás de Aquino, nos parece um indício razoável de que São Bernardo foi menos um obstáculo intolerante à dialética que uma objeção necessária a ela. Por isso não acreditamos que o método se desenvolveu *apesar* da continência de moralistas e místicos do século XII, senão que foi mesmo a dúvida de seus méritos que ensejou a discussão e o aperfeiçoamento de suas relações com a fé. Mas não sendo as polarizações, quaisquer que sejam, suficientes para abarcar os diferentes níveis de aceitação e rejeição de ideias numa sociedade, veremos a seguir que imaginar São Bernardo alheio a quaisquer avanços da ciência e da razão, mesmo do método dialético, não corresponde à realidade de seus escritos.

²³⁰ Carta 191, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p.635.

²³¹ SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994b. Outras cartas ao papa estão em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990: carta 189 (1140), p. 625; carta 191 (em nome do arcebispo de Reims, 1140), p. 633.

²³² Como pensa COLOMBÁS, 1993, p. 169.

²³³ SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994b, p.531.

²³⁴ Como pensa BALLANO, 1994a, p. 527.

CAPÍTULO IV

IV.1 A opinião de alguns estudiosos sobre São Bernardo em relação à Filosofia

O que na maioria das vezes nos legam os compendiadores de Filosofia sobre o caráter de São Bernardo de Claraval é de que era um anunciador sem reservas contra a razão e contra a ciência,²³⁵ o que se poderia chamar nada menos do que um virulento anti-filósofo.²³⁶ E foi principalmente pela disputa que acabamos de apresentar que a fama de um São Bernardo pouquíssimo interessado em discussões de âmbito filosófico ganhou *status* de verdade na história da Filosofia Ocidental.

Salientando sua impassibilidade religiosa, certos estudiosos contemporâneos²³⁷ são contundentes em ratificá-lo como um homem aborrecido, violento nos ataques, um inquisidor *ante litteram*.²³⁸ Dizem que suas cartas refletem ternura e benignidade, sim, mas no compasso de um radicalismo agressivo, de juízos temerários, de armadilhas e ardis, de favoritismos e mordacidade, de desenfado, de intransigência e de violência dominadora.²³⁹ Acusam-no de utilizar na disputa com Pedro Abelardo meios nada nobres e humildes, em um campo de batalha em que tudo era permitido.²⁴⁰ Dizem, ademais, que São Bernardo jogou sujo com Abelardo: não se expôs em oratória e encurralou-o, ao invés, por meio de cartas a personalidades importantes, na quais destilava incenso (aos dignatários) e fel (contra o filósofo).²⁴¹ São Bernardo foi categorizado frequentemente ao lado de radicais antidialéticos como São Pedro Damiano porque repudiava talqualmente os lógicos e os silogistas. Diz-se que sua fobia contra a Filosofia era absoluta.²⁴²

Contudo, embora São Bernardo não titubeasse em relação à precedência da fé

²³⁵ ABBAGNANO, 1984. p. 127.

²³⁶ VERBAAL, 2004, p. 568.

²³⁷ Conferir COSTA, 2010 e DIAS, 2006.

²³⁸ VILELA, 1989, p. 147-149. (citando Le Goff).

²³⁹ COLOMBÁS, 1993, p. 173.

²⁴⁰ DUBY, 1990, p. 132.

²⁴¹ VILELA, 1989, p. 148.

²⁴² COLOMBÁS, 1993, p. 168.

sobre a razão e aprontasse invectivas em reação à intromissão da lógica nas relações das pessoas trinitárias, no que dissesse respeito à razão e à ciência era menos alheio aos progressos de seu século do que o homem de faceta antidialética que lhe costumam pintar. A desconsideração de contextos, os equívocos quanto a interpretação de fontes primárias e/ou falta de compreensão acerca de seu amadurecimento filosófico podem ter introduzido algumas dessas distorções em algumas das análises que se fizeram sobre a obra do cisterciense.

Os estudiosos mitigaram, por uma evasiva genérica, a guinada comportamental que se pode ver manifesta em seus tratados compostos do meio ao fim da vida, em especial seu último, missivo ao papa, o *De Consideratione*, no qual a Filosofia, bem delineada, é encarada não somente como *colaboradora* de reflexões teológicas e morais, mas em si *necessária* à condução papal. A tônica da perspectiva na qual nos apoiamos, isto é, daquela que vai defender a positividade de São Bernardo quanto à Filosofia, é revisionista e relativamente nova no meio acadêmico.²⁴³ É preciso admitir, porém, que a evolução de seu pensamento só emerge a partir da percepção do contexto em que se insere,²⁴⁴ porque ele mesmo não se preocupou nem em desfazer a reputação que havia adquirido já em sua época, nem em explicitar se e *como* havia se aberto a um novo posicionamento.

Com efeito, São Bernardo foi o iniciador do movimento místico que se desenvolveu em seu século.²⁴⁵ Fundou-o com base em suas experiências personalíssimas de união com Deus, que dizia, não obstante, serem completamente inefáveis.²⁴⁶ Com efeito, era próprio da mística a tentativa de se aproximar da Verdade pela própria força da Verdade; de se unir a Deus mediante Sua ajuda sobrenatural e direta e de deixar a Ele apenas a iniciativa da investigação. O esforço do místico era sofrer a iniciativa divina, já que era Deus que do alto o atraía a si e que o erguia até a compreensão dos seus mistérios.²⁴⁷ Por isso, sua doutrina do amor místico era a especulação não sobre o modo em que o homem realiza sua comunhão mística,

²⁴³ VILA-CHÃ, 2004.

²⁴⁴ VERBAAL, 2004, p. 569.

²⁴⁵ GILSON, 2007, p. 365.

²⁴⁶ *De Consideratione* Livro V.III.5, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 191.

²⁴⁷ ABBAGNANO, 1984, p. 125.

mas sobre as causas e as condições que a tornam possível.²⁴⁸

O ponto de partida de São Bernardo para a difusão das experiências místicas foi a análise do livro do Cântico dos Cânticos, interpretado por ele como um diálogo entre Deus (o amante) e a alma (a amada). A partir daí, São Bernardo desenvolveu os quatro graus de ascensão do homem, que primeiro deveria amar a si mesmo (amor carnal), o próximo e a humanidade de Cristo para, enfim, chegar a amar a Deus quando for totalmente despojada de sua carnalidade.²⁴⁹

São Bernardo aplicou essa mística no *De Consideratione* pela via do socratismo cristão, porque sua filosofia, afastando-se da teologia e aproximando-se da especulação racional, defendia também que o “conhecer-se a si mesmo” era essencial para que se alcançasse a Deus, ainda que evidentemente por um grau distinto do êxtase.

Existem excertos em todas as suas obras, certamente, que mostram a faceta de um místico desconfiado para com os filósofos de seu tempo. Vamos apresentá-los, todavia, harmonizando-os mais à frente em justa proporção com os do estudioso indulgente que, reorientando a Filosofia sob o jugo da fé, a matizou e acabou por redescobri-la socraticamente. As notas da má filosofia estão explícitas, para São Bernardo, na soberba, na curiosidade e na loquacidade. As da boa, na humildade e no conhecer-se a si mesmo. Só será possível, portanto, analisar em que termos aplicou sua filosofia cristã no *De Consideratione* tendo bem delineado primeiramente essa oposição.

²⁴⁸ GILSON, 2007, p. 365.

²⁴⁹ VAUCHEZ, 1995, p. 174.

IV.2 A *superbia*, a *curiositas* e a *loquacitas* dos maus filósofos

O primeiro livro ao qual recorreremos para início de estudo é o seu mais antigo, o *De gradibus humilitatis et superbiae*, que São Bernardo escreveu para Godofredo, companheiro de ingresso em Cister e cofundador de Claraval. O tratado é duplamente primaz, porque cronologicamente foi o primeiro que escreveu, em 1120, e, em escala de valores, o primeiro de importância temática.²⁵⁰

De matriz claramente inspirada no sétimo capítulo da Regra de São Bento, o tratado divide-se entre a teoria sobre a ascendência da humildade e as consequências, por contraste, da prática da soberba. Para São Bernardo, a humildade era uma virtude que incitava o homem a menosprezar a si mesmo diante da luz clara de seu próprio conhecimento.²⁵¹ Nos três primeiros degraus propostos, a humildade aparece como o caminho que leva à verdade e à vida,²⁵² o próprio Cristo, afinal, de acordo com o Evangelho.²⁵³

Ser humilde era conhecer a própria miséria pela autocrítica,²⁵⁴ desprezar o próprio prestígio²⁵⁵ para superar todos os graus de soberba²⁵⁶ e chegar, enfim, à caridade que é Deus.²⁵⁷ O mosteiro era para São Bernardo a *schola humilitatis*²⁵⁸ por excelência, mas este humilhar-se do monge não significava de todo um rebaixamento impreterível, senão que a assunção do homem de sua realidade nos planos de Deus. No *De Consideratione*, São Bernardo reiterou essa admissão de que não eram bons nem o menosprezo nem a exaltação imoderados quando disse que o homem, embora não pudesse se atribuir nada em demasia, também não

²⁵⁰ TORRE; DUMONT; PASCUAL, 1983, p. 165.

²⁵¹ *De gradibus humilitatis et superbiae* I.2, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983g, p. 175.

²⁵² *De gradibus humilitatis et superbiae* I.1, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983g, p. 173.

²⁵³ Jo. 17,3.

²⁵⁴ *De gradibus humilitatis et superbiae* III.7, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983g, p. 181.

²⁵⁵ *De gradibus humilitatis et superbiae* IV.14, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983g, p.193.

²⁵⁶ Em ordem ascendente: 1) a curiosidade, 2) a leviandade de espírito, 3) a alegria tola, 4) a jactância, 5) a singularidade, 6) a arrogância, 7) a presunção, 8) a justificativa dos pecados, 9) a confissão fingida, 10) a rebelião, 11) a liberdade de pecar e 12) o costume de pecar. O número de degraus são os mesmos que Bento de Núrsia ensinou em sua Regra, mas não de todo correspondentes, porque o pai do monacato ocidental os faz girar mais entorno da obediência e da renúncia da vontade própria. Conferir em SÃO BENTO, 1980, p. 41.

²⁵⁷ *De gradibus humilitatis et superbiae* VII.20, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983g, p. 201.

²⁵⁸ TORRE; DUMONT; PASCUAL, 1983, p. 166.

deveria renunciar ao que lhe pertencia.²⁵⁹

Livro II.IX.19.

In te consistito. Non infra deici, non attolli supra, non evadere in longius, non extendi in latius. Tene medium, si non vis perdere modum. Locus medius tutus est. Medium sedes modi, et modus virtus. Omnem extra modum mansionem, sapiens exsilium reputat. Propterea non est illi habitare in longo, quod ultra modum sit; sed ne in lato quidem quod extra sit; porro nec in alto vel imo, quod alterum supra, alterum infra sit.²⁶⁰

Permanece em ti. Não te menosprezes, tampouco te exaltes; não te percas ao longe e não te estendas além dos limites. Mantenha-se no meio se não quiseres perder o equilíbrio. A moderação é um caminho seguro. Nela está a virtude. O sábio considera um desterro tudo o que está fora dessa morada. Por isso, ele não vive na altura, isto é, além da medida; tampouco vive na largura, porque isso seria extrapolá-la. Também não vive na altura ou na profundidade, pois estão acima e abaixo da moderação.

A teoria de São Bernardo sobre a humildade se completavam àquela de seu segundo tratado, o *De diligendo Deo*, cuja proposta era a de responder como e de que maneira devemos amar a Deus,²⁶¹ aquele que é a Caridade por excelência.²⁶² A riqueza deste que é o tratado mais importante de sua teologia do amor,²⁶³ está na ênfase que o monge deu à necessidade de se ter em conta que o amor a Deus é como um afeto natural,²⁶⁴ um bem comum livre de todo subjetivismo e individualismo,²⁶⁵ portanto, em termos muito mais racionais que aquele da união mística da qual era familiar. Cada um ama a Deus intimamente, mas o sentimento de todos se perfaz por uma justiça natural que deve, em cada homem, ser atualizada pelo desejo, possessão e comunhão do amor. Para São Bernardo, Deus merecia ser amado inclusive por aquele que não tem fé, como o pagão, porque embora desconhecesse Cristo, conhecia a si mesmo. Para este, uma justiça inata o impulsionaria a amar o autor de tudo o que recebeu.²⁶⁶

Mas o ponto essencial, aquele que urde todos os fios de sua doutrina e que

²⁵⁹ *De Consideratione* Livro II.IX.19, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 111.

²⁶⁰ SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p.110.

²⁶¹ *De diligendo Deo* I.1, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983b., p. 301.

²⁶² Ditadas suas razões mais prementes, Bernardo optou por repartir os argumentos subsequentes entre os quatro graus clássicos do amor: 1) o amor do homem que ama a si mesmo e ao próximo, 2) o amor do homem que ama a Deus porque é bom para com ele, 3) o amor do homem que ama a Deus por Ele mesmo e 4) o amor do homem que ama a si mesmo por Deus.

²⁶³ ENDERS, 2003. p. 104.

²⁶⁴ *De diligendo Deo* VIII.23, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983b, p. 333.

²⁶⁵ TORRE; DUMONT; PASCUAL, p. 299.

²⁶⁶ *De diligendo Deo* III.7, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983b, p. 309.

devemos destacar como suporte a nossa perspectiva é que foi no gancho da relação entre as três virtudes – a caridade, a humildade e a obediência – que São Bernardo encontrou espaço no *De diligendo Deo* para destacar com breve insinuação que o que o incomodava no comportamento dos que em sua época se chamavam filósofos era precisamente o fato de ignorarem os reclames da autoridade eclesiástica, quer fosse para corrigirem seus erros, quer para dissiparem a ignorância alheia:

Prólogo

Placet tamen, fateor, quod pro carnalibus spiritualia repetitis, si sane apud locupletiores id facere libuisset. Quia vero doctis et indoctis pariter in istiusmodi excusandi mos est, nec facile scitur, quae vere ex imperitia, quaeve ex verecundia excusatio prodeat, si non iniuncti operis oboeditio probat, accipite de mea paupertate quod habeo, ne tacendo philosophus puter.²⁶⁷

De fato, agrada-me que me peças coisas espirituais em lugar das materiais, ainda que ache que deverias ter recorrido a outro mais digno de confiança do que eu. Mas como sábios e ignorantes igualmente costumam se desculpar, não é fácil distinguir se as justificativas vêm da imperícia ou da modéstia, se a obediência em fazer o que se pede não esclarecesse a devida diferença entre elas. Aceita, pois, o que vem de minha pobreza, para que eu não pense que, silenciando, pareço um filósofo.

Os filósofos eram néscios porque, atizados pelas ninharias de conhecimento que adquiriam, acorrentavam suas penas à soberba e não permitiam que a escrita fluísse livremente em direção ao conhecimento da verdade, que já dissera ser fruto da humildade.²⁶⁸ São Bernardo não quis ser tido por filósofo porque o que os movia, em geral, não era a caridade para com o próximo, pautada pela obrigação que tem o homem de dissipar a ignorância do que lhe pede ajuda, mas a glória que a carreira acadêmica lhes podia oferecer. A obediência, ao superar a modéstia, tornava o submisso ainda mais generoso. Quando ignorada pelo soberbo, deixava desnuda sua imperícia. O que distinguiria a humildade do sábio do subterfúgio do néscio seria, então, a obediência à caridade. O sábio escrevia quando recebia ordem de um superior, porque não temia que o considerassem ignorante.

Mas a opinião que São Bernardo deu no tratado pode ser considerada pequena em comparação a algumas outras que se encontram em seus sermões litúrgicos e nos comentários que teceu sobre o Cântico dos Cânticos, nos quais costumou manifestar sua experiência pessoal como suporte à exegese. Em um de seus

²⁶⁷ *De diligendo Deo*, Prólogo, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983b, p.301.

²⁶⁸ *De gradibus humilitatis et superbiae* I.1, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983g, p. 175.

sermões dedicados à festa de Pentecostes, depois de considerar simbolicamente como a humanidade até sua época não havia provado da descida do Espírito Santo, São Bernardo convidou seus leitores a refletir – e a importantíssima reflexão repetiu-a, analogamente, no *De Consideratione* – sobre três pontos da grandiosa obra do universo: o que somos, como somos e para que fomos constituídos.

Diante das considerações essenciais, para ele havia aqueles que viviam entregues à sensualidade do mundo sem jamais meditá-la, os quais poderiam ser chamados de carnavais. Havia outros, em contrapartida, que embora se empenhassem na investigação da ordem das coisas, não se preocupavam em avaliar sua finalidade. A despeito do conteúdo de suas pesquisas, também o fato de se autodenominarem filósofos não lhe soava bem, justamente porque a vanglória os levava à presunção:

[...] legimus tamen nonnullos quandoque fuisse, quibus summum studium fuit atque unica sollicitudo, modum et ordinem investigare factorum, adeo ut plerique non modo utilitatem rerum perquirere dissimulaverint, sed et ipsas magnanimitate spreverint, cibo parvissimo vilissimoque contenti. Ipsi quidem sese philosophos vocant, sed a nobis curiosi et vani rectius appellantur.²⁶⁹

[...] lemos que alguns se empenharam em investigar a ordem das criaturas, mas não se fixaram em sua utilidade, ou as desprezaram soberbamente, comendo pouco ou mal. Costumam se chamar de filósofos, mas para nós são curiosos e cheios de vaidade [vazios de retidão].

Os filósofos, se comparados ao terceiro tipo de gente – os espirituais – eram curiosos, insensatos e perdulários: desperdiçavam o tempo se preocupando demasiadamente em saber como funcionava a “máquina do mundo”²⁷⁰ em vez de prescindirem, tal qual os mais superiores, das disposições das coisas criadas e porem toda sua atenção no que havia de mais importante sobre as criaturas, isto é, sua finalidade transcendental.

Já vimos que São Bernardo, desde seu primeiro tratado, tratou a curiosidade (*curiositas*) como o primeiro grau da soberba, como aquela que entorpece a alma e a entretém de tal maneira que a impede de meditar sobre si mesma.²⁷¹ Ao menos desde Santo Agostinho, o sentido clássico de *curiositas* é mais sério, técnico e

²⁶⁹ Sermão 3.3 sobre o dia de Pentecostes, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983f, p. 216.

²⁷⁰ Sermão 3.4 sobre o dia de Pentecostes, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983f, p. 219.

²⁷¹ *De gradibus humilitatis et superbiae* X.28, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983g, p. 213.

pejorativo do que o que temos aos olhos modernos.²⁷² A filosofia bernardina rejeitava, como a agostiniana, a curiosidade ilimitada e a finalidade desordenada do conhecimento propagadas pelos filósofos. Santo Agostinho considerava três os tipos de tentações que abalavam o homem: a da carne (*concupiscentia carnis*), a dos olhos (*concupiscentia oculorum* ou *curiositas*), e a da soberba (*ambitio saeculi*).²⁷³ A segunda ele definiu nesses termos:

II.3. Nec mirum, quod istam luxuriam fames secuta est. *Erat autem egestas in illa regione: non egestas visibilis panis, sed egestas invisibilis veritatis. Ab egestate irruit in quemdam principem regionis illius: Intellegitur iste princeps daemoniorum diabolus, in qualem iruunt omnes curiosi: omnis enim curiositas illicita pestilens inopia est veritatis.*²⁷⁴

Não é de admirar que essa orgia acabasse em fome. “Sobreveio àquela região uma grande fome”; fome não de pão visível mas da verdade invisível. E, por causa da fome, “foi pôr-se a serviço de um dos príncipes daquela região”: entenda-se o diabo, o senhor dos demônios, sob cujo poder caem todos os curiosos, pois a curiosidade ilícita é a inócia pestilenta da verdade.²⁷⁵

Para Santo Agostinho, a curiosidade deveria ser condenada, porque compreendida falsamente como *scientia*, avançava sobre o homem como uma tentação que o afastava de Deus:

Confessiones X,XXXV,54.

Praeter enim concupiscentiam carnis, quae inest in delectatione omnium sensuum et voluptatum, cui servientes depereunt qui longe se faciunt a te, inest animae per eosdem sensus corporis quaedam non se oblectandi in carne, sed experiendi per carnem vana et curiosa cupiditas nomine cognitionis et scientiae palliata.²⁷⁶

Além da concupiscência da carne – que vegeta no deleite de todos os sentidos e prazeres, e mata a todos os que a servem, isto é àqueles que se afastam para longe de Vós – pulula na alma, em virtude dos próprios sentidos do corpo, não um apetite de se deleitar na carne, mas um desejo de conhecer tudo, por meio da carne. Este desejo curioso e vão disfarça-se sob o nome de “conhecimento” e “ciência”.²⁷⁷

[...]

Confessiones X,XXXV, 55

Ex hoc morbo cupiditatis in spectaculis ex hibentur quaeque miracula. Hinc ad per scrutanda naturae, quae praeter nos est, operata proceditur, quae

²⁷² EVANS, 2000, p. 39.

²⁷³ *Confessiones* X,XXX,40, em SANTO AGOSTINHO, 1975, p. 268.

²⁷⁴ Sermão 112A sobre o filho pródigo, em SAN AUGUSTIN, 1983, p. 806.

²⁷⁵ Tradução de Jean Lauand, em LAUAND, 1998a, p. 30.

²⁷⁶ SAN AUGUSTÍN, 1974, p. 438.

²⁷⁷ Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pena, em SANTO AGOSTINHO, 1975, p. 278.

scire nihil prodest et nihil quam scire homines cupiunt.²⁷⁸

Por causa desta doença da curiosidade, exibem-se no teatro cenas monstruosas de superstição. Dela nasce o desejo de perscrutar os segredos preternaturais que afinal nada nos aproveita conhecer, e que os homens anseiam saber, só por saber.²⁷⁹

Santo Agostinho relatou, no quinto livro das *Confessiones*, que havia se distanciado do maniqueísmo justamente porque os que seguiam essa doutrina interpretavam miticamente fenômenos naturais que os físicos já haviam estudado e explicado satisfatoriamente por meio da ciência. Santo Agostinho, com o intuito de preservar os cristãos de usarem as Sagradas Escrituras como pretexto científico, reconhecia que os cientistas eram capazes de alcançar certos resultados no conhecimento do mundo, sem, contudo, esquivar-se de seu ceticismo quanto à utilidade desse conhecimento.²⁸⁰ Santo Agostinho e São Bernardo eram cautelosos nessa perspectiva, mas por motivos diferentes. O conhecimento científico era mais limitado à época do primeiro, por isso não inspirava confiança; na do segundo, por seus avanços inflava os egos.²⁸¹

É isso que sempre notamos São Bernardo destacar no trato com os filósofos: eles eram perdulários porque curiosos, insensatos e desobedientes porque soberbos. A curiosidade era a antípoda do *conhecer-se a si mesmo* porque entorpecia a alma. São Bernardo apontava somente dois momentos em que um monge, por exemplo, poderia levantar seus olhos: quando fosse pedir ajuda ou oferecê-la ao próximo.²⁸²

Os filósofos também eram desagregadores. No sermão do monge sobre os versos sapienciais de Salomão, São Bernardo indicou que eles não poderiam prescindir de atenção redobrada por parte da Igreja porque a ciência que propagavam seduzia muitos:

Sermão 33

8. Sunt quidem et alii pastores, qui dicunt se esse sodales tuos, et non sunt, habentes greges suos, et fines suos pabulo mortis refertos, in quibus pascunt nec tecum, nec per te, quorum utique terminos non intravi, nec

²⁷⁸ SAN AUGUSTÍN, 1974, p. 439.

²⁷⁹ Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de pena, em SANTO AGOSTINHO, 1975, p. 279.

²⁸⁰ CIPRIANI, 2006.

²⁸¹ *De Consideratione* Livro II.VII.14, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p.

²⁸² *De gradibus humilitatis et superbiae* X.28, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983g, p. 213.

appropriavi eis. Ipsi sunt qui dicunt: *Ecce hic est Christus, ecce illic est*, promittentes sapientiae et scientiae pascua uberiora, et creditur eis, et confluunt ad eos multi, et faciunt eos filios gehennae duplo quam se. [...] Haec sponsa propter philosophorum et haereticorum varia et vana dogmata.
²⁸³

8. Mas há outros pastores que dizem serem teus companheiros [de Cristo], mas não são. Eles têm seu próprio rebanho e pastos cheios de morte, nos quais a grei não pasta nem contigo nem para ti e em cujos limites não adentrei nem me aproximei. São eles que dizem: *Eis aqui o Cristo, ei-lo acolá*. Prometem os pastos mais férteis de sabedoria e de ciência, muitos os crêem e os seguem. Fazem-nos filhos da Geena [condenação] duas vezes mais que a si. [...] Refere-se a Esposa às teorias vãs e vazias dos filósofos e dos hereges.

A promessa de grande erudição era somente um dos atrativos daqueles que introduziam a azáfama na grei de Cristo. Havia filósofos donos de grande presença física e olhar enérgico,²⁸⁴ como Pedro Abelardo, bem conhecido de São Bernardo, havia hereges cuja conversação era melíflua,²⁸⁵ como Arnaldo de Bréscia. A união de ambos, como assim se deu, só poderia trazer para a Igreja tormento pela ofuscação da Verdade. Como não possuíam no intelecto a essência pura, clara e simples da Verdade, tratavam de empolar seus discursos para mascarar a deformidade de seu conteúdo. Para São Bernardo, a razão falsa que guiava todos dessa cepa os tornava eloquentes, mas eloquência era só o que poderiam oferecer:

Sermão 41

Hoc igitur sponsae collum, id est purus et simplex intellectus, eum nuda et aperta veritate satis per se ipsum reniteat, non indiget ornamento; sed ipsum magis, tamquam pretiosum monile, animam decenter exornat, ac proinde simile monilibus ipsis describitur. Bonum monile veritas, bonum puritas sive simplicitas, bonum plane monile sapere ad sobrietatem. Philosophorum vel haereticorum intellectus non habet hunc in se puritatis, veritatisque nitorem: et ideo multam curam gerunt ipsum colorare et fucare phaleris verborum, et versutiis syllogismorum, ne, si nudus appareat, falsi etiam appareat turpitude.
²⁸⁶

O colo da esposa, isto é, o entendimento puro e simples, não necessita de adorno algum, porque brilha por si mesma com a verdade desnuda e aberta. Ao contrário, ele mesmo, como precioso colar, adorna decorosamente sua alma e por isso é descrito semelhante aos colares. Bom colar é a verdade, a pureza e a simplicidade; bom colar é o saber sobriamente. O entendimento dos filósofos ou dos hereges não tem essa beleza própria da pureza e da verdade. Por isso se preocupam tanto em colori-lo e tecê-lo com fáleras verbais e sutis silogismos, porque se aparecessem desnudos, apareceria a deformidade de sua torpeza.

²⁸³ Sermão 33, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983d, p. 489.

²⁸⁴ ABBAGNANO, 1984, p. 77.

²⁸⁵ Carta 196, ao legado Guido (1142), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 649.

²⁸⁶ Sermão 41, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983d, p. 561.

Sermão 79

Itaque nec verbositate philosophorum, nec cavillationibus haereticorum, nec gladiis persecutorum potuit ista, aut poterit aliquando separari a charitate Dei quae est in Christo Jesu.²⁸⁷

Assim, nem a verbosidade dos filósofos, nem as cavilações dos heréticos, nem o gládio dos perseguidores puderam ou poderão ser separados da caridade de Deus, que está em Cristo Jesus.

A filosofia estoica, particularmente aquela do período senequiano (isto é, imperial), já enfatizava a necessidade da clareza e a recusa da ornamentação, considerada desnecessária, na linguagem do bom filosofar. Nesse sentido, essa admoestação de São Bernardo fez eco às lamentações de Sêneca, que também associava a pompa à escassez de conteúdo:

Livro IX, Ep. LXXV.

1. Minus tibi accuratas a me epistulas mitti quereris. Quis enim accurate loquitur nisi qui vult putide loqui? Qualis sermo meus esset si una desideremus aut ambulemus, inlaboratus et facilis, tales esse epistulas meas volo, quae nihil habent accersitum nec fictum. 2. Si fieri posset, quid sentiam ostendere quam loqui malletm.²⁸⁸

Tens-te queixado de receberes cartas minhas escritas sem grandes pruridos de estilo. Mas quem é que escreve com pruridos senão aqueles cuja pretensão se limita a uma eloquência empolada? Se nós nos sentássemos a conversar (...) o meu estilo seria coloquial e pouco elaborado; pois é assim mesmo que pretendo sejam as minhas cartas, que nada tenham de artificial, de fingido! Se isso fosse possível, eu preferia mostrar-te o que sinto, em vez de o dizer.²⁸⁹

E em outra carta, o decadentismo literário ao moral, em sua época:

Livro XIX, Ep. CXIV.

1. Quare quibusdam temporibus provenerit corrupti generis oratio quaeris et quomodo in quaedam vitia inclinatio ingeniorum facta sit, ut aliquando inflata explicatio vigeret, aliquando infracta et in morem cantici ducta; [...] 2. Quemadmodum autem uniuscuiusque actio dicendi similis est, sic genus dicendi aliquando imitatur publicos mores, si disciplina civitatis laboravit et se in delicias dedit. Argumentum est luxuriae publicae orationis lascivia, si modo non in uno aut in altero fuit, sed adprobata est et recepta.²⁹⁰

Qual a causa que provoca, em certas épocas, a decadência geral do estilo? De que modo sucede que uma certa tendência se forma nos espíritos e os leva à prática de determinados defeitos, umas vezes uma verborreia desmesurada, outras uma linguagem sincopada quase à maneira de canção? [...] O estilo é um reflexo da vida! De facto, assim como o modo de agir de cada pessoa se reflete no modo como fala, também sucede que o estilo literário imita os costumes da sociedade sempre que a moral pública é

²⁸⁷ Sermão 79, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983d, p. 985.

²⁸⁸ L. ANNAEI SENECAE EPISTULARUM MORALIUM AD LUCILIUM Livro IX, Ep. LXXV.

²⁸⁹ LÚCIO ANEU SÊNECA, 2007, p. 305;628 (cartas 75 e 114).

²⁹⁰ L. ANNAEI SENECAE EPISTULARUM MORALIUM AD LUCILIUM Livro XIX, Ep. CXIV.

contestada e a sociedade se entrega a sofisticados prazeres. A corrupção do estilo demonstra plenamente o estado de dissolução social.²⁹¹

O que Sêneca pontuava, em geral, em seu epistolário, era que a eloquência na filosofia deveria ser singela para evitar a teatralidade nas argumentações; que a dialética e os jogos silogísticos não eram menos que estratégias falaciosas para confundir o raciocínio e, conseqüentemente, o caráter do interlocutor; por fim, que a dignidade do conteúdo deveria ser preservada em detrimento da sedução estilística e literária.²⁹² O que São Bernardo apresentou como argumento, consoante ao pensamento de Sêneca, era o fato dessa mesma eloquência, na boca dos filósofos, ser obstáculo à apreensão da Verdade, tanto quanto esterilizadora das consciências nas quais adentrava.

Mas pior que tornar infecundo é plantar no meio do bom trigo o joio da contradição. Por isso, nesse campo os filósofos saíam um pouco indulgenciados, já que, embora orgulhosos, mereciam maior reprovação os hereges, como vemos em outro sermão sobre o Cântico dos Cânticos:

*Philosophorum ventosa loquacitas non bonus imber est qui sterilitatem magis intulit terris, quam fertilitatem. Multo magis prava dogmata haereticorum mali imbres sunt, quae pro fructibus spinas producunt et tribulos. Mali imbres etiam traditiones Pharisaeorum, quas Salvator redarguit, et ipsi nubes malae.*²⁹³

A loquacidade vazia dos filósofos não é boa chuva, porque trouxe à terra mais esterilidade que fertilidade. As teorias depravadas dos heréticos são chuvas muito piores, pois fazem brotar cardos e espinhos em vez de frutos. Más também são as tradições dos fariseus, contra as quais redarguiu o Salvador, pois eles mesmos são nuvens más.

A verdadeira voz é aquela que fez estulta a sapiência do mundo, disse São Bernardo. Para ele, os verdadeiros mestres eram aqueles que aprenderam com o próprio Mestre a sabedoria mais importante de todas, aquela que levava à salvação:

Sermão 36

Omnes placuerunt Deo in vita sua, vitae meritis, non scientiae. Petrus, et Andreas, et filii Zebedaei, caeterique condiscipuli omnes, non de schola rhetorum aut philosophorum assumpti sunt; et nihilominus tamen Salvator

²⁹¹ Cartas 75 e 114, em LÚCIO ANEU SÊNECA, 2007, p. 305 e p. 628.

²⁹² NEPOMUCENO, 2004, p.34.

²⁹³ Sermão 58, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983d, p.739.

per ipsos operatus est salutem in medio terrae. Non in sapientia, quae in ipsis esset plus quam in cunctis viventibus (Eccl. I, 16) (quemadmodum sanctus aliquis de semetipso confessus est), sed in fide et lenitate ipsorum salvos fecit illos, etiam et sanctos, etiam et magistros. Denique notas mundo fecerunt vias vitae, et non in sublimitate sermonis, aut in doctis humanae sapientiae verbis [...].²⁹⁴

Todos agradaram a Deus com seu gênero de vida e méritos de suas obras, não por sua ciência. Pedro, André, os filhos de Zebedeu e todos os demais discípulos não foram recrutados nas escolas dos retóricos ou dos filósofos; de fato, foram os instrumentos com os quais o Salvador levou a cabo a salvação no meio da terra. Como certo santo confessou de si mesmo, Deus não salvou nem sequer os santos ou doutores porque eram mais sábios que todos, senão que por sua fidelidade e humildade. Ensinaram ademais ao mundo o caminho da vida, não fazendo ostentação de sua eloquência ou pelo caminho da sabedoria.

Os antigos até poderiam descobrir Deus entendendo o invisível por meio das coisas criadas, mas para São Bernardo é fato que não Lhe renderam a glória que merecia por não terem podido reconhecê-Lo pela revelação do Espírito Santo.²⁹⁵ E se São Justino (que citamos anteriormente) transformava espiritualmente uma proposição paulina admitindo, em favor dos pagãos, uma razão natural que os salvaria,²⁹⁶ São Bernardo, a propósito do mesmo texto, só poderia invocar em seu tempo a Revelação contra os cristãos que se diziam filósofos, como Pedro Abelardo, porque suplantavam a fé em favor da razão, retrocediam no plano racional e colocavam a crença em perigo, ainda que tivessem infinitamente mais conhecimento da Verdade que os antigos.

Se São Paulo superava os sábios do mundo, se suas palavras eram infalíveis porque sopradas por Deus, se deter muito tempo na filosofia lógica dos gentios era perigoso. A medida do “muito” de São Bernardo tinha a ver com a precedência da prática em relação à teoria, na filosofia cristã. Se os mestres ganhavam seus títulos por sua atuação em debates, os filósofos cristãos ganhavam pela aplicação de suas palavras na vida. A soberba era seu termômetro que media a inversão ou harmonia entre a apropriação dos gregos e a superioridade da filosofia cristã, que São Bernardo interpretava em termos agostinianos como um amor tanto pela sabedoria espiritual, quanto pela intelectual.²⁹⁷

²⁹⁴ Sermão 36 sobre o Cântico dos Cânticos, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983d, p. 517.

²⁹⁵ Sermão 8, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983d, p.141.

²⁹⁶ GILSON, 2006, p. 33.

²⁹⁷ EVANS, 2000, p. 48.

Pedro Abelardo era o exemplo de um mau filósofo, porque, embora brilhante, fato que não negava, era soberbo, e a soberba não acompanha a sabedoria. Para São Bernardo, ele era sim cristão, mas desproporcionadamente admirador dos clássicos; filosofava reprovadamente não só porque sua lógica continha erros ao tentar perscrutar a Teologia, mas principalmente porque não se via refletida em sua conduta a consumação da filosofia de Cristo. Citava muitos bons filósofos cristãos, mas conspurcava a *vera philosophia* ignorando, por querer, o lugar dos clássicos e outros escritos seculares na bancada de estudos de um cristão: *ao lado* da Bíblia e das Sagradas Escrituras, mas nunca *de modo equivalente*.²⁹⁸ Pode-se dizer que o cerne das acusações de São Bernardo a Pedro Abelardo dizia respeito à prevalência, entre os parisienses, da ideia de que se podia explicar as principais verdades do cristianismo, inclusive seus mistérios, utilizando os conceitos e os métodos da filosofia pagã, o que representava um rebaixamento, para o monge, das verdades reveladas no nível das verdades humanas.²⁹⁹

Mas não se pode dizer que São Bernardo era incoerente a ponto de se queixar de tal maneira dos filósofos e elogiar, como veremos mais tarde, aqueles que, de modo doce e agradável, filosofavam para alcançar as coisas invisíveis.³⁰⁰ É tempo de entendermos que não condenava, por exemplo, o método dialético *a priori*,³⁰¹ e que o sentido em que se pode dizê-lo contra ou a favor da filosofia explica-se partindo da definição do que ele acreditava ser uma *vera philosophia* e uma *philosophia mundi*, um bom e um mau filósofo.

²⁹⁸ EVANS, 2000, p. 49.

²⁹⁹ VAUCHEZ, 1995, p. 172.

³⁰⁰ *De Consideratione* Livro V.I.3, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 189.

³⁰¹ DUBY, 1990, p. 132.

IV.3 A *humilitas* e o *nosce teipsum* dos bons filósofos

Para opor-se aos erros filosóficos, São Bernardo indicava, por sua vez, não só as matizes da filosofia ideal, essa que chamava também de *christiana*,³⁰² mas também os homens que deveriam ser louvados por a terem colocado em prática. Assim, por exemplo, ao apresentar a vida de São Clemente (35-97), quarto papa da Igreja, em um sermão, introduziu-o da seguinte maneira:

Acceperat beatus Clemens nobile genus, amplas possessiones, haereditatem multam, scientiam quoque quamplurimam, ita ut optimus quidam illius temporis philosophus haberetur. Acceperat haec universa a Domino: Dei enim dona sunt etiam haec. Fidelem ergo se probavit ei qui dederat, cum pro ejus amore universa contempsit, omnia detrimentum faciens, et arbitratus ut stercora, ut lucrifaceret Christum.³⁰³

Clemente era de nobre descendência, tinha grandes possessões, muitas heranças e uma ciência tão vasta que era considerado o melhor filósofo de seu tempo. Tudo isso recebia do Senhor, porque dele tudo procede. Por isso demonstrou a ele uma grande fidelidade quando desprezou tudo por seu amor, e considerou essas coisas inúteis como esterco, para lucrar a Cristo.

Como se vê, o título de filósofo não maculava em nada seu caráter, mesmo quando relacionado ao conhecimento do mundo, porque, além de São Bernardo não ter feito nenhuma ressalva quanto a essa imputação, o termo já possuía um histórico respeitável de uso quando descrevia os estudos dos cristãos sobre sua fé.³⁰⁴

O que se vê, ademais, é que ser filósofo para ele se relaciona diretamente com o despojamento material ensinada por Cristo. Filosofar é para a vida, para o claustro, não somente, nem principalmente, para a sala de aula. Filosofar é bem viver. Essa impressão é corroborada por outro elogio de São Bernardo, desta vez a Gilberto, que havia escolhido viver pobremente, mesmo depois de ser eleito bispo de Londres:

Carta 24

Longe satis exiit sermo quem fecisti, et magnum dedit suavitatis odorem, ad quoscunque potuit pervenire. Exstincta est avaritia; cui non suave redoleat? charitas regnat; cui dulce non sapiat? quando hoc cognoscunt omnes quia vere sapiens sis, qui sapientiae hostem maximum contrivisti: hoc certe et tuo sacerdotio dignum et nomine. Tali profecto decebat specialem tuam

³⁰² *De Consideratione* Livro III.IV.15, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 141.

³⁰³ Sermão sobre o martírio de São Clemente, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983f, p. 648.

³⁰⁴ EVANS, 2000, p. 48.

philosophiam clarescere testimonio, hoc praeclara illa tua studia fine compleri. Vera illa et indubitata sapientia est, quae turpia lucra contemnit, et indignum sibi iudicat eodem cum idolorum servitute contubernio frui.³⁰⁵

Faz muito tempo que se divulgou a notícia do que fizeste e exalou um suave perfume a quantos pode chegar. Extinta a avareza, a quem não exala este suave perfume? Reina o amor, a quem não parecerá doce? Todos sabem que és um sábio e que massacreste o pior inimigo da sabedoria, o que é certamente digno de tua fama e de teu sacerdócio. Com efeito, foi muito oportuno que tua especial filosofia tenha brilhado ainda mais com semelhante testemunho, e que tenha sido o arremate final de teus brilhantes estudos. É verdadeira e segura sabedoria a que despreza o torpe lucro e pensa que é digno dela o contubérnio para o serviço dos ídolos.

O pior inimigo da sabedoria era a soberba. Estes homens só filosofaram bem, por assim dizer, porque foram humildes o suficiente para não colocarem a glória de seus cargos acima da verdadeira finalidade da vida, que era alcançar a fonte de todos os bens, o próprio Cristo.

Em um sermão sobre o sétimo versículo do salmo 90, *Qui habitat*, São Bernardo tratou da queda dos homens em termos simbólicos. A primeira interpretação que deu sobre a esquerda e a direita referidas no versículo é de que estes dois lados representavam a Igreja em sua divisão material e espiritual, respectivamente, numa dualidade interna ao homem (carnal-espiritual) muito comum em seus escritos. Assim, quando se lia nas Escrituras que caíam mais à direita que à esquerda, para São Bernardo isso significava que os homens espirituais eram combatidos com maior violência do que os carnis. Em uma aplicação individual, ademais, também se poderia extrair que o inimigo dos homens se esforçava para ferir a direita com muito mais presunção, e a esquerda com mais astúcia. Ele trabalhava com mais afinco, ademais, ao tentar roubar dos homens a realidade espiritual, onde a luta decidiria definitivamente a glória dos vencedores e a escravidão dos vencidos. O caminho para a vitória ele indicou nestes termos:

12. Denique propter hoc, non quidem ad insipientiam vobis, tundendum libere adversario videmini latus exposuisse sinistrum, ut dexterum proinde tota sollicitudine conservetis. Haec nimirum commendata a Christo, et Christianis omnibus imitanda serpentis prudentia est, ut caput solum toto, si necesse fuerit, exposito corpore tueatur. Haec vera philosophia, hoc consilium Sapientis, ut omni custodia servetur cor, quia ex ipso vita procedit (Prov. IV, 23).³⁰⁶

³⁰⁵ Carta 24, a Gilberto, bispo de Londres (1128-1134), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 171.

³⁰⁶ Sermão 7 sobre o salmo 90, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983e, p. 503.

Finalmente, e não lhes digo nenhum disparate, expusestes vosso lado esquerdo para que livremente o golpeasse o inimigo, e assim defender o direito com maior atenção. Isto precisamente recomendou Cristo, e todos os cristãos devem segui-lo: imitar a astúcia da serpente, que quando necessário, expõe todo seu corpo para defender somente sua cabeça. Esta é a verdadeira Filosofia e o conselho do sábio: Por cima de tudo, guarda teu coração, porque dele brota a vida.

O homem que deixa que golpeem seus bens materiais com o intuito de proteger sua fé prática, então, a filosofia de Cristo, que é suportar os achaques de um mal menor em vista do lucro de um bem maior. Em outro sermão, sobre as três classes de glória, São Bernardo defendeu esta filosofia também como produtora de uma glória santa, tal qual a indicada por São Paulo nas Escrituras. A glória pertence exclusivamente ao Criador, mas sendo o homem criatura racional feita à sua imagem, é quase incapaz de reprimir esse desejo. A inspiração de São Paulo foi de que, já que era impossível não ser orgulhoso, que este orgulho fosse ancorado em Cristo.

E, nessa perspectiva, São Bernardo não deixou de aludir a alguns filósofos antigos, provavelmente os de linha socrática e estoica, que tiveram a sensatez de compreender que as honras do mundo não eram a verdadeira glória:

1. Et considera quantum superexcedat Pauli philosophia philosophiam sapientium mundi hujus, quae nimirum stultitia est apud Deum (I Cor. III, 19). Cum enim nonnullos viderint philosophi alienis delectari laudibus, et gloriam ab invicem quaerere; qui inter eos fuere praecipui, prudenter adverterunt vanam esse hujuscemodi gloriam, et penitus contemnendam.³⁰⁷

1. Considera quanto supera a filosofia de Paulo a dos sábios deste mundo, que é estultícia junto de Deus. Pois os mais famosos deles viram que muitos homens buscavam os louvores e a honra dos outros, e compreenderam que era pura vanglória, e internamente a desprezaram.

Ainda que se equivocassem esses antigos porque afirmavam que a glória à qual deveria aspirar o sábio era a sua própria, como se a alma pudesse ser a fonte dessa felicidade, não sendo ela mesma nem a fonte de sua própria existência. São Bernardo chamava essa filosofia de suprema (*summa*), porque ao menos por um lado acertava em excluir os bens materiais como partícipes da felicidade.

³⁰⁷ Sermão 7, sobre as três classes de glória, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1988, p 91.

São Bernardo sabia que, constringido a dar mais espaço à Filosofia a fim de salvaguardar a Verdade, tinha de fazê-lo mediante a fidelidade à tradição, indubitavelmente. Para tanto, cumpre definir e organizar sua aderência a uma filosofia específica, que é filosofia moral de Santo Agostinho, Sêneca, Sócrates, Cícero e Boécio. Filosofia que, sobretudo, cumpria seu papel de significar a realidade humana em relação às coisas divinas e cujos argumentos, ainda que da parte de pagãos, corroboravam a visão cristã da realidade.

O *De Consideratione*, ainda que tenha sido o último tratado de São Bernardo, foi o primeiro no qual o cisterciense quis apresentar uma definição mais apurada do termo Filosofia e, a partir daí, sua realidade prática.

IV.4 A definição de *consideratio* no *De Consideratione*

São muitos os sinais de que a consideração de que São Bernardo fala em seu último tratado e a Filosofia eram entendidas, de algum modo, como sinônimas pelo cisterciense. A consideração era um corpo de regras filosóficas – éticas e morais – e diligências estabelecidas para certa investigação, ação eminentemente exploradora e ativa,³⁰⁸ mas que não prescindia de certo aparato teórico para que fosse posta em prática. Considerar era filosofar (socrática e cristãmente), e como São Bernardo tivesse de explicar em que consistia essa ação, estabeleceu no segundo livro do tratado pela primeira vez limites mais precisos sobre ela.

Definiu-a assim, cotejando-a com outro termo familiar à filosofia tradicional, a *contemplação (contemplatio)*, e utilizando a relação entre ambas como veículo principal de seu pensamento:

Livro II.2.5.

Et primo quidem ipsam considerationem quid dicam, considera. Non enim idem per omnia quod contemplationem intelligi volo, quod haec ad rerum certitudinem, **illa ad inquisitionem magis se habeat**. Iuxta quem sensum potest contemplatio quidem diffiniri, verus certusque intuitus animi de quacunque re, sive apprehensio veri non dubia, **consideratio autem intensa ad vestigandum cogitatio**, vel intentio animi vestigantis verum. Quanquam soleant ambae pro invicem usurpari.³⁰⁹

³⁰⁸ EVANS, 2000, p. 54.

³⁰⁹ SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 88.

Livro II.2.5.

Antes de tudo, considera o que eu entendo ser propriamente a consideração. Não quero que seja identificada totalmente com a contemplação, pois esta se ocupa da certeza das coisas, aquela mais de sua investigação. A contemplação pode ser definida como uma penetração certa e segura da alma sobre qualquer coisa, ou uma apreensão da verdade que exclui toda a dúvida. Por outro lado, a consideração é a intensa reflexão do entendimento ou a intenção da alma para descobrir a verdade. De modo geral, é costume usar ambos os termos recorrentemente.

Contemplação e consideração eram, efetivamente, atividades intelectuais,³¹⁰ muito próximas. Nesse sentido, São Bernardo não esgotou seu posicionamento sobre a consideração frente às definições no trecho acima, pois adicionou uma nova perspectiva a ela na abertura do último livro do tratado:

Livro V.1.1

Libri superiores, etsi *De consideratione inscribantur*, plurimum tamen habent actionis admixtum, dum res aliquas non considerandas tantum, sed agendas docent vel movent. At qui in manibus modo est, sola in consideratione versabitur. Quae enim supra sunt - id quidem instat-, actu non indigent, sed inspectu.³¹¹

Os livros anteriores, embora os tenhamos nomeado *Da Consideração*, mesclam muitos temas condizentes à ação, de tal modo que não ensinam ou aconselham somente acerca do que deverias considerar, mas também praticar. Este que está em tuas mãos, entretanto, versará exclusivamente sobre a consideração. As coisas que estão acima de ti, das quais trataremos, não requerem ação, mas observação.

Parece, à primeira vista, que em vez de solucionar o questionamento anterior, a passagem sofisticou-o ainda mais. Se São Bernardo não estava tratando nos livros anteriores da consideração propriamente dita, de que então estava a falar? A resposta só se torna clara quando, em trecho posterior, vemo-lo cingir a consideração triplamente, administrando a cada um de seus graus o adjetivo que mais lhe convinha. Sob sua perspectiva, teológico-filosófica, diríamos que a consideração é trindade na unidade e, se vale a analogia, semelhante à divisão que se tem de Deus *Pai*, Deus *Filho* e Deus *Espírito Santo*, ressaltando-se, com efeito, que na trindade da consideração bernardina há uma importante hierarquia a ser respeitada. Para São Bernardo, no Quinto Livro eram três os graus de consideração:

Livro V.II.4.

³¹⁰ LEGE, 2011, p. 23.

³¹¹ SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p.

Vis tibi has considerationis species propriis distingui nominibus? Dicamus, si placet, primam dispensativam, secundam aestimativam, tertiam speculativam. Horum nominum rationes definitiones declarabunt. Dispensativa est consideratio sensibus sensibilibusque rebus ordinate et socialiter utens ad promerendum Deum. Aestimativa est consideratio prudenter ac diligenter quaeque scrutans et ponderans ad vestigandum Deum. Speculativa est consideratio se in se colligens, et, quantum divinitus adiuvatur, rebus humanis eximens ad contemplantum Deum.³¹²

4. Pois bem, queres que distingamos essas três espécies de consideração por seus nomes próprios? Se assim o quiser, chamemos então a primeira de **dispensativa**, a segunda de **estimativa** e a terceira de **especulativa**. As definições deixarão os significados de cada um dos termos mais claros. Dispensativa é a consideração que se serve dos sentidos e das realidades sensíveis, ordeira e harmonicamente, para ganhar a Deus. Estimativa é a consideração que, prudente e diligentemente, tudo perscruta e pondera a fim de alcançar o conhecimento de Deus. Especulativa é a consideração que, recorrendo a si mesma e com a ajuda divina, esquivava-se das coisas humanas para contemplar a Deus.³¹³

Pista mais forte que a utilização do verbo *contemplar* (*contemplare*) Bernardo não nos poderia oferecer. *Consideração* e *contemplanção* eram sinônimas quando se tratava, pois, da consideração *especulativa*, aquela que, culminando maximamente em êxtases, consistia não em um ato de razão, mas de inteligência. Em adição, *consideração* e *Filosofia* acolhiam-se mutuamente quando àquela chamamos, na visão de São Bernardo, de *estimativa*. Cumpre ressaltar, ademais, que antes mesmo de denominar as três considerações, São Bernardo já havia optado por dissertar sobre a estimativa utilizando um gerúndio que, nos parece, não deixou de insinuar uma aproximação imediata com a Filosofia:

Livro V.1.3.

Magnus ille, qui usum sensuum, quasdam veluti civium opes, expendere satagit, dispensando in suam et multorum salutem. Nec ille minor, qui hunc sibi gradum ad illa invisibilia philosophando constituit, nisi quod hoc dulcius, illud utilius, hoc felicius, illud fortius esse constat. At omnium maximus, qui, spreto ipso usu rerum et sensuum, quantum quidem humanae fragilitati fas est, non ascensoriis gradibus, sed inopinatis excessibus, avolare interdum contemplanando ad illa sublimia consuevit. Ad hoc ultimum genus illos pertinere reor excessus Pauli: excessus, non ascensus, nam raptum potius fuisse, quam ascendisse ipse se perhibet. Inde est quod dicebat: *Sive mente excedimus, Deo.*³¹⁴

Grande é aquele que usa de seus sentidos corporais, bem comum a todos os homens, preocupando-se em dispensá-los em proveito não só de si mesmo, mas de muitos. Não é menor o que elege seus sentidos como meio de alcançar, filosofando, as coisas invisíveis. A diferença é que este modo é mais doce e agradável; aquele, mais útil e penoso. De fato, o maior de

³¹² SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 190.

³¹³ SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 191

³¹⁴ SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 188.

todos é aquele que, tendo desprezado o uso dessas realidades e sentidos tanto quanto permite a fragilidade humana, acostumou-se a voar não por graus ascendentes, mas por inesperados êxtases, acima das coisas mais sublimes por meio da contemplação. Creio que a esse último gênero pertençam os êxtases de Paulo: eram êxtases, não ascensões [dos sentidos], pois ele mesmo diz que mais que subir, se sentia arrebatado. Por isso dizia: *Se ficamos arrebatados fora dos sentidos, é por Deus.* (grifo nosso)

A ligação entre os três graus se dava nos seguintes termos: enquanto os dois primeiros eram caminhos que, unidos, concorriam verso ao terceiro, este, por sua vez, só se alcançava se aqueles, como etapas, fossem superados. Note-se bem que nunca afirmou São Bernardo que todos, tendo posto em prática as duas primeiras considerações, necessariamente conseguiriam alcançar a terceira, senão que, quem desfrutava desta última, obrigatoriamente teve de passar pelas anteriores. São Bernardo não separou em blocos distintos de apreensão do cognoscível (visível ou invisível) os três graus da consideração, senão que estabeleceu entre eles uma relação de ascendência, perfeição e correlatividade.

A primeira consideração era a que *desejava*; a segunda, a que *farejava*. Ambas eram volitivas e uniam-se em uma espécie de matrimônio impetuoso a fim de alcançarem, ainda que mais lentamente, o que a terceira já *saboreava*³¹⁵ em êxtase, fruto máximo que a passividade humana conjugada à atividade divina poderia oferecer ao homem. É como se, interpretemos, numa fração de segundo a consideração especulativa (contemplação) pudesse degustar por inteiro o que as outras duas só pudessem ao longo de toda uma jornada terrestre.

A consideração dispensativa era laboriosa, penosa, útil e potente. A estimativa (filosófica) era calma, doce, livre e agradável.³¹⁶ A união de ambas era o encontro de opostos, pode-se dizer, mas um contato sobremaneira positivo para a Filosofia, quando esta buscava a virtude e a verdade, com o auxílio da graça. É bem possível traduzir deste modo o que São Bernardo não categorizou, mas nos parece que indicou com muita probabilidade: não havia quem contemplasse Deus sem antes ter filosofado.

³¹⁵ SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 191.

³¹⁶ SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 191.

Sigamos, porém, a outra dúvida à qual o primeiro trecho citado nos levou: se, de acordo com o excerto, pode-se pensar que São Bernardo não quis que a consideração fosse totalmente identificada com a contemplação, por outro lado, quis dizer que, de fato, certa identificação era pressuposta e consentida por alguns de seus contemporâneos.

Embora não tenha deixado explícito no tratado a quais fazia referência, podemos preencher a lacuna dessa contextualização com Ricardo de São Vítor (c.1110-1173), por exemplo, monge agostiniano cuja inserção na história da Filosofia se dá na esteira da tradição mística e contemplativa de seu predecessor, Hugo de São Vítor (1096-1141). Ricardo era dono de obras de grande destaque exegético, dentre as quais uma sobre a Trindade e duas sobre a vida contemplativa, quais sejam estas últimas *Benjamin minor* e *Benjamin maior*. Neste, acréscimo da exegese alegórica iniciada no anterior, Ricardo julgou por bem investigar a definição da contemplação (*contemplatio*) determinando em que diferia ela do pensamento (*cogitatio*) e da meditação (*meditatio*). Para ele,

Cap. III

Cogitatio serpit, meditatio incedit et ut multum currit. Contemplatio autem omnia circumvolat, et cum voluerit se in summis librat. Cogitatio est sine labora et fructu. In meditatione est labor cum fructu. Contemplation permanent sine labore cum fructu. In cogitatione evagatio, in meditatione investigatio, in contemplatione admiratio. Ex imaginatione cogitatio, ex ratione meditatio, ex intelligentia contemplatio. Ecce tria ista, imaginatio, ratio, intelligentia. Intelligentia obtinet supremum locum, imaginatio infimum, ratio medium. Omnia quae subjacent sensui inferiori, necesse est ea etiam subjacere sensui superiori.³¹⁷

O pensamento arrasta-se, a meditação caminha ou, quando muito, corre. Mas a contemplação voa e, se quiser, se eleva às alturas. O pensamento é sem trabalho e sem fruto. Na meditação há trabalho com fruto, na contemplação, sem trabalho, permanece o fruto. No pensamento temos divagação, na meditação investigação, na contemplação admiração. O pensamento provém da imaginação, a meditação da razão, a contemplação da inteligência. Eis três coisas diversas: a imaginação, a razão e a inteligência. A inteligência possui o lugar supremo, a imaginação o ínfimo, e a razão o intermediário. Todas as coisas que estão submetidas ao sentido inferior, é necessário que o estejam submetidos também ao sentido superior.³¹⁸

A contemplação, para ele, fazia movimentos ascendentes e descendentes, variava segundo a pessoa e o objeto que esta perseguia. Quando o pensamento transitava

³¹⁷ RICHARDUS S. VICTORIS, *Benjamin Major*, cap. III.

³¹⁸ RICARDO DE SÃO VÍTOR, *Benjamin Maior*, cap. III.

da divagação para o desejo de conhecer, passava a ser meditação. Nesta, quando a verdade era longamente buscada, excedia-a a admiração e se chegava, por fim, à contemplação. Por sua efemeridade, os movimentos na alma não ocorriam tão uniformemente quanto a escrita poderia sugerir.

Não se pode dizer que o pensamento, a meditação e a contemplação de Ricardo de São Vítor se assemelhavam completamente às três considerações de São Bernardo. Porque ainda que, à primeira vista, a meditação do vitorino e a consideração estimativa do cisterciense tivessem uma mesma origem, qual seja, a razão, ocorre que Ricardo de São Vítor deu à contemplação qualidades muito mais ativas que São Bernardo propunha à consideração especulativa.

Ricardo dizia que a contemplação tinha seis gêneros completamente distintos entre si: dois na imaginação, dois na razão e dois na inteligência. Em São Bernardo, certamente esses gêneros não tinham correspondência, porque, enquanto Ricardo fazia várias distinções na contemplação, São Bernardo, ao contrário, reservava a esta definição um quinhão superior, aquele que consistia somente em êxtases. Em alguns de seus sermões sobre o *Cântico dos Cânticos*, já havia comentado que a contemplação, por sua seguridade, era apoteótica, consumação de amor e plenitude de conhecimento.³¹⁹ Isso, em sua visão mais generosa, abria o ser a uma nova dimensão, a *extática*, na qual a comunicação com Deus se daria sem extravios.

Ainda que Ricardo tenha citado seu mestre (e amigo de São Bernardo) Hugo de São Vítor para indicar que ele definia a contemplação da seguinte maneira:

A contemplação é uma visão livre e perspicaz da alma que abarca as coisas que examina, enquanto que a meditação é uma aplicação perseverante da mente, insistindo com diligência em algo a ser investigado.³²⁰

O que se sabe é que essa definição de contemplação era somente uma das propostas por Hugo. A segunda, que ele chamava de especulativa, coincidia mais com a de São Bernardo do que aquela:

³¹⁹ EVANS, 2000, p. 55.

³²⁰ HUGO DE SÃO VÍTOR, *Opúsculo sobre o modo de aprender e de meditar*.

Há, porém, dois gêneros de contemplação. Um deles, que é o primeiro e que pertence aos principiantes, consiste na consideração das criaturas. O outro, que é o último e que pertence aos perfeitos, consiste na contemplação do Criador.

No livro dos Provérbios, Salomão principiou como que meditando; no Eclesiastes elevou-se ao primeiro grau da contemplação; finalmente, no Cântico dos Cânticos transportou-se ao supremo.

Para que, portanto, possamos distinguir estas três coisas pelos seus próprios nomes, diremos que a primeira é meditação; a segunda, especulação; a terceira, contemplação.³²¹

Dizemos que coincidia mais e não completamente porque, como se vê, São Bernardo chamava a contemplação em si de consideração **especulativa**, enquanto Hugo chamava assim somente seu primeiro grau.

O que podemos compreender, afinal, é que era noção comum, entre os pensadores cristãos medievais, de que o fazer filosófico era um percurso da razão que deveria conduzir a alma, com a tocha acesa da investigação, à contemplação de Deus. Em segundo lugar, que talvez São Bernardo quisesse poupar o termo *meditatio*, que utilizava largamente ao se referir aos estudos dos monges sobre as Sagradas Escrituras, de mais uma interpretação.

Vejamos que o *De Consideratione* fora um tratado dirigido a um monge professo, mas não para tratar de assuntos estritamente religiosos, e sim político-filosóficos. Ricardo e Hugo de São Vítor estavam no campo da mística quando trataram da contemplação. É por essa perspectiva que podemos compreender São Bernardo preocupado em indicar não somente a Eugênio, mas a todos os que lessem este tratado, que ele não o estava associando, à primeira vista, a ela. O preciosismo linguístico de São Bernardo nos mostra que estava dando um voto de confiança à Filosofia, e para situá-la em um patamar prático, esclareceu como deveria ser aplicada.

³²¹ HUGO DE SÃO VÍTOR, *Opúsculo sobre o modo de aprender e de meditar*.

IV.5 A prática do *nosce teipsum* no *De Consideratione*

Vários eram os motivos que levavam o homem a se esquecer da consideração. Por isso São Bernardo teve de tratar do ócio e, por consequência, da dificuldade que havia para Eugênio de pô-la em prática logo no primeiro livro do *De Consideratione*:

Livro I.IX.12.

Quid tamen? Si te philosophiae huic totum repente devoveris, praedecessores tui non ita consueverunt: eris molestus quam pluribus, quasi qui a patrum vestigiis subito deviaveris; nempe id videberis agere in suggillationem illorum. Sed et notabere vulgari proverbio: *Qui hoc facit quod nullus, mirantur omnes*, veluti qui cupias admirationi fore.³²²

Que aconteceria se de repente te dedicasses totalmente a essa filosofia, coisa que teus predecessores não tiveram o costume de fazer? Serias importunado por muitos, como se tivesses te desviado das pegadas de teus pais e, subitamente, maculado sua memória. Além disso, serias conhecido pelo provérbio “fazei o que ninguém faz e serás observado por todos”, como se desejasses ser admirado.

Com efeito, e provavelmente devido à profunda crise político-religiosa da época, mais pareceria o *ócio santo*, como chamou São Bernardo no trecho acima, lavra de negligência para com os problemas da Cristandade e incúria pelo insucesso em resolvê-los. Aos olhos de muitos, supôs, aconselhar o papa a distanciar-se dos trâmites mais burocráticos do sistema administrativo da Igreja espelharia grave rompimento com o enfrentamento de mundo que tornou Inocêncio II (1130-1143), Celestino II (1143-1144) e Lúcio II (1144-1145) credores de mérito, nesse sentido.

São Bernardo distinguiu claramente o ócio e a ociosidade em algumas partes do tratado, afirmando que era dever evitar o *otio in otium*³²³, isto é, a ociosidade no ócio, porque a *otiositas* era a mãe das frivolidades e madrasta das virtudes.³²⁴ Eliminar da teoria popularesca todo aspecto negativo que se tivesse sobre o ócio atrelado à consideração era, ao mesmo tempo, revestir Eugênio de seu caráter mais monástico e desnudá-lo das atividades menos pressurosas. Era preciso provar que poupar tempo para este hábito não era se entregar à permissividade, mas se deixar ciceronear pela ação mais lucrativa a si e a todos, porque era pela consideração filosófica que se antecipava, se ordenava e se examinava todas as ações:

³²² Em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 74.

³²³ *De Consideratione* Livro II.XIII.22, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 115.

³²⁴ *De Consideratione* Livro II.XIII.22, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 115.

Livro I.VII.8

Et primum quidem ipsum fontem suum, id est mentem, de qua oritur, purificat consideratio. Deinde regit affectus, dirigit actus, corrigit excessus, componit mores, vitam honestat et ordinat, postremo divinarum pariter et humanarum rerum scientiam confert. Haec est quae confusa disternat, hiantia cogit, sparsa colligit, secreta rimatur, vera vestigat, verisimilia examinat, ficta et fucata explorat. Haec est quae agenda praeordinat, recogitat acta, ut nihil in mente resideat aut incorrectum, aut correctione egens.³²⁵

A primeira que purifica a alma, a própria fonte da qual nasce, é a consideração. Ademais, ela rege os afetos, dirige as ações, corrige os excessos, modera a conduta, enobrece e ordena a vida e compara o conhecimento humano aos mistérios divinos. Essa é a que põe ordem no que está confuso, harmoniza as dissensões, reúne os dispersos, sonda os segredos, investiga a verdade, examina as aparências, explora o fingimento das mentiras. Essa é a que prevê o que se deve fazer, repensa as ações para que não reste na alma nenhuma incorreção nem nada que deva ser corrigido.

A consideração era útil para o bom governo, dos outros e de si mesmo, e nisso o reforço pela vacância proposto por São Bernardo ganhou indubitavelmente ares senequianos. Em *De Otio*, Sêneca havia afirmado que não existia momento mais apropriado para servir à República, isto é, a um governo, que o do ócio, porque nele se tinha a chance única de reflexão sobre questionamentos de ordem moral, política e religiosa e, mais ainda, na contemplação desses vieses, de dar testemunho das obras de deus. Sêneca disse que não havia como orientar-se fora do retiro, nem firmar-se em um propósito em meio a um mundo no qual flutuamos de um lado a outro, desejamos e abandonamos, alternamos entre penitência e cupidez.³²⁶ A natureza fez o homem para a ação e para a contemplação, e o sumo bem consistia em viver nesse estado. São Bernardo reforçou essa perspectiva, que primeiramente era de Sêneca, também por uma visão inquestionável em sua lógica e tradicional em seu apelo, a de que à consideração e ao ócio santo iam atreladas definições muito mais ligadas à adoração de Deus que se costumava pensar:

Livro I.VI.8.

Nam si liceret quod deceret, absolute per omnia et in omnibus praeferendam, et vel solam, vel maxime colendam eam, quae ad omnia valet, id est pietatem, prorsus irrefragabilis ratio monstrat. Quid sit pietas quaeris? Vacare considerationi. Dicas forsitan in hoc dissentire ab illo, qui pietatem deffinivit cultum Dei. Non est ita. Si bene consideras, illius sensum meis expressi verbis, licet ex parte. Quid enim tam pertinens ad cultum Dei,

³²⁵ Em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 70.

³²⁶ SENECA *De Otio* I.1.2.

quam quod ipse hortatur in Psalmo: *Vacate et videte quoniam ego sum Deus, quod quidem in partibus considerationis praecipuum est?*³²⁷

Se é lícito, então, agir de acordo com o que melhor convier, o que se deve preferir sempre e em toda ocasião com um valor absoluto é a piedade, pois a razão nos mostra, indiscutivelmente, que é algo útil a todos. Perguntas-me: “Que é a piedade?” É dedicar-se à consideração. Talvez me digas que nessa definição eu me diferencie dos que definem a piedade como um culto a Deus. Não é assim. Se pensares bem, minhas palavras em parte coincidem com ela. Verdadeiramente, o que é mais pertinente ao culto a Deus do que o que pede o Salmo: *Parai, e reconhecei que eu sou o Deus?* Não consiste precisamente nisso a consideração?

Em sentido primevo, apiedar-se é ter para com a divindade o culto que lhe é devido, conscientizar-se da onipotência divina de modo a se pagar, com caridade, a caridade recebida em doação. É como um débito natural do que sobrenaturalmente se recebeu. Para São Bernardo, era nos momentos de ócio santo que se filosofava, mas isso só se fazia adequadamente se o desejo último do homem fosse o de prestar culto a Deus.

A consideração nascia da alma, parte mais nobre do homem – porque mais próxima de Deus – e fazia com que se comparassem os conhecimentos humanos aos mistérios divinos. São Bernardo, nesse sentido, não estava longe de Isidoro de Sevilha, por exemplo, que em sua *Etymologiae*, a par de uma coleção de definições clássicas, dizia ser a Filosofia *a compreensão das coisas humanas e divinas unida ao estudo do bem viver (rerum humanarum divinarumque cognitio, cum studio bene vivendi coniuncta)*. Eis mais uma evidência, afinal, de que a consideração de que fala São Bernardo é consoante à Filosofia de Sócrates, de Sêneca e de outros moralistas. A compreensão de São Bernardo era tão firme quanto à sua necessidade que chegou a dizer que não proporcionar à consideração o ócio santo e benéfico era o mesmo que se entregar à morte.³²⁸

Não se pode deixar de notar que, em sua coleção de premissas, São Bernardo também se defendeu com imunidade agostiniana. Sobre o ócio e a contemplação havia dito Santo Agostinho, em sua obra *De Civitate Dei*:

Livro XIX, cap. XIX.

³²⁷ Em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 68.

³²⁸ *De Consideratione* Livro I.8.11, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 75.

Nihil sane ad istam pertinet civitatem quo habitu vel more vivendi, si non est contra divina praecepta, istam fidem, qua pervenitur ad Deum, quisque sectetur; unde ipsos quoque philosophos, quando Christiani fiunt, non habitum vel consuetudinem victus, quae nihil impedit religionem, sed falsa dogmata mutare compellit. Unde illam quam Varro adhibuit ex Cynicis differentiam 53, si nihil turpiter atque intemperanter agat, omnino non curat. Ex tribus vero illis vitae generibus, otioso, actuoso et ex utroque composito, quamvis salva fide quisque possit in quolibet eorum vitam ducere et ad sempiterna praemia pervenire, interest tamen quid amore teneat veritatis, quid officio caritatis impendat. Nec sic esse quisque debet otiosus, ut in eodem otio utilitatem non cogitet proximi, nec sic actuosus, ut contemplationem non requirat Dei. In otio non iners vacatio delectare debet, sed aut inquisitio aut inventio veritatis, ut in ea quisque proficiat et quod invenerit ne alteri invideat.

Na realidade, não importa nada a tal cidade o gênero de vida adotado por quem abraça a fé que leva a Deus, contanto que não vá de encontro aos preceitos divinos. Por isso, os filósofos que se fazem cristãos não se veem obrigados a mudar de padrão de vida, se não o impede a religião, mas a abdicar das falsas doutrinas. É-lhe, assim, indiferente a distinção que Varrão assinalou nos cínicos, contanto que nada se faça contra a honestidade e a temperança. Quanto aos três gêneros de vida, o ocioso, o ativo e o misto, embora, sem prejuízo da fé, cada qual possa escolher o que lhe a grade e chegar por ele aos prêmios eternos, interessa considerar o que o amor à verdade nos dá e o que o dever de caridade nos pede. Ninguém deve, com efeito, entregar-se de tal maneira ao ócio, que se esqueça de ser útil ao próximo, nem de tal maneira à ação, que se esqueça da contemplação de Deus. No ócio não se deve amar a inação, mas a busca e encontro da verdade, a fim de cada qual progredir em tal conhecimento e não invejar ninguém³²⁹

Na visão de Santo Agostinho, o neófito era livre para escolher entre suficientes três, o gênero de vida que mais lhe tocava na conveniência; era livre, mais ainda, para manter o de outrora, se não lhe tornar incoerente e titubeante em sua nova fé. A Filosofia antiga, em certos pontos de moral, convergia à cristã, e Santo Agostinho bem sabia disso. O respeito à pluralidade intelectual e espiritual repelia o que em uma hierarquia se poderia ter de depreciativo e estimularia o que nela se movia por colaboração. Interessa saber, contudo, que os três gêneros de vida admitiam uma flexibilidade que pusesse à prova sua utilidade. Se o próximo encontrava-se em necessidade, era correto que a contemplação cedesse seu lugar à ação, mas o contrário também era verdadeiro. Disse isso também São Bernardo a Eugênio, em outras palavras, quando sublinhou que não lhe estava exortando a *romper* por completo com a parte jurídica da Igreja – porque dentre tantas inconvenientes, algumas apelações, ainda que mínimas, eram justas – senão que o estava incitando a *interrompê-las* quando conviesse sanar o abuso.³³⁰

³²⁹ AGOSTINHO, 2012, p. 483-484..

³³⁰ *De Consideratione* Livro I.IV.5, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 63.

Uma vida voltada somente à consideração e à contemplação, quando a ação se fizesse necessária, era tão prejudicial quanto uma vida ativa que não prevesse tempo para a consideração:

Livro I.VII.8

Quid denique tam ad omnia valens quam quae ipsius quoque actionis partes benigna quadam praesumptione suas facit, praeagendo quodammodo et praeordinando quae agenda sunt? Necessario sane, ne forte quae et praevisa et praemeditata poterant esse proficuo, praecipitata magis periculo fiant, quod tibimet, si recordaris in ipsis actionibus causarum, et in magnis quibusque negotiis magnarumve consiliis rerum, frequenter accidisse non ambigo.³³¹

Ademais, há algo mais útil para todos, de certo modo, que saber antecipar uma ação, ordenando previamente o que se deve fazer por meio de um exame prudente? Isso é fundamental para que coisas que poderiam ter sido previstas e consideradas com antecedência não corram o risco de serem feitas precipitadamente. Não duvido que algo assim, às vezes, tenha ocorrido contigo, se recordares os processos, as deliberações mais importantes e outros assuntos.

Era consoante à justiça que o papa lidasse com questões de cunho jurídico, mas não era contra esta virtude dedicar tempo à consideração, justamente porque era ela que aperfeiçoava a justiça, que consistia em não fazer ao outro o que não desejava que fosse feito consigo mesmo (como diz o Evangelho), e não negar ao outro o que desejava para si.³³² Não era possível que Eugênio lhe replicasse viver a paciência e a entrega total de que falava São Paulo aos Coríntios³³³ ao se dedicar exclusivamente aos litígios e a todo tipo de gente censurável, porque a virtude estava em se manter no justo meio, e o excesso de paciência³³⁴ transformava-se em escravidão aos vícios de todos.

O homem moderado progredia nas virtudes, nas decisões e nas relações interpessoais, para São Bernardo, quando considerava a relação que tinha consigo mesmo, ou melhor, sua consciência, antes de qualquer outro ser humano. Por isso ele dizia que a doação pessoal de Eugênio deveria ser profundamente marcada pela posse que deveria ter de si mesmo, e iniciava sua admoestação socrática do *nosce teipsum* advertindo que é falsa humanidade aquela que se diz plena quando

³³¹ *De Consideratione* Livro I.VII.8, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 68.

³³² *De Consideratione* Livro I.VIII.10., em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 73.

³³³ I Cor. 9,19.

³³⁴ Lembremos o que já dissemos em páginas anteriores que, como se lê no tratado, as virtudes não eram virtudes em si mesmas, mas dependendo do modo como eram praticadas.

pretende envolver todos os seres e esquecer-se de quem a dispensa:

Livro I.V.6.

Audi ergo quid redarguam, quid suadeam. Si quod vivis et sapis, totum das actioni, considerationi nihil, laudo te? In hoc non laudo. Puto quod et nemo, qui a Salomone audierit: *Qui minoratur actu, percipiet sapientiam*. Certe nec ipsi actioni expedit consideratione non praeveniri. Si item totus vis esse omnium, instar illius qui omnibus omnia factus est, laudo humilitatem, sed si plena sit. Quomodo autem plena, te excluso? Et tu homo es. Ergo ut integra sit et plena humanitas, colligat et te intra se sinus qui omnes recipit. Alioquin quid tibi prodest, iuxta verbum Domini, si universos lucreris, te unum perdens? Quam ob rem, cum omnes te habeant, esto etiam tu ex habentibus unus.³³⁵

Escuta minha repreensão e meu conselho. Se tua vida e teu saber dedicas à ação e nada reservas à consideração, como eu poderia te felicitar? Não, louvar nisso não te louvo. Creio que ninguém que tenha ouvido Salomão também te louvaria: O letrado adquire sabedoria no tempo do ócio, e o que tem poucas ocupações alcançará a sabedoria. Pois certamente as ações não ganham se não são acompanhadas de um tempo dedicado à consideração. Se quiseres ser tudo para todos, à semelhança do que se fez tudo para todos, louvo tua humanidade, contanto que seja plena. Mas como pode ser plena essa humanidade se dela mesma te exclusis? Tu também és homem. Logo, para que seja íntegra e plena tua humanidade, adentra também no seio que acolhe todos os homens. Do contrário, do que te terá servido, de acordo com a palavra do Senhor, ganhar a todos se te perdes a ti mesmo? Já que todos te possuem, sê um dos que possuem a ti mesmo.

Quando certa vez São Bernardo afirmou que, de fato, tinha de admitir com os gregos que só conhecia a si mesmo,³³⁶ isso demonstrava que não fugia do lugar-comum³³⁷ da filosofia de seu século (o exame de consciência), e que o pensamento cristão não estava indiferente a esta manifestação do pensamento pagão que aparecia como uma abertura à vida cristã como tal.³³⁸ Mesmo temperamentos tão diferentes como o dele e o de Pedro Abelardo, por exemplo, compartilhavam a convicção de que para conhecer o céu e a terra, era preciso primeiro conhecer-se a si mesmo.³³⁹

Nesse sentido, se vimos São Bernardo exclamar que Abelardo era um novo Aristóteles³⁴⁰ e que, ao tentar cristianizar Platão (tentando inserir o *Timeu* no tronco da teologia cristã)³⁴¹, acabou por ele paganizado,³⁴² é porque seu socratismo cristão

³³⁵ Em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 62.

³³⁶ Sermão 23 sobre o Cântico dos Cânticos, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983d, p. 331.

³³⁷ GILSON, 2006, p. 289.

³³⁸ MENDONÇA, 1975, p. 49.

³³⁹ VAUCHEZ, 1995, p. 170.

³⁴⁰ Carta 190 ao papa Inocêncio (1140) ou *Tratado Contra os erros de Pedro Abelardo* III.5, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994b, p.537.

³⁴¹ ABBAGNANO, 1984, p. 98.

significava uma formulação filosófica que enfrentava fortemente a posição invasiva de uma escolástica tanto de caráter lógico-aristotélico, quanto platônico.³⁴³

Os verdadeiros mestres não tinham ascendido pelas escolas dos retóricos ou dos filósofos, também não lhe haviam ensinado a ler Platão, a se exercitar na astúcia de Aristóteles, tampouco a sempre aprender sem nunca alcançar a ciência da verdade. Eles lhe haviam ensinado a *bem viver*,³⁴⁴ o que era grande mostra que seu interesse apontava, finalmente, para a consumação da existência do homem em sua totalidade, e a serviço desse interesse estariam todas as formas exteriores, como a Teologia e a Filosofia.³⁴⁵ Era nulo seu interesse por um ramo filosófico de índole intelectualista que supervalorizava a força da razão na solução de problemas teológicos.

Sua filosofia era, de certo modo, a intelectualização de sua mística e, como tal, não se interessava pela filosofia do mundo (*philosophia mundi*), porque esta era de viés racionalista, ninho de antiteoria, de anticontemplação e de antiracionalidade.³⁴⁶ Os filósofos, a esse exemplo, perseguiram leis, doutrinas, teorias e sistemas para dar constância e durabilidade a suas obras, exaltavam certo controle e possessão do mundo pelo conhecimento, mas não focalizavam os traços mais transcendentais do antropocentrismo, isto é, a humildade e o conhecimento do si mesmo que levavam a Deus.

Para São Bernardo, o homem não era a imagem de Deus como um simples espelho da natureza divina, senão que pela consciência de si mesmo deveria usar desse aspecto para alcançá-Lo no outro mundo:

Livro II.III.6.

Sume exemplum de summo omnium Patre, Verbum suum et emittente, et retinente. Verbum tuum, consideratio tua, quae, si procedit, non recedat. Sic progrediatur, ut non egrediatur; sic exeat, ut non deserat. In acquisitione salutis nemo tibi germanior unico matris tuae. Contra salutem propriam

³⁴² 190 ao papa Inocêncio (1140) ou *Tratado Contra os erros de Pedro Abelardo* IV.9, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994b, p. 545.

³⁴³ MENDONÇA, 1975, p. 8.

³⁴⁴ Sermão I sobre a solenidade dos apóstolos Pedro e Paulo, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983f, p. 263.

³⁴⁵ LAUAND, 1998b, p. 257.

³⁴⁶ Em expressão de Ortega y Gasset, em DUMONT e TORRE, 1983, p. 82.

cogites nihil. Minus dixi “contra”; “praeter”, dixisse debueram. Quidquid se considerationi offerat, quod non quoquo modo ad tuam ipsius salutem pertineat, respuendum.³⁴⁷

Toma o exemplo do Pai de todos os homens que, enviando seu próprio Verbo, o reteve. Teu verbo é tua consideração. Caso proceda de ti, que não se distancie. Que avance sem afastar-se, que se retire sem abandonar-te. Para alcançares a salvação ninguém será mais teu irmão que o filho único de tua mãe. Não penses em nada que vá contra tua salvação. Disse mal “contra”: deveria ter dito “além de”. Deve ser rejeitado tudo o que se apresenta à consideração que de alguma maneira não te leva a própria salvação.

Por isso São Bernardo dava à curiosidade tanta importância quanto dava aos outros graus da soberba, porque precisamente enquanto o *nosce teipsum* iluminava todos os graus da humildade, era a curiosidade que engendrava seus opostos.³⁴⁸ Desconfiava de tantos filósofos porque, a seu ver, não utilizavam o conhecimento que encontrava à disposição do homem para servir a seu maior objetivo, sua salvação. Racionavam em termos de vã e torpe curiosidade (*vana et turpis curiositas*),³⁴⁹ distanciavam-se da verdadeira sabedoria por não saberem observar a ordem e a moderação que a mediam.³⁵⁰ O exemplo mais vivo em sua memória dessa distorção foi Abelardo que, como disse São Bernardo, se tivesse aplicado a si o título de seu livro, o *Scito teipsum*, não teria traspassado seus próprios limites e teria se mantido em seu lugar.³⁵¹ Não teria praticado, para usar um neologismo seu, uma *stultilogia* (“estultologia”, estudo da estultícia) que não tinha reverência e respeito à religião³⁵² e perscrutava todo conhecimento sem critério. Esta filosofia mundana reforçava, em sua falsidade, aquela torrente antípoda que infundia permanente e satisfatoriamente a sabedoria que se convinha ter, como São Paulo indicava. Aquela tinha como nota o fato de ser conveniente ao seu objetivo e de se estabelecer na tradição dos Padres da Igreja, limite que Pedro Abelardo ultrapassava frequentemente em nome de uma modernidade perturbadora.³⁵³

Não é que a consideração, de maneira geral, não poderia se estender sobre um sem-número de seres, ações e relações, de técnicas científicas, de fenômenos

³⁴⁷ Em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 88.

³⁴⁸ GILSON, 1940, p. 156.

³⁴⁹ Sermão 36,2-3 sobre o Cântico dos Cânticos, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983d, p. 521.

³⁵⁰ Sermão 36, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983d, p. 521.

³⁵¹ Carta 192 a Guido de Castello (1140), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 637.

³⁵² Carta 190 ao papa Inocêncio (1140), em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 543.

³⁵³ DUBY, 1990, p. 133.

naturais incompreensíveis e de juízos. Acontece que a busca pela compreensão do mundo, para São Bernardo, tinha limites, ou guias, precisos. O *De Consideratione* indica-nos que seguia essa diretriz quando apresentou ao papa não só a necessidade que ele tinha de refletir sobre si mesmo, mas como deveria aplicar essa reflexão em relação ao mundo exterior, naqueles dois objetos da consideração aos quais se referiu:

Livro II.III.6.

6. Iam quod ad considerationis attinet fructum, quatuor, ut occurrunt, tibi consideranda reor: te, quae sub te, quae circa te, quae supra te sunt. A te tua consideratio inchoet, ne frustra extendaris in alia, te neglecto. Quid tibi prodest si universum mundum lucreris, te unum perdens? (Matth. XVI, 26.) Etsi sapiens sis, deest tibi ad sapientiam, si tibi non fueris. Quantum vero? Ut quidem senserim ego, totum. Noveris licet omnia mysteria, noveris lata terrae, alta coeli, profunda maris; si te nescieris, eris similis aedificanti sine fundamento, ruinam, non structuram faciens. Quidquid exstruxeris extra te, erit instar congesti pulveris, ventis obnoxium. Non ergo sapiens, qui sibi non est. Sapiens sibi sapiens erit: et bibet de fonte putei sui primus ipse. A te proinde incipiat tua consideratio; non solum autem, sed et in te finiatur. Quocumque evagetur, ad te revocaveris eam cum salutis fructu. Tu primus tibi, tu ultimus. [...] ³⁵⁴

De fato, penso que quatro são os frutos da consideração que debes considerar: ti mesmo, o que está abaixo de ti, o que está ao teu redor e o que está acima de ti. Que tua consideração comece por ti mesmo, para que não te estendas sem razão às outras coisas e te negligencies. De que te serve ganhar o mundo inteiro se perdes a ti mesmo? Por mais sábio que sejas, não possuis sabedoria se não fores sábio contigo mesmo. Quanta sabedoria te falta? A meu ver, toda. Ainda que conheças todos os mistérios, a extensão da terra, a altura do céu, a profundidade dos mares, se te desconheces, serás semelhante ao que constrói sem alicerces e que, ao invés de um edifício, ergue uma ruína. O que construíres fora de ti será como um amontoado de pó à mercê do vento. Não é sábio aquele que não é consigo mesmo. Será sábio aquele que é consigo mesmo, que é o primeiro a beber de sua fonte. Que tua consideração comece em ti, e, por outro lado, também em ti acabe. Por onde quer que andes, volta-te a ti e será de grande proveito para tua salvação. Para ti, és o primeiro e o último. [...]

São Bernardo citou imensidões, como vimos, parafraseando uma passagem do livro de Jó, no qual Deus demonstrou, por uma série de perguntas retóricas, como Sua onipotência criadora punha em funcionamento todas as forças da natureza. Jó calou-se diante dos fatos, e São Bernardo aprofundou sua atitude adaptando a ideia principal da passagem, que era ressaltar a magnitude divina e a pequenez humana, às dificuldades de Eugênio, mais afins ao excesso de trabalho e a relações humanas deficientes. Quer dizer, enquanto Jó considerava sua pequenez diante do universo,

³⁵⁴ Em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 89.

Eugênio deveria considerar quanta falta lhe fazia simplesmente considerar que o homem, além do ponto de partida, também era o da chegada de toda reflexão.

Daí podermos imaginar essa consideração como um movimento em vórtice. Neste, quanto maior é a pressão de uma região vizinha a outra, maior é o escoamento rotacional em torno de um único eixo que mantém o equilíbrio. Podemos muito bem pensar, por analogia, que foram dois dos objetos da consideração, o *sub te* e o *circa te*, que funcionaram como uma região de tensão para Eugênio e provocaram sua reflexão.

A filosofia cristã, então, entre moralistas como São Bernardo, obrigou o homem a ampliar seu campo de atuação estudando a si mesmo; entre os filósofos, reintroduziu um pouco daquele fisicismo pelo qual os moralistas tendiam a se desinteressar.³⁵⁵ Pode-se dizer que a filosofia de São Bernardo era tão antifisicista quanto a de Sócrates, mas não é verdade que os dois reprovavam por completo o estudo da natureza, por exemplo, senão que concordavam que o conhecimento de si era muito mais importante do que o conhecimento do mundo exterior,³⁵⁶ já que ainda que o homem conseguisse viver afastado de todo e qualquer relacionamento interpessoal, como um eremita, por exemplo, da consideração do si mesmo não poderia fugir. Nem deveria, aliás.

Eugênio era, por isso, o “filho único de sua mãe”, como disse São Bernardo, no sentido em que a consideração do si mesmo era o ponto de partida, o alicerce e a medida das demais. Esta consideração em São Bernardo não era uma introspecção filosófica tão recôndita que afastasse o homem do que existia fora de si, senão que era uma faceta parcial, entitativa e operativa que impelia a pessoa até um conhecimento mais integral, entitativa e operativamente também, mas em forma envolvente de todo seu interior em seu exterior.³⁵⁷

Nessa perspectiva, a todos que consideravam importante conhecer “o funcionamento da máquina do mundo”, como disse em um sermão já citado, São

³⁵⁵ GILSON, 2006, p. 291.

³⁵⁶ GILSON, 2006, p. 284.

³⁵⁷ TORRE, 1983a, p. 14.

Bernardo admoestava indiretamente que se a extensão da terra pedia para ser medida, a altura do céu, investigada, e a profundidade dos mares, explorada, que o maravilhamento pela ordem universal cultivasse a deferência a Deus e o crescimento pessoal. E para que não o pensassem demasiado intransigente, assinalou em um sermão sobre o Cântico dos cânticos que de nenhum modo censurava os doutos e proibia o estudo das letras. Reconhecia, ademais, sua contribuição: mas toda ciência só era boa se se apoiava na Verdade.³⁵⁸ É preciso relembrar neste ponto, por exemplo, que São Bernardo jamais atacou a escola de Chartres, interessada pelos estudos da natureza, da lógica e da gramática,³⁵⁹ e que, ao contrário, mantinha com ela³⁶⁰ uma comunicação tão amistosa quanto com ordens e mosteiros mais afins, como os dos vitorinos e dos cartuxos.

Enfim, se o homem tinha de relacionar todo conhecimento ao conhecimento que tinha de si mesmo, não poderia se conhecer verdadeiramente enquanto pretendesse conhecer *apenas a si*,³⁶¹ porque ainda que ele mesmo fosse seu início (humanizado) e seu fim (divinizado), a consideração girava em torno de um eixo (a relação homem-Deus) e se deslocava ao longo deste aplicando-se a tudo o que havia ao seu redor. O *De Consideratione* foi uma insistente exortação filosófica de ajuste entre a teoria do *nosce teipsum*, nos primeiro, segundo e quinto livros, à sua prática, representadas pelos terceiro e quarto.

Mas se os filósofos mantiveram os ensinamentos morais com fórmulas concisas e em direção à razão, à diferença destes os místicos cristãos elevaram o ensinamento délfico do *nosce teipsum* também ao plano da graça.³⁶² São Bernardo tomou, nesse sentido, do *Civitate Dei* de Santo Agostinho o aprendizado de que, para ir a Deus, a pátria celeste,³⁶³ a alma deveria recorrer aos exercícios da razão por uma função essencial, e propedêutica, porque preparavam o coração para melhor abrir-se a esse plano.³⁶⁴ Por isso se diz que o socratismo ganhou o adjetivo cristão ao ter

³⁵⁸ Sermão 36 sobre o Cântico dos Cânticos, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983d, p. 519.

³⁵⁹ DUBY, 1990, p. 132.

³⁶⁰ Como o bispo Godofredo de Chartres (cartas 47, 55, 56, 57) e o abade de São João de Chartres (carta 82).

³⁶¹ GILSON, 2006, p. 286.

³⁶² GILSON, 2006, p. 291.

³⁶³ *De Consideratione* Livro V.I.2, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 189.

³⁶⁴ DUBY, 1990, p. 133.

como centro fixo de referência a relação entre o homem e Deus³⁶⁵ e ao ser subordinado à doutrina da salvação.

Era assim que São Bernardo assumia o *nosce teipsum* dos antigos, com uma ascese que requeria dos homens que eles se lembrassem de que eram mortais³⁶⁶ e de que a ascese verdadeira não era a fuga de si mesmo, mas o *habitar-se consigo mesmo*, como indicava São Gregório Magno sobre São Bento de Núrsia.³⁶⁷ Nesse sentido, quando naquele trecho anterior São Bernardo falava em termos de humanidade com Eugênio, queria dizer que a relação do homem com Deus tinha a marca da individualidade e do amor, porque ainda que todo o conhecimento adquirido pela observação do mundo pudesse ser transmitido pelos homens, a própria salvação era algo intransferível.

Quem se esforçava por fomentar a caridade *no* e *para* o próximo sem ter por base a caridade que tinha por si mesmo, não se conhecia, e não amava a Deus, porque como imagem e semelhança Dele, era o si mesmo o primeiro caminho para o divino. Ainda que para São Paulo a caridade fosse, substancialmente, o vínculo que mantinha ligados os membros da comunidade cristã, quem se excluísse de sua própria caridade era porque a havia compreendido equivocadamente,³⁶⁸ já que havia dito o mandamento “ama a teu próximo”, acrescentando como modelo o “como a ti mesmo”. Quanto mais amasse a si pela consideração, melhor praticaria a justiça, a temperança e todas as outras virtudes que fundamentavam sua vontade e seu agir que, bem ordenados, serviam para o bem próprio e o da comunidade. Considerar, para São Bernardo, levava ao amor de si mesmo e, por fim, ao aperfeiçoamento moral que levava a Deus. O reto amor por si mesmo não era o amor-próprio egoísta, mas um que incluía sempre o amor de Deus no autêntico amor de si mesmo.

Esse amor era antes de tudo um fato: para poder amar a Deus era preciso viver e, para viver, era preciso amar a si mesmo,³⁶⁹ isto é, sua carne.³⁷⁰ São Bernardo

³⁶⁵ GILSON, 2006, p. 48.

³⁶⁶ GILSON, 1940, p. 157.

³⁶⁷ *Livro Segundo dos Diálogos*, cap. III, em SÃO GREGÓRIO MAGNO, 1946, p. 22.

³⁶⁸ GILSON, 1940, p. 155.

³⁶⁹ GILSON, 2006, p. 525.

³⁷⁰ DUMONT e TORRE, 1983, p. 84.

chamava este primeiro amor de carnal (*amor carnalis*),³⁷¹ porque o homem encontrava-se compelido naturalmente a satisfazer as necessidades de seu corpo, como que para sustentar-se.³⁷² Para ele, o homem se via em uma situação difícil, já que Deus lhe havia prescrito amá-Lo acima de todas as coisas e, ao mesmo tempo, a fragilidade humana o obrigava a amar primeiramente o si mesmo por seu corpo. O amor carnal, entretanto, não era um erro, mas o resultado de um erro.³⁷³ Porque nasceram os homens da concupiscência da carne é que seu amor tinha de começar necessariamente pela carne, ainda que esse amor pudesse ser corrigido pela graça e dirigido de acordo com a ordem que convinha à finalidade espiritual mais elevada.³⁷⁴ Em outras palavras, o amor carnal era uma precedência sem preferência:³⁷⁵ o homem tinha de amar seu corpo sem preferir amá-lo, antes de Deus e de sua alma, porque nem mesmo esses dois atos seriam possíveis sem a manutenção da própria existência e de certa força vital que os prolongasse.

Para São Bernardo, de todos os bens do corpo, o único que deveríamos procurar era a saúde. Mais ainda, dentro destes limites deveríamos sujeitá-los e discipliná-los, pois que o deleite era uma armadilha sutil que colocava o homem não ao nível da natureza, mas abaixo dela: ao deixar-se guiar pelo deleite, o homem colaborava com a morte.³⁷⁶ Por outro lado, se nos dermos conta de sua rudeza ascética e dos inúmeros pedidos de amigos para que cuidasse de sua saúde, vivia nos limites desse amor compreendendo-o como um aspecto dramático da vida humana, já que, em certo sentido, era uma enfermidade que não decorria de uma falta pessoal do homem, senão que exteriorizava o peso do pecado original.

Era dessa necessidade embaraçosa que nascia o trabalho de restauração do homem, enquanto vinculação natural ao seu próprio ser e à sua irreprimível tendência de satisfazer suas necessidades indispensáveis.³⁷⁷ Se a necessidade do corpo, então, era o estabelecimento e manutenção de sua saúde, a da alma, por sua

³⁷¹ São Paulo referiu-se sobre esse amor em I Cor. 15,46.

³⁷² GILSON, 1940, p. 39.

³⁷³ GILSON, 2006, p. 525.

³⁷⁴ GILSON, 2006, p. 526.

³⁷⁵ GILSON, 1940, p. 42.

³⁷⁶ Sermão 16, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1988, p. 145.

³⁷⁷ TORRE, 1983a, p. 14.

vez, era a busca pela pureza.³⁷⁸ O desvio do primeiro corrompia-se no prazer desmedido; do segundo, no amor-próprio. Para tanto, em relação a este, São Bernardo indicava o autoconhecimento como passo seguinte ao amor necessário pelo corpo.

Para São Bernardo, então, o correto amor do homem ao corpo conduziria ao amor para a alma, e o amor pela alma ao amor a Deus. Tudo isso, afinal, se dava sob a luz do pleno conhecimento de si mesmo, algo marcadamente relacional, dinâmico e vital³⁷⁹ que significava imediatamente que o homem deveria “beber do caudal do seu poço” para conhecer a natureza que Deus lhe conferiu e o lugar que lhe atribuiu na ordem universal a fim de se dispor para Ele³⁸⁰ e de se elevar acima da vida instintiva.³⁸¹

Livro I.V.6.

Stultus et sapiens, servus et liber, dives et pauper, vir et femina, senex et juvenis, clericus et laicus, justus et impius. omnes pariter participant te, omnes de fonte publico hibunt pectore tuo; et tu seorsum sitiens stabis? Si maledictus qui partem suam facit deteriore, quid ille qui se penitus reddit expertem! Sane deriventur aquae tuae in plateas; homines et jumenta et pecora bibant ex eis, quin et camelis pueri Abrahae potum tribuas: sed inter caeteros bibe et tu de fonte putei tui. Alienus, inquit, non bibat ex eo (Prov. V, 17). Nunquid tu alienus? Cui non alienus, si tibi es? Denique qui sibi nequam, cui bonus? (Eccli. XIV, 5.) Memento proinde, non dico semper, non dico saepe, sed vel interdum reddere te ipsum tibi. Utere tu quoque te inter multos, aut certe post multos. Quid indulgentius? Hoc enim dico secundum indulgentiam, non secundum iudicium. Puto et ipso Apostolo indulgentiorem me in hac parte. Ergo plus quam oportet, inquis.³⁸²

Estulto e sábio, escravo e livre, rico e pobre, homem e mulher, velho e jovem, clérigo e laico, justo e ímpio, todos igualmente dispõem de ti, todos bebem em teu coração como uma fonte pública e somente tu continuas com sede? Se é maldito aquele que deteriora sua herança, que será do que fica por completo sem si mesmo? Derrama tuas águas nas praças, que delas bebam os homens, os jumentos e os rebanhos; mata a sede dos camelos do criado de Abraão, mas bebe tu também com eles do caudal do teu poço. *Possui-as tu só, e não tenham parte nelas os estranhos.* Acaso tu és um estranho? Para quem tu não serias um estranho, sendo-o para ti mesmo?

Definitivamente, o que não é bom para si mesmo, para quem é? Lembra-te, não te peço que faças sempre, ou frequentemente, mas que ao menos às vezes te voltes a ti mesmo. Ainda que sejas como os demais, ou até mesmo estejas depois dos demais, serve-te a ti mesmo. Há maior condescendência? Digo isso como uma concessão, não como uma ordem.

³⁷⁸ Sermão 16, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1988, p. 145.

³⁷⁹ TORRE, 1983a, p. 11.

³⁸⁰ GILSON, 2006, p. 285.

³⁸¹ VAUCHEZ, 1995, p. 170.

³⁸² Em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 65.

Creio que nisso sou mais indulgente contigo que o Apóstolo. “Mais do que convém”, tu me dirás.

Não se pode negar que toda a mística e filosofia de São Bernardo era essencialmente um despertar do homem sobre o conhecimento de sua natureza, que era corpóreo-espiritual,³⁸³ cujo drama acontecia quando nela uma pessoa desconectava-se de si mesma.³⁸⁴ O dualismo antropológico platônico no Cristianismo foi reformado indiscutivelmente por Santo Agostinho, e São Bernardo, como seu seguidor e grande perscrutador da alma humana, entendia alma e corpo como elementos constitutivos do ser humano, semelhantes cada qual a um mundo diferente: a alma, ao mundo espiritual; o corpo, ao terreno. Foi primeiramente sobre essa dualidade que São Bernardo no segundo livro do *De Consideratione* distinguiu a consideração do si mesmo três questionamentos principais: o *quid in natura*, o *quis in persona* e o *qualis in moribus*.

O homem, pelo pecado original, passou a dividir a mortalidade com as bestas;³⁸⁵ pela graça de Deus, compartilhava com os anjos a melhor parte de ambos, que era a racionalidade,³⁸⁶ isto é, a mesma natureza espiritual, ainda que sua graça fosse menor:

Livro V.III.5

Porro spiritus est Deus, sunt et Angeli sancti, et hi supra te. Sed Deus natura, Angeli gratia superiores sunt. Unum siquidem tui et Angeli optimum, ratio est.³⁸⁷

Além disso, Deus é espírito, também os santos anjos, e eles estão acima de ti. Mas Deus é superior a ti por Sua natureza; os anjos, pela graça. Com efeito, o melhor de um ser angelical e de ti coincidem: é a razão.

Santo Agostinho e São Gregório Magno admitiam certa materialidade aos anjos e, inclusive, os qualificavam como *animais racionais (imortais)*. Uma vez que essa concepção ainda vigorava entre alguns, era necessário empregar o termo “mortal” como distinção específica na definição do homem.³⁸⁸ E assim São Bernardo o fez,

³⁸³ TORRE, 1983a, p. 15.

³⁸⁴ TORRE, 1983a, p. 13.

³⁸⁵ Carta 412 a um discípulo, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, p. 1159.

³⁸⁶ *De Consideratione* Livro V.III.5, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 193.

³⁸⁷ Em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 193.

³⁸⁸ Nota de LUDDY, [s/d], p. 534.

porque compreendia justamente o homem distinto do anjo por seu corpo material e por sua mortalidade.³⁸⁹

Essa dupla natureza do homem – simbolizada pela racionalidade e pela mortalidade – deveria ser harmonizada no homem pela consideração do si mesmo. Enquanto a mortalidade lembrava-o de que não poderia ter-se em alta conta, em virtude de uma fissura em sua composição, a racionalidade não o deixava, por outro lado, desesperar por conta disso:

Livro II.IV.7

Et haec tui consideratio in tria quaedam dividitur, si consideres quid, quis, et qualis sis. Quid in natura, quis in persona, qualis in moribus. Quid, verbi gratia, homo. Quis, Papa, vel summus Pontifex. Qualis, benignus, mansuetus, vel quidquid tale. Quanquam primum illud, philosophicum sit magis quam apostolicum vestigare; attamen est in definitione hominis, quem dicunt animal rationale, mortale: quod diligentius intueri si libet, licet. Non est quod tuae in eo aut professioni obviet, aut dignitati: est vero quod saluti afferre queat. Nam consideranti duo haec simul, rationale, mortaleque; is tibi exinde occurrit fructus, ut et mortale, quod in te est rationale humiliet; et rursum rationale, mortale confortet: quod neutrum neglectui erit homini circumspecto. Si qua adhuc praesens consideranda requirit locus, tractabuntur infra, et forte utilius ex partium collatione.³⁹⁰

Essa consideração sobre ti mesmo divide-se em três, se considerares o que és, quem és, como és: que és por natureza, quem és por pessoa, como és por teus costumes. Por exemplo, o que és – um homem –; quem és – o Papa ou Sumo Pontífice –; como és – bondoso, humilde, etc. Ainda que seja mais filosófico que apostólico refletir sobre a primeira questão, o homem é, por definição, um animal racional e mortal. Caso desejes te aprofundar nessas coisas, poderás fazê-lo. Essas reflexões não contradizem tua profissão ou dignidade, pelo contrário, serão capazes de ajudar-te em tua salvação. Ao considerar simultaneamente a racionalidade e a mortalidade, perceberás duas classes de frutos, que tornam um homem sensato se não negligenciar: a mortalidade humilha a racionalidade e a racionalidade conforta a mortalidade. Se esses frutos necessitarem de consideração, trataremos deles mais adiante caso sejam úteis ao assunto.

Era refletindo sobre sua natureza, o *quid est in natura*, que o homem poderia compreender, primeiramente, que ser feito à imagem e viver à semelhança de Deus eram coisas distintas e complementares,³⁹¹ isto é, que deveriam ser, mas nem sempre se viam unidas na alma e no agir do homem. Pelas indicações que oferecia São Bernardo em muitos sermões, somos capazes de compreender que acreditava possível existir uma separação entre ser segundo a imagem, isto é, receber o dom

³⁸⁹ Sermão 53, 8 sobre o Cântico dos Cânticos, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983d, p. 685.

³⁹⁰ Em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 91.

³⁹¹ BALLANO, 1994a, p. 15.

da natureza ou participar de Deus no plano físico do ser, e ser segundo a semelhança, isto é, pelo compromisso e aceitação do livre-arbítrio.³⁹² O homem adentrava na *regio dissimilitudis*, ou seja, na *região da dessemelhança* quando saía de si mesmo e inclinava-se ao pecado,³⁹³ por marca do pecado original. Nasceram todos corruptos porque a natureza do homem não estava mais no estado no qual fora criada, embora esse mal fosse remediável.³⁹⁴ O homem vivia, pois, num grande paradoxo, com uma carne escrava pela necessidade e uma alma livre pela vontade. Conhecer o drama de seu próprio coração, assumindo-o em Deus, era parte do exercício da consideração.³⁹⁵

A consideração da racionalidade levava o homem, então, a refletir que ser imagem de Deus, pela alma, era seu laço mais profundo pelo fato de ela ser unida a Ele por essência, e não por acidente. A consideração da mortalidade, por sua vez, trabalhava em sua memória a recordação de que a semelhança inicial que possuía com Deus havia sido perdida e que sua missão mais profunda era tentar recuperá-la.

São Bernardo no *De Consideratione* chama de repatriação o ato de considerar estas e outras coisas, sendo Deus a pátria celeste e a alma um estrangeiro em terras longínquas, simbolismo recorrente em outras obras:

Livro V.I.1.

Si tamen ita versatur in his, ut per haec illa requirat, haud procul exulat. Sic considerare, repatriare est. Sublimior iste praesentium ac dignior usus rerum, cum juxta sapientiam Pauli, invisibilia Dei, per ea quae facta sunt, intellecta conspiciuntur. Sane hac scala cives non egent, sed exsules. Quod vidit ipse hujus sententiae auctor, qui cum diceret invisibilia per visibilia conspici, signanter posuit, a creatura mundi (Rom. I, 20). Et vere quid opus scalis tenenti jam solium? Creatura coeli illa est, praesto habens per quod potius ista intueatur. Videt Verbum, et in Verbo facta per Verbum. Nec opus habet ex his quae facta sunt, Factoris notitiam mendicare. Neque enim ut vel ipsa noverit, ad ipsa descendit, quae ibi illa videt, ubi longe melius sunt quam in se ipsis. Unde nec medium requirit ad ea corporis sensum: sensus ipsa sibi, se ipsa sentiens. Optimum videndi genus, si nullius egueris, ad omne quod libuerit te contentus. Alioquin juvari aliunde, obnoxium fieri est minusque a perfecto istud, et minus liberum.³⁹⁶

Se, no entanto, te voltas muitas vezes a essas coisas para refletires sobre aquelas que estão acima de ti, em verdade não estás tão longe do exílio.

³⁹² BALLANO, 1994a, p. 15.

³⁹³ TORRE, 1983, p. 31.

³⁹⁴ GILSON, 1940, p. 46.

³⁹⁵ TORRE, 1983, p. 34.

³⁹⁶ Em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 187.

Considerar assim é repatriar-se. Esse é o destino mais sublime e digno para o uso das coisas presentes, tal qual a sabedoria de Paulo nos ensina: “As perfeições invisíveis de Deus se tornam visíveis à inteligência”. Tão somente os exilados necessitam dessa escada, não os cidadãos. O próprio autor da sentença observou o fato quando afirmou que o invisível pelo visível seria conhecido e assinalou expressamente que seria “pelas criaturas do mundo”. Em verdade, que necessidade tem de uma escada aquele que possui o trono? Criatura celeste é aquela que tem consigo o meio que a torna capaz de contemplar o invisível. Vê o verbo, e no Verbo tudo que foi criado pelo Verbo. Não há de mendigar, por meio das coisas criadas, o conhecimento sobre o Criador. Para conhecer-se, não necessita descer a si mesma, porque se contempla ao longe, que é melhor lugar que em si mesma. De lá, não faz uso de sentido corporal algum: ela mesma é seu sentido, sente a si mesma. Quando não tens necessidade de nada e compreende tudo o que te satisfaz, a melhor consideração é te contentares contigo mesmo. Ao invés, quem necessita de auxílio exterior é levado à subordinação, a uma menor perfeição e, por isso, é menos livre.

Os anjos, para São Bernardo, já eram cidadãos desta pátria porque não necessitavam de sentido corporal algum para verem a si mesmos e contemplarem o invisível, viam a Deus de modo mais feliz e perfeito.³⁹⁷ Por outro lado, a experiência ensinava que o homem, por causa de sua corrupção accidental, necessitava da mediação dos sentidos. Era, de certo modo, escravo deles. Esse desprendimento, entretanto, São Bernardo compreendia que não era possível alcançar perfeitamente até o homem passar do tempo à eternidade, isto é, encontrar-se com Deus nEle mesmo após a morte, onde a sensualidade não impunha o exílio à consideração.³⁹⁸ Considerar a si mesmo era o esforço último do homem exilado para chegar a Deus fazendo-se caminho dessa busca.

A segunda das três considerações que São Bernardo exortava Eugênio a refletir era o *quis in persona*. Eugênio era, por pessoa, o sumo pontífice e trazia em si com seu cargo uma série de promessas bíblicas e obrigações que não poderia negligenciar. A consideração do *quis in persona* era, das três, aquela que mais se aproximava da motivação principal do tratado. A cátedra trazia honras e confortos materiais, mas era interessante considerar como estas particularidades deveriam ser rechaçadas só interiormente, conquanto exteriormente fossem insígnias inerentes à superioridade do papa em relação aos demais. A dificuldade maior, sobre a qual esta consideração deveria se debruçar, era a justa proporção entre a aceitação do luxo como um fardo e o entendimento de que a maior glória era cumprir com perfeição suas obrigações.

³⁹⁷ Sermão 9, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1988, p. 109.

³⁹⁸ *De Consideratione* Livro V.I.2, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 189.

Gloriava-se erroneamente quem se esquecia qual era a glória à qual o sábio deveria aspirar e, quem fazia assim, levando em consideração uma glória que não era sua. No primeiro caso, o homem se esquecia de sua glória; no segundo, era levado à vanglória:³⁹⁹

Livro II.IX. 20

Tu ergo in hac consideratione tui caute ambules, et tota aequitate veriseris, ut nec plus vero tibi tribuas, nec plus iusto parcas. Porro plus vero tribuis, non modo arrogando tibi quod non habes bonum, sed et quod habes adscribendo. Vigilanter discerne, qualis ex te, et qualis sis munere Dei, et non sit in spiritu tuo dolus. Erit autem, nisi, fideliter partiens, tua tibi et quae sunt Dei Deo sine fraude resignes. Ex te mala, bona a Domino esse, persuasum tibi non ambigo.⁴⁰⁰

Siga com cautela nessas considerações e com toda tranquilidade retorne a elas, para que, em verdade, não te atribuas nada em demasiado nem renuncie ao que te pertence. Ademais, te atribuis em demasiado não só quando arrogas a ti mesmo a bondade que não possuis, mas também quando, o que não possuis, te acrescentas. Discerne com cuidado o que és por ti mesmo e o que és pela graça de Deus, e em teu espírito não haverá engano. Haverá, por outro lado, se de boa-fé não deres a ti o que é teu e a Deus o que é de Deus Não duvido que saibas que o mal pertence a ti e o bem ao Senhor.

Por habitar na região da dessemelhança, o homem tinha de saber que o pecado de Adão significava a perda da amizade e do parentesco com Deus, tinha de saber que algo lhe faltava. O episcopado e os ornamentos referentes à dignidade do cargo não preenchiam esta lacuna; o título de Sumo Pontífice, que lhe fora acrescentado posteriormente, muito menos. Aliás, Eugênio enganava-se se se acreditasse o mais perfeito em virtude deste adjetivo. Chamavam-no de “sumo” não em absoluto, mas em relação aos outros ministérios exercidos pelos bispos,⁴⁰¹ por uma prerrogativa que não imprimia a dignidade do ofício na natureza do homem, mas que, ao contrário, marcava imediatamente sua pessoa e exigia em troca uma conduta moral ilibada.

Por esse motivo, São Bernardo intercalou em vários momentos do segundo livro do *De Consideratione* momentos em que explicitava a cátedra entre a magnanimidade

³⁹⁹ GILSON, 1940, p. 35.

⁴⁰⁰ Em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p.110.

⁴⁰¹ *De Consideratione* Livro II.VII.14, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 103.

e a vigilância. Considerando o que lhe faltava, Eugênio chegaria à conclusão de que a satisfação do homem consigo mesmo nunca poderia ser plena, porque raramente poderia dizer que nenhuma de suas ações, passadas e presentes, acusava-lhe a consciência. A memória do pecado era como um porão que necessitava ser limpo todos os dias.⁴⁰² A glória do homem, afinal, era uma consciência limpa descoberta em si mesmo:

Livro II.VII.14.

Admovi speculum: foedus se in eo vultus agnoscat; tu tuum gaude dissimilem inveniri. Inspice tamen et tu, ne forte, etsi sit unde merito placeas tibi, etiam in quo debeas displicere, non desit. Volo glorieris testimonio conscientiae tuae, sed non minus ut eodem ipso humiliaris. Rara vox: *Nihil mihi conscius sum*. Cautior in bonis ambulas, si et mala non lateant. Quamobrem, ut dixi, noveris te, ut inter angustias quae non desunt fruaris conscientiae bono, magis autem ut scias quid desit tibi. Nam cui non desit? Omnia illi desunt, qui nihil sibi deesse putat. Quid si Summus Pontifex sis? Numquid quia Summus Pontifex, ideo summus? Infimum noris esse, si summum putas. Quis summus? Cui addi non possit. Graviter erras, si te illum existimes. Absit. Non tu de illis es, qui dignitates virtutes putant.⁴⁰³

Coloquei-te diante do espelho: a repugnância se desvela na própria face. Tu podes alegrar-te, pois encontrarás teu rosto muito diferente. Mas ainda assim olha a ti mesmo, porque o melhor é encontrar algo que possa te desagradar mesmo tendo razões para estar satisfeito contigo mesmo. Desejo que te glories unicamente de tua consciência, mas muito me agradaria que te humilhastes por esse mesmo testemunho. Raras são as vozes que podem dizer: *de nada me acusa a consciência*. Com mais cautela percorres o caminho do bem se não te ocultas o mal. Por isso te disse “conhece-te a ti mesmo”, para que gozes de uma consciência tranquila quando estiver entre angústias e, sobretudo, que conheças o que te falta. De fato, quem tudo tem? Tudo falta ao que pensa que a si não falta nada. Mas, e quanto ao Sumo Pontífice? Ser o Sumo Pontífice não significa também ser a suma perfeição? Se te pensares o mais alto, significa que és o mais baixo. Quem é o sumo? É aquele ao qual nada se acrescenta. Erras gravemente se te estimas assim. Mas não, tu não és desses que contam as dignidades por virtudes.

O que São Bernardo chamava de dignidades, neste trecho, eram as prerrogativas do cargo. Com efeito, Eugênio não poderia confundir a nobreza que se lhe agregava *in persona* com a deformidade que nele existia *in natura*, tampouco contá-la pelo o que deveria por si só buscar *in moribus*. Era útil comparar estas duas considerações para chegar à conclusão de que elas imitam a natureza, isto é, associam o mais alto ao mais baixo para que o homem se afeição à humildade e não à soberba.⁴⁰⁴ De certo modo também, se Eugênio considerasse sua dignidade pontifícia como algo

⁴⁰² TORRE, 1983, p. 32.

⁴⁰³ Em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 101.

⁴⁰⁴ *De Consideratione* Livro II.IX.18, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 109.

acidental, filosoficamente falando, não viveria a angústia de imprimir a si um fardo maior do que deveria carregar.

São Bernardo seguiu sua admoestação mostrando a Eugênio o quanto considerar o que era em essência e o que era por acidente era útil para que se formasse a base para a terceira consideração de si mesmo. Eugênio não poderia deixar de refletir sobre o que era e continuava sendo, homem mortal e racional, mas deveria acrescentar a esta consideração aquilo que havia se tornado por empréstimo:

Livro II.IX.17.

En quis es. Sed noli oblivisci etiam quid. Nam et ego non sum oblitus, id me promississe repetiturum in opportunitate. Quam opportune cum eo qui es, etiam quod ante eras, consideras! Quid dico, "eras"? Et nunc es. Quid desinas intueri, quod non desisti esse? Una sane consideratio est, quid fueris, et quid sis; nam quis sis factus, altera. Non oportet ut ista extundat illam in scrutinio tui. Es enim, ut dixi, adhuc quod eras; et non minus hoc es, quam quod factus es post, forte et magis. Denique illud natus es, mutuatus hoc, non in hoc mutatus. Non reiectum illud, sed istud adiectum. Tractemus utrumque simul, nam, ut praefatum me memini, collatae ex invicem ambae res utiliores fient. Dixi supra consideranti quid sis, naturam occurrere, qua es homo: nam homo natus es. Porro percunctanti quis, personae respondebitur nomen, quod es episcopus: quod quidem factus, non natus es. Quid tibi horum videtur ad purum esse tui, et ad te principalius pertinere, quod factus an quod natus? Nonne quod natus? Hoc ergo consulo consideres maxime, quod maxime es, hominem videlicet, quod et natus es.⁴⁰⁵

Eis quem és, mas nunca te esqueças do que és, porque eu não me esqueci que me propus repeti-lo quando tivesse oportunidade. Quão vantajoso é considerares não somente quem és, mas também o que outrora foste! Por que digo "foste", se continuas sendo? Por que tens de deixar de refletir sobre o que não deixaste de ser? Uma única consideração é o que foste e o que és; outra, é em quem te tornaste. Não convém que uma exclua a outra em teu escrutínio. És, de fato, como falei, o que eras: e não és menos, talvez sejas mais, depois de ser elevado ao que és. Em suma, aquele eras por nascimento, este és emprestado, sem mudança nenhuma em teu próprio ser. Aquele não foi rejeitado, mas este foi adicionado. Tratemos de ambos simultaneamente porque, como disse antes, é mais útil comparar um ao outro. Disse que, ao considerar o que és, ocorre considerar tua natureza humana: de fato, nasceste homem. Entretanto, ao te perguntarem quem és, a resposta será a nomeação que possuis, que é a de bispo, a que te foi dada e com a qual não nasceste. Desses, qual parece ser puramente de ti, pertencer-te originariamente? Aquele do que é feito ou aquele que nasceste? Não seria este último? Pois então aconselho-te a considerares principalmente o que és, homem certamente, tal como nasceste.

Pela consideração do *in natura* e do *in persona*, o homem chegava à terceira consideração do si mesmo, o *qualis in moribus*, ápice da autorreflexão porque diretamente ligado ao campo de atuação do homem que o levava a unir em si a

⁴⁰⁵ Em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 107.

imagem e a semelhança separadas: a vontade, o consentimento voluntário e o livre-arbítrio.

Voltemos novamente à região da dessemelhança e compreenderemos que a união das três considerações do si mesmo vinha primeiramente da assunção da realidade tal qual era, isto é, amarga pela aquisição da duplicidade e pela perda da unidade.⁴⁰⁶ Veremos que a consideração *in natura* levava o homem a refletir sobre as diversas misérias de sua alma e de seu corpo: a fragilidade de quem nasce e vive para satisfazer suas necessidades corporais; de quem carrega sofrimentos na alma por causa de uma mancha em sua própria existência; de quem tem de lutar até a morte contra uma inclinação ao pecado herdada:

Livro II.IX.18

[...] dissipes et exsuffles a facie considerationis tuae, occurret tibi homo nudus, et pauper, et miser, et miserabilis: homo dolens quod homo sit, erubescens quod nudus sit, plorans quod natus sit, murmurans quod sit; homo natus ad laborem, non ad honorem; homo natus de muliere, et ob hoc cum reatu; brevi vivens tempore, ideoque cum metu; repletus multis miseriis, et propterea cum fletu. Et vere multis, quia corporis et animae simul. Quid enim calamitate vacat nascenti in peccato, fragili corpore et mente sterili? Vere ergo repletus, cui infirmitas corporis et fatuitas cordis cumulatur traduce sordis, mortis addictione.

Se as dissipas diante de tua consideração, te verás como um homem nu, pobre, infeliz e miserável: um homem queixoso por ser homem, envergonhado por estar nu, choroso por ter nascido, murmurante por existir. Um homem que não proporciona honradez, mas sofrimento; nascido de uma mulher e, por isso, culpado; que vive pouco e, por isso, com medo; repleto de misérias e, por causa delas, em prantos. Em verdade, as misérias são muitas porque nele estão as da alma e as do corpo. Quem se isenta de calamidade nascido no pecado, frágil no corpo e estéril no espírito? Em verdade, está repleto de misérias, pois a enfermidade do corpo e a estultícia do coração se acumulam nele pela transmissão da mancha original e têm como prêmio a morte.

Mas não é que o homem fosse somente um ser fraco e manchado pelo pecado original, como muitas vezes reiterou São Bernardo. Assumir a realidade tal qual era também era compreender que sua grandeza natural, sua verdadeira dignidade (não aquela que vêm de um cargo) residia na qualidade de ser imagem de Deus pela racionalidade já mencionada e, em acréscimo, pelo livre-arbítrio, pela vontade e pela graça, que atuavam onde as prerrogativas da alma ficavam atrofiadas.⁴⁰⁷ Não bastava, portanto, considerar a decadência da humanidade, porque sua decadência

⁴⁰⁶ TORRE, 1983, p. 30.

⁴⁰⁷ BALLANO, 1994a, p. 15.

só poderia ser medida em relação a uma graça e, como o que ela conservou dessa graça também fazia parte da sua natureza, não se poderia descrever completamente o amor natural do homem sem levar em conta ao mesmo tempo sua miséria e suas possibilidades de reerguer-se.⁴⁰⁸

A esperança do homem era a de recuperar sua semelhança com Deus, e isso pela consideração do *qualis in moribus*, que era a atitude da alma⁴⁰⁹ que preparava o homem para aceitar o compromisso de ser bom pela vontade. As duas primeiras considerações do si mesmo, então, eram as considerações da perda; a terceira, a consideração da reaquisição.

Para São Bernardo, a salvação do homem, aquilo que ele procurava de modo final com a consideração, só era possível no âmbito do livre-arbítrio e da graça. Sem o livre-arbítrio não havia *quem* salvar; sem a graça, não havia *com que* salvar.⁴¹⁰ A cooperação de ambas ocorria pela liberalidade de quem outorgava a graça e pelo consentimento de quem a recebia. Por isso é que dizia que só se salvava quem quisesse, já que o livre-arbítrio tinha de cooperar com seu consentimento para aceitar a salvação.

Por definição, o consentimento voluntário era a capacidade da alma que a torna dona de si mesma. Uma capacidade, um impulso espontâneo que provinha da vontade e não da necessidade. A vontade era uma atividade racional que presidia o sentido e o apetite, cujo instrumento era a razão para que a instrísse.⁴¹¹ O caráter mais próprio da Filosofia de São Bernardo era o sentimento de responsabilidade moral, no qual a razão atuava como auxiliadora na tomada de decisões.

O livre-arbítrio era a única maneira de o homem poder imitar, ainda que imperfeitamente, a liberdade divina.⁴¹² Para tanto, deveria, além de desejar descobrir o autor da verdadeira dignidade para se unir a Ele,⁴¹³ seguir no reto caminho pela

⁴⁰⁸ GILSON, 2006, p. 526.

⁴⁰⁹ BALLANO, 1994a, p. 16.

⁴¹⁰ graça livre arbitrio I.2, p. 431.

⁴¹¹ *De gradibus humilitatis et superbiae* II.3, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1983g, p. 433.

⁴¹² BALLANO, 1994a, p. 16.

⁴¹³ GILSON, 1940, p. 34.

prática das virtudes: da prudência para eliminar os excessos; da temperança para permitir o necessário; da justiça para não negar ao outro o que deseja para si; da fortaleza para contentar a vontade ao que está no meio.⁴¹⁴ Essa prática levava o homem a não se atribuir nada em demasia e a não renunciar ao que lhe pertencia (a bondade provinha de Deus por sua graça, e a maldade provinha do homem).⁴¹⁵

Nesse sentido, compreendendo a imagem espiritual como uma realidade dinâmica que implicava atividade e colaboração da alma para retornar a sua origem,⁴¹⁶ faz sentido aquele rol de perguntas finais que São Bernardo elencou a Eugênio para que considerasse o progresso de sua moral: se havia crescido em sabedoria, moderação, verdadeira paciência, afabilidade, coragem, seriedade e confiança em Deus.⁴¹⁷ São Bernardo ligava aquele retorno à pátria celeste especialmente à liberdade que o homem tinha de desejá-la, e só mostraria efetivamente que a estava desejando se se visse estampado em suas ações e qualidades pessoais. Quer dizer, ela partia primeiramente de uma decisão livre de qualquer necessidade ou de coação, e era privilégio inalienável de qualquer criatura racional, boa ou má.⁴¹⁸

As três partes da consideração do si mesmo, por fim, garantiam uma coerência interna ao homem (entre vontade, consentimento voluntário e livre-arbítrio) para que pudesse refletir em suas atitudes mais exteriores a conformidade cada vez mais plena entre a vontade humana e a vontade divina. A consideração do si mesmo, como uma espécie de divinização humana, se encarregava de purificar todos os outros objetos da consideração. Era o início e o fim porque um dos verdadeiros problemas do homem, em especial de Eugênio, era saber como fosse capaz de reinar sobre todos e de exercer uma sabedoria quase divina sendo “o maior dos miseráveis” do mundo.

⁴¹⁴ *De Consideratione* Livro I.VIII.10, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 73.

⁴¹⁵ *De Consideratione* Livro II.XI.20, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 113.

⁴¹⁶ BALLANO, 1994a, p. 19.

⁴¹⁷ *De Consideratione* Livro II.XI.20, em SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1994a, p. 113.

⁴¹⁸ *De gradibus humilitatis et superbiae*, 1983g, p. 449.

CONCLUSÃO

Em linhas gerais, quisemos com esta dissertação tocar em dois pontos dos escritos de São Bernardo de Claraval que, a nosso ver, merecem profunda investigação tanto pelo caráter novo que os configura, quanto pela pouca visibilidade que possuem entre os estudos de sua mística e religiosidade. Tratamos majoritariamente da aproximação de São Bernardo com a Filosofia; mas não aquela relação que tantas vezes os estudiosos apontaram como de radical desconfiança e de oposição, senão que outra, de caráter neutro e até mesmo positivo. Pela faceta evidentemente filosófica do *De Consideratione*, não cremos que São Bernardo pode ser chamado, a custo de um paradoxo, de um ferrenho antifilósofo. Para cumprirmos nossos objetivos, investigamos no tratado sua própria definição de Filosofia e a exortação de sua prática, cotejando-as amplamente com o que, em outros escritos, havia mencionado sobre esse campo do saber.

Mas por São Bernardo tratar-se de um personagem afastado de nós espaciotemporalmente, entendemos que, tanto quanto escolher um tema de problemática relevante, era questão importantíssima contextualizar obra e autor, principalmente porque não pressupomos nosso leitor ideal como alguém de todo familiarizado com sua juventude, sua conversão, as personalidades com as quais mantinha contato, as querelas da época e as movimentações políticas e filosóficas que acompanhava. Tentamos enquadrá-lo, todavia, em uma moldura para além da simples cronologia. Quisermos ressaltar, de algum modo, os aspectos psicológicos do monge borgonhês que notamos se repetirem em seu trato com o mundo.

Assim, aproveitamos já no primeiro capítulo para ressaltar, historicamente, a relação de São Bernardo com a abadia de Cluny e a Reforma Gregoriana e, concomitantemente, defendê-la como parte de sua visão sobre a *auctoritas* e a *potestas* pontificais. Estes conceitos foram resgatados no *De Consideratione*, afinal, porque a má compreensão de como e quando deveriam ser aplicados no exercício do pontificado, fizeram com que Eugênio III adentrasse em uma instabilidade mais que política, isto é, também filosófica existencial. São Bernardo compreendia que as relações de poder no âmbito eclesiástico interferiam nas reflexões de Eugênio e

predicava, pelos quatro objetos desta consideração, um ajuste entre a moral e o autoconhecimento para a purificação das atitudes pontificais que derivavam dessa relação.

Abordamos também as interferências de São Bernardo no contexto histórico e político do *De Consideratione* para destacar, no contrapeso de sua obediência, sua autonomia de ação e liberdade de pensamento. Estava sujeito à hierarquia, de fato, mas não era cerceado por ela negativamente, como se tivesse de ser tolhido por excesso ou erro de juízo. Ao contrário, seus conselhos, pedidos e ordens moviam com êxito grande número de pessoas porque tinham o peso duplo da intolerância – a ideias consideradas heterodoxas – e da indulgência – para com os homens que as defendiam. São Bernardo tinha um jeito próprio de apresentar seu ponto de vista: enquanto criticava amigos e inimigos com sua franqueza sem dívidas morais, lançava mão de diversos recursos retóricos e estilísticos para mostrar-se aberto à reconciliação. Não era dado a ambiguidades nem a personalismos. Procurava ser coerente nos limites de sua fidelidade à verdade que professava e de sua caridade para com o próximo.

Nesse sentido, quisemos ressaltar que, para nós, os signos da maternidade e da caridade que vimos frequentemente tratados em seus escritos, não eram fruto de uma aproximação tardia, mas já faziam parte do caráter de São Bernardo construído quando jovem e antes de sua conversão. Esperávamos que todos os fatos elencados ajudassem o leitor a compreender, enfim, que sua aproximação com a Filosofia teve de superar, em certo sentido, o distanciamento que quis manter em relação aos filósofos de sua época (porque carregavam vícios nocivos à salvação do homem e não praticavam o que São Bernardo chamava de verdadeira Filosofia). Nesse sentido, reforçamos a história da Filosofia dos séculos XI e XII para mostrar que o frequente interesse dos filósofos, como Pedro Abelardo e Gilberto Porretano, em aproximar a Lógica à Teologia Sagrada, privilegiando aquela em detrimento desta, era o motivo de sua resistência.

Não podendo ser a Filosofia, por sua vez, associada somente à Lógica, era necessário ressaltar que, se São Bernardo não acreditava numa “origem diabólica”

desta ciência, isso significava que provavelmente se filiava a uma noção de Filosofia tradicional, de acordo com o ensinado pelos Padres da Igreja, em especial Santo Agostinho. Como não bastasse mostrar as fontes históricas que cremos terem fornecido base a tantas formulações sobre seu desgosto quanto à Filosofia, ou mais especificamente, à soberba, à curiosidade e à loquacidade dos filósofos de seu tempo, mostramos também, por outro lado, trechos em que se vê firmemente uma aproximação positiva e uma adequação aos avanços do século.

No *De Consideratione*, finalmente, São Bernardo foi explícito quanto ao caráter socrático-cristão de suas admoestações e quanto à necessidade de definir sua Filosofia em termos mais apropriados. Assim, chamou-a de *consideração* e comparou-a com a contemplação, termo bastante relevante em seus escritos religiosos, dando um claro sinal, para nós, de que desejava tratar e definir a autorreflexão em âmbito muito mais filosófico que místico.

Depois de nos atermos às definições e divisões que há na consideração, explicadas espaçadamente por São Bernardo nos cinco livros, nos foi possível compreender a prática do *nosce teipsum* e de todas as considerações possível somente quando para a reflexão se reserva um tempo de ócio santo, tradicional na filosofia antiga. Exortando Eugênio a afastar-se dos trâmites mais burocráticos da Igreja, São Bernardo apontava que a utilidade da consideração para o bom governo radicava no fato de que, nela, a moral, a política e a religião se viam bem ordenadas e direcionadas à contemplação de um bem maior.

Quisemos mostrar também que, para São Bernardo, a consideração se dava exatamente quando o homem tentava compreender, nesse ínterim, as coisas humanas e divinas conjugadas ao estudo do bem viver, como na Filosofia dos antigos se via pregada. Na Filosofia de São Bernardo, enfim, a moderação das virtudes e das relações interpessoais era marcada pela posse que deveria o homem ter de si mesmo pelo exame de consciência. Expomos, pois, que São Bernardo estava consciente da semelhança de seus ensinamentos com aquele dos socráticos e de outros de sua época, mesmo de Pedro Abelardo.

Nesse sentido, ressaltando a aproximação diversa de São Bernardo em relação aos ensinamentos pagãos, mostramos que seu socratismo cristão era uma Filosofia fortemente contrária ao que considerava uma invasão da lógica aristotélica e do platonismo no dogma da fé e uma supervalorização da razão na solução de problemas teológicos.

Dissemos que a Filosofia de São Bernardo era, de certo modo, a intelectualização de sua mística porque focalizava seus traços mais transcendentais, como a humildade e o conhecimento de Deus, por um viés antropocêntrico, ativo, didático e moralista. São Bernardo quis ensinar Eugênio a bem viver, de fato, e isso fizemos notar que pela consciência do si mesmo como uma via para alcançar a Deus. Nesse sentido, adentramos mais profundamente em seu pensamento para explicar, por outro lado, que não descartava o conhecimento do mundo por crê-lo inútil ou por ser radicalmente antifisicista, senão que o limitava pela serventia à expansão do conhecimento de si mesmo, que era o ponto de partida, o alicerce e a medida de todas as considerações.

Para São Bernardo, vimos que a consideração era o caminho à chamada Pátria celeste que melhor abria o coração ao plano da graça, o que fazia do exercício da razão uma ação propedêutica essencial para a doutrina da salvação. O conhecer-se a si mesmo, assim, era tanto uma marca de humanidade quanto de caridade do homem para consigo mesmo. Entendendo a precedência do amor a si mesmo, pela carne, em relação ao amor que o homem deve a Deus, São Bernardo indicava o autoconhecimento como passo seguinte a essa necessidade embaraçosa que era o amor pelo corpo e elevação acima da vida instintiva.

Tendo despertado Eugênio sobre sua natureza corpóreo-espiritual, São Bernardo foi capaz de distinguir a consideração do si mesmo em três questionamentos principais, o *quid in natura*, o *quis in persona* e o *qualis in moribus*. Considerando sobre a racionalidade, a mortalidade, o pecado original e a graça, chegamos à conclusão que refletindo sobre sua natureza, o *quid est in natura*, o homem compreendia sua permanência na *região da dessemelhança*, isto é, a separação entre o ser imagem e o ser semelhança de Deus provocada pelo pecado original. Por seu grande drama, o

de viver com uma carne escrava pela necessidade e uma alma livre pela vontade, o homem assumia parte do exercício da consideração de sua racionalidade como uma missão para tentar recuperar seu laço essencial de união com Deus.

Pela consideração do *quis in persona*, Eugênio deveria compreender que, por habitar na região da dessemelhança, toda a dignidade de seu ofício não acrescentava prerrogativas à sua natureza, senão que, ao contrário, lhe exigia sempre exame crítico de sua consciência e a afeição pela humildade. Concluímos, por fim, que pela consideração do *in natura* e do *in persona*, o homem chegava à consideração do *qualis in moribus*, aquela na qual o homem pela vontade, pelo consentimento voluntário e pelo livre-arbítrio, tinha a possibilidade de reerguer-se e unir novamente em si a imagem e a semelhança separadas. Como atitude da alma, a consideração do *qualis in moribus* preparava o homem para o sentimento de responsabilidade moral pela prática de todas as virtudes elencadas no *De Consideratione*. Ao final, vimos que para São Bernardo, as três considerações do si mesmo se encarregavam da purificação de todas as outras porque, por elas, o homem refletia em suas atitudes o desejo de conformar sua vontade à de Deus, o que, de modo especial, indicava o exercício de uma sabedoria muito mais filosófica do que aquela propagada pelos filósofos de seu tempo.

REFERÊNCIAS

Fontes Primárias de São Bernardo

SAINT BERNARD. *On Consideration. Translated by George Lewis M.A.*. Oxford: Claredon Press, 1908.

SAN BERNARDO DE CLARAVAL. Apologia. In: SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas de San Bernardo*. Tomo I. Introducción general y Tratados (1º). Edición bilingüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Introd. por Juan Maria de la Torre *et al.*. Trad. de Juan Maria de la Torre *et al.*. 2ª ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1983a, p.250-295.

_____. Libro sobre el amor a Dios. In: SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas de San Bernardo*. Tomo I. Introducción general y Tratados (1º). Edición bilingüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Introd. por Juan Maria de la Torre *et al.*. Trad. de Juan Maria de la Torre *et al.*. 2ª ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1983b, p. 297-359.

_____. Tratado sobre la consideración al papa Eugenio. In: SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas de San Bernardo*. Tomo II. Tratados (2º). Edición bilingüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Introd. por Mariano Ballano. Trad. de Iñaki Aranguren *et al.*. 2ª ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1994a, p. 52-233.

_____. Errores de Pedro Abelardo. In: SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas de San Bernardo*. Tomo II. Tratados (2º). Edición bilingüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Introd. por Mariano Ballano. Trad. de Iñaki Aranguren *et al.*. 2ª ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1994b, p. 525-571.

_____. Libro sobre la gracia y el libre albedrío. In: SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas de San Bernardo*. Tomo I. Introducción general y Tratados (1º). Edición bilingüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Introd. por Juan Maria de la Torre *et al.*. Trad. de Juan Maria de la Torre *et al.*. 2ª ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1983c. p. 425-493.

_____. *Obras completas de San Bernardo*. Cartas. Tomo VII. Edición bilingüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Introd. Iñaki Aranguren. Trad. Iñaki Aranguren y Mariano Ballano. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos (BAC), 1990.

_____. *Obras completas de San Bernardo*. Sermones sobre el Cantar de los Cantares. Tomo V. Edición bilingüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Introd. Juan Maria de la Torre. Trad. Iñaki Aranguren. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos (BAC), 1983d.

_____. *Obras completas de San Bernardo*. Sermones litúrgicos (1º). Tomo III. Edición bilingüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos (BAC), 1983e.

_____. *Obras completas de San Bernardo*. Sermones litúrgicos (2º). Tomo IV. Edición bilingüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos (BAC), 1983f.

_____. *Obras completas de San Bernardo*. Sermones varios. Tomo VI. Edición bilingüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Introd. y Trad. por Mariano Ballano. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos (BAC), 1988.

_____. Tratado sobre los grados de humildad y soberbia. In: SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas de San Bernardo*. Tomo I. Introducción general y Tratados (1º). Edición bilingüe preparada por los

Monjes Cistercienses de España. Introd. por Juan Maria de la Torre *et al.*. Trad. de Juan Maria de la Torre *et al.*. 2ª ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1983g, p. 164-247.

_____. *De Diligendo Deo*. “Deus há de ser amado”. Trad. Matteo Raschiatti. Petrópolis: Vozes, 2010.

Fontes Primárias várias

BERENGARII SCHOLASTICI APOLOGETICUS, *Contra beatum Bernardum, Claraevallensem abbatem, et alios qui condemnaverunt Petrum Abaelardum*. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/berengar.html>> Acesso em: 10 dez. 2013.

BOÉCIO. *A Consolação da Filosofia*. Trad. Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

CONSOLATIO PHILOSOPHIAE. Disponível em: <http://faculty.georgetown.edu/jod/boethius/jkok/toc1_t.htm>. Acesso em: 13 mai. 2014.

DOEBERL. Monumenta Germaniae Selecta, Vol 4, p. 40, trans in Ernest F. Henderson, *Select Historical Documents of the Middle Ages*. London: George Bell and Sons, 1910. Disponível em: < <http://legacy.fordham.edu/halsall/source/eugene3-2cde.asp>> Acesso em: 6 nov. 2013.

GAUFRIDO MONACHO CLARAE-VALLENSIS. *Fragmenta ex Tertia Vita Sancti Bernardi*. Disponível em: <<http://www.binetti.ru/bernardus/182.shtml>>. Acesso em: 17 jun. 2013.

GUILLELMO SANCTI THEODERICI. GUILLELMO SANCTI THEODERICI. S. *Bernardi vita et res gestae libris septem comprehensae. Liber primus*. Disponível em: < <http://www.binetti.ru/bernardus/171.shtml>> Acesso em: 15 mai. 2013.

HUGO DE SÃO VÍTOR. *Opúsculo sobre o modo de aprender e de meditar*. Disponível em: <<http://www.cristianismo.org.br/pfp-03.htm>>. Acesso em: 10 mai. 2014.

L. ANNAEI SENECAE EPISTULARUM MORALIUM AD LUCILIUM. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/sen.html>>. Acesso em: 22 abr. 2014.

LÚCIO ANEU SÊNECA. *Cartas a Lucílio*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

OTTO OF FRIESING. *Gesta Friderici Imperatoris*. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/ottofreising/2.html>>. Acesso em: 18 mai. 2013.

PETRUS DAMIANUS. *De Sancta Simplicitate*. Disponível em:<http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_1007-1072__Petrus_Damianus__Opusculum_45._De_Sancta_Simplicitate__MLT.pdf.html> Acesso em 20 out. 2014.

RICARDO DE SÃO VÍTOR. *Benjamin Maior*. Disponível em: <<http://www.cristianismo.org.br/r-benmaj.htm>>. Acesso em: 10 mai. 2014.

RICHARDUS S. VICTORIS. *Benjamin Major*. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/1162-1173,_Richardus_S_Victoris_Prior,_De_Gratia_Contemplationis_Libri_Quinque_Dicti_Benjamin_Major,_MLT.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2014.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões de Santo Agostinho*. 8ª ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1975.

_____. *Diálogo sobre o Livre arbítrio*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa – Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2001.

SANTO ANSELMO; ABELARDO. *Monólogo; Proslógio ; A verdade ; O gramático*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

SÃO BENTO. *A Regra de São Bento* (bilíngüe). Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1980.

SAN AUGUSTÍN. *Obras completas de San Agustín*. Sermones (2º): 51-116, Sobre los Evangelios Sinópticos. Texto bilíngüe. Traducción de Lope Cilleruelo, Moises Maria Campelo, Carlos Moran y Pio de Luis. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos (BAC), 1983.

_____. *Obras completas de San Agustín*. La Ciudad de Dios. Texto bilíngüe. Edición preparada por el padre Fr. José Moran O.S.A. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos (BAC), 1958.

_____. *Obras completas de San Agustín*. Las Confesiones. Texto bilíngüe. Edición crítica y anotada por el Padre Angel Custodio Vega O.S.A. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos (BAC), 1974.

PLATÃO. *A República*. Trad. e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

Fontes Bibliográficas e Referências

ABBAGNANO, Nicola. *História da Filosofia*. Vol. III. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

ARANGUREN, Iñaki. Introducción [al tratado Sobre la Consideración]. In: SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas de San Bernardo*. Tomo II. Tratados (2º). Edición bilíngüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Introd. por Mariano Ballano. Trad. de Iñaki Aranguren *et al.*. 2ª ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1994, p. 49-52.

_____. Introducción. In: SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas de San Bernardo*. Tomo I. Introducción general y Tratados (1º). Edición bilingüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Introd. por Juan Maria de la Torre *et al.*. Trad. de Juan Maria de la Torre *et al.*. 2ª ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1993, p. 248-249.

_____. Introducción. In: SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas de San Bernardo*. Cartas. Tomo VII. Edición bilingüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Introd. Iñaki Aranguren. Trad. Iñaki Aranguren y Mariano Ballano. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos (BAC), 1990. p. 3-38.

BALLANO, Mariano. A su imagem y semejanza. In: SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas de San Bernardo*. Tomo II. Tratados (2º). Edición bilingüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Introd. por Mariano Ballano. Trad. de Iñaki Aranguren *et al.*. 2ª ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1994a, p. 3-47.

_____. El pan de la palabra. In: *Obras completas de San Bernardo*. Sermones vários. Tomo VI. Edición bilingüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Introd. y Trad. por Mariano Ballano. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos (BAC), 1988.

_____. Introducción. In: SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas de San Bernardo*. Tomo II. Tratados (2º). Edición bilingüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Introd. por Mariano Ballano. Trad. de Iñaki Aranguren *et al.*. 2ª ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1994b, p. 49-51.

CATHOLIC ENCYCLOPEDIA. *Gilbert de la Porrée*. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/06555a.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

CHAPMAN, Alice. Disentangling *Potestas* in the Works of St. Bernard of Clairvaux. VILA-CHÃ, João J. (director/editor). *Revista Portuguesa de Filosofia: Sapientia Dei* –

Scientia Mundi: Bernardo de Claraval e o seu Tempo, Vol. 60, Fasc. 3, p. 587-600, 2004.

CIPRIANI, Nello. O Doctor gratiae e o conhecimento do mundo sensível. Entrevista com Nello Cipriani de Lorenzo Cappelletti. *30 días*, nº 11, Roma, 2006. Disponível em: <http://www.30giorni.it/articoli_id_12080_l6.htm>. Acesso em: 11 mai. 2014.

COLOMBÁS, García M. *La Tradición Benedictina: ensayo histórico*. Tomo cuarto (el siglo XII). Zamora: Monte Casino, 1993.

CORNFORD, Francis MacDonald. *Antes e depois de Sócrates*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COSTA, Ricardo da. “Há algo mais contra a razão que tentar transcender a razão só com as forças da razão?": a disputa entre São Bernardo de Claraval e Pedro Abelardo”. In: LAUAND, Jean (org.). *Anais do X Seminário Internacional: Filosofia e Educação - Antropologia e Educação - Ideias, Ideais e História*. São Paulo: Editora SEMOrOc (Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente da Faculdade de Educação da USP) Núcleo de Estudos de Antropologia UNIFAI / Factash Editora, 2010, p. 67-78. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/ha-algo-mais-contra-razao-que-tentar-transcender-razao-so-com-forcas-da-razao-disputa-entre>> Acesso em: 7 fev. 2014.

_____. “Cluny, Jerusalém celeste encarnada (séculos X-XII)”. In: *Revista Mediaevalia. Textos e Estudos* 21 (2002), p. 115-137. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/cluny-jerusalem-celeste-encarnada-seculos-x-xii>>. Acesso em: 7 fev. 2014.

_____. “Os Epistolários Medievais como espaço narrativo fundante: o universo do eu amoroso nas cartas de Bernardo de Claraval”. In: ZIERER, Adriana (org.). *História Antiga e Medieval, vol. 5. Sonhos, Mitos e Heróis: Memória e Identidade*. São Luís: UEMA, 2013 (no prelo). Disponível em: <

<http://www.ricardocosta.com/artigo/os-epistolarios-medievais-como-espaco-narrativo-fundante>>. Acesso em: 13 mai. 2012.

DIAS, Cléber Eduardo dos Santos. Pedro Abelardo – Confessio fidei universis. *VERITAS*, Porto Alegre, v. 51, n. 3, p. 169-181, set/2006,. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/1837/1367>> Acesso em 9 de jul. 2014.

DUBY, Georges. *São Bernardo e a Arte Cisterciense*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

DUMONT, Charles e TORRE, Juan María de la. *Uma lectura de San Bernardo hoy*. In: In: SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas de San Bernardo*. Tomo I. Introducción general y Tratados (1º). Edición bilingüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Introd. por Juan Maria de la Torre *et al.*. Trad. de Juan Maria de la Torre *et al.*. 2ª ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1983. p. 73-123.

ENDERS, Markus. Bernardo de Clairvaux. Um mestre do amor. In: KOBUSCH, Theo (org.). *Filósofos da Idade Média*. Uma introdução. São Leopoldo: UNISINOS, 2003. p. 94-110.

EVANS, Gillian Rosemary. *Bernard of Clairvaux*. New York: Oxford University Press, 2000.

FERNANDES, Tathyana Zimmermann. *O ideal de papa proposto por Bernardo de Claraval no tratado Sobre a Consideração (século XII)*. 2007, 136f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

FERRATER MORA, José. Silogismo. In: DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. Tomo IV (Q-Z). São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 2679-2684.

FLORIDO, Francisco León. La cuestión *In Reparatione Corruptae* y el problema de la

omnipotencia divina de Pedro Damían a Guillermo de Rimini. CAURIENSIA, Vol. VII, 2012 – 397-419,

FRANCA, Leonel. Noções de História da Filosofia. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1944.

GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *O Espírito da Filosofia Medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *The Mystical Teology of Saint Bernard*. New York: Sheed & Ward, 1940.

IOGNA-PRAT, Dominique. “Cluny, cidadela celeste”. In: DUBY, Georges e LACLOTTE, Michel (coord.). *História Artística da Europa*. A Idade Média. Tomo II. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1998, p. 100-117.

LAUAND, Jean. Agostinho: dois sermões. In: *Cultura e Educação na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998a. p. 7-39.

_____. Bernardo de Claraval: Sermão sobre o conhecimento e a ignorância. In: *Cultura e Educação na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998b. p. 251-271.

_____. Boécio: o Tratado sobre a Trindade (séculos V-VI). In: *Cultura e Educação na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998c. p. 75-99.

LECLERCQ, Jacques. As grandes linhas da filosofia moral. São Paulo: Editora Herder, 1967.

LUDDY, Ailbe J. *São Bernardo de Claraval*. Lisboa: Aster, [s/d].

MENDONÇA, Eduardo Prado de. *O socratismo cristão e as origens da Metafísica moderna*. São Paulo: Editora Convivio, 1975.

MARRONE, Stephen. A filosofia medieval em seu contexto. In: MCGRADY, A. S. (org.). *Filosofia Medieval*. Aparecida: Idéias & Letras, 2008. p. 27-70.

MORAN, José. Introducción general. In: SAN AUGUSTÍN. *Obras completas de San Augustín*. La Ciudad de Dios. Edición preparada por el padre Fr. José Moran O.S.A. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos (BAC), 1958. p. 3-55.

NEPOMUCENO, Luís André. Linguagem e Poder: Notas sobre as Cartas a Lucílio, de Sêneca. *Fragmentos*, Florianópolis, nº 26, p. 31-42, jan-jun/2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/7757/7127>>. Acesso em: 15 set. 2014.

PASCUAL, Francisco Rafael de. Perfil biográfico. In: *Obras completas de San Bernardo*. Tomo I. Introducción general y Tratados (1º). Edición bilingüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Introd. por Juan Maria de la Torre *et al.*. Trad. de Juan Maria de la Torre *et al.*. 2ª ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1983. p. 128-161.

GUERRERO, Rafael Ramón. *Historia de la Filosofía Medieval*. Madrid: Ediciones Akal, 2002.

RATISBONNE, Marie-Theodore. *Histoire de Saint Bernard et de son siècle*. Tome premier. Paris: Librairie de Mme. Ve. Poussielgue-Rusand, 1853. Disponível em: <<https://archive.org/details/histoiredesaint01ratigoog>>. Acesso em 12 mar. 2012.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia grega e romana, vol. III: Platão*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. *História da Filosofia grega e romana, vol. II: Sofistas, Sócrates e socráticos menores*. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia*. Filosofia pagã antiga. Vol. I. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

RICHÉ, Pierre. *Vida de São Bernardo*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

RUST, Leandro Duarte e SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. A Reforma Gregoriana: trajetórias historiográficas de um conceito. *História da Historiografia*, Ouro Preto, nº 3, p.135-152, 2009. Disponível em: <historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/62> Acesso em: 7 fev. 2014.

SARANYANA, Josep-Ignasi. *Historia de la Filosofía Medieval*. Navarra: EUNSA, 1999.

SOUZA, José Antônio de C. R. de. O poder papal no livro III do tratado Sobre a Consideração de Bernardo de Claraual. VILA-CHÃ, João J. (director/editor). *Revista Portuguesa de Filosofia: Sapientia Dei – Scientia Mundi: Bernardo de Claraual e o seu Tempo*. Vol. 60, Fasc. 3, p. 601-620, 2004.

TORRE, Juan María de la. Experiencia Cristiana y expresión estética en los sermones sobre el Cantar de los Cantares. In: SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas de San Bernardo*. Sermones sobre el Cantar de los Cantares. Tomo V. Edición bilingüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Introd. Juan Maria de la Torre. Trad. Iñaki Aranguren. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos (BAC), 1983a. p. 3-75.

_____. *El carisma cisterciense y bernardiano*. In: SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas de San Bernardo*. Tomo I. Introducción general y Tratados (1º). Edición bilingüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Introd. por Juan Maria de la Torre *et al.*. Trad. de Juan Maria de la Torre *et al.* 2ª ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1983. p. 3-72.

TORRE, Juan María de la; DUMONT, Charles e PASCUAL, Rafael. *Introducción*. In: SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas de San Bernardo*. Tomo I. Introducción general y Tratados (1º). Edición bilingüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Introd. por Juan Maria de la Torre *et al.*. Trad. de Juan Maria de la Torre *et al.*. 2ª ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1983b. p. 164-167.

_____. *Introducción*. In: SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas de San Bernardo*. Tomo I. Introducción general y Tratados (1º). Edición bilingüe preparada por los Monjes Cistercienses de España. Introd. por Juan Maria de la Torre *et al.*. Trad. de **Juan** Maria de la Torre *et al.*. 2ª ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1983c. p. 297-299.

VACANDARD, Elphège. *Vie de Saint Bernard. Abbé de Clairvaux*. Tome Premier. Paris: Librairie Victor Lecoffre, 1910.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média ocidental: (séculos VIII a XIII)*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.

VERBAAL, Wim. Bernardus Philosophus. VILA-CHÃ, João J. *Revista Portuguesa de Filosofia: Sapientia Dei – Scientia Mundi: Bernardo de Claraval e o seu Tempo*. Vol. 60, Fasc. 3, p. 567- 586, 2004.

VILA-CHÃ, João J. (director/editor). *Revista Portuguesa de Filosofia: Sapientia Dei – Scientia Mundi: Bernardo de Claraval e o seu Tempo*. Vol. 60, Fasc. 3, 2004.

WEISBACH, Werner. *Reforma religiosa y arte medieval: a influencia de Cluny en el romanico Occidental*. Madrid: Espasa-Calpe, 1949.

ANEXO

Tradução do *De Consideratione*

Todos os escritos de São Bernardo foram traduzidos para a língua espanhola e lançados, em edição latim-espanhol, pela BAC – *Biblioteca de Autores Cristianos*. Se sabemos poucas as traduções dos escritos do monge para língua portuguesa, em relação ao tratado *De Consideratione*, o panorama é ainda mais desfavorável. A única tradução, embora parcial, que encontramos disponível foi a do Prof. Dr. Ricardo da Costa (em <http://www.ricardocosta.com/textos/bernardo2.htm>). A fim, pois, de auxiliar pesquisadores lusófonos e desconhecedores da língua latina em seu contato com o rico tratado, decidimos traduzi-lo integralmente. Para tanto, valemo-nos da tradução espanhola citada, feita por Iñaki Aranguren, em 1994, e da tradução em língua inglesa de George Lewis M.A., lançada pela Oxford University, em 1908. Embora tenhamos traduzido diretamente da língua latina, tendo por base o mesmo texto crítico utilizado por Aranguren, a saber, de dom Jean Leclercq, editado em *Editiones Cistercienses*, Roma, 1957-1977, o cotejamento de ambas as traduções citadas foi utilíssimo para a dirimência de diferenças tradutórias, o esclarecimento de certas passagens e o conhecimento dos versículos bíblicos aludidos por São Bernardo.

PRÓLOGO

Cresce em minha alma o desejo de escrever algo que te edifique, beatíssimo Papa Eugênio, te deleite e te console, mas não sei como posso expressar-me agradavelmente e com calma enquanto à porfia estão tua majestade e meu amor. Este me impele, aquela me inibe, tua dignidade, contudo, intervém, e por meio dela nem sequer ordenais, mas pedis, quando em verdade mais convinha que ordenasse. Como não cederiam meus temores, pois, diante de uma majestade que tão dignamente se rebaixa? Que me importa se ascendeste à cátedra? Nem se andasses sobre as asas dos ventos⁴¹⁹ te faltaria meu afeto. O amor desconhece quem é o senhorio,⁴²⁰ e reconhece seu filho ainda que ornado de insígnias. O amor é submisso por natureza, obedece espontaneamente, cede desinteressadamente, respeita livremente. Mas nem todos são assim, nem todos!⁴²¹ Alguns se deixam levar pelo temor ou pela ganância. São os que louvam pelas aparências, mas guardam maldade no coração.⁴²² Louvar-te-iam face a face, mas na necessidade te abandonariam. A caridade jamais acabará.⁴²³

Eu, para dizer a verdade, estou livre de meus ofícios maternais para contigo,⁴²⁴ mas o afeto não me foi arrancado. Desde muito tempo estás em minhas entranhas, não é tão fácil que te arrebatem de minha alma. Que subas aos céus, que desças aos abismos,⁴²⁵ não te afastarás de mim,⁴²⁶ seguir-te-ei aonde fores.⁴²⁷ Amei o pobre em espírito,⁴²⁸ amarei quem agora é pai de pobres e de ricos.⁴²⁹ Bem te conheci, sei que não deixaste de ser pobre de espírito⁴³⁰ porque te tornaste pai dos pobres. Confio que a mudança que se realizou não a almejaste. Creio, mais ainda, que essa

⁴¹⁹ Sl. 103,3

⁴²⁰ São Bernardo faz uma alusão aqui ao senhorio, centro territorial do poder feudal (Nota de Ricardo da Costa)

⁴²¹ Sl. 1,4

⁴²² Sl. 27,3

⁴²³ I Cor. 13,8

⁴²⁴ Papa Eugênio havia sido discípulo de São Bernardo em Claraval em 1138. Em 1140, o papa Inocêncio II fê-lo abade de Ter Fontane.

⁴²⁵ Sl. 106,26

⁴²⁶ Jr. 32,40

⁴²⁷ Mt. 8,19

⁴²⁸ Mt. 5,3

⁴²⁹ Jó 29,16

⁴³⁰ Mt. 5,3

promoção não conseguiu mudar tua antiga postura, mas somente se agregou a ela. Aconselhar-te-ei, não como um mestre, mas como uma mãe, como quem ama. Que me vejam como louco aqueles que não amam nem sentem a força do amor.

LIVRO I

CONDOLÊNCIAS POR TUAS OCUPAÇÕES

I.1. Por onde deveria começar? Decido-me por tuas ocupações porque são elas as que mais me levam a condoer-me contigo. Digo condoer-me, se em ti elas também doem. Caso não doam, deveria então dizer que me afligem, pois não há condolência quando não há quem sinta a dor. Portanto, se sentes dor, me dói; se não, mais ainda sinto, pois sei que um membro que se tornou insensível quanto mais longe da saúde estiver⁴³¹ é para si mesmo a enfermidade mais perigosa. Mas sabes que de modo algum suspeito isso de ti.

Sei que, há pouco, saboreavas as delícias de tua vida tranquila. Não pode ser que tenhas te afastado delas tão facilmente e que não te doas essa mudança repentina. Uma chaga recente dói muitíssimo. Não pode ser que a ferida já não se sinta, tampouco que te insensibilizaste tão rapidamente. Seja como for, se não estiveres escondendo teus sentimentos, motivos não te faltariam para justificar a dor pelos dissabores do dia a dia. Contra tua vontade, creio firmemente, te separaram dos braços de tua Raquel,⁴³² mas é preciso que muitas vezes sintas essa dor para que ela se renove.⁴³³

E quando isso sucede? Quantas vezes desejaste em vão! Quantas vezes te moveste e não saíste do lugar! Quantas vezes te esforçaste e nada conseguiste! Entraste em trabalho de parto e não deste à luz. Tentaste e impediram-te. Não é verdade que, quando comesas, logo te desanimas porque te dificultam a ação?⁴³⁴ *Os filhos chegaram ao ponto de nascer, disse o Profeta, porém a que está de parto*

⁴³¹ Sl. 21,2

⁴³² Gn. 29,6. Nos escritores místicos, Raquel e Lia denotam respectivamente a vida contemplativa e a vida ativa. (Nota de George Lewis).

⁴³³ Sl. 38,3

⁴³⁴ Is. 38,12

*não tem forças para das à luz.*⁴³⁵ Não te soa um pouco familiar? Ninguém sabe disso melhor que ti. Tua mente deve estar debilitada ou és como a novilha de Efraim acostumada com a debilidade⁴³⁶ se, com todo respeito, te acomodaste a tua situação sem preocupação alguma. Mas não é assim. Essa é a parte daquele que se entregou a sentimentos depravados.⁴³⁷ Sinceramente desejo que tenhas paz, mas não em companhia desse tipo de gente. Nada me atemoriza mais que esse tipo de paz para ti. Imagina-te que possas chegar a esse ponto? Diria eu que sim, se não te lembrares de que o hábito traz consigo a incúria.

OS PERIGOS DAS OCUPAÇÕES EXCESSIVAS

II.2. Não confies muito no que sentes agora, pois nada resta tão preso à alma que, com o tempo e o esquecimento, não se torne passado. A calosidade faz com que uma velha ferida se feche e, por causa de sua insensibilidade, torne-se incurável. Nem mesmo uma dor pungente e severa provoca sofrimento por muito tempo. Se não é rechaçada por algo externo, a necessidade faz com que ceda por si mesma. Sem dúvida, torna-se rapidamente mais branda ou pelo remédio, ou pela constância do estupor. Há algo que o costume não modifique? Algo que não se insensibilize pela repetição? Algo que não ceda pelo hábito? Quantos, por causa do mau hábito, diante do amargo que tanto temiam não converteram-no em doce?

Ouve o justo que assim se lamenta: *As coisas, que antes a minha alma não queria tocar, agora pela aflição são o meu sustento.*⁴³⁸ Em um primeiro instante, algumas coisas podem parecer-te insuportáveis.⁴³⁹ Com o passar do tempo, se a elas te acostumas, julgarás que não são tão duras. Pouco depois, sentirás que são leves. Em seguida, nem mesmo as sentirás. Por fim, acabarás por deleitar-te com elas. Assim, pouco a pouco, se chega à dureza do coração,⁴⁴⁰ e dela, à aversão. Como disse, a dor mais forte e contínua⁴⁴¹ se extinguirá ou pelo recobro da saúde, ou pela insensibilidade.

⁴³⁵ II Rs. 19,3

⁴³⁶ Os. 10,11

⁴³⁷ Rm. 1,28

⁴³⁸ Jó 6,7

⁴³⁹ Mt. 23,4

⁴⁴⁰ Mt. 19,8

⁴⁴¹ Rm. 9,2

3. Eis o que sempre temi e ainda temo: que, adiando a medicação, não suportes mais a dor e, desesperado, imerjas no perigo sem poder voltar atrás. Receio, te confesso, que no meio de tuas tantas ocupações, por não veres um fim nelas, endureças tua frente e te prives, de algum modo, de uma dor justa e útil.

Muito mais prudente seria que dela te afastasses por um tempo do que deixar-te ser arrastado e conduzido, lentamente, aonde não quisesses.⁴⁴² Queres saber até aonde te conduziriam? A um coração duro.⁴⁴³ Não me perguntes como é: se não te estremeceste é sinal de que ele assim está. O coração duro⁴⁴⁴ é solitário, um que não se espanta consigo mesmo porque tampouco sente algo. Por que me perguntas? Pergunta ao Faraó.⁴⁴⁵ Ninguém de coração duro chegou a salvar-se, a não ser que Deus, por misericórdia⁴⁴⁶, como disse o Profeta, tenha lhe tirado o coração de pedra, e lhe dado um coração de carne.⁴⁴⁷ O que é, então, um coração duro? É um que não se rompe pelo remorso, não se enternece pela piedade, tampouco se move pelas orações. Diante das ameaças, não cede. Por causa dos golpes, se endurece. É ingrato com os bens que recebe, desconfiado dos conselhos, cruel em sua justiça, sem pudor diante da falta de decoro, destemido ante os perigos, desumano com os homens, temerário com o divino, esquecido do passado, negligente com o presente, despreocupado com o futuro. Assim é aquele que, de seu passado,⁴⁴⁸ só se recorda das injúrias recebidas e nada aproveita do presente. Em relação ao futuro, pensa unicamente em preparar-se para a vingança. Para resumir rapidamente a maldade dessa praga terrível, digo que ele nem teme a Deus, nem respeita os homens.⁴⁴⁹

Eis aonde essas malditas ocupações podem te levar se, tal como começaste, continuares absorvendo-te por inteiro, sem reservar nada de ti para ti mesmo.

⁴⁴² Jó 21,18

⁴⁴³ Eclo. 3,27

⁴⁴⁴ Eclo. 3,27

⁴⁴⁵ Ex. 7,13

⁴⁴⁶ Jr. 31,3

⁴⁴⁷ Ez. 36,26

⁴⁴⁸ Fp. 3,13

⁴⁴⁹ Lc. 18,4

Perdes tempo. Caso permitas que eu seja para ti outro Jetro⁴⁵⁰, diria também que tu seguramente te esgotarás com ocupações que são nada menos que tormento do espírito, esgotamento da alma⁴⁵¹ e perda da graça. De fato, que são os frutos dessas ocupações senão puras teias de aranha?⁴⁵²

O EXCESSO E A INDIGNIDADE DE TUAS OCUPAÇÕES

III.4. Pergunto-te: que é isso de litigares⁴⁵³ ou escutares litigantes desde manhã até à tarde?⁴⁵⁴ Quem dera bastassem a cada dia suas preocupações!⁴⁵⁵ Nem tuas noites são livres, pois mal te abandonas ao descanso necessário ao corpo e logo te levantas novamente para as contendas. Um dia passa ao outro os processos, e uma noite à outra se repetem as preocupações.⁴⁵⁶ Frequentemente falta-te tempo para respirar, não há momento em que possas te agarrar a um descanso alternativo, raros são os intervalos de ócio. Não duvido que tu te oponhas a essas coisas, mas o fazes inutilmente se não te esforças por remediá-las. Encorajo-te para que contra elas sempre protestes, e espero que não te endureças por qualquer hábito ou ocupação. *Tu os feriste, e eles não o sentiram*⁴⁵⁷, disse Deus. Não sejas como eles.⁴⁵⁸ Cuida mais de ouvir a voz e o sentimento do justo que diz: *Pois que fortaleza é a minha para poder sofrer? Ou qual o meu fim para me portar com paciência? A minha fortaleza não é como a das pedras, nem a minha carne é de bronze.*⁴⁵⁹

Grande virtude é a paciência, certamente, mas desejaria que pouco a tivesses nesse momento. Às vezes, como agora, o mais louvável é que sejas impaciente. Não creio que aproves a paciência daqueles⁴⁶⁰ sobre os quais Paulo se referia: *Porque vós,*

⁴⁵⁰ Ex. 18,18. No Antigo Testamento, Jetro era o sogro de Abraão. O paralelo de São Bernardo remonta ao fato de que, depois que Moisés passou a liderar os israelitas no Êxodo, Jetro o encorajou a nomear outras pessoas para que pudesse Moisés compartilhar o fardo de sua missão, permitindo que outros o ajudassem no julgamento de questões menores. Para São Bernardo, seu papel neste tratado era, simbolicamente, o mesmo de Jetro nas Sagradas Escrituras.

⁴⁵¹ Ecl. 1,14. Ecl. 1,17

⁴⁵² Jó 8,14. Os. 8,6

⁴⁵³ II Tim. 2,24

⁴⁵⁴ Ex. 18,14. Jó 4,20

⁴⁵⁵ Mt. 6,34

⁴⁵⁶ Sl. 18,3

⁴⁵⁷ Jr. 5,3

⁴⁵⁸ Mt. 27,19

⁴⁵⁹ Jó 6, 11-12

⁴⁶⁰ Sb. 2,19

*sendo sensatos, sofreis de bom grado os insensatos.*⁴⁶¹ A não ser que esteja enganado, creio que essas palavras não foram de louvor, mas de ironia e de mordaz repreensão à mansidão de alguns que, seduzidos pelos falsos apóstolos e quase entregando-se a eles, toleraram com falsa paciência serem arrastados por seus estranhos e depravados dogmas. Por isso ele acrescenta: *Efetivamente, sofreis quem vos põe em escravidão.*⁴⁶²

Não é boa a paciência que te arrasta à escravidão quando podes ser livre. Não queiras dissimular a servidão a que te entregas diariamente sem perceber. Não sentir tua contínua vexação é sinal de um coração enfraquecido. *E só a aflição vos fara entender o que se ouviu,*⁴⁶³ disseram as Escrituras. Isso é verdade, mas somente se não for excessiva. De fato, quando é, não proporciona inteligência,⁴⁶⁴ mas desprezo. *O ímpio, depois de ter caído no abismo dos pecados, tudo despreza; porém a ignomínia e o opróbrio o vão seguindo.*⁴⁶⁵ Acorda, pois, e tema o jugo da escravidão⁴⁶⁶ que já te sobrecarrega!

Crê que não és escravo porque serves a todos e não a um único senhor? Não existe servidão mais torpe e grave que a dos judeus, que aonde quer que vão a levam consigo e em todas as partes são ofendidos pelos seus senhores. Dize também tu, por favor: onde te sentes livre, protegido? Onde tu és tu mesmo? Onde quer que vás te seguem a confusão e o tumulto, te oprime o jugo de tua escravidão.⁴⁶⁷

IV.5. Não me repliques com as palavras do Apóstolo, que disse: *Sendo livre em relação a todos, fiz-me servo de todos,*⁴⁶⁸ pois elas não se aplicam a ti. Porventura servia ele como um escravo aos homens para obter sórdidos lucros?⁴⁶⁹ Porventura se dirigiam a ele, de todas as partes do mundo, ambiciosos, avaros,

⁴⁶¹ II Cor. 11,19

⁴⁶² II Cor. 11, 20

⁴⁶³ Is. 28,19

⁴⁶⁴ Sl. 118,130

⁴⁶⁵ Pr. 18,3

⁴⁶⁶ Gal. 5,1

⁴⁶⁷ Gal. 5,1

⁴⁶⁸ I Cor. 9,19

⁴⁶⁹ Tit. 1,7

simoníacos,⁴⁷⁰ sacrílegos, amasiados, incestuosos ou qualquer outro tipo de gente monstruosa para conseguirem ou conservarem, mediante sua autoridade apostólica, honras eclesiásticas?

Eis que se fez servo⁴⁷¹ o homem cujo viver era Cristo e para o qual morrer era lucro,⁴⁷² para ganhar muitos para Cristo⁴⁷³ e não amontoar tesouros pela avareza. Assim, não podes assumir como modelo de tua conduta servil a sagacidade de Paulo, nem mesmo sua caridade tão livre e generosa. Seria muito mais digno para teu apostolado, mais saudável para tua consciência, mais frutuoso para a Igreja de Deus, ouvires a Paulo quando diz em outro lugar: *Por grande preço fostes comprados, não vos torneis servos dos homens.*⁴⁷⁴

Que é mais servil e indigno, especialmente ao Sumo Pontífice, e não digo nem todos os dias, mas em todos os momentos, que transpirar por causa desses negócios e dessas pessoas? Que tempo nos restará para a oração? Quando ensinaremos aos povos?⁴⁷⁵ Quando edificaremos a Igreja?⁴⁷⁶ Quando meditaremos na Lei do Senhor?⁴⁷⁷ Diariamente, com efeito, retumbam no palácio as leis, mas as de Justiniano, não as do Senhor.⁴⁷⁸ Isso é justo? *A lei do Senhor, que é imaculada, converte as almas.*⁴⁷⁹ Essas outras não são leis, mas querelas e sofismas que subvertem o juízo.⁴⁸⁰ Com que consciência tu, pastor e bispo das almas,⁴⁸¹ podes tolerar que a lei seja silenciada e os litígios alardeados?

⁴⁷⁰ A simonia era o pecado da venda de bens espirituais, cargos eclesiásticos ou de qualquer coisa própria dos sacramentos, da hierarquia e da litúrgica. No Livro III.II.11, São Bernardo deu exemplo de alguns casos simoníacos.

⁴⁷¹ I Cor. 9,19

⁴⁷² Fp. 1,21

⁴⁷³ I Cor. 9,19

⁴⁷⁴ I Cor. 7,23

⁴⁷⁵ Lc. 20,1

⁴⁷⁶ I Cor. 14,4

⁴⁷⁷ Sl. 1,2

⁴⁷⁸ São Bernardo reclamava que muitas apelações que chegavam ao papa, com efeito, não diziam respeito nem à religião nem à moral – sobre os quais o papa deveria deliberar pessoalmente - senão que ao direito civil, facilmente resolúvel por instâncias menores.

⁴⁷⁹ Sl. 18,8

⁴⁸⁰ Jó 34,5

⁴⁸¹ I Pe. 2,25

Estou seguro que essas perversidades te afligem os escrúpulos. Penso que, durante esse tempo, te verás obrigado a exclamar diante do Senhor,⁴⁸² como o profeta: *Contaram-me os ímpios (mil) coisas frívolas, mas quão diferente é a vossa lei!*⁴⁸³ Vai, então, e ousa declarar que gozas de liberdade sobre a entorpecida multidão e sobre tantos impedimentos inconvenientes que não podes evitar! Pois, se podes e não queres, tanto mais és escravo de uma vontade tão perversa. Ou não é escravo aquele que é dominado pela iniquidade? É muito mais. A não ser que para ti seja mais indigno estar sob o domínio de outro homem que de um vício. Que diferença há se és escravo por complacência ou forçosamente, se ainda assim o és? Ainda que a escravidão forçosa seja tão lastimável, muito mais degradante é a escravidão desejada. “Que queres que eu faça?”⁴⁸⁴, pode ser que me perguntes. Que te poupes dessas ocupações. Talvez me respondas que é impossível, que mais fácil seria renunciar à cátedra. Realmente, isso seria o mais acertado se te exortasse a romper com elas, não a interrompê-las.

EXORTAÇÃO RESPEITOSA

V.6. Escuta minha repreensão e meu conselho. Se tua vida e teu saber dedicas à ação e nada reservas à consideração, como eu poderia te felicitar? Não, louvar nisso não te louvo.⁴⁸⁵ Creio que ninguém que tenha ouvido Salomão também te louvaria: *O letrado adquire sabedoria no tempo do ócio, e o que tem poucas ocupações alcançará a sabedoria.*⁴⁸⁶ Pois certamente as ações não ganham se não são acompanhadas de um tempo dedicado à consideração. Se quiseses ser tudo para todos, à semelhança do que se fez tudo para todos,⁴⁸⁷ louvo tua humanidade, contanto que seja plena. Mas como pode ser plena essa humanidade se dela mesma te exclusis? Tu também és homem.⁴⁸⁸ Logo, para que seja íntegra e plena tua humanidade, adentra também no seio que acolhe todos os homens. Do contrário, do

⁴⁸² I Rs. 7,8. Jt. 10,1

⁴⁸³ Sl. 118,85

⁴⁸⁴ At. 9,6

⁴⁸⁵ I Cor. 11,22

⁴⁸⁶ Eclo. 38,25

⁴⁸⁷ I Cor. 9,22

⁴⁸⁸ Jo. 10,33

que te terá servido, de acordo com a palavra do Senhor, ganhar a todos se te perdes a ti mesmo?⁴⁸⁹ Já que todos te possuem, sê um dos que possuem a ti mesmo.

Por que hás de ser o único a privar-se de teu próprio ofício? Até quando serás um sopro que vai e não volta?⁴⁹⁰ Até quando não receberás a ti mesmo, entre esses tantos que acolhes? És devedor de sábios e ignorantes,⁴⁹¹ e te negas a ti mesmo?

Estulto e sábio,⁴⁹² escravo e livre,⁴⁹³ rico e pobre,⁴⁹⁴ homem e mulher,⁴⁹⁵ velho e jovem,⁴⁹⁶ clérigo e laico, justo e ímpio,⁴⁹⁷ todos igualmente dispõem de ti, todos bebem em teu coração como uma fonte pública e somente tu continuas com sede? Se é maldito aquele que deteriora sua herança, que será do que fica por completo sem si mesmo? Derrama tuas águas nas praças,⁴⁹⁸ que delas bebam os homens, os jumentos e os rebanhos;⁴⁹⁹ mata a sede dos camelos do criado de Abraão,⁵⁰⁰ mas bebe tu também com eles do caudal do teu poço.⁵⁰¹ *Possui-as tu só, e não tenham parte nelas os estranhos.*⁵⁰² Acaso tu és um estranho? Para quem tu não serias um estranho, sendo-o para ti mesmo?

Definitivamente, o que não é bom para si mesmo, para quem é? Lembra-te, não te peço que faças sempre, ou frequentemente, mas que ao menos às vezes te voltes a ti mesmo. Ainda que sejas como os demais, ou até mesmo estejas depois dos demais, serve-te a ti mesmo. Há maior condescendência? Digo isso como uma concessão,⁵⁰³ não como uma ordem. Creio que nisso sou mais indulgente contigo que o Apóstolo. “Mais do que convém”,⁵⁰⁴ tu me dirás. Não me preocupo, se é assim. Confio que não te conformarás com minha tímida exortação, mas a

⁴⁸⁹ Mt. 16,26

⁴⁹⁰ Sl. 77,39

⁴⁹¹ Rm. 1,14

⁴⁹² Ecl. 6,8

⁴⁹³ Ef. 6,8

⁴⁹⁴ Pr. 22,2

⁴⁹⁵ Gn. 1,27

⁴⁹⁶ Jr. 31,13

⁴⁹⁷ Gn. 18,25

⁴⁹⁸ Pr. 5,16

⁴⁹⁹ Jn. 3,7

⁵⁰⁰ Gn. 24,14

⁵⁰¹ Pr. 5,15

⁵⁰² Pr. 5,17

⁵⁰³ I Cor. 7,6

⁵⁰⁴ Rm. 12,3

superarás. Na realidade, melhor seria que tua generosidade superasse minha audácia. A mim parece mais seguro equivocarme diante de tua majestade por timidez que por temeridade. Creio que é preferível admoestar o sábio, como fiz, segundo o que está escrito: *Dá ao sábio ocasião, e se lhe acrescentará sabedoria.*⁵⁰⁵

O QUE PARECE MAIS PERFEITO?

VI.7. Escuta, então, o Apóstolo, que assim sentencia: *É possível que não haja entre vós um homem sábio, que possa julgar entre seus irmãos?*⁵⁰⁶ E diz antes: *Digo isto para vergonha vossa.*⁵⁰⁷ *Os que são menos considerados na Igreja, estabeleci-os para julgar.*⁵⁰⁸ Logo, de acordo com as palavras do Apóstolo, usurpas indignamente para ti, também apóstolo, um ofício vil ao descer ao nível dos degradados. Por isso, o bispo ao instruir outro bispo disse: *Ninguém, que se alistou na milícia de Deus, se embarça com negócios do século, a fim de agradar àquele que o alistou.*⁵⁰⁹ Eu quero poupar-te.⁵¹⁰ Não exijo algo além de tuas forças, mas o que é possível de ser feito.

Crê, tu, que nesses tempos tolerariam os homens que litigam por heranças e que pedem por justiça que os respondessem como Deus fez: *Ó homens, quem me constituiu juiz entre vós?*⁵¹¹ Que juízo não fariam de ti? Diriam que falas como se fosse um rude que ignora o que é teu primado, que desonra tua Sede suprema e gloriosa e difama a dignidade apostólica. Por outro lado, não conseguiriam apontar apóstolo algum que se constituiu juiz de homens ou que tenha se especializado em processos sobre divisões e participações de heranças. O que leio é que os apóstolos compareceram para serem julgados,⁵¹² não para atuarem como juízes. Isso farão em um dia ainda vindouro.⁵¹³ Acaso o servo se rebaixa em sua dignidade

⁵⁰⁵ Pr. 9,9

⁵⁰⁶ I Cor. 6,5

⁵⁰⁷ I Cor. 6,5

⁵⁰⁸ I Cor. 6,4

⁵⁰⁹ II Tm. 2,4

⁵¹⁰ I Cor. 7,28

⁵¹¹ Lc. 12,14

⁵¹² At. 5,27

⁵¹³ Mt 19, 28

se não tem a intenção de ser maior que seu senhor,⁵¹⁴ ou o aluno por não querer ser maior que aquele que o ensinou, ou o filho, quando não transgredir as ordens de seus pais?⁵¹⁵ *Quem me constituiu juiz?*⁵¹⁶, perguntou ele, Senhor e Mestre.⁵¹⁷ Pode ofender-se o servo ou o discípulo que não se erige em juiz universal?

Não creio que possua um bom critério quem pensa que é indigno dos Apóstolos ou de seus sucessores não terem competência para serem juizes em todo tipo de causas, quando receberam poder para as mais sublimes. Por que não podem desprezar os juízos sobre míseras heranças humanas os que um dia julgarão os mesmos anjos do céu?⁵¹⁸ Tua potestade abarca os delitos, não as possessões. Recebeste as chaves do reino dos céus⁵¹⁹ para fechar suas portas aos pecadores, não aos que possuem propriedades. *Para que saibais, afirmam, que o Filho do homem tem poder sobre a terra de perdoar pecados,*⁵²⁰ etc. Que poder e dignidade te parecem maior: a de perdoar os pecados⁵²¹ ou a de repartir porções de terra? Não há comparação possível. Esses assuntos ínfimos e terrenos já possuem seus próprios juizes, os príncipes e os reis desse mundo. Por que te intrometeste em competências alheias? Como te atreveste a pôr tua foice na messe que não é tua? Não que tu o sejas, mas é indigno de ti meter-te em causas semelhantes quando deverias ocupar-te de realidades superiores. Se alguma vez necessitarem de ti para um caso especial, ouve a opinião do Apóstolo, que diz: *Se o mundo há de ser julgado por vós, sois vós indignos de julgar as coisas mínimas.*⁵²²

VII.8. Uma coisa é ter de voltar-se acidentalmente a essas causas, quando as razões são urgentes; outra é ocupar-se delas inteiramente, como se fossem assuntos de dedicação exclusiva. Se eu quisesse expor os argumentos mais convincentes, corretos e sinceros, recordar-te-ia tudo o que havia dito e outras muitíssimas razões. Mas correm dias maus,⁵²³ e já te insisti suficientemente para que

⁵¹⁴ Jó 13,16

⁵¹⁵ Pr. 22,28

⁵¹⁶ Lc. 12,14

⁵¹⁷ Jo. 13,14

⁵¹⁸ I Cor. 6,3

⁵¹⁹ Mt. 16,19

⁵²⁰ Mt. 9,6

⁵²¹ Mt. 9,6

⁵²² I Cor. 6,2

⁵²³ Ef. 5,16

não te does completa e frequentemente à ação, senão que reserves à consideração algo de ti mesmo, de teu coração e de teu tempo. Digo-te isso pensando mais na necessidade que na equidade, embora não seja contra a justiça ceder ao necessário.

A NECESSIDADE DA CONSIDERAÇÃO

Se é lícito, então, agir de acordo com o que melhor convier, o que se deve preferir sempre e em toda ocasião com um valor absoluto é a piedade,⁵²⁴ pois a razão nos mostra, indiscutivelmente, que é algo útil a todos. Perguntas-me: “Que é a piedade?” É dedicar-se à consideração. Talvez me digas que nessa definição eu me diferencie dos que definem a piedade como um culto a Deus.⁵²⁵ Não é assim. Se pensares bem, parte de minhas palavras coincidem com ela. Verdadeiramente, o que é mais pertinente ao culto a Deus do que o que pede o Salmo: *Parai, e reconhecei que eu sou o Deus?*⁵²⁶ Não consiste precisamente nisso a consideração?

Ademais, há algo mais útil⁵²⁷ para todos, de certo modo, que saber antecipar uma ação, ordenando previamente o que se deve fazer por meio de um exame prudente? Isso é fundamental para que coisas que poderiam ter sido previstas e consideradas com antecedência não corram o risco de serem feitas precipitadamente. Não duvido que algo assim, às vezes, tenha ocorrido contigo, se recordares os processos, as deliberações mais importantes e outros assuntos.

A primeira que purifica a alma, a própria fonte da qual nasce, é a consideração. Ademais, ela rege os afetos, dirige as ações, corrige os excessos, modera a conduta, enobrece e ordena a vida e compara o conhecimento humano aos mistérios divinos. Essa é a que põe ordem no que está confuso, harmoniza as dissensões, reúne os dispersos, sonda os segredos, investiga a verdade, examina as aparências, explora o fingimento das mentiras. Essa é a que prevê o que se deve fazer, repensa as ações para que não reste na alma nenhuma incorreção nem nada

⁵²⁴ I Tm. 4,8

⁵²⁵ Jó 28,28

⁵²⁶ Sl. 45,11

⁵²⁷ I Tm. 4,8

que deva ser corrigido. Pela consideração se presente a adversidade nos momentos mais prósperos, e isso graças à prudência e à fortaleza.

VIII.9. Deves observar também a suavíssima harmonia, a conexão que existe entre as virtudes e sua mútua relação. Acabaste de contemplar a prudência como mãe da fortaleza. O que não nasceu da prudência foi uma ousadia da temeridade, não um impulso da fortaleza. É a prudência quem, como a mediadora entre a voluptuosidade e a necessidade, as mantém dentro de seus limites, pois assinala e proporciona o suficiente para satisfazer as necessidades e elimina todo o excesso. Assim nasce a terceira virtude, chamada temperança.

É a consideração que nos permite descobrir a intemperança quando nos empenhamos teimosamente em privar-nos do necessário ou nos regalarmos com supérfluos. Porque não consiste a temperança em somente cortá-los, mas permitir para si o necessário. O Apóstolo parece não ser somente o defensor dessa sentença, mas seu próprio autor, pois nos ensina que o cuidado com a carne não deve ser satisfeito pelo desejo. Dizendo “não façais caso da carne”,⁵²⁸ coíbe o supérfluo; quando complementa “no desejo”, não exclui o que é necessário. Por isso, a meu ver, não é absurdo definir a temperança como a virtude que não prescinde nem excede o necessário, justamente como disse o filósofo: “nada em excesso”.⁵²⁹

10. Sobre a justiça, uma das quatro virtudes cardeais, não sabemos que, para que ela se forme na mente, esta deve ser preparada pela consideração? É necessário que primeiramente se recorra a si mesmo para retirar a norma da justiça, que consiste em não fazer ao outro o que não deseja que seja feito consigo,⁵³⁰ e não negar ao outro o que deseja para si. Nisso consiste integralmente o que é a justiça. Mas ela nunca anda só.

⁵²⁸Rm. 13,14

⁵²⁹ “O Filósofo” era Aristóteles. Embora ele realmente tenha dito a expressão em *Rhetorica*, II, 12, dois pontos é preciso notar. Primeiramente, que a máxima fora retirada do Oráculo de Delfos pelo Estagirita. Em segundo lugar, que São Bernardo o ter citado não significava, de fato, que o tivesse lido em primeira mão. Dado que as obras de Aristóteles não haviam sido traduzidas ao latim por completo até o século XIII, é provável que São Bernardo tivesse conhecimento de sua filosofia por meio da leitura de Boécio.

⁵³⁰ Mt. 7,12

A HARMONIA DAS QUATRO VIRTUDES

Examina comigo agora sua bela conexão e coerência com a temperança, e de ambas com as duas citadas, a prudência e a fortaleza. De fato, diz-se que a justiça é não querer para si o que não se quer para o outro, mas a aperfeiçoar pelo o que disse o Senhor: *Tudo o que vós quereis que os homens façam, fazei-o também vós a eles.*⁵³¹ Nem uma nem outra conseguiremos praticar se a vontade própria, onde se forja sua forma, não tiver sido disposta para não querer o supérfluo e prescindir o necessário. Em verdade, isso é a temperança. Para que a justiça seja justa, a temperança impõe-lhe limites. *Não sejas muito justo*, disse o sábio,⁵³² indicando-nos que a justiça, para ser aprovada, deve ser moderada pela temperança. Nem mesmo a sabedoria desdenha esse controle, diz Paulo segundo a sabedoria que Deus lhe deu:⁵³³ *não saber mais do que convém, mas saber sobriamente.*⁵³⁴

Por outro lado, nos ensina o Senhor em seu Evangelho, ao condenar a temperança dos que jejuavam⁵³⁵ para ostentarem seu jejum perante os homens, que a temperança necessita da justiça. Eles guardavam a temperança ao comer, mas em seus corações não havia justiça, pois a Deus não queriam agradar, somente aos homens.⁵³⁶

Enfim, como possuir essa virtude ou a outra sem a fortaleza? Necessita-se de fortaleza, e não pouca, para, entre angústias, rechaçar o querer e o não querer sem pender ao excesso ou à privação, a fim de que a vontade se contente com o que está no meio, que é puro, constante e, por si mesmo, igual em todas as suas partes. Qual a única virtude que é limitada igualmente por todos os lados?

11. Diga-me, se puderes: a qual dessas virtudes deveria ser dado esse espaço intermediário, tão próprio das três que parece ser exclusivo de cada uma? De fato, não é nele que está a virtude e nada mais? Caso assim fosse, a virtude não seria múltipla e todas se reduziriam a uma. Mas não é assim. O que se passa é que não

⁵³¹ Mt. 7,12

⁵³² Ecl. 7,17

⁵³³ II Pd. 3,15

⁵³⁴ Rm. 12,3

⁵³⁵ Mt. 6,16

⁵³⁶ Gl. 1,10

pode existir uma virtude que lhe falte esse espaço intermediário, que é a força recôndita, medula de todas as virtudes. A ele são unidas tão estreitamente que é como se todas parecessem uma única virtude; não porque o compartilham, repartindo-se, mas porque cada uma – prescindindo das demais – o possui por inteiro.

Por exemplo: não é a moderação o mais típico da justiça? Isso é tão verdade que, se algo escapasse de seu controle, ela seria incapaz de dar a cada um o que lhe corresponde, tal como exige sua própria natureza. Por sua vez, não se chama temperança por não admitir imoderação? Creio que suceda o mesmo com a fortaleza quando salva a temperança dos vícios que lhe assaltam e se esforçam por sufocá-la, defendendo-a com todas as suas forças até fortificá-la, como fundamento estável e assento das virtudes. Portanto, é desse modo que se tem a justiça, a fortaleza e a temperança.

Nisso não diferem. Os afetos dizem respeito à justiça, mas é pela fortaleza que são executados enquanto a temperança modera seu uso e possessão. Resta-nos demonstrar como não se exclui dessa comunhão a prudência. Não é ela precisamente a primeira a descobrir esse justo meio, desprezada por tanto tempo por negligência da alma, aprisionada no âmago pela inveja dos vícios e encoberta pelas sombras do esquecimento? Por essa razão, te digo: são poucos os que a descobrem porque poucos a possuem.

A justiça busca, a prudência encontra, a fortaleza defende e a temperança possui. Mas não é minha intenção especificamente tratar das virtudes. Exortei-te sobre o tempo que deves dedicar à consideração porque graças a ela podemos voltar nossa atenção a essas e a outras coisas semelhantes. Não perdemos a vida quando não proporcionamos a ela o ócio santo e benéfico?

A MALDADE DE NOSSOS DIAS

IX.12. Que aconteceria se de repente te dedicasses totalmente a essa filosofia, coisa que teus predecessores não tiveram o costume de fazer? Serias importunado por muitos, como se tivesses te desviado das pegadas de teus pais e, subitamente,

maculado sua memória. Além disso, serias conhecido pelo provérbio “fazei o que ninguém faz e serás observado por todos”, como se desejasses ser admirado. Claro que não poderias corrigir imediatamente todos os erros, tampouco moderar todos os excessos. Será no tempo que fixares,⁵³⁷ segundo a sabedoria dada por Deus⁵³⁸, que conseguirás paulatinamente e no momento oportuno. Sempre te será factível tomar partido de um mal alheio.

Caso tomemos os exemplos dos bons e nem digo dos mais recentes, não nos esquecemos dos Romanos Pontífices, que foram capazes de encontrar espaços para o ócio santo. Era iminente o assédio da Cidade e a espada dos bárbaros estava sobre os pescoços dos cidadãos. Por acaso alarmou-se o santo Papa Gregório ao não interromper a redação de seus sábios comentários nos momentos de ócio? Justamente nessas circunstâncias, como se vê em seu *Prólogo*, expôs ele, com grande diligência e elegância, aquela misteriosa parte de seu tratado sobre Ezequiel.

X. 13 De acordo. Agora outros costumes criaram raízes, são outros os dias e outros os hábitos dos homens. E não é que os tempos perigosos estejam iminentes,⁵³⁹ com efeito, já são uma realidade. A fraude, o engano e a violência se apoderaram da terra. São muitos os caluniadores, raros os defensores, por todas as partes os mais fortes oprimem os mais fracos. Não podemos abandonar os oprimidos nem negar a justiça aos que pacientemente sofrem injúrias.⁵⁴⁰ Como julgar se as causas não podem ser tramitadas nem as partes serem ouvidas?

OS ADVOGADOS

De fato, as causas devem ser tramitadas, mas como convém, não do modo indigno que frequentemente assola os tribunais. Não falo somente dos eclesiásticos, refiro-me também aos civis. Espanta-me como podem escutar teus piedosos ouvidos as

⁵³⁷ Sl. 74,3

⁵³⁸ Il Pd. 3,15

⁵³⁹ Il Tm. 3,1

⁵⁴⁰ Sl. 102,6. Sl. 145,7

argumentações e contrarréplicas dos advogados, que servem mais para destruir a verdade que para esclarecê-la.⁵⁴¹

Corrige a depravação da moral, cala os lábios vaidosos e corta a língua artimanhosa.⁵⁴² Esses são os que haviam ensinado seus lábios a proferirem mentiras,⁵⁴³ a arguirem contra a verdade e a favor da falsidade. São sábios em fazer o mal e mestres em impugnar a verdade. Lecionam a quem deveria instruí-los e não se baseiam nas evidências, mas no que inventam. Caluniam os inocentes, destroem a simplicidade da verdade, obstruem o caminho da justiça.

Nada pode manifestar tão facilmente a verdade quanto uma exposição breve e pura. Habitua-se, pois, a decidir com brevidade e interesse todas as coisas que inevitavelmente hão de ser vistas por ti – não há a necessidade de veres todos os processos – e também a cortar essas morosidades frustrantes que mais parecem a espera de um caçador por sua presa. Que cuides da causa da viúva,⁵⁴⁴ da causa dos pobres, daqueles que não tem o que dar. Muitas outras ações poderias passar à frente para serem concluídas, embora na maioria das vezes não deverias nem considerá-las dignas de audiência. Para que perder tempo em escutar gente cujos delitos já se conhecem antes do juízo?

OS AMBICIOSOS

A insolência de alguns é tanta que, quando cheios de ambição, carecem de pudor. Chegam à ousadia de apelar para a consciência pública quando bastava a sua própria para se confundirem. Não houve quem tivesse humilhado sua frente,⁵⁴⁵ por isso se multiplicaram e se tornaram ainda mais soberbos. O que não sei é como a consciência corrompida desses homens não tenta fugir e como eles não temem serem descobertos pelos que são tão depravados quanto eles. Quando todos estão sujos, o fedor de um minimamente é sentido. Quer um exemplo? Cora de vergonha o avaro diante do avaro, o imundo diante do imundo, o luxurioso diante do luxurioso?

⁵⁴¹ I Tm. 6,4

⁵⁴² Sl. 11,4

⁵⁴³ Jr. 9,5. Is. 59,3

⁵⁴⁴ Is. 1,23. Jr. 5,28

⁵⁴⁵ Hb. 7,23

A Igreja está infestada de ambiciosos, por isso já não se horroriza dos feitos e apetências deles, como se fosse uma guarita de ladrões onde se contempla os despojos dos viajantes.

XI.14. Se és discípulo de Cristo, que teu zelo se incendeie e que tua autoridade se levante contra essa imprudência e peste universal. Contempla o mestre e ouve: *o que quer me servir, me siga.*⁵⁴⁶ Não prepares teus ouvidos para ouvir, mas para que o flagelo os golpeie. Não pronuncies discursos nem os admita. Não se senta no tribunal,⁵⁴⁷ mas se segue punindo. Todavia, não ocultes a causa: transformaram a casa de oração em uma casa de negociação.⁵⁴⁸ Faze tu o mesmo.⁵⁴⁹ Que os negociantes empalideçam diante de tua face;⁵⁵⁰ quando não for possível, que ao menos te temam. Também tu flagelas. Que temam os banqueiros: ao invés de terem confiança no dinheiro, que a percam. Que escondam seus lucros de ti, cientes de que preferes tirá-los que recebê-los.

Ao agir assim, com empenho e tenacidade, ganharás muitos⁵⁵¹ e conseguirás que trabalhem para viver valendo-se de meios mais honestos que o lucro infame.⁵⁵² Os demais não se atreverão a conceber semelhantes negócios.

Por adição, poderás dispôr desses tempos de ócio, que te aconselho. Encontrarias muitos momentos livres⁵⁵³ para dedicá-los à consideração se fosses capaz de não conceder sequer audiências para certos pleitos, remitir outros a outras pessoas e resolver os que tu julgasses dignos de tua intervenção com um informe que fosse breve, fiel e apropriado à causa.

Sobre essa consideração penso estender-me mais. Entretanto, o farei em outro livro, a fim de que este já termine e não te resulte duplamente oneroso por sua excessiva extensão e aspereza de meu estilo.

⁵⁴⁶ Jo. 12,26

⁵⁴⁷ Is. 16,5

⁵⁴⁸ Mt. 21,13

⁵⁴⁹ Lc. 10,37

⁵⁵⁰ Is. 29,22

⁵⁵¹ I Cor. 9,19

⁵⁵² I Tm. 3,8

⁵⁵³ Ef. 5,16. Cl. 4,5

LIVRO II

APOLOGIA SOBRE OS DESASTRES EM JERUSALÉM

I. 1. Não me esqueci das promessas que já há algum tempo te fiz, santíssimo Papa Eugênio, e quero libertar-me delas, ainda que seja tarde. Envergonhar-me-ia a demora se minha consciência me acusasse de incúria e de desconsideração. Não é esse o caso. Sobrevivemos, como sabes, em tempos tão difíceis que pensei que seria o fim de meu trabalho e até de minha vida. Como se o Senhor, provocado por nossos pecados e esquecido de Sua misericórdia, tivesse querido julgar com equidade⁵⁵⁴ toda a terra antes do dia fixado. Não teve compaixão por seu povo⁵⁵⁵ nem por Seu santo nome. Não é verdade que dizem os gentios “Onde está o Deus deles?”⁵⁵⁶ Não me espanto com isso. Os filhos da Igreja que se gloriavam de serem cristãos estão prostrados no deserto⁵⁵⁷, mortos pela espada⁵⁵⁸ ou consumidos pela fome.⁵⁵⁹ Espalhou-se o desprezo pelos grandes, e o Senhor os fez errarem por ínvios desertos.⁵⁶⁰ Abatimento e infelicidade em seus caminhos,⁵⁶¹ pavor e aflição, confusão nos aposentos do rei.⁵⁶² Quantos pés confusos anunciando a paz, anunciando as boas novas!⁵⁶³ Dissemos “paz”, mas não havia paz.⁵⁶⁴ Prometemos as boas novas, e eis que apareceu o terror,⁵⁶⁵ como se nossa obra tivesse sido fruto de uma leviandade.⁵⁶⁶ Demo-nos por inteiro à ela, não sem rumo certo,⁵⁶⁷ mas porque tu mesmo ordenaste, ou melhor, porque Deus, por meio de ti, ordenaste. Por que jejuamos e Ele não nos deu atenção? Por que humilhamos nossas almas e Ele nos ignorou?⁵⁶⁸ De fato, “Sua cólera não se aplacou, e Sua mão está prestes a

⁵⁵⁴ Sl. 9,9. Sl. 95,13

⁵⁵⁵ Jl. 2,18

⁵⁵⁶ Sl. 113,10

⁵⁵⁷ I Cor. 10,5

⁵⁵⁸ Ez. 32,21. Ez. 35,8

⁵⁵⁹ Lm. 4,9

⁵⁶⁰ Sl. 106,40

⁵⁶¹ Rm. 3,16

⁵⁶² Sl. 104,30

⁵⁶³ Rm. 10,15

⁵⁶⁴ Ez. 13,10

⁵⁶⁵ Is. 17,14. Jr. 14,19

⁵⁶⁶ II Cor. 1,17

⁵⁶⁷ I Cor. 9,26

⁵⁶⁸ Is. 58,3

precipitar-se”.⁵⁶⁹ Quão pacientemente ouve os sacrilégios e as blasfêmias dos egípcios, que dizem: “com maus desígnios os conduziu para morrerem no deserto”.⁵⁷⁰ Mas quem pode ignorar que os “juízos do Senhor são verdadeiros?”⁵⁷¹ Esse julgamento é tão profundo⁵⁷² que, não sem razão, considero um santo aquele para o qual o Senhor não foi ocasião de queda.

2. Contudo, não seria uma grande temeridade humana atrever-se a repreender o que pouco se compreende? Recordemos Seus antigos desígnios, que são eternos⁵⁷³ e, quem sabe, seremos consolados. Pois assim disseram: *Recordei teus antigos desígnios, Senhor, e fui consolado.*⁵⁷⁴ Recordarei o que ninguém ignorava e que hoje foi esquecido por todos. É assim o coração do homem: o que sabemos quando não precisamos esquecemos na necessidade. Moisés, que iria conduzir o povo para fora do Egito, o prometeu uma terra melhor.⁵⁷⁵ Se assim não fosse, quando seria seguido pelo povo, que só conhecia aquela terra? Conduziu-os, mas não adentrou na terra que havia prometido.⁵⁷⁶ Em verdade, não se pode atribuir à temeridade do condutor tão triste e inesperado evento. Todas as coisas fazia por ordem do Senhor, que cooperava e confirmava sua obra pelos milagres que a acompanhavam.⁵⁷⁷ Mas tu dirás “Aquele povo tinha a cabeça dura,⁵⁷⁸ sempre agindo⁵⁷⁹ contra o Senhor⁵⁸⁰ e contra Seu servo Moisés”. Bem, eram realmente incrédulos e rebeldes, mas e os nossos?⁵⁸¹ Pergunte a eles.⁵⁸² Por que eu teria o trabalho dizer se eles mesmos confessam? Faço apenas uma pergunta: como podiam seguir adiante os que sempre voltavam atrás em seu caminhar?⁵⁸³ Quando, em todo o percurso, deixaram de voltar seus corações ao Egito?⁵⁸⁴ Se esses caíram

⁵⁶⁹ Is. 5,25

⁵⁷⁰ Ex. 32,12

⁵⁷¹ Sl. 18,10

⁵⁷² Sl. 35,7

⁵⁷³ Sl. 24,6

⁵⁷⁴ Sl. 118,52

⁵⁷⁵ Ex. 3,8. Dt. 6,3

⁵⁷⁶ Nm. 20,12

⁵⁷⁷ Mc. 16,20

⁵⁷⁸ Ex. 32,9. Dt. 9,13

⁵⁷⁹ Dt. 31,27

⁵⁸⁰ Nm. 20,10

⁵⁸¹ Jó 21,21

⁵⁸² Jó 9,21

⁵⁸³ Ez. 1,17. Ez. 10,11

⁵⁸⁴ Ex. 16,3

e pereceram por sua maldade,⁵⁸⁵ é de se espantar que também sofram os que seguiram seus passos? Estariam contra as promessas de Deus as desgraças que eles padeceram?⁵⁸⁶ Nem antes, nem agora. Porque nunca as promessas de Deus podem prejudicar Sua justiça. Ouça outra coisa.

3. A tribo de Benjamim pecou: as demais tribos se preparam para o castigo⁵⁸⁷ com a anuência de Deus. Ele mesmo designou o chefe que conduziria a batalha.⁵⁸⁸ Travaram o combate, enfim, confiantes que seu exército era o mais forte e que sua causa a mais nobre, e o que é maior, que Deus os favorecia. Ah, mas como Deus é terrível em seus desígnios para com os filhos dos homens!⁵⁸⁹ Renderam-se diante dos céleres os que vingariam a maldade e, mesmo sendo numerosos, cederam diante de poucos. Mas recorreram ao Senhor e Ele lhes disse: “Levantai-vos!”⁵⁹⁰ Outra vez se levantaram e novamente foram dispersos e vencidos. Primeiro contavam com o favorecimento de Deus, agora com Sua ordem. Enfrentaram-se em uma batalha justa, e sucumbiram.⁵⁹¹ Foram inferiores na luta, mas superiores na fé. Que pensas que eles fariam comigo se eu os tivesse exortado para que se reerguessem, voltassem à batalha e, ao final, fossem novamente vencidos? Quando me ouviriam, por uma terceira vez, falar sobre essa obra na qual duas vezes saíram frustrados? Apesar disso, eis que os israelistas, considerando todas as frustrações, pela terceira vez se esforçaram e venceram.⁵⁹² Talvez alguém diga: Como sabemos que isso vem do Senhor? *Que sinais dás para que em ti creiamos?*⁵⁹³ Não seria bom que eu mesmo os contestasse, pois não me permite o pudor. Responda-os tu, em meu lugar, conforme o que viste e ouviste,⁵⁹⁴ ou segundo o que Deus te inspirou.

4. Talvez te perguntes porque sigo falando dessas coisas quando me dispus a tratar de outras. Faço não por ter me esquecido de meu propósito, mas porque julgo que essas questões têm a ver com ele. Recordo-me que havia proposto a tratar da

⁵⁸⁵ Sl. 72,19

⁵⁸⁶ Gl. 3,21

⁵⁸⁷ Jz. 20,2

⁵⁸⁸ Jz. 20,18

⁵⁸⁹ Sl. 65,5

⁵⁹⁰ Jz. 20,23

⁵⁹¹ Jz. 20,25

⁵⁹² Jz. 20,30

⁵⁹³ Jo. 6,30

⁵⁹⁴ Mt. 11,4

consideração tendo em vista tua dignidade, pois ela é um tema digno de reflexão. De certo, se convém que um assunto importante seja considerado por uma grande figura, quem melhor que tu poderia fazê-lo, já que sobre a terra não há quem a ti se compare? Faz, segundo a sabedoria e o poder que recebeste⁵⁹⁵ do alto.⁵⁹⁶ Minha baixaza me torna incapaz de mostrar-te como proceder. Creio ser suficiente indicar que algo deve ser feito para que a Igreja seja consolada e a língua dos detratores calada.⁵⁹⁷ Essas poucas palavras foram uma apologia para que tua consciência, tendo pensado o que quer que seja sobre mim, me escuse.⁵⁹⁸ Mas não só a mim, a ti também. Não espero atitude semelhante da parte dos que costumam apreciar as ações alheias somente por seu sucesso. A justificativa perfeita e absoluta para cada um é o testemunho de sua própria consciência.⁵⁹⁹ Importa-me muito pouco o que de mim opinam⁶⁰⁰ aqueles que chamam o mal de bem e o bem de mal, luz as trevas e trevas a luz.⁶⁰¹ Se é possível escolher, que murmurem contra mim, não contra Deus. Que bom que sou digno de servir-Lhe de escudo. Acolho com gosto as imprecações e os dardos blasfemos de meus detratores⁶⁰² para que não cheguem n'Ele. Suporto qualquer afronta para que não sejam lançadas sobre a glória de Deus. Sentir-me-ia plenamente feliz se verdadeiramente pudesse dizer: *Por ti aguntei afrontas, a vergonha cobriu meu rosto.*⁶⁰³ É para mim um grande orgulho compartilhar da sorte de Cristo, que disse: *As afrontas com a qual te afrontam caem sobre mim.*⁶⁰⁴ Bem, é hora da pena retornar ao assunto e a exposição seguir seu curso.

⁵⁹⁵ II Pd. 3,15

⁵⁹⁶ Jo. 19,11

⁵⁹⁷ Sl. 62,12

⁵⁹⁸ Lc. 14,18-19

⁵⁹⁹ II Cor. 1,12

⁶⁰⁰ I Cor. 4,3

⁶⁰¹ Is. 5,20

⁶⁰² I Cor. 4,3

⁶⁰³ Pr. 25,23

⁶⁰⁴ Sl. 68,10

SOBRE AS QUATRO COISAS QUE SE DEVE CONSIDERAR E SOBRE A TRÍPLICE CONSIDERAÇÃO SOBRE SI MESMO

II.5. Antes de tudo, considera o que eu entendo ser propriamente a consideração. Não quero que seja identificada inteiramente com a contemplação, pois esta se ocupa da certeza das coisas, aquela mais de sua investigação. A contemplação pode ser definida como uma penetração certa e segura da alma sobre qualquer coisa, ou uma apreensão da verdade que exclui toda a dúvida. Por outro lado, a consideração é a intensa reflexão do entendimento ou a intenção da alma para descobrir a verdade. De modo geral, é costume usar ambos os termos recorrentemente.

III.6. De fato, penso que quatro são os frutos da consideração que deves considerar: ti mesmo, o que está abaixo de ti, o que está ao teu redor e o que está acima de ti. Que tua consideração comece por ti mesmo, para que não te estendas sem razão às outras coisas e te negligencies. De que te serve ganhar o mundo inteiro se perdes a ti mesmo?⁶⁰⁵ Por mais sábio que sejas,⁶⁰⁶ não possuis sabedoria se não fores sábio contigo mesmo. Quanta sabedoria te falta? A meu ver, toda. Ainda que conheças todos os mistérios,⁶⁰⁷ a extensão da terra, a altura do céu, a profundidade dos mares,⁶⁰⁸ se te desconheces, serás semelhante ao que constrói sem alicerces⁶⁰⁹ e que, ao invés de um edifício, ergue uma ruína. O que construíres fora de ti será como um amontoado de pó à mercê do vento. Não é sábio aquele que não é consigo mesmo. Será sábio aquele que é consigo mesmo,⁶¹⁰ que é o primeiro a beber de sua fonte.⁶¹¹ Que tua consideração comece em ti, e, por outro lado, também em ti acabe. Por onde quer que andes, volta-te a ti e será de grande proveito para tua salvação.⁶¹² Para ti, és o primeiro e o último. Toma o exemplo do Pai de todos os homens que, enviando seu próprio Verbo, o reteve.⁶¹³ Teu verbo é

⁶⁰⁵ Mt 16,26

⁶⁰⁶ Pr. 9,12

⁶⁰⁷ I Cor. 13,2

⁶⁰⁸ Jó 38,16

⁶⁰⁹ Lc. 6,49

⁶¹⁰ Pr. 9,12

⁶¹¹ Pr. 5,15

⁶¹² Eclo. 1,22

⁶¹³ Sl. 147,[7]18 (Em algumas bíblias, os salmos 146 e 147 estão juntos. Por isso, o Sl. 147,18 corresponde, às vezes, ao Sl. 147,7)

tua consideração. Caso proceda de ti, que não se distancie. Que avance sem afastar-se, que se retire sem abandonar-te. Para alcançares a salvação⁶¹⁴ ninguém será mais teu irmão que o filho único de tua mãe.⁶¹⁵ Não penses em nada que vá contra tua salvação. Disse mal “contra”: deveria ter dito “além de”. Deve ser rejeitado tudo o que se apresenta à consideração e que de alguma maneira não te leva a própria salvação.

IV.7. Essa consideração sobre ti mesmo divide-se em três, se considerares o que és, quem és, como és: que és por natureza, quem és por pessoa, como és por teus costumes. Por exemplo, o que és – um homem –; quem és – o Papa ou Sumo Pontífice –; como és – bondoso, humilde, etc. Ainda que seja mais filosófico que apostólico refletir sobre a primeira questão, o homem é, por definição, um animal racional e mortal. Caso desejes te aprofundar nessas coisas, poderás fazê-lo. Essas reflexões não contradizem tua profissão ou dignidade, pelo contrário, serão capazes de ajudar-te em tua salvação. Ao considerar simultaneamente a racionalidade e a mortalidade, perceberás duas classes de frutos, que tornam um homem sensato se não os negligenciar: a mortalidade humilha a racionalidade e a racionalidade conforta a mortalidade. Se esses frutos necessitarem de consideração, trataremos deles mais adiante caso sejam úteis ao assunto.

PARA QUE SE RECORDE DE SUA PRIMEIRA PROFISSÃO

V.8. Agora debes refletir sobre quem és e de que és feito. Ainda que eu tenha dito “de que”, penso não me estender e deixar essa reflexão a teu cargo. Recordo-te apenas que é indigno de ti ficar abaixo da perfeição após ter sido escolhido para um cargo tão elevado. Não te enrubescerias ver o mais baixo ocupando um posto tão alto, agora que te tornaste o maior dentre os menores? Não te esqueceste de tua primeira profissão de fé. Ela não desapareceu de tuas lembranças, ainda que tenha sido arrancada de tuas mãos, tampouco se afastou de teu afeto. Não será inútil tê-la sempre diante dos olhos ao dar uma ordem, ao julgar ou ao tomar uma decisão. A consideração te fará desprezar as honrarias por sua própria honra. Isso é importantíssimo. Que tua profissão de fé não se afaste de teu peito, que seja para ti

⁶¹⁴ | Ts. 5,9

⁶¹⁵ Lc. 7,12

como um escudo contra a seta: *O homem, quando estava rodeado de honrarias, não entendeu.*⁶¹⁶ Por isso repita: “Sou o último na casa de meu Deus”.⁶¹⁷ Como pode o pobre, o último, ser elevado acima de povos e de reinos?⁶¹⁸ Quem sou e qual é a casa de meu pai⁶¹⁹ para me sentar no trono mais sublime? Sem dúvida quem me disse “*Amigo, suba mais acima*”⁶²⁰ confiou que eu sempre seria seu amigo. Se não fosse, me viria uma grande desgraça.⁶²¹ Quem me elevou pode me depreciar. Seria um lamento tardio dizer: *Visto que me elevaste, me atiraste ao longe.*⁶²² É absurdo lisonjear a elevação onde a solicitude é maior. Aquela busca a distinção, esta prova a amizade. Preparemo-nos para isso caso não queiramos ocupar vergonhosamente o último lugar.⁶²³

PARA QUE FOSTE FEITO SUPERIOR

VI.9. Não podemos negar que és superior aos demais. Entretanto, reflitamos para que e de que maneira és. Não creio que sejas para mandar. Pois também o Profeta, ao ser elevado como tu, ouviu: *Para arrancar e arrasar, destruir e demolir, edificar e plantar.*⁶²⁴ Qual desses verbos soa soberbo? Expressam o esforço do lavrador e o trabalho do espírito. De fato, por mais que nos tenhamos em elevado conceito, devemos sentir que não nos entregaram um senhorio, mas um serviço. “Não sou maior que o Profeta,⁶²⁵ e ainda se pudesse comparar-me pelo poder, pelo mérito não me igualaria”. Diga e ensina isso a ti mesmo, tu, que aos demais ensinas.⁶²⁶ Pensa-te como um dos Profetas. Ou te parece muito pouco?⁶²⁷ É demasiado. Mas por graça de Deus és o que és.⁶²⁸ O quê? Um Profeta. Ou pensas que és mais que um Profeta?⁶²⁹ Se fores sábio, contentar-te-ás com a medida⁶³⁰ que Deus te deu. O

⁶¹⁶ Sl. 48,13

⁶¹⁷ Sl. 83,11

⁶¹⁸ Jr. 1,10

⁶¹⁹ Gn. 41,51. Gn. 46,31

⁶²⁰ Lc. 14,10

⁶²¹ II Cor. 12,1

⁶²² Sl. 101,11

⁶²³ Lc. 14,9

⁶²⁴ Jr. 1,10

⁶²⁵ Am. 7,14

⁶²⁶ Rm. 2,21

⁶²⁷ Mt. 16,14

⁶²⁸ I Cor. 15,10

⁶²⁹ Mt. 11,9

⁶³⁰ II Cor. 10,13

que vai para além disto, vem do maligno.⁶³¹ Aprende com o exemplo dos profetas a presidir, não ordenando, mas fazendo o que exige o tempo. Aprende com a enxada, não com o cetro, a fazer o trabalho de um Profeta. Um profeta não foi elevado para reinar, mas para desenraizar. Pensas que não encontrarás algo que fazer no campo de teu Senhor? Encontrarás, e muito. Os Profetas não o limpavam totalmente: algo a seus filhos, os Apóstolos, deixaram, e do mesmo modo teus predecessores te deixaram algo a fazer. Também tu deixarás algo para teu sucessor, e ele para o outro, este para o seguinte, e assim será até o fim.⁶³² Perto da décima primeira hora, os operários foram advertidos por causa de seu ócio e enviados à vinha.⁶³³ Teus antecessores, os Apóstolos, ouviram que *a messe é grande, mas poucos os operários*.⁶³⁴ Reclame tua herança paterna, porque se és *filho, és herdeiro*.⁶³⁵ Para prová-lo, mãos à obra. Não te entorpeças com o ócio, para que não digam “que fazes aí o dia todo ocioso?”.⁶³⁶

10. Muito menos convém que relaxe entre delícias ou te inclines às pompas. Em teu testamento não se encontra nada disso. O que te deixaram, então, como legado? Se te detiveres ao tom do conteúdo, verás que herdaste preocupações e fadigas, não glórias e riquezas.⁶³⁷ A cátedra traz elogios? É um posto de vigilância. Por isso, deves vigiar tudo, afinal, isso é o que te impõe a denominação de bispo,⁶³⁸ não de senhor. Não estás em um lugar eminente do qual tudo observas porque foste constituído vigia de todas as coisas?⁶³⁹ Com efeito, essa vigilância te obrigará a viver sempre alerta para o combate, não na ociosidade.⁶⁴⁰ Que bem há em se gloriar quando não se pode descansar? Não há lugar para a ociosidade quando urge uma incessante preocupação por todas as igrejas.⁶⁴¹ Ou o santo Apóstolo te legou outra herança? “*O que tenho*”, disse, “*te dou*”.⁶⁴² Que te deu? Sei que não foi ouro nem

⁶³¹ Mt. 5,37

⁶³² Sl. 15,11. Sl. 37,7

⁶³³ Mt. 20, 6-7

⁶³⁴ Mt. 9,37

⁶³⁵ Gl. 4,7

⁶³⁶ Mt. 20,6

⁶³⁷ Sl. 111,3

⁶³⁸ São Bernardo remete, ao mesmo tempo, aos dois significados de *episcopus*, *i* em latim: bispo e vigilante.

⁶³⁹ Ez. 33,2

⁶⁴⁰ *Otium*, mas no sentido negativo do termo, traduzimos por ociosidade.

⁶⁴¹ II Cor. 11,28

⁶⁴² At. 3,6

prata, porque ele mesmo disse: “*Não tenho ouro nem prata*”.⁶⁴³ Se acaso tu tens, use-os, conforme o que o tempo exige, não por teu capricho. Assim os possuirás como se não os tivesse.⁶⁴⁴ Essas coisas não são boas nem más para o espírito: seu uso é bom, mas seu abuso é mau. O afã é ruim, o lucro é péssimo. Poderias justificar-te com as razões que quisesses, mas não pelo direito apostólico. Ele não pôde te dar o que não tinha. O que tinha, isso te deu: o zelo pelas igrejas.⁶⁴⁵ Para dominá-las? Ouve-o: *não como dominadores absolutos sobre as comunidades que vos são confiadas, mas como modelos do vosso rebanho*.⁶⁴⁶ E para que não aches que isso foi dito para humilhar-te e não em favor da verdade, ouve a voz de Deus no Evangelho: *Os reis dos pagãos dominam como senhores, e os que exercem sobre eles autoridade chamam-se benfeitores*.⁶⁴⁷ E mais: *Que não seja assim entre vós*.⁶⁴⁸ Está claro: aos Apóstolos está proibida a dominação.

11. Não te atrevas a usurpar como senhor o ministério apostólico ou como apóstolo o senhorio! Ambas as coisas te foram proibidas plenamente. Caso queiras gozar de ambas, as duas perderás. Além disso, não creias que não faças parte daqueles dos quais Deus se lamenta: *Reinaram sem contar comigo; existiram príncipes e eu não os conheci*.⁶⁴⁹ Reinar sem Deus é agradável, terás glórias por isso, mas não a glória do Senhor.⁶⁵⁰ Se já sabemos o que está proibido, ouçamos o que é dever: *O maior entre vós iguale-se com o pequeno, e o que comanda, com o que serve*.⁶⁵¹ Esta é a norma apostólica: a exclusão do domínio, a indicação do serviço e a recomendação do exemplo do próprio Legislador, que acrescentou “*Estou entre vós como quem serve*.”⁶⁵² Quem pensaria que esse título para si é indigno se antes de tudo o Senhor da glória⁶⁵³ deu-se a conhecer por ele? Com méritos, Paulo se gloria dele, dizendo: *Também sou ministro de Cristo*.⁶⁵⁴ E acrescenta: *Direi um desatino: eu mais. Em muitos trabalhos, em cárceres, em chagas sem comparações, em perigos de morte*

⁶⁴³ At. 3,6

⁶⁴⁴ I Cor. 7,31

⁶⁴⁵ II Cor. 11,28

⁶⁴⁶ I Pd. 5,3

⁶⁴⁷ Lc. 22,25

⁶⁴⁸ Lc. 22,26

⁶⁴⁹ Os. 8,4

⁶⁵⁰ Rm. 4,2

⁶⁵¹ Lc. 22,26

⁶⁵² Lc. 22,27

⁶⁵³ I Cor. 2,8

⁶⁵⁴ II Cor. 11,23

frequentes.⁶⁵⁵ Que esplendoroso serviço! Não é mais glorioso que principados? Se é justo que sejas glorificado,⁶⁵⁶ que te sirvam de exemplo os santos e a glória dos Apóstolos. Acaso te parece parca recompensa? Quem concederia a mim⁶⁵⁷ semelhante orgulho na glória dos santos?⁶⁵⁸ Clama o Profeta: *Ó Deus, teus amigos são cheio de honras, tua autoridade foi plenamente confirmada.*⁶⁵⁹ Clama também o Apóstolo: *No que se refere a mim, me livre de gloriar-me mais que na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo.*⁶⁶⁰

12. Desejo para ti que essa seja sempre tua maior glória, a que para si elegeram os Apóstolos e os Profetas e te transmitiram. Descubra tua herança na cruz de Cristo, nas fadigas sem trégua.⁶⁶¹ Feliz o que pôde dizer: trabalhei mais que todos eles.⁶⁶² Sim, isso é gloriar-se, mas não em vão, tampouco pedante ou fracamente. Se trabalhas, um salário é bem-vindo. *O salário de cada um dependerá do que tiver sido trabalhado.*⁶⁶³ Embora alguém tenha trabalhado mais que todos, ainda não trabalhou tudo. Há muito que fazer.⁶⁶⁴

EXORTAÇÃO SOBRE O ZELO E A HUMILDADE

Vai ao campo de teu Senhor e considera hoje quantos espinhos e ervas daninhas estão se criando por causa antiga maldição.⁶⁶⁵ Peço que vá ao mundo⁶⁶⁶, pois o mundo é o campo⁶⁶⁷ dado a ti. Vai a ele não como dono, mas caseiro⁶⁶⁸, para vê-lo e administrá-lo, pois dele te exigirão as contas. Vai, te diria, com os passos de uma atenta solicitude e uma solícita atenção. Porque aos Apóstolos foi ordenado que fossem ao mundo inteiro,⁶⁶⁹ contudo não circundaram a terra com os pés, mas com

⁶⁵⁵ II Cor. 11,23

⁶⁵⁶ II Cor. 11,30

⁶⁵⁷ II Rs. 18,33.Jó 19,23

⁶⁵⁸ Eclo. 45,2

⁶⁵⁹ Sl. 138,17

⁶⁶⁰ Gl. 6,14

⁶⁶¹ II Cor. 11,23

⁶⁶² I Cor. 15,10

⁶⁶³ I Cor. 3,8

⁶⁶⁴ Lc. 14,22

⁶⁶⁵ Gn. 3,18

⁶⁶⁶ Jo. 16,28

⁶⁶⁷ Mt. 13,38

⁶⁶⁸ Lc. 16,1

⁶⁶⁹ Mc. 16,15

a providência da alma. Levanta tu também os olhos⁶⁷⁰ de tua consideração e contempla as regiões. Veja se não estão mais para lugares secos pelo fogo que luz clara na messe. Quantos pensaste serem trigo e, com um olhar mais atento, descobriste que eram espinheiros para serem arrancados? Nem mesmo espinheiros: árvores velhas e carcomidas, não de saborosos frutos, mas de alfarroba que os porcos comem.⁶⁷¹ Até quando ocuparão a terra?⁶⁷² Se ao sair consegues diferenciá-los, não sentirás vergonha por estar com o machado ocioso,⁶⁷³ por ter recebido inutilmente a foice apostólica?

13. O Patriarca Isaac foi a esse campo e pela primeira vez encontrou Rebeca.⁶⁷⁴ Como está nas Escrituras, foi para meditar. Saiu com esse intuito, mas tu deves ir para desenraizar. Já devias ter meditado, pois é hora do trabalho.⁶⁷⁵ Se começares a hesitar será tarde demais. Pelo conselho do Salvador, deverias ter te acalmado antes de avaliar a tarefa, medir tua força⁶⁷⁶, ponderar tua capacidade, acumular teus méritos e contar tuas virtudes. Trabalha! Se já tiveres meditado, então o tempo da poda chegou!⁶⁷⁷ Se o coração moveste, mova também tua língua, tuas mãos. Cinja tua espada,⁶⁷⁸ a espada do espírito, que é a palavra de Deus.⁶⁷⁹ Glorifica teu braço e tua mão direita⁶⁸⁰ para fazer vingança às nações e repreender os povos, sujeitando os reis aos grilhões e seus nobres às algemas de ferro.⁶⁸¹ Se fazes isto, honras teu ministério,⁶⁸² e o ministério a ti. Não é pequeno esse poder. Afastarás da terra as feras selvagens⁶⁸³ para que tua grei seja conduzida ao campo com segurança. Domarás os lobos, não dominarás as ovelhas. Porque te encarregaste dessas não para molestá-las, mas para apascentá-las. Se consideraste bem quem tu és, não ignores que isso é o que se deve fazer. Por outro lado, se cômescio disso não ages,

⁶⁷⁰ Jo. 4,35

⁶⁷¹ Lc. 15,16

⁶⁷² Lc. 13,7

⁶⁷³ Rm. 13,4

⁶⁷⁴ Gn. 24,63

⁶⁷⁵ Sl. 118,126

⁶⁷⁶ Lc. 14,28

⁶⁷⁷ Ct. 2,12

⁶⁷⁸ Sl. [45] 44,4

⁶⁷⁹ Ef. 6,17

⁶⁸⁰ Eclo. 36,7

⁶⁸¹ Sl. 149,7-8

⁶⁸² Rm. 11,6

⁶⁸³ Lv. 26,6. Lv. 26,26. Ez. 34,25

cometes um pecado.⁶⁸⁴ Recorda bem onde leste: *O servo que, conhecendo a vontade de seu senhor, não prepara as coisas como ele deseja, será açoitado com muitos golpes.*⁶⁸⁵ Assim os Profetas e os Apóstolos faziam muitas vezes. Foram fortes na guerra,⁶⁸⁶ não gozaram de descanso entre sedas. Se és filho dos Apóstolos e dos Profetas,⁶⁸⁷ faça tu o mesmo.⁶⁸⁸ Reivindica tua nobreza com uma moral que faça jus a ela, pois somente pode legitimar-se pela pureza de costumes e pela integridade da fé. Por isso subjugaram reinos, foram ministros da justiça e alcançaram as promessas.⁶⁸⁹ Esse testamento de tua herança paterna⁶⁹⁰ a ti desenrolamos para que vejas que herança te pertence.⁶⁹¹ Recobra teu vigor e herdarás.⁶⁹² Tenha fé⁶⁹³, piedade, sabedoria⁶⁹⁴ – mas a sabedoria dos santos, que é a de temor do Senhor⁶⁹⁵ – e possuirás o que é teu.⁶⁹⁶ Terás íntegro todo o legado paterno. Preciosíssimo patrimônio é a virtude. Boa também é a humildade, na qual cada edifício espiritual construído transforma-se em um templo santo do Senhor.⁶⁹⁷ Por meio dela, alguns destruíram as portas do inimigo.⁶⁹⁸ De fato, que outra virtude é capaz de aplacar a soberba dos demônios que tiranizam os homens? Ademais, como é certo que todo gênero de pessoas deve contar com essa virtude como uma torre forte contra o inimigo,⁶⁹⁹ não sei por que sua força é maior nos grandes e mais manifesta nos esclarecidos. Não há pedra mais preciosa para os ornamentos do Sumo Pontífice. Quanto mais elevado acima de todos, mais pela humildade parecerás insigne, inclusive a ti mesmo.

⁶⁸⁴Tg. 4,17

⁶⁸⁵Lc. 12,47

⁶⁸⁶Hb. 11,34

⁶⁸⁷Ef. 2,20

⁶⁸⁸Lc. 10,37

⁶⁸⁹Hb. 11,33

⁶⁹⁰Tb. 1,17. Tb. 5,3

⁶⁹¹Lc. 15,12

⁶⁹²Is. 51,9

⁶⁹³Eclo. 22,28. I Tm. 6,11

⁶⁹⁴Pr. 4,5. Pr. 4,7

⁶⁹⁵Sl. 110,10. Eclo. 1,16

⁶⁹⁶Mt. 20,14

⁶⁹⁷Ef. 2,21

⁶⁹⁸Gn. 22,17

⁶⁹⁹Sl. 60,4

PARA QUE CONSIDERES QUEM ÉS E QUE TE FALTA

VII.14. Talvez me acuses de não ter sido suficientemente claro em minha exposição sobre a primeira questão. Nesse caso, não sei como discorrer sobre a segunda e dizer-te como tu deverias ser, por não ter inteiramente explicado quem és. Envergonhado de que vissem desnudo um homem em tão alta posição, se apressou em vestir-se de suas insígnias. Na verdade, quanto mais ilustre se é, mais a deformidade aparece ao ver-se sem elas. Acaso é possível esconder a devastação de uma cidade situada no alto de um monte⁷⁰⁰ ou a fumaça de uma vela recém-apagada?⁷⁰¹ Um rei fátuo sentado em seu trono é como um macaco em um telhado. Agora ouve meu cântico, decerto áspero, mas salutar. É monstruoso ostentar a suprema dignidade com um espírito miserável; sentar-se na sede mais elevada vivendo a vida mais baixa; falar eloquentemente⁷⁰² e ter a mão ociosa; serem muitos os sermões e poucos os frutos; ter o aspecto grave e superficialidade nas obras; ser firme na autoridade e vacilante na constância. Coloquei-te diante do espelho: a repugnância se desvela na própria face. Tu podes alegrar-te, pois encontrarás teu rosto muito diferente. Mas ainda assim olha a ti mesmo, porque o melhor é encontrar algo que possa te desagradar mesmo tendo razões para estar satisfeito contigo mesmo. Desejo que te glories unicamente de tua consciência, mas muito me agradaria que te humilhastes por esse mesmo testemunho.⁷⁰³ Raras são as vozes que podem dizer: *de nada me acusa a consciência*.⁷⁰⁴ Com mais cautela percorres o caminho do bem se não te ocultas o mal. Por isso te disse “conhece-te a ti mesmo”, para que gozes de uma consciência tranquila quando estiver entre angústias⁷⁰⁵ e, sobretudo, que conheças o que te falta.⁷⁰⁶ De fato, quem tudo tem? Tudo falta ao que pensa que a si não falta nada. Mas, e quanto ao Sumo Pontífice? Ser o Sumo Pontífice não significa também ser a suma perfeição? Se te pensares o mais alto, significa que és o mais baixo. Quem é o sumo? É aquele ao qual nada se acrescenta. Erras gravemente se te estimas assim. Mas não, tu não és desses⁷⁰⁷

⁷⁰⁰ Mt. 5,14

⁷⁰¹ Mt. 5,15

⁷⁰² SL. 11,4

⁷⁰³ II Cor. 1,12

⁷⁰⁴ I Cor. 4,4

⁷⁰⁵ Lm. 1,3

⁷⁰⁶ Sl. 38,5

⁷⁰⁷ Mt. 26,73

que contam as dignidades por virtudes. Primeiro experimentaste a virtude e depois as honras. Deixa que os imperadores e os que não temeram serem adorados com honras divinas, como Nabucodonosor, Alexandre, Antíoco e Herodes, desfrutem dessa opinião. Tu debes considerar que te chamam “sumo” não em absoluto, mas relativamente. Não penses que me refiro aos méritos, falo da comparação dos ministérios. Quero que, assim como te estimam como homem, te considerem ministro de Cristo⁷⁰⁸ e, sem prejuízo algum à santidade de ninguém, o melhor entre todos os teus ministros. Além disso, gostaria que te esforçasses para o melhor, não que te cresses assim, tampouco que queiras ser louvado antes de sê-lo efetivamente.⁷⁰⁹ Do contrário, como progrides se já estás satisfeito? Não sejas, pois, indolente em examinar o que te falta, nem tenhas vergonha de confessá-lo. Dize com teus antecessores: *Não pretendo dizer que já alcancei (esta meta) e que cheguei à perfeição.*⁷¹⁰ E depois: *Consciente de não tê-la ainda conquistado.*⁷¹¹ Esta é a sabedoria dos santos⁷¹², muito distante daquela que infla os egos.⁷¹³ Aumenta a ciência, e aumentará a dor.⁷¹⁴ Dessa dor nenhum sábio foge. É uma dor medicinal que arranca o estupor mortal do coração duro e impenitente. Por isso, é sábio quem pode dizer: *minha dor é permanente.*⁷¹⁵ Agora, feitas algumas digressões, voltemos ao tópico do qual há pouco nos desviamos.

SOBRE A DIGNIDADE DE SUA PESSOA E A PRERROGATIVA DE SUA POTESTADE

VIII.15. Sigamos. Indaguemos mais profundamente quem és e qual papel momentaneamente representas na Igreja de Deus. Quem és? Um grande sacerdote, o Sumo Pontífice. Tu, príncipe dos bispos, herdeiro dos Apóstolos, Abel pelo primado, Noé pelo governo, Abraão pelo patriarcado, Melquisedeque pela ordem, Aarão pela dignidade, Moisés pela autoridade, Samuel pela jurisdição, Pedro pela

⁷⁰⁸ I Cor. 4,1

⁷⁰⁹ Cf. Reg. S. Bened., c. 4,62.

⁷¹⁰ Fp. 3,12

⁷¹¹ Fp. 3,13

⁷¹² Pr. 9,10

⁷¹³ I Cor. 8,1

⁷¹⁴ Ecle. 1,18

⁷¹⁵ Sl. 37,18

potestade, Cristo pela unção. Tu és aquele ao qual foram dadas as chaves⁷¹⁶ e confiadas as ovelhas.⁷¹⁷ É certo que outros também foram porteiros do céu e pastores do rebanho, mas tu herdaste esses dois poderes diferentemente dos demais: mais gloriosamente.⁷¹⁸ Aos outros foi dada uma porção do rebanho. A cada um, a sua; a ti, todas universalmente, uma única porção a um homem só. Tu és o único pastor de todos, tanto de ovelhas quanto de pastores.⁷¹⁹ Perguntas-me: “como provas isso?” Pela palavra de Deus. A quem, entre bispos e apóstolos, foram confiadas as ovelhas de maneira tão absoluta e exclusiva? *Pedro, se me amas, apascenta minhas ovelhas.*⁷²⁰ Quais? As pessoas dessa cidade, dessa região ou de algum reino especificamente? *Minhas ovelhas*, disse. Não está claro que não havia especificado algumas, mas se referido a todas? Não há exceção onde não há distinção. Possivelmente estavam presentes os outros discípulos quando Nosso Senhor confiou a Pedro a unidade de um rebanho e um pastor,⁷²¹ ao dizer: *Uma é minha pomba, minha formosa, minha perfeita.*⁷²² Onde há unidade, há perfeição. Os outros números, ao distarem da unidade, não levam à perfeição, mas à divisão. Por isso, os demais apóstolos, conscientes dessa instituição sagrada, se responsabilizaram cada um por sua própria parcela. O mesmo Tiago, visto como uma das colunas da Igreja,⁷²³ contentou-se com Jerusalém e cedeu a Pedro o domínio universal. Maravilhosamente lhe deram essa porção para que suscitasse a descendência de seu irmão⁷²⁴ no mesmo lugar onde morreu. Recordemos que lhe chamavam irmão do Senhor.⁷²⁵ E se até o irmão do Senhor cedeu, quem se interporia na prerrogativa de Pedro?

16. Pois, de acordo com a justa autoridade, os demais bispos foram chamados parcialmente à solicitude da Igreja, e tu foste designado para o poder pleno. O poder deles é diminuto por causa de certos limites. O teu estende-se sobre esses que tem poder sobre os demais. De fato, não tens poder, se houver motivo, de fechar o céu a

⁷¹⁶ Mt. 16,19

⁷¹⁷ Jo. 21,17

⁷¹⁸ Hb. 1,4

⁷¹⁹ Jo. 10,6

⁷²⁰ Jo. 21,17

⁷²¹ Jo. 10,16

⁷²² Ct. 6,8

⁷²³ Gl. 2,9

⁷²⁴ Gn. 38,8. Dt. 25,5

⁷²⁵ Gl. 1,19

um bispo,⁷²⁶ depô-lo de seu episcopado e até mesmo de entregá-lo a Satanás?⁷²⁷ Gozas de um inconcusso privilégio, concedido tanto pelas chaves⁷²⁸ quanto pelo pastoreio das ovelhas.⁷²⁹ Ouve, ademais, outro argumento que confirma tua prerrogativa. Navegavam os discípulos quando o Senhor apareceu-lhes na margem.⁷³⁰ O fato causou imensa alegria, pois estava ele em seu corpo ressuscitado. Ao reconhecer o Senhor, Pedro lançou-se ao mar e chegou até Ele, enquanto os demais se aproximaram remando. O que isso quer dizer? Não há dúvida de que se trata do sinal do pontificado de Pedro, pelo qual se percebe que, enquanto cada um dos apóstolos tem seu barco para conduzir, a Pedro foi confiado o governo de todo o mundo. O mar é o mundo, as naves são as igrejas. Por isso é que, em outro momento, como o Senhor, ele também andou sobre as águas,⁷³¹ provou ser o único vigário de Cristo e que não deveria governar um único povo, mas todos. Visto que muitas são as águas, muitos são os povos.⁷³² Desse modo, enquanto cada bispo tem a sua, a ti foi designada uma grandíssima nave formada por todas, a Igreja universal, difundida por todo o mundo.

PARA QUE CONSIDERES NÃO SOMENTE QUEM E QUÃO GRANDE ÉS, MAS COMO DEVES SER

IX.17. Eis quem és, mas nunca te esqueças do que és, porque eu não me esqueci que me propus repeti-lo quando tivesse oportunidade. Quão vantajoso é considerares não somente quem és, mas também o que outrora foste! Por que digo “foste”, se continuas sendo? Por que tens de deixar de refletir sobre o que não deixaste de ser? Uma única consideração é o que foste e o que és; outra, é em quem te tornaste. Não convém que uma exclua a outra em teu escrutínio. És, de fato, como falei, o que eras: e não és menos, talvez sejas mais, depois de ser elevado ao que és. Em suma, aquele eras por nascimento, este és emprestado, sem mudança nenhuma em teu próprio ser. Aquele não foi rejeitado, mas este foi adicionado. Tratemos de ambos simultaneamente porque, como disse antes, é mais

⁷²⁶ Mt. 16,19

⁷²⁷ I Cor. 5,5. I Tm. 1,20

⁷²⁸ Mt. 16,19

⁷²⁹ Jo. 21,17

⁷³⁰ Jo. 21,3

⁷³¹ Mt. 14,19

⁷³² Ap. 17,15

útil comparar um ao outro. Disse que, ao considerar o que és, ocorre considerar tua natureza humana: de fato, nasceste homem.⁷³³ Entretanto, ao te perguntarem quem és, a resposta será a nomeação que possuis, que é a de bispo, a que te foi dada e com a qual não nasceste. Desses, qual parece ser puramente de ti, pertencer-te originariamente? Aquele do que é feito ou aquele que nasceste? Não seria este último? Pois então aconselho-te a considerares principalmente o que és, homem certamente, tal como nasceste.

18. Se não queres perder o fruto e o proveito dessa consideração, deves pensar de que modo nasceste e como eras ao nascer. Tira essa cinta⁷³⁴ que te deram como herança da maldição original. Rompe as folhas que cobrem tua ignomínia e que não curam tua ferida. Apaga a púrpura dessas honras passageiras e o brilho ilusório da glória, para que consideres nu aquele que, desnudo, saiu do útero de tua mãe.⁷³⁵ Ou por acaso nasceste adornado de pedras preciosas, sedas floreadas, coroa de penas e cheio de jóias? Ainda que tivesse, essas coisas são como nuvens da manhã,⁷³⁶ fugazes e passageiras. Se as dissipas diante de tua consideração, te verás como um homem nu, pobre, infeliz e miserável⁷³⁷: um homem queixoso por ser homem, envergonhado por estar nu⁷³⁸, choroso por ter nascido, murmurante por existir. Um homem que não proporciona honradez, mas sofrimento;⁷³⁹ nascido de uma mulher e, por isso, culpado; que vive pouco⁷⁴⁰ e, por isso, com medo; repleto de misérias e, por causa delas, em prantos. Em verdade, as misérias são muitas porque nele estão as da alma e as do corpo. Quem se isenta de calamidade nascido no pecado, frágil no corpo e estéril no espírito? Em verdade, está repleto de misérias, pois a enfermidade do corpo e a estultícia do coração se acumulam nele pela transmissão da mancha original e têm como prêmio a morte. Saudável conjunção para que, ao meditar-te como Sumo Pontífice, penses que não foste cinza desprezível, mas que és. A consideração imita a natureza. Mais digno é que ela imita Seu Autor, que associou o mais baixo ao mais elevado. Não é verdade que a natureza uniu na

⁷³³ Jó 15,7

⁷³⁴ Gn. 3,7

⁷³⁵ Jó 1,21

⁷³⁶ Os. 6,4.Os. 13,3

⁷³⁷ Ap. 3,17

⁷³⁸ Gn. 2,25

⁷³⁹ Jó 5,7

⁷⁴⁰ Jó 14,1

pessoa do homem o barro desprezível e o sopro da vida?⁷⁴¹ Ademais, o Autor da natureza não associou em si a pessoa do Verbo e o barro? Desse modo, tome como exemplo a nossa origem e o sacramento da redenção para que, sentando em lugar tão alto, não te deixes levar pelo gosto das grandezas⁷⁴² e afeiçoa-te pelas coisas modestas.⁷⁴³

19. Portanto, se consideras quanto és, cogita, sobretudo, o que és. Essa consideração não sairá de ti nem permitirá que voes acima do que és⁷⁴⁴, que procures riquezas nem coisas superiores a ti.

PARA QUE SE MANTENHA NO JUSTO MEIO

Permanece em ti. Não te menosprezes, tampouco te exaltes; não te percas ao longe e não te estendas além dos limites. Mantenha-se no meio se não quiseses perder o equilíbrio. A moderação é um caminho seguro. Nela está a virtude. O sábio considera um desterro tudo o que está fora dessa morada. Por isso, ele não vive na altura, isto é, além da medida; tampouco vive na largura, porque isso seria extrapolá-la. Também não vive na altura ou na profundidade, pois estão acima e abaixo da moderação. De fato, a longitude costuma trazer destruição; a extensão, rachaduras; a altitude, ruína; a profundidade, absorção. Digo do modo mais claro possível para que não penses que estou a falar da compreensão que o Apóstolo quer que tenhamos, com todos os cristãos, sobre o comprimento, a latitude, a altura e a profundidade.⁷⁴⁵ Disso trataremos em outro momento. Entendo por comprimento a promessa de vida longa que o homem faz a si mesmo. Por lado, a procura do espírito por coisas supérfluas; por altura, a presunção de crer-se aquilo que não se é; por profundidade, o rebaixamento por crer-se menos do que se é. Não é verdade que quem sabe que viverá muito tempo caminha para a destruição⁷⁴⁶ e transpassa os limites da vida com seus projetos ambiciosos? É assim que os homens, afastados de si mesmos por esquecerem do presente, viajam a outros séculos por meio de

⁷⁴¹ Gn. 2,7

⁷⁴² Rm. 12,16

⁷⁴³ Sl. 130,2

⁷⁴⁴ Sl. 130,1.

⁷⁴⁵ Ef. 3,18

⁷⁴⁶ Sb. 3,3

afãs inúteis e inexistentes. De modo semelhante, quando o espírito se distrai com muitas coisas, é inevitável não ser lacerado por muitas preocupações. Sem dúvida, a extensão imoderada provoca enfraquecimento e o enfraquecimento causa muitas rachaduras. Não é verdade que um homem que tem grande estima por si mesmo cai ruinosamente? Tu leste: antes da ruína o coração do homem se eleva.⁷⁴⁷

Desanimar-se por covardia excessiva não é cair em desespero? O forte não se deixará abater por causa dela. O prudente não se desviará por causa da incerteza de uma vida longa. O comedido agirá com moderação diante de seus tormentos, abster-se-á dos supérfluos, não se afastará do necessário. O justo não ousa conjecturar sobre as coisas que lhe são superiores,⁷⁴⁸ e diz: *se eu for inocente, não levantarei a cabeça.*⁷⁴⁹

CONSIDERA SE PROGRIDES NAS VIRTUDES

20. Segue com cautela nessas considerações⁷⁵⁰ e com toda tranquilidade retorne a elas, para que, em verdade, não te atribuas nada em demasiado nem renuncie ao que te pertence. Ademais, te atribuis em demasiado não só quando arrogas a ti mesmo a bondade que não possuis, mas também quando, o que não possuis, te acrescentas. Discerne com cuidado o que és por ti mesmo e o que és pela graça de Deus, e em teu espírito não haverá engano.⁷⁵¹ Haverá, por outro lado, se de boa-fé não deres a ti o que é teu e a Deus o que é de Deus.⁷⁵² Não duvido que saibas que o mal pertence a ti e o bem ao Senhor. Sem dúvida, ao considerares o que és, também debes recordar o que foste. Tens de comparar teu passado e teu futuro. Cresceste mesmo na virtude, na sabedoria,⁷⁵³ no conhecimento,⁷⁵⁴ na moderação dos costumes, ou, por acaso, pela falta dessas coisas, retrocedeste? És mais paciente ou impaciente do que de costume, mais iracundo ou mais calmo, mais insolente ou mais humilde, mais afável ou mais austero, mais compassível ou mais

⁷⁴⁷ Pr. 16,18. Pr. 18,12

⁷⁴⁸ Ecl. 3,22

⁷⁴⁹ Jó 10,15

⁷⁵⁰ Ef. 5,15

⁷⁵¹ Sl. 31,2

⁷⁵² Mt. 22,21

⁷⁵³ Lc. 2,52

⁷⁵⁴ Cl. 1,9

inflexível, mais covarde ou mais corajoso, mais sério ou um pouco libertino, mais temeroso ou mais confiante do que convém? Quão grande campo estende-se diante de ti para que pratiques tua consideração! Recordo aqui poucas coisas, como se estivesse apresentando a ti algumas sementes a serem semeadas.⁷⁵⁵ Convém que conheças teu zelo, tua clemência e o discernimento que modera essas virtudes, isto é, como perdoar ou punir as injúrias, como ponderar as circunstâncias de modo, lugar e tempo. Em resumo, debes considerar essas três circunstâncias, porque de fato não são virtudes por sua natureza, mas por seu uso. Sabemos que são indiferentes por si mesmas. Depende de ti tornarem-se vícios se disformas-as e delas abusas, ou, ao contrário, virtudes, se usas-as de modo bem ordenado. Costumam suplantarem-se umas às outras quando a distinção é ofuscada. Duas são as causas: a ira e o afeto demasiado brando. Este enerva a objetividade do juízo e aquela o precipita. Como não vão atingir a piedade da clemência e a retidão do zelo? Devido à turbação da ira⁷⁵⁶ os olhos indulgentes nada veem. E não seremos íntegros se nos alucinamos pela brandura afeminada do coração. Não serás inocente⁷⁵⁷ se castigas a quem possivelmente devesse perdoar e se perdoa alguém que se devia castigar.

COMO DEVE CONDUZIR-TE NA PROSPERIDADE E NA ADVERSIDADE

XII.21. Também não gostaria que disfarçasses teu comportamento nas tribulações. Se permaneces constante nas tuas e sentes pena das alheias, alegra-te. Isso é sinal de um coração reto. Inversamente, seria indício de uma situação perversíssima se te sentisses incapaz de suportar as próprias e não tivesses a mínima compaixão pelas alheias. Mas, e na prosperidade? Nada mesmo haverá que considerar? Sim, certamente. Se pensares bem,⁷⁵⁸ verás quão raros são os que não relaxam a vigilância e a disciplina na prosperidade. Em relação à disciplina, a prosperidade foi para o incauto o que o fogo é para a cera ou o raio de sol é para a neve e para o gelo. Davi foi sábio, Salomão muito mais. Mas quando seduzidos pela prosperidade, o segundo perdeu a cabeça em algum momento; o primeiro, em muitos. É grande o

⁷⁵⁵ Is. 55,10

⁷⁵⁶ Sl. 6,8

⁷⁵⁷ Sl. 17,26

⁷⁵⁸ Eclo. 13,16

homem que caiu na adversidade sem perder a sabedoria: não é menor se na presença da felicidade sorri para ela, e não dela. Ainda assim, é mais fácil encontrar alguém que manteve a sabedoria quando a sorte lhe foi contrária do que um que não a perdeu na prosperidade. É maior e mais querido aquele que, na prosperidade, não riu desmedidamente, disse palavras insolentes, ostentou vestes luxuosas ou chamou atenção para seu corpo.

COMO EVITAR O ÓCIO E AS FRIVOLIDADES

XIII.22. Ainda que, com razão, o sábio nos assegure que o ócio do escritor aumenta sua sabedoria,⁷⁵⁹ há que se evitar a ociosidade no ócio. Fuja da ociosidade, mãe das frivolidades e madrasta das virtudes. Entre os seculares, as frivolidades não passam de frivolidades; na boca de sacerdotes, são blasfêmias. Não obstante, ao surgirem, talvez seja prudente tolerá-las, nunca repeti-las. O melhor é abatê-las com cautela e prudência, conduzir o diálogo a temas graves que interessem aos ouvintes e, desse modo, eclipsar aos anteriores. Consagraste tua boca ao Evangelho: é sacrilégio abri-la maliciosamente. *Os lábios do sacerdote, diz, guardam a sabedoria e em sua boca se busca a doutrina*⁷⁶⁰: não brinques com chistes e frivolidades. As jocosidades que alguns costumam justificar como gracejos não deveriam chegar à boca, tampouco serem ouvidas. É vergonhoso que provoquem tuas gargalhadas, mas mais vergonhoso ainda é que tu as provoques em outros. Enfim, eu não acertaria em dizer o que é pior: cair na detração ou escutar o detrator.

SOBRE O FAVORITISMO E A CREDULIDADE

XIV.23. Não tenho a intenção de fatigar-te ao falar da avareza, quando todos sabem que para ti as riquezas são como palhas ao vento.⁷⁶¹ Nesse sentido, por causa dela que é temem teus tribunais. Mas há outra coisa que costuma trair os juízes, com muita frequência e dano, e que não quero que passe despercebido por tua

⁷⁵⁹ Eclo. 38,35

⁷⁶⁰ MI. 2,7

⁷⁶¹ Isto era muito raro, a propriedade da Igreja ser reclamada inteiramente pelos papas da Idade Média. Inocêncio II asseverou o “direito feudal” do Romano Pontífice com muita ênfase no Segundo Concílio de Latrão (1139). (George Lewis)

consciência. Do que falo? Do favoritismo.⁷⁶² Não creias que cometes uma falta qualquer se te pesa mais a personalidade do pecador⁷⁶³ que o mérito da causa. Existe, todavia, outro vício do qual, se te sentes imunes, serias entre todos os juízes que conheço o único que tomou acento nos tribunais⁷⁶⁴ e se manteve sempre livre de toda influência,⁷⁶⁵ coisa singular, até por cima de ti mesmo, como disse o Profeta. Refiro-me à excessiva credulidade. É como uma raposinha astuta: não conheci nenhuma pessoa importante que conseguiu se precaver de sua habilidade. Daqui nascem esses arrebatados sem motivo, essa rigorosidade em castigar aos inocentes e esses juízos precipitados de réus ausentes. Felicito-te, sem medo que me tomes por adulator, e te dou meus parabéns, porque até agora interveio em muitos pleitos sem incorrer em nada disso. Saberás se estás livre de toda culpa. Agora temos de encaminhar a consideração até as realidades que estão abaixo de ti. Mas isso faremos em outro livro, porque tuas muitas ocupações te exigem que seja breve.

⁷⁶² II Par. 19,7; Rm. 2,11

⁷⁶³ Sl. 81,2

⁷⁶⁴ Mt. 23,2

⁷⁶⁵ Lm. 3,28

LIVRO III

CONSIDERAÇÃO SOBRE AS COISAS QUE ESTÃO ABAIXO DE TI

I. 1. Ao terminar o livro anterior indiquei que este se iniciaria. Assim, para cumprir o que eu havia prometido, consideremos então as coisas que estão abaixo de ti. O que deverias me inquirir, papa Eugênio, o melhor dos sacerdotes, não é quais estão, mas quais *não* estão.

Pois teria de sair do mundo aquele que quisesse descobrir algo que não está sob tua cura. Teus predecessores não foram enviados para ocuparem uma ou outra região, mas para conquistarem [pelo combate] todo o orbe: *Ide por todo o mundo*,⁷⁶⁶ a eles foi dito. E, com efeito, venderam suas túnicas, compraram espadas⁷⁶⁷ e muniram-se daquelas que, para Deus, são poderosas armas: palavras puras⁷⁶⁸ e uma inspiração arrebatadora.⁷⁶⁹ Aonde não chegaram esses ínclitos vencedores, filhos da juventude?⁷⁷⁰ Aonde não lançaram agudas flechas de guerreiro com carvões ardentes de giesta?⁷⁷¹ *Por toda a terra correu a sua voz, e até aos confins do mundo foram as suas palavras.*⁷⁷² Penetravam e incendiavam aquelas palavras acesas pelo fogo⁷⁷³ que o Senhor enviou sobre a terra.⁷⁷⁴ Morriam como corajosos combatentes, mas não sucumbiam. Ainda que mortos, triunfavam. Sua soberania foi estabelecida além da medida,⁷⁷⁵ pois foram instituídos príncipes sobre toda a terra.⁷⁷⁶

⁷⁶⁶ Mc. 16,15

⁷⁶⁷ Lc. 22,36

⁷⁶⁸ Sl. 118,140

⁷⁶⁹ Sl. 47,8. At. 2,2

⁷⁷⁰ Sl. 126,4. “Os hebreus tem “filhos da juventude”, ou “filhos da juventude de alguém”, que os tradutores da Septuaginta compreendem equivocadamente por *fili excussorum*. A Vulgata perpetuou o equivoco. São Jerônimo (*Carta a Marcela sobre a Exposição do Salmo*) – agradeço ao Bispo de Gloucester pela referência – em uma interessante discussão sobre a passagem não vê com bons olhos que os apóstolos possam ser chamados de *exeunt*. Ademais, ele diz, como sacudiram a areia de seus pés, deveriam ser chamados, mais apropriadamente, de *excutientes*. Comumente, São Jerônimo acrescenta, *excussi* era visto como o equivalente de *vegeti, robusti, expediti*.” (George Lewis)

⁷⁷¹ Sl. 119,4

⁷⁷² Rm. 10,18

⁷⁷³ Sl. 79,17

⁷⁷⁴ Lc. 12,49

⁷⁷⁵ Sl. 138,17

⁷⁷⁶ Sl. 44,17

Tu os sucedeste como herdeiro,⁷⁷⁷ portanto tens por herança todo o orbe. Todavia, devem ser matéria de uma sóbria e cuidadosa consideração os limites do que te pertence⁷⁷⁸ e do que a eles pertenceu. Não creio que herdaste o mundo inteiramente, mas com certas restrições que, a meu ver, explicitam a concessão de uma liderança⁷⁷⁹ e não de uma posse. Se intencionas usurpá-la, te contradiz quem disse: *Minha é a terra e tudo que nela contém.*⁷⁸⁰

Tu não és aquele do qual fala o profeta: *A terra inteira será sua possessão.*⁷⁸¹ Esse é Cristo, que reivindica para si a dominação pelo direito da criação, pelo mérito da redenção e pelo dom do Pai. Aos outros não foi dito “*Pede-me; dar-te-ei por herança todas as nações; tu possuirás os confins do mundo?*”⁷⁸² Renuncia ao domínio e à possessão em favor dele, pois te cabe somente administrá-las.⁷⁸³ Eis a tua parte,⁷⁸⁴ e que tua mão não se estenda além dela.⁷⁸⁵

2. “Como?”, me dirás, “não me vetas o governo, mas me proibes a dominação?”. Sim, exatamente isso. Porque governa bem quem governa com zelo.⁷⁸⁶ Não está uma casa de campo sob as ordens do caseiro e o filho do senhor sujeito a seu preceptor? E, mesmo assim, a casa de campo não é do caseiro, tampouco o preceptor é dono de seu aluno. Tu governas, pois, para ordenar, tomar decisões, velar e servir. Governas a fim de que sirvas, como um servo fiel e prudente que Deus dispôs para sua família.⁷⁸⁷ Para quê? Para dar a eles alimento no momento certo, isto é, para despender, não para imperar. Faze isso⁷⁸⁸ e, ainda que sejas homem, não ambiciones dominar os outros, para que não sejas tu dominado pela injustiça.⁷⁸⁹ Entrementes, embora de tudo isso já tenhamos tratado quando

⁷⁷⁷ Nm. 27,6

⁷⁷⁸ Lc. 15,12

⁷⁷⁹ I Cor. 9,17

⁷⁸⁰ Sl. 49,12

⁷⁸¹ Sl. 54,24. Num. 24,18

⁷⁸² Sl. 2,8

⁷⁸³ Lc. 10,35

⁷⁸⁴ Padre Antônio Vieira, em seu livro *História do Futuro*, volume II, livro II, capítulo V cita esta explicação de Bernardo para demonstrar que, quando se coteja vários excertos de Padres da Igreja, torna-se evidente a Monarquia universal de Cristo tanto espiritual quanto temporalmente.

⁷⁸⁵ Gn. 22,12. Jó 1,12

⁷⁸⁶ Rom. 12,8

⁷⁸⁷ Mt. 24,45

⁷⁸⁸ Lc. 10,28

⁷⁸⁹ Sl. 118,133

analisamos quem és, insisto porque não há o que eu tema mais contra ti, nem veneno, nem espada, que o desejo da dominação. Por mais que te valorizes a ti mesmo, tenho certeza de que, a não ser que estejas muito iludido, nunca pensarás que és maior que os santos Apóstolos.⁷⁹⁰

CORRIGE OS HEREGES, CONVERTE OS GENTIOS E REPRIME OS AMBICIOSOS

Agora recorda aquelas palavras: *Sou devedor de sábios e ignorantes.*⁷⁹¹ Não obstante, se pensas que essas palavras não se referem a ti, lembra-te que a alcunha de “devedor” é mais conveniente a quem serve do que a quem domina. O servo, no Evangelho, ouviu: *Quanto deves a meu patrão?*⁷⁹² Logo, se te reconheces não como dominador e sim como devedor de sábios e ignorantes, tens de zelar por eles e considerar diligentemente por que meios o ignorante adquirirá sabedoria, o sábio não a perderá,⁷⁹³ e o que já a perdeu voltará à razão. Em verdade, não há ignorância mais ignorante, por assim dizer, que a infidelidade. E tu és devedor de infiéis judeus, gregos⁷⁹⁴ e gentios.

3. Por essa razão, é fundamental que faças o que puderes a fim de que os infiéis se convertam à fé, os convertidos não se desviem, os desviados se recuperem, os perversos recobrem a retidão, os subvertidos voltem à verdade, os subversores sejam convencidos pela razão invencível. Se possível, que eles se emendem, se não, que percam a autoridade e a influência sobre os enganados.

De modo algum podes descuidar-te da pior classe de insensatos que tenta te enganar. Falo dos heréticos e cismáticos, corruptores e corrompidos, cães trinchadores e raposas de tocaia. Tens de ter a máxima atenção para com eles, para que sejam corrigidos e não se percam,⁷⁹⁵ para que não causem danos e sejam

⁷⁹⁰ II Cor. 11,5

⁷⁹¹ Rm. 1,14

⁷⁹² Lc. 16,5

⁷⁹³ I Cor. 1,19

⁷⁹⁴ Conquanto São Paulo nas Escrituras tenha se referido pontualmente a gregos pagãos de seu tempo, é certo que São Bernardo imputa à palavra significado novo condizente ao grande Cisma do Oriente de 1054.

⁷⁹⁵ Jo. 6,12

reprimidos. Em relação aos judeus, estás desculpado pelo tempo⁷⁹⁶: eles têm o seu próprio para a conversão que não pode ser antecipado. Convém primeiro que preceda a conversão de todos gentios.

Mas, sobre esses mesmos gentios, que me respondes? Ou melhor, o que responde tua rigorosa consideração? Por que razão teus predecessores impuseram limites ao Evangelho, paralisaram a propagação da fé, enquanto ainda subsiste a infidelidade? Pensemos. Por qual motivo a palavra que corre velozmente parou?⁷⁹⁷ Quem foi o primeiro a deter esse curso de salvação? Talvez a causa desconheçamos, quem sabe a necessidade os tenha forçado.

4. Mas por que fingimos? Com que ousadia, com qual consciência não oferecemos Cristo aos que não tem? Por uma injustiça deteremos a verdade de Deus?⁷⁹⁸ É necessário que, a todo custo, os gentios cheguem à fé. Esperaremos que ela caia sobre eles, então? Quem, afinal, alcança a fé por acidente? Como podem crer sem um pregador?⁷⁹⁹ Pedro foi enviado a Cornélio⁸⁰⁰, Filipe ao eunuco⁸⁰¹, e se procurarmos por exemplos mais recentes, veremos que Agostinho⁸⁰², enviado pelo beato Gregório, difundiu a tradição na Inglaterra. O mesmo deves pensar de ti em relação aos gentios.

Refiro-me, além disso, à teimosia dos gregos, que estão e não estão conosco, divididos na paz⁸⁰³, unidos na fé, ainda que, a bem da verdade, nela claudiquem

⁷⁹⁶ Rm. 11,25

⁷⁹⁷ Sl. 147,15

⁷⁹⁸ Rm. 1,18

⁷⁹⁹ Rm. 10,14

⁸⁰⁰ At. 10,25

⁸⁰¹ At. 8,26

⁸⁰² Refere-se a Agostinho da Cantuária, monge beneditino considerado o “Apóstolo dos ingleses”. No século VI, foi enviado pelo Papa Gregório I à Britânia com a missão de conversão do povo.

⁸⁰³ São Bernardo provável e particularmente refere-se à disputa sobre a processão do Espírito Santo, que por aproximadamente mil anos pareceu ser para ambas as partes de grande importância para justificar a ruptura entre Oriente e Ocidente. O Concílio de Constantinopla (381) inseriu no Credo do Concílio de Nicéia (325) as palavras “procedendo do Pai”; e o Concílio de Éfesos (431) decretou que nenhuma adição deveria ser feita a este Credo daí em diante. Por conseguinte, os Padres gregos uniformemente declararam sua crença na processão do Espírito Santo da parte do Pai. Os Padres latinos, por outro lado, tendo considerado sobre aquelas passagens das Escrituras que falam do Espírito de Cristo, e do Espírito enviado pelo Filho, continuamente afirmaram o Espírito Santo como procedente do Pai e do Filho. A despeito do decreto do Concílio de Éfeso, as igrejas da França e da Espanha de fato adicionaram ao Credo de Constantinopla as palavras “e o Filho”. A disputa renovou-se por certo tempo com mútuas excomunhões, e então no século onze aflorou o cisma do qual não

longe do reto caminho.⁸⁰⁴ Como a heresia, serpenteia às ocultas por todos os cantos e, em alguns casos, causa estragos às claras, devorando fulminante e indistintamente os filhos mais pequeninos da Igreja.⁸⁰⁵ Indagas: “Mas onde está acontecendo tudo isso?” Os teus, que frequentemente visitam as terras mais a sudeste, sabem e podem te dizer. Vão e vêm⁸⁰⁶ constantemente por elas, ou passam bem perto, mas até agora não ouvimos o que de bom fazem lá. E talvez até tivéssemos ouvido, se o ouro que vem da Espanha não valesse mais que a salvação daquele povo. É teu dever providenciar remédio para essa chaga.

5. Mas há também uma insensatez que quase tornou estulta a sabedoria da fé.⁸⁰⁷ Como esse vírus pôde infectar quase toda a Igreja Católica? Verdadeiramente, enquanto cada um de nós buscou somente o que era de seu próprio interesse⁸⁰⁸, passamos a nos invejar, a nos provocar,⁸⁰⁹ a cultivar o ódio, a nos exasperar pelas injúrias, a nos armar para os litígios, a tramar insídias, a sofrer difamações, a lançar maldições, a sermos oprimidos pelos mais fortes e a oprimir os mais fracos.

Quão digno e louvável é que teu coração⁸¹⁰ se ocupe em meditar sobre esse tipo de ignorância tão pestilenta, adversa, presente no próprio corpo de Cristo e em uma multidão de fiéis!⁸¹¹ Ó ambição, cruz dos ambiciosos! Como podes atormentar a todos e ainda assim agradar a tantos? Nada causa tormento mais agudo e nada inquieta tanto, nada, contudo, ocupa mais os míseros mortais que seus negócios.

se viu curada. A reconciliação desejada no Concílio de Florença (1442) foi superficial e repudiada pelos gregos. (George Lewis)

⁸⁰⁴ Sl. 17,46

⁸⁰⁵ A heresia que aparentemente São Bernardo tem em mente e é a do henricianos, chamados assim por causa de seu fundador, Henrique, monge italiano, heremita e ardente reformador. A influência de São Bernardo provou-se grande para ele mesmo em Tolouse, onde a missão de Henrique era muito popular. No Concílio de Reims (1148), Henrique foi condenado por Eugênio e preso. Na prisão morreu não muito tempo depois. Ele rejeitava o batismo das crianças, censurava severamente a corrupção e a licenciosidade do clero, trava os festivais e cerimônias da Igreja com o maior desprezo e mantinha assembleias clandestinas nas quais explicava e inculcava as novidades que ensinava. (George Lewis)

⁸⁰⁶ Gn. 8,3

⁸⁰⁷ I Cor. 1,20

⁸⁰⁸ I Cor. 13,5

⁸⁰⁹ Gl. 5,26

⁸¹⁰ Sl. 18,15. Sl. 48,4

⁸¹¹ At. 5,14

E não é verdade que na soleira dos Apóstolos vemos mais pegadas de ambição que de devoção? Todos os dias não ressoam em teu palácio a voz dos ambiciosos? Não transpira a disciplina por causa do afã destes pelas leis canônicas? Não pretende a voracidade italiana arrebatá-los seus despojos com insaciável avidez? Que são essas coisas, que nem direi que te interrompem, mas te obrigam a abandonar tuas ocupações espirituais? Quantas vezes esses atos inquietos e inquietantes não te fizeram abortar teu santo e fecundo ócio? Uma coisa é que o oprimido apele a ti, outra é que os ambiciosos aspirem reinar em teu lugar na Igreja. É premente que não abandones os necessitados, tampouco sejas complacente com os ambiciosos. E mesmo assim, quantas vezes estes são favorecidos e aqueles desprezados! És devedor de ambos, quer seja para aliviá-los, quer seja para reprimi-los.

SOBRE AS APELAÇÕES

6. E já que tratamos das apelações, de certo modo prosseguir com esse assunto não está fora de questão. É necessário dedicar uma religiosa atenção ao tema para evitar que o que se instituiu por uma necessidade não termine inútil em virtude de abusos. Parece-me que podem dela derivar gravíssimos males se não forem advogadas com a máxima moderação. Apela a ti pessoas do mundo inteiro, e isso é testemunho da singularidade de teu primado.

Todavia, se tens consciência do fato, não se alegrará por teu primado, senão que por seus frutos. Foi dito aos Apóstolos: *Não vos alegrais porque os espíritos vos estão sujeitos.*⁸¹² Apela a ti, e queira Deus que seja tão frutuoso quanto é necessário! Queira Deus que o opressor ouça o clamor do oprimido e que o ímpio não se orgulhe de oprimir o pobre!⁸¹³ Quão belo seria que os opressores fugissem ao ouvirem teu nome.⁸¹⁴ E, ao contrário, quão perverso, quão injusto é que se alegre o que faz o mal e que o que sofre seja atormentado em vão!

Falta-te humanidade se não te comoves com um homem que acumula pesadas injúrias, dor, cansaço de viagem e gastos. Serias muito covarde se não agisses

⁸¹² Lc. 10,20

⁸¹³ Sl. 9,23

⁸¹⁴ II Mc. 8,15

contra quem é parte direta, parte indiretamente a causa de tantas calamidades. Fica alerta, homem de Deus, para que, quando te chegar caso semelhante, tua misericórdia e tua indignação reajam [contra esse mal]. Deves ao injuriante e ao injuriado. Que este seja consolado pela reparação dos danos sofridos, pela satisfação das injúrias e pelo fim das calúnias; que o outro se penitencie por não ter tido medo de fazer o mal e que não ria da punição do inocente.

7. Sou de opinião de que não deve restar impune quem apela sem justa causa. A lei está prefigurada pelos princípios imutáveis da equidade divina e, não me engano, também as apelações. Desse modo, uma apelação ilicitamente feita não é válida ao apelante nem pode ser prejudicial ao apelado. Como um homem pode ser molestado sem razão? A justiça plena exige que aquele que desejou injuriar o próximo seja ele mesmo condenado!

Apelar com injustiça é injusto, recorrer injusta e impunemente fomenta as apelações injustas. E é injusta, também, toda apelação motivada pela inópia judicial. É lícito apelar não para causar, mas para se defender de algum dano. Apelar de uma sentença antes de ser ditada é realmente desonesto, a não ser que se veja claramente manifesta a existência de algum agravante. Portanto, é evidente que quem apela sem ter sido ameaçado o faz com o intuito de dificultar o julgamento ou ganhar tempo.⁸¹⁵

A apelação não é um subterfúgio, mas um refúgio. Quantos não conhecemos que, depois de derrotados, apelaram para conseguirem o que jamais seria lícito. Sabemos também de outros que, mediante apelação, passaram suas vidas em crimes abomináveis, como incesto e adultério. O que é isso de proteger a infâmia quando deverias ser temido pelos que a cometem? Até quando fingirás não ouvir ou não prestarás atenção ao murmúrio de toda a terra? Até quando te conservarás dormente? Quando tua consideração ficará vigilante em relação a tantas confusões e abusos nas apelações? Eles agem contra a justiça humana e a divina, contra a moral e a ordem. Não levam em conta lugar, modo, tempo, causa ou pessoa. A cada passo que dão maquinam levianamente, e muitas vezes com perversidade. Antes,

⁸¹⁵ Cl. 4,5

os desejosos por danos não costumavam se sentir ameaçados, agora se valem das apelações para causarem terror aos bons. O antídoto tornou-se veneno. Essa mudança não foi trabalho da destra do Altíssimo.⁸¹⁶

8. Apela os maus contra os bons para que não façam o bem e estes, temendo tua voz trovejante,⁸¹⁷ abrem mão de se defenderem. Os maus apela contra os bispos para que não ousem dissolver matrimônios ilícitos nem proibi-los. Apela para que não sejam coibidos ou punidos por raptos, furtos, sacrilégios e delitos semelhantes. Apela para que os bispos não possam remover ou privar os infames e indignos dos ofícios eclesiásticos. Que remédio tentas descobrir contra esta doença, para que não encontrem a morte as instituições criadas para serem o próprio lenitivo?

O Senhor foi zeloso⁸¹⁸ com Sua casa de oração quando esta fora transformada em covil de ladrões⁸¹⁹ e tu, Seu ministro, finges não ver o refúgio dos miseráveis transformado em arsenal de iniquidades?⁸²⁰ Vês como todos fazem o papel de oprimidos e se apressam em apelar, não para se defenderem, mas para causar dano a outros? Que se oculta nesse mistério? A consideração é tua, não necessitas de meus comentários. “E por que”, me perguntas, “os que são vítimas de más apelações não vêm a mim para provarem sua inocência e desarmarem a maldade?” Dir-te-ei o que se costuma dizer: “Não queremos ser envergonhados. Na Cúria, os mesmos que favorecem os que assim apela são os que estimulam esse tipo de apelações. Se temos de perder em Roma, melhor é ficarmos em casa”.

9. Confesso-te que me inclino a dar-lhes absoluta razão. Nessas inúmeras e diárias apelações, poderias me indicar um único apelante que tenha restituído um centésimo das despesas de viagem daquele que se defendia? Seria realmente maravilhoso se todos os apelantes fossem justos e por teu exame se descobrisse que os acusados são réus. *Amai a justiça, vós que julgais a terra.*⁸²¹

⁸¹⁶ Sl. 76,11

⁸¹⁷ Sl. 103,7

⁸¹⁸ Jl. 2,18

⁸¹⁹ Mt. 21,13

⁸²⁰ Rm. 6,13

⁸²¹ Sb. 1,1

Pouco adianta ter justiça sem a amar. Os que a tem, a tem; os que a amam, zelam por ela. O amante da justiça a procura, persegue toda injustiça. Não sejas como os que acham que as apelações são uma caçada. Envergonha-me o ditado que entre os gentios virou provérbio: “abatemos dois cervos gordos”. Sinceramente, há mais sarcasmo que justiça nisso.

O ABUSO DAS APELAÇÕES

Tu, se amas a justiça, não encorajes as apelações: tolere-as. De que serve às igrejas de Deus tua justiça quando prevalece a sentença de outros que não pensam como tu? Enfim, dessas coisas trataremos em outro lugar, ao discutirmos sobre as coisas que estão ao teu redor.

10. Não creias que seja perda de tempo procurar um tempo vago para considerar se é possível devolver às apelações seu uso legítimo. Se queres saber minha opinião, digo que não devem ser desprezadas nem recomendadas. Seria difícil para mim dizer qual dos dois usos considero pior. Por um lado, diria sem dúvida que abusar de algo induz necessariamente a desprezá-lo, por isso eu deveria realmente desencorajar as apelações, mais nocivas que benéficas. Ou não é mais prejudicial que, má em si, seja pior em suas partes? Não é seu abuso que degrada e destrói a natureza mesma das coisas? Muitas vezes basta seu abuso para rebaixar e anular o valor de realidades muito mais preciosas.

O que é superior aos Sacramentos? Contudo, se forem abusados por pessoas indignas e indignamente tratados, de modo algum devem ser recebidos. São causa de grande condenação porque não lhes veneraram devidamente. Reconheço serem as apelações um grande bem universal, tão necessárias quanto o sol é para os mortais. São o sol da justiça⁸²² descobrindo e reprovando as obras das trevas.⁸²³ Entretanto, somente devem ser estimadas e estimuladas aquelas que se sobressaem pela necessidade, não as inventadas pela astúcia. Todas as apelações abusivas seguem esta definição: não ajudam em tempos de necessidade, somente auxiliam a iniquidade. Quem compareceria em um tribunal para ser desprezado?

⁸²² Mt. 4,2

⁸²³ Ef. 5,11

Quantos, por causa disso, não renunciaram a seus direitos para não se esgotarem por causa de uma viagem penosa e perdida? Muitos outros, no entanto, não admitindo a perda dos direitos, preferem importunar pessoas excelsas com apelações inúteis.

11. Exemplifico com uma circunstância que é da tua obrigação.⁸²⁴ Certa pessoa havia desposado publicamente sua noiva. Chegando o dia das bodas, tudo já estava preparado⁸²⁵ e muitos eram os convidados. E eis que um homem, desejando a mulher de seu próximo, interrompeu a cerimônia aos gritos, afirmando que a noiva havia sido prometida a ele antes e que deveria ser sua. Estupefato o noivo e assombrados todos os assistentes, o sacerdote não ousou continuar a cerimônia, e com toda a festa preparada, cada um retornou a sua casa⁸²⁶ para comer.⁸²⁷ Ficou a esposa privada do direito à mesa e ao leito de seu marido enquanto o assunto não se resolvia em Roma. Isto aconteceu em Paris, nobre cidade e corte real da Gália.

Na mesma cidade, outros ficaram noivos⁸²⁸ e fixaram o dia das bodas. Inventaram uma calúnia, dizendo que eles não poderiam se casar. Sem intenção de esperar por uma sentença, a causa foi levada ao tribunal eclesiástico somente para atrasar as núpcias. Mas o noivo, que não havia se preparado para perder e que não queria ser privado da companhia de sua amada, ou desprezando ou fingindo ignorar a apelação, consumou seus propósitos.

E, trazendo um exemplo mais recente, o que sucedeu a um adolescente arrogante de Auxerre? Morto o santo bispo da cidade,⁸²⁹ os clérigos, segundo o costume, se dispuseram a eleger um sucessor. Mas o jovem em questão interveio com uma apelação e proibiu que qualquer coisa fosse feita antes de seu retorno de Roma. Nem sequer deixou informações sobre a apelação. De fato, quando viu que o desprezavam por ter apelado irracionalmente, chamou algumas pessoas e três dias depois de fazerem os clérigos a eleição, ele mesmo elegeu-se bispo.

⁸²⁴ Flm. 1,8

⁸²⁵ Lc. 14,17

⁸²⁶ Lc. 18,14

⁸²⁷ I Cor. 11,21

⁸²⁸ Lc. 2,5

⁸²⁹ Bispo Hugo de Mâcon, em 10 de dezembro de a. 1151.

12. É manifesto por parte desse e de outros inúmeros casos que não se abusa das apelações porque são menosprezadas, mas que são menosprezadas justamente porque se abusa delas. Observe, portanto, como pode ser que teu zelo castigue quase sempre seu desprezo e tolere seu abuso. Desejas coibir o desprezo mais perfeitamente?

Cuida para que o gérmen funesto seja sufocado no útero de sua péssima mãe. Conseguirás isso se punires o abuso com a censura apropriada. Tolhe o abuso e não haverá desculpas para o desdém. Ademais, a indesculpabilidade⁸³⁰ condenará a audácia de não comparecer. Não havendo, portanto, quem abuse, o desprezo praticamente não existirá. Faze bem quando nega o recurso, ou melhor, o subterfúgio, e remete muitas causas aos especialistas ou aos que são mais capazes de ditar uma sentença. Quanto mais prontamente se faz uma investigação e mais claros são os resultados, tanto a decisão é mais segura. Que grande graça⁸³¹ para com tantos homens os poupar de problemas e gastos! Mas o que te exige suma atenção é indagar a quem deves conceder tua credibilidade.

QUANTO DANO CAUSA A AVAREZA

Sobre tudo isso poderia te dizer muitas coisas, mas lembrando meus propósitos e contente por ter oportunizado tua consideração, passo a outro ponto.

III. 13. Creio que o primeiro tema que nos ocorre não pode ser tratado com tanta pressa. Exerces uma primazia muito singular. Para quê? Digo-te que isso é o que deves considerar. Acaso é para crescer à custa de teus súditos? Não, pelo contrário, é para que eles cresçam à tua custa. Constituíram-te príncipe⁸³² não para teu proveito, mas para o deles. Senão, como poderias considerar-te superior àqueles de quem mendigas teu próprio bem-estar? Ouve o Senhor: *Os que exercem sobre eles autoridade chamam-se benfeitores.*⁸³³

⁸³⁰ Termo jurídico. O princípio da indesculpabilidade estabelece que "o desconhecimento da lei é inescusável".

⁸³¹ Jo. 1,14

⁸³² Sl. 44,17

⁸³³ Lc. 22,25

Essas palavras se referem aos que são de fora.⁸³⁴ E quanto a nós? Tu mentirias se disseses que não tens a intenção de ser tão generoso quanto governar com generosidade. Um homem é pobre de espírito quando não procura o progresso de seus inferiores, mas sua própria satisfação. Especialmente para quem é o maior de todos não há nada mais torpe. Tão belamente disse o Mestre dos Gentios que não são os filhos que devem entesourar para os pais, mas os pais para os filhos!⁸³⁵ Por diversas vezes disse honrosas palavras semelhantes a estas: *Não é o donativo em si que eu procuro, e sim os lucros que vão aumentando o vosso crédito.*⁸³⁶

Mas passemos adiante para que não penses que, por causa de minha demora nesse assunto, creias que te considero avaro. No segundo livro deixei bem claro que estás longe disso, pois sei quantas coisas rejeitaste em circunstâncias críticas. Por isso essas coisas escrevo a ti, não *para* ti. O que é escrito a ti não convém que só a ti seja útil. Aqui censurei a avareza, vício do qual tua opinião está imune, mas vê se tua obra também.⁸³⁷ Viste também como me calei sobre as ofertas aos pobres, que não ousastes tocar, e as sacolas dos germânicos que tinham sido detidas não pelo volume, mas pelo valor. A reputação da prata é como feno. Não obstante, obrigaste que os homens regressassem à pátria com suas cargas tão cheias quanto vieram. Algo realmente inaudito!

Quando Roma recusou ouro? E nem podemos acreditar que com o assentimento dos romanos aconteça essa usurpação. Foram a Roma dois senhores, ambos ricos e reis, um da Mongúcia e o outro de Colônia. O primeiro regressou à casa reconciliado conosco, o outro, creio que indigno de perdão, ouviu: “Com tais vestes vieste, com elas vai-te embora”. Que magníficas palavras, próprias da liberdade apostólica! Quem creia serem menores que estas: *Maldito seja o teu dinheiro e tu também?*⁸³⁸ A única diferença é que nesta ressoou mais violência; naquela, mais modéstia.

⁸³⁴ I Cor. 5,12

⁸³⁵ II Cor. 12,14

⁸³⁶ Fp. 4,17

⁸³⁷ Mt. 27,4

⁸³⁸ At. 8,20

E o que dizer do caso de um senhor que, vindo dos confins da terra, atravessou terras e mares⁸³⁹ para comprar um episcopado, com seu dinheiro e dos outros? E isso já havia feito antes. Trouxe muitas coisas consigo, mas teve de levá-las de volta, embora não todas, pois o miserável caiu em mãos mais dispostas a receber que a dar. Bem fizeste conservando limpas tuas mãos⁸⁴⁰ e não as impondo sobre o ambicioso, nem consentindo fraudes com a riqueza injusta.⁸⁴¹

Ao invés, as estendeste a um bispo pobre, deste o que pudeste dar para que ele não fosse tido por avaro. Ele aceitou às escondidas o que depois fez conhecer-se por todos. Com tua bolsa olhaste por esse homem discretamente, permitindo-o que pudesse corresponder aos costumes estabelecidos pela Cúria romana. Tua ajuda evitou a inveja daquele que apreciam o dinheiro.⁸⁴² Não podes esconder,⁸⁴³ conhecemos o caso e a pessoa. Envergonha-te ao ouvir isso? Quanto mais te moleste ouvir, tanto mais predicarei, assim tu cumpres com teu dever e eu com o meu. Não posso silenciar a glória de Cristo e tu não podes buscar teu próprio prestígio.⁸⁴⁴ E se continuares a murmurar, te responderá o Evangelho: *Quanto mais lhes proibiam, tanto mais o publicavam, dizendo: Ele fez bem todas as coisas.*⁸⁴⁵

OS BISPOS REBELDES QUE, IMPACIENTES EM SUA SUBMISSÃO, DESEJAM SE EMANCIPAR

IV.14. Escuta outra coisa, se realmente podemos considerá-la diferente da anterior Talvez prefiram pensar que não diferem entre si, mas tua consideração decidirá sobre isso. A meu ver, quem pensa a rebeldia como uma espécie de avareza não está longe da verdade. Eu não negaria que pertence realmente a essa classe, ou, no mínimo, é muito parecida. Sem dúvida, importa à tua perfeição que evites o mal e até mesmo tudo o que parece mal, quer seja por tua consciência, quer seja pela tua boa fama. Pensa que a ti não é lícito (ainda que aos outros seja) fazer qualquer coisa que pareça má. Pergunta a teus maiores e eles te dirão: *Guardai-vos de toda*

⁸³⁹ Sl. 60,3

⁸⁴⁰ Gn. 37,22

⁸⁴¹ Lc. 16,11

⁸⁴² Is. 1,23

⁸⁴³ Mt. 5,14

⁸⁴⁴ Jo. 7,18

⁸⁴⁵ Mc. 7,36-37

*espécie de mal.*⁸⁴⁶ Imite o servo a seu Senhor, como ele mesmo disse: *Se alguém me quer servir, me siga.*⁸⁴⁷ E de outro lugar vem: *O Senhor é rei e se revestiu de majestade, ele se cingiu com um cinto de poder.*⁸⁴⁸ Sê tu também forte na fé,⁸⁴⁹ digno de glória, e terás provado ser imitador de Deus.⁸⁵⁰ Tua fortaleza é a confiança na fidelidade da consciência; teu decoro, o esplendor da boa opinião. Peço-te, então, que recobres teu vigor,⁸⁵¹ pois a alegria de Deus é tua fortaleza.⁸⁵²

Ele se deleita em tua formosura e beleza⁸⁵³ tanto quanto em Sua própria imagem. Veste-te com as vestimentas de tua glória,⁸⁵⁴ com trajes forrados como os que os criados daquela mulher levavam.⁸⁵⁵ Que não esteja em tua consciência a debilidade vacilante de uma fé medíocre,⁸⁵⁶ que não apareça em tua fama mancha de imperfeição. Veste-te com trajes forrados,⁸⁵⁷ e como a esposa faz a alegria de seu marido, tua alma fará a alegria de teu Deus.⁸⁵⁸ Talvez imagines onde quero chegar com isso, já que não sabes ainda o que quero te dizer.

Não quero tomar-te muito tempo: falo dos boatos e das disputas entre igrejas. São apregoadas de modo trincado e sobremaneira desmembradas. Não são poucos os que sentem ou ao menos temem essa chaga. Perguntas qual? Abades são afastados por bispos, bispos por arcebispos, arcebispos por patriarcas ou primados. Parece-te boa coisa? Admirar-me-ia se escusasses essas ações. Se fizesses isso, provarias que possúis a plenitude da potestade, mas possivelmente não tendes justiça. Vós agis porque podeis, mas a questão é saber se tendes direito. Estais em alta posição para manter cada um de seus servos em sua honra e dignidade, não para causar inveja, como um de vossos predecessores disse: *A quem se deve a honra, a honra.*⁸⁵⁹

⁸⁴⁶ I Ts. 5,22

⁸⁴⁷ Jo. 12,26

⁸⁴⁸ Sl. 92,1

⁸⁴⁹ I Pd. 5,9

⁸⁵⁰ Ef. 5,1

⁸⁵¹ Is. 51,9

⁸⁵² Ne. 8,10

⁸⁵³ Sl. 44,5

⁸⁵⁴ Is. 52,1

⁸⁵⁵ Pr. 31,21

⁸⁵⁶ Mt. 6,30. Mt. 8,26

⁸⁵⁷ Pr. 31,21

⁸⁵⁸ Is. 62,5

⁸⁵⁹ Rm. 13,7

15. O homem espiritual, aquele que julga todas as coisas e não é julgado por ninguém,⁸⁶⁰ precede todas as suas obras por essas três considerações. Primeiro, pergunta-se se é lícito; em seguida, se convém; por fim, se é útil. De fato, embora conste na filosofia cristã que não é conveniente o que não é lícito e que não é útil o que não é conveniente nem lícito,⁸⁶¹ não segue que tudo o que é lícito será conseqüentemente útil ou conveniente. Vejamos se conseguimos ajustar essas três condições a nosso caso em particular.

Com efeito, como não seria indecente que tua vontade se tornasse tua lei e, sem ninguém para recorrer, exercesses teu poder negligenciando o uso da razão? És tu maior que teu Senhor,⁸⁶² que disse: *Não vim para fazer minha vontade*⁸⁶³? É próprio de almas, que eu nem chamaria de baixas e sim soberbas, comportar-se irracionalmente e de acordo com sua própria vontade, agir sem juízo em favor do apetite. Há algo mais bestial? E se é indigno de todo ser dotado de razão viver como um animal, quem poderá conceber em ti, guia de todos, tão ultrajante natureza e tamanha injúria a tua honra? Se te degenerasses – que Deus não permita! – seria dirigido a ti aquele opróbrio: *O homem que viveu na opulência não compreendeu; é comparado ao gado de carga que nada sabe e se fez semelhante a ele.*⁸⁶⁴

O que te seria mais indigno, possuidor de tudo, que viver insatisfeito e estar muito ocupado para gerir as porções mais exíguas e insignificantes de teu crédito universal, como se não fossem tuas? Quero que te lembres da parábola de Natan sobre um homem que, tendo cem ovelhas, cobiçou aquela que era de um pobre vizinho.⁸⁶⁵ Recordemos também o feito, ou melhor, o crime do rei Acab, que tinha tudo e se afetou por causa de uma vinha alheia.⁸⁶⁶ Que Deus te livre de escutar o que ele ouviu: *Mataste e usurpaste.*⁸⁶⁷

⁸⁶⁰ I Cor. 2,15

⁸⁶¹ I Cor. 6,12. I Cor. 10,22

⁸⁶² Jo. 13,16. Jo. 15,20

⁸⁶³ Jo. 6,38

⁸⁶⁴ Sl. 48,13

⁸⁶⁵ II Sm. 12,1 etc. (ou II Rs.)

⁸⁶⁶ I Rs. 21,2 (ou III Rs)

⁸⁶⁷ I Rs. 21,19 (ou III Rs.)

16. Não quero, por outro lado, que finjas para mim o fruto da emancipação. Não há fruto, a não ser que considere um bispos estarem cada vez mais insolentes e monges muito mais dissolutos. Como pode ser que estes também estejam mais pobres? Examina com mais atenção as vidas e as provisões dos livres, de qualquer parte, e neles se revelarão a miséria e a secularidade das quais deveriam se envergonhar grandemente. Essas duas são filhas do mesmo parto e de uma mãe funesta que é a liberdade. Como não pecará libertinamente um povo sem limites e mal governado que não tem quem o repreenda? Como não haverá de acontecer espólios e depredações de objetos sagrados se não há arma e gente para defendê-los? Quem os guardará? Acaso os bispos detratados? Sem dúvida estes contemplam com um sorriso nos olhos o que fazem de mal e o que sofrem.

O que de útil retiramos desse derramamento de sangue?⁸⁶⁸ Temo aquela ameaça de Deus ao Profeta: *Ele há de perecer por causa de seu delito, mas é a ti que pedirei conta do seu sangue.*⁸⁶⁹ Se é elevado quem é humilhado e este sofre em chamas, como é inocente quem o humilhou? É um pouco obscuro, eu sei, o fogo nos envolveu. Ouve de modo mais claro.⁸⁷⁰

Se quem murmura está morto em alma, quem o instiga, de que modo vive? Como não é réu da morte de ambos, e da sua igualmente, aquele que oferece a espada para que morram os dois? Isto era o que eu queria dizer: *Mataste e usurpaste.* Acrescente a isso que os que ouvem são escandalizados, ficam indignados, detraem e blasfemam, isto é, são feridos de morte. Não é boa a árvore⁸⁷¹ que dá tais frutos, insolências, dissoluções, dilapidações, fingimentos, escândalos, ódios e o que é mais doloroso, graves inimizades e contínuas discórdias entre as igrejas. Vês quão verdadeiro é a palavra: *Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém.*⁸⁷² Mas e quando certas coisas não são nem permitidas? Perdoa-me, mas não me convenço facilmente de que é lícito consentir com algo que parteja tamanhas ilicitudes.

⁸⁶⁸ Sl. 29,10

⁸⁶⁹ Ez. 3,18

⁸⁷⁰ Ez. 1,4

⁸⁷¹ Mt. 7,17

⁸⁷² I Cor. 6,12

17. Pensas tu que seja a ti lícito mutilar a igreja de seus membros, confundir as ordens, perturbar os limites assinalados por teus pais?⁸⁷³ Se a justiça consiste em dar a cada um o que é seu, como pode ser justo retirar de alguém o que lhe pertence? Erras se crês que por ser tua potestade apostólica a suprema autoridade, e também a única estabelecida por Deus. Se pensas assim, dissentes do que foi dito: *Não há potestade que não tenha sido disposta por Deus.*⁸⁷⁴ Por isso, acrescentou-se: *Quem resiste à potestade, resiste à disposição de Deus.*⁸⁷⁵ Ele se refere principalmente à tua potestade, mas não exclusivamente. Por isso prossegue: *Cada qual seja submisso às potestades superiores.* Não disse “superior”, como se fosse uma, mas “superiores”, porque se trata de muitas.

Não é somente tua potestade, pois, que vem de Deus, senão também que as médiocres e inferiores. E como não se pode separar o que Deus uniu,⁸⁷⁶ tampouco se deve comparar o que Ele subordinou entre si. Criarias um monstro se, arrancando um dedo da mão o colocasse na cabeça: o tornaria superior à sua mão e igual a seu braço. Assim seria no corpo de Cristo se trocasses seus membros de lugar, modificando o que ele mesmo dispôs. A não ser que tu penses que foi outro que pôs na Igreja⁸⁷⁷ uns como apóstolos, outros como profetas, alguns como evangelistas, doutores e pastores, a fim de santificar a todos nas obras do ministério, para a edificação do corpo de Cristo.⁸⁷⁸

Esse é o corpo que Paulo concebe com sua eloquência verdadeiramente apostólica e que está admiravelmente em harmonia com sua cabeça. É por ele que todo o corpo - coordenado e unido por conexões que estão ao seu dispor, trabalhando cada um conforme a atividade que lhe é própria - efetua esse crescimento, visando a sua plena edificação na caridade.⁸⁷⁹ Não menosprezes esta forma só porque estamos na terra: o modelo vem do céu. Nem mesmo o Filho pode fazer coisa alguma se não

⁸⁷³ Pr. 22,28

⁸⁷⁴ Rm. 13,1

⁸⁷⁵ Rm. 13,2

⁸⁷⁶ Mt. 19,6

⁸⁷⁷ I Cor. 12,28

⁸⁷⁸ Ef. 4,11-12

⁸⁷⁹ Ef. 4,16

ver o que o Pai faz,⁸⁸⁰ especialmente quando sob o nome de Moisés foi dito: *Olha, fazes todas as coisas conforme o modelo que te foi mostrado no monte.*⁸⁸¹

18. Viu esta frase quem disse: *Eu vi descer do céu a Cidade Santa, a nova Jerusalém, por Deus preparada.*⁸⁸² Eu acredito que disse por causa da semelhança [entre as duas cidades]. Pois assim como os Serafins e os Querubins, os Anjos e os Arcanjos estão ordenados sob uma única cabeça, Deus, também sob um único Sumo Pontífice estão primados e patriarcas, arcebispos, bispos, presbíteros e abades, e todos os demais do mesmo modo. Não se deve ter pouca estima pelo o que tem Deus por autor e sua origem vinda do céu. Se um bispo dissesse “não quero estar sob a jurisdição de um arcebispo”, ou um abade comentasse “não quero obedecer ao bispo”, saiba que essas resoluções não vieram do céu. A não ser que tenhas ouvido algum Anjo dizer “Não estou abaixo dos Arcanjos” ou qualquer outra ordem inferior não querer se submeter a nenhuma outra a não ser a Deus.

“Como?” dizes, “Proíbes-me de dispensar?” Não, de dissipar. Não sou rude a ponto de ignorar que tu és um dispensador: mas para edificar, não destruir. Ademais, o que se exige dos administradores é que sejam fiéis.⁸⁸³ Onde a necessidade urge, a dispensação é escusável; quando provocada pela utilidade, é louvável. Refiro-me à utilidade comum, não à pessoal. Se não ocorrem essas circunstâncias, não são fiéis dispensações, mas cruéis dissipações. Quem nega, contudo, que alguns mosteiros, situados em diversos episcopados, de modo especial pertençam desde sua fundação à Sé Apostólica pela vontade de seus fundadores? Mas uma coisa é o que se funda por devoção, outra é o que é movido pela ambição de uma impaciente submissão. E com isso concluímos o tema.

⁸⁸⁰ Jo. 5,19

⁸⁸¹ Hb. 8,5

⁸⁸² Ap. 21,2

⁸⁸³ I Cor. 4,2

CONSIDERA COMO É OBSERVADA NA IGREJA UNIVERSAL SUA PRÓPRIA CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA

V.19. Resta-nos que tua consideração esteja vigilante quanto ao estado geral da Igreja universal, para ver se o povo está submisso com humildade aos clérigos, os clérigos aos sacerdotes, os sacerdotes a Deus, do modo como deve ser. Se nos mosteiros e lugares religiosos a ordem reina e a disciplina é guardada; se a censura eclesiástica tem eficácia contra as más obras; se florescem os campos⁸⁸⁴ pela honestidade e pela santidade dos sacerdotes; se as flores dão frutos pela obediência do povo fiel; se são observadas tuas leis e constituições apostólicas com a solícitude que merecem, para que não apareçam no campo de teu Senhor⁸⁸⁵ a negligência e a fraude.⁸⁸⁶ Não duvides que isso pode ocorrer.

Prontamente posso mostrar-te algumas disposições – muitas omitirei por já estarem esquecidas - que tu plantaste⁸⁸⁷ e tampouco se cumprem. Tu promulgaste, no Concílio de Reims, os cânones que agora mencionarei. Quem os cumpre? Quem os cumpriu? Engana-te se crês que são cumpridos. Se não pensas que são, pecas, ou porque decretaste o que já sabia que não obedeceriam ou porque finges não ver o descrédito.

“Ordenamos”, disseste, “que tanto bispos como clérigos não ofendam a aparência em virtude de vestes incomuns – quer tenham indecorosa variedade de cores, quer tenham rasgos – tampouco em virtude de seus cortes de cabelo, devendo todos serem exemplo para aqueles que os veem. Que condenem os erros em seus atos e demonstrem amor à inocência em suas condutas, tal qual exige a dignidade clerical. Se, admoestados por seus bispos, não os tenham obedecido por um prazo de quarenta dias, sejam privados de seus benefícios eclesiásticos pela mesma autoridade pontifícia. Se, de fato, os bispos foram negligentes ao atribuírem as penas, sejam eles privados de seus ofícios episcopais até penalizarem os clérigos

⁸⁸⁴ Ct. 7,12

⁸⁸⁵ Mt. 13,24

⁸⁸⁶ Eugênio é exortado, em particular, a fazer cumprir os decretos do Concílio de Reims no que se refere à vestimenta do clero e à colação de dignidades eclesiásticas em pessoas sem as ordens sacerdotais. (observação de Ailbe J. Luddy, p. 547)

⁸⁸⁷ Sl. 79,16

sob sua jurisdição com as sanções por nós impostas. Porque a ninguém se pode imputar com maior razão a culpa dos súditos como a seus superiores descuidados e negligentes. “Ordenamos, ademais, que ninguém seja nomeado arqui-diácono ou decano se anteriormente não tiver sido nomeado diácono ou presbítero. Em verdade, os arqui-diáconos, decanos e prebostes que foram promovidos tendo recebido somente ordem de grau inferior, se se negarem a recebê-las, serão privados da dignidade de seus cargos. Proibimos, também, que adolescentes e quem somente recebeu ordens de grau inferior. Assinale-se unicamente aos ordenados que sobressaem-se por sua moderação e santidade de vida”.

20. Estas foram tuas palavras: tu as promulgaste. E que efeito tiveram? Até agora continuam promovendo na Igreja adolescentes e os que não receberam ordens sagradas. Quanto ao primeiro ponto, proibiu-se o luxo nas vestimentas, mas não se viu desaparecer; ditou-se a pena, mas não foi aplicada. Já estamos no quarto ano de promulgação e não lamentamos por nenhum clérigo privado do benefício, tampouco por algum bispo suspenso de seu ofício. Mas merecemos chorar um amargo luto que se segue. Por quê? Porque a impunidade é filha da incúria, mãe da insolência, raiz da imprudência e nutriz das transgressões. E feliz sejas tu se evitas a incúria, mãe de todos os males. Mas, além disto, farás parte.

Agora levanta teus olhos e vê⁸⁸⁸ se, do mesmo modo, a vestimenta de diversas cores não desonra a ordem sacerdotal, tal qual um buraco deixa desnudo uma inguina.⁸⁸⁹ Costumam dizer: “Mas Deus não se preocupa mais com os costumes que com as vestes?” Em verdade, essa forma de vestir é indício de deformidade tanto da alma quanto dos costumes. O que pretendem os clérigos ao aparentarem ser o que não são? Esses são menos piedosos e menos sinceros. Pelo hábito parecem soldados, pela profissão, clérigos; mas não são nem uma coisa nem outra quando agem. Nem lutam como soldados, tampouco evangelizam como clérigos.

A que ordem pertencem, então? Como seu desejo é ser de ambas, das duas são desertores e nas duas causam confusão. *Cada qual*, foi dito, *ressuscitará em sua*

⁸⁸⁸ Gn. 13,14. Jo. 4,35

⁸⁸⁹ As hérnias inguinais ocorrem na região da virilha.

ordem.⁸⁹⁰ E eles, ressuscitarão em qual? Ou quem sem ordem pecou também sem ordem perecerá?⁸⁹¹ Se sabemos que Deus não deixou nada em desordem, de alto a baixo,⁸⁹² temo que os leve ao lugar no qual não há ordem alguma, somente o horror sempiterno.⁸⁹³ Ó miserável noiva aquela que confia nas madrinhas que não têm escrúpulo em apropriarem-se do que deviam dar para embelezá-la! Não são amigos do esposo,⁸⁹⁴ mas seus rivais.

Já falamos o bastante sobre as coisas que te estão abaixo e, ainda que a matéria seja grande, atingi o objetivo ao qual me propus. Veremos agora as coisas que estão ao seu redor, e o *Livro IV* nos dará a oportunidade.

⁸⁹⁰ I Cor. 15,23

⁸⁹¹ Rm. 2,12

⁸⁹² Mt. 27,51

⁸⁹³ Jó 10,22

⁸⁹⁴ Jo. 3,29

LIVRO IV

CONSIDERAÇÃO DO QUE ESTÁ AO REDOR DE TI

I.1. Se eu pudesse saber como tu recebeste os livros anteriores, amadíssimo Eugênio, teria avançado com mais confiança e cautela nos que ainda tinha de escrever, ou, quem sabe, talvez os tivesse interrompido imediatamente. A distância que nos separa não me permite sabê-lo, portanto não te admires se meu débil discurso avançar timidamente neste que é a metade de nosso tratado.

Nos livros anteriores manejava longamente a primeira parte de nossas considerações. Neste que tens em mãos verás acrescentadas considerações sobre as coisas que estão ao teu redor. De fato, elas também estão abaixo de ti, mas como estão mais próximas, sucede que são mais perigosas. Estando debaixo de teus olhos, não admitem incúria, dissimulação e relapso. Oprimem veementemente, usurpam turbulentamente: podemos temer que nos aniquilem. Não duvido que tua experiência te tenha instruído sobre o quão sóbria e intensa tem de ser tua consideração sobre elas.

Do contrário, se não intervir uma cauta e oportuna consideração, as ocupações continuarão, os tormentos não terão limites e a inquietude não terá fim. Não terás descanso nem o coração livre, mais trabalharás e menos isto será útil. Estou me referindo à tua preocupação cotidiana⁸⁹⁵ com a Urbe, com a Cúria, com tua igreja doméstica. São eles que tens ao teu redor, o clero e teu povo, os quais tens de bispar de maneira especial e aos quais tem dever de cura. São eles que te assistem cotidianamente: anciãos do povo,⁸⁹⁶ juízes do orbe, os que estão em tua casa e em tua mesa, capelães, camareiros e os diversos criados a teu serviço. Eles te visitam com maior familiaridade, solicitam tua atenção com mais frequência e importunação. São os que não temem despertar a amada antes que ela o queira.⁸⁹⁷

⁸⁹⁵ II Cor. 11,28

⁸⁹⁶ Mt. 21,23; 26,3

⁸⁹⁷ Ct. 2,7

COSTUMES DO CLERO E DO POVO ROMANO

II. 2. Em primeiro lugar, o clero deveria ser o mais organizado, porque a ordem em toda a Igreja provém do exemplo dos sacerdotes.⁸⁹⁸ Além disso, tudo o que em tua presença é movido pelo mau⁸⁹⁹, torna a ti mesmo mais torpe. Interessa à glória de tua santidade⁹⁰⁰ que aqueles que tens diante de teus olhos tenham bom comportamento e sejam instruídos, como corresponde aos que têm de ser modelo e espelho de honestidade e retidão. É conveniente também que tu superes os demais sendo competente nos ofícios eclesiásticos, idôneo na administração dos sacramentos, na instrução dos fiéis e vigilante para que eles se mantenham sempre castos.⁹⁰¹

Que podemos falar do povo? Bem, é o povo romano. Não conseguiria falar brevemente o que sinto sobre teus paroquianos, nem de modo menos claro que este. Há algo mais conhecido que a petulância e a pertinácia dos romanos? São gente selvagem e intratável, desacostumada com a paz, familiarizada com o tumulto, ignorante do que seja a submissão mesmo quando não vale a pena resistir. Eis aí a chaga da qual estás incumbido de cuidar. Sabes que não podes fingir que não a vê. Talvez estejas rindo de mim porque já se convenceu de que a moléstia é incurável. Não te desesperes: de ti o que se exige é o cuidado, não a cura. Porque ouviste: *cuida deles*⁹⁰², e não “*cure-os*” ou “*lhes dê saúde*”. Com razão alguém disse que *não está sempre no médico a cura do doente*.⁹⁰³ Talvez seja melhor citar palavras de alguém mais familiar a ti. Paulo disse: *trabalhei mais que todos*.⁹⁰⁴ Não disse “fui mais útil” ou “dei mais frutos que todos”, porque essas insolências não correspondem a uma vida religiosa.

Sabia esse homem, instruído por Deus, que cada um receberia a recompensa segundo seu trabalho⁹⁰⁵, não segundo seus êxitos. Por isso pensava que antes

⁸⁹⁸ I Pd. 5,3

⁸⁹⁹ I Cor. 13,4

⁹⁰⁰ Sl. 144,5

⁹⁰¹ I Tm. 5,2.

⁹⁰² Lc. 10,35

⁹⁰³ Ovídio, *Epistola ex Ponto* l.3,17.

⁹⁰⁴ I Cor. 15,10

⁹⁰⁵ I Cor. 3,8

deveria se orgulhar de seu esforço que de seus resultados, como disse expressamente: *muito mais pelos trabalhos*.⁹⁰⁶ Faze, pois, o que depende de ti, que Deus fará Sua parte e curará tuas angústias e solitudes. Planta, rega, cuida, e tua parte já terá sido feita. O crescimento Deus dá quando quer,⁹⁰⁷ não tu. Quando Ele não quiser, esteja certo de que nada dependerá de ti, como dizem as Escrituras: *Deus deu aos santos o galardão de seus trabalhos*.⁹⁰⁸ Esse é um trabalho seguro que nenhum erro tem o poder de anular, e digo isso sem prejuízo à potência e bondade divinas. Sei que o coração de Seu povo está endurecido,⁹⁰⁹ mas *Deus é poderoso para destas pedras suscitar filhos de Abraão*.⁹¹⁰ Quem sabe se Ele mudará de parecer e voltará atrás,⁹¹¹ se não os converterá e os salvará?⁹¹² Mas não é propósito meu ditar o que Deus deve fazer. Quem dera se eu pudesse ao menos aconselhar-te sobre tuas obrigações!

3. Vês que me embrenho em matéria dúbia e espinhosa. Quando disser o que sinto, prevejo que dirão que fomento novidades, ainda que não possam negar que ajo com justiça. Se um costume algum dia já foi hábito, é certo que pode cair em desuso. Se volta a ser praticado, não se pode dizer, então, que é uma novidade. Quem poderia negar que são hábito as ações que se praticam todos os dias? Dir-te-ei sobre o que estou me referindo, mas isso não terá muita serventia. Sabe por quê? Porque não será bem visto pelos sátrapas,⁹¹³ que se interessam mais pelo poder que pela verdade.

Antes de ti alguns se entregaram por inteiro a suas ovelhas. Pastores de nome e obra gloriosos, que criam nada ser humilhante, não pensavam em outra coisa a não ser a saúde de suas ovelhas, não buscavam nada para si, mas para elas. Entregaram seus trabalhos, entregaram seus lucros, entregaram a si mesmos, como um deles disse: *Dar-me-ei a mim mesmo pelas vossas almas*.⁹¹⁴ E da mesma

⁹⁰⁶ II Cor. 11,23

⁹⁰⁷ I Cor. 3,6-7

⁹⁰⁸ Sb. 10,17

⁹⁰⁹ Ex. 7,13. Mt. 13,15

⁹¹⁰ Mt. 3,9

⁹¹¹ Jl. 2,14. Jn. 3,9

⁹¹² Is. 6,10. Jr. 3,22

⁹¹³ I Rs. 29,6

⁹¹⁴ II Cor. 12,15

maneira disseram: *Não viemos para sermos ministrados, mas para ministrar.*⁹¹⁵ Quando tinham oportunidade, anunciavam o Evangelho a todo custo. O único lucro, a única pompa, o único prazer que desejavam era o de preparar ao Senhor um povo perfeito. Essa era sua preocupação constante, mesmo quando sentiam feridas no corpo e na alma, no labor e na privação, na fome e na sede, no frio e na nudez.

4. Diga-me quem age assim hoje em dia. Vigora outro costume, muito diferente. O empenho transformou-se em outra coisa, e queira Deus que não tenha virado algo pior! Concordo que ainda perseveram o cuidado, a ansiedade, a emulação e a solicitude. Não diminuíram, mas se transformaram. Testemunho em vosso favor⁹¹⁶ de que não gastas mais que vossos predecessores, mas a diferença se nota no investimento. Que abuso! Poucos atendem a tua voz de legislador, mas todos olham para tuas mãos.⁹¹⁷ Não sem motivo, afinal, porque elas administram todos os bens pontifícios. Podes me dizer,⁹¹⁸ de toda essa grande cidade [de Roma], dentre aqueles que te receberam como Papa, qual não teve sua recompensa ou esperasse tê-la? Quando dizem que são teus servos, é porque desejam estar no poder. Prometem fidelidade para facilmente fazerem mal aos que neles acreditam. Pensam que não há decisão da qual devam ser excluídos nem segredo no qual não podem se intrometer. Não gostaria de estar no lugar do porteiro que, um pouco atrasado, faz um destes esperar na porta do palácio apostólico. Vês que conheço um pouco os hábitos dessa gente, que tenho alguma experiência. São peritos em fazer o mal a todas as pessoas, o bem, por outro lado, desconhecem. São odiados pelos céus e pela terra, porque atentaram contra ambos. São ímpios para com Deus, temerários com o sagrado, sediciosos com os inimigos, rivais para com seus próximos, desumanos com os estrangeiros. Não são amados porque não amam a ninguém, e ainda que queiram ser temidos por todos, deveriam a todos temer.

Eles não toleram obedecer e não sabem mandar. São infiéis aos superiores, insuportáveis aos inferiores, descarados para pedir e atrevidos para negar. São inconvenientes quando querem receber: enquanto não recebem, ficam inquietos;

⁹¹⁵ Mt. 20,28

⁹¹⁶ Jo. 5,31

⁹¹⁷ Sl. 122,2

⁹¹⁸ SL. 54,7

quando recebem, se tornam ingratos. Ensinares a suas línguas grandiosidades, mas suas obras são ínfimas. São grandes prometedores e cumpridores de pouca monta. São doces adutores e mordazes detratores, simples dissimuladores e malignos traidores. Dissemos rapidamente essas coisas com a intenção de aconselhá-lo sobre os que estão ao redor de ti.

5. Voltemos a nosso assunto. Como podes deixar que se comprem com os despojos das igrejas aqueles que te elogiam dizendo “Muito bem, muito bem!”? O sustento dos pobres⁹¹⁹ encontra-se espalhado pelas ruas dos ricos. A prata brilha no lodo: os homens vêm de todas as partes, mas não tem acesso a ela o mais necessitado, senão que o mais forte, ou aquele que chega primeiro. Não foste tu que iniciaste esse hábito, ou melhor, esta desgraça, mas quisera Deus que em teu governo ela acabasse. Mas prossigamos. Avanças por entre a turba como pastor, ornado de ouro e rodeado por uma variedade de cores.⁹²⁰ O que tuas ovelhas ganham com isso? Se eu ousasse dizer a verdade, te diria que estes pastos agradam mais aos demônios que a elas.⁹²¹ Fazia assim Pedro? Meneava assim Paulo?

Como vês, todo o zelo dos eclesiásticos queima unicamente para a defesa de sua própria dignidade. Clamam todas as honras, nenhuma ou pouca santidade. Se por boa razão tentasses ser mais acessível, mais simples, logo escutarias: “Deus queira que não! Não é próprio de nosso tempo, não convém à nossa majestade, leva em consideração a pessoa que és”. A última coisa que mencionariam seria a vontade de Deus. Não hesitariam porque a salvação, para eles, é a grandeza, e o que satisfaz a vanglória é o que é justo. Assim, toda humildade é julgada com censura pelos que vivem no palácio, por isso é até mais fácil encontrar um que seja verdadeiramente humilde do que um que queira parecer. O temor de Deus é considerado uma simplicidade, para não dizer estupidez. Caluniam o homem circunspecto e amigo de sua consciência chamando-o de hipócrita. O que ama a quietude e que reserva algum tempo para si dizem ser um inútil.

⁹¹⁹ Eclo. 13,23

⁹²⁰ Sl. 44,5. Sl. 44,10

⁹²¹ Sl. 73,1. Sl. 78,13

QUE PREDIQUE AOS DEMAIS COM SUA VIDA

III. 6. Que pensas dessas coisas? Ainda não acordaste⁹²² para os que te enredam com armadilhas de morte? Suplico que te contendas um pouco⁹²³ e me suportes. Mais ainda, perdoa-me por falar assim, com menos temeridade que timidez. Eu te consagro um amor santo,⁹²⁴ e queira Deus seja ele tão útil quanto é forte. Sei onde habitas;⁹²⁵ convivem contigo incrédulos e subversores. São lobos, não ovelhas, contudo, tu és o pastor. A consideração será útil para, quem sabe, encontrares um modo de convertê-los e de não ser subvertido por eles. Por que não confiamos que aqueles que se transformaram em lobos podem voltar a ser ovelhas? Não sou indulgente contigo para que Deus assim o seja. Ou nega que seja o pastor desse povo, ou demonstra. Não negarás, para que a sede que possuis não te negue como herdeiro. Pedro está aqui. Ele não se apresentou ornado de jóias e de sedas, coberto de ouro, montado em cavalos brancos, escoltado por soldados e acompanhado de sete ministros. Mas despido de tudo, acreditou que poderia cumprir o salutar mandamento: *Se me amas, apascenta minhas ovelhas.*⁹²⁶

Mas está parecendo que não sucedeste a Pedro, e sim Constantino. Aconselho que essas coisas devem ser toleradas por ora, mas que não deixes que te afetem como se fossem uma dívida. É melhor te exortar a cumprir as obrigações que sei que contraíste. Ainda que te vistas de púrpura e de ouro em algum momento, isso não significa que tu, herdeiro do Pastor, ameças a obra pastoral. Tu não envergonhas o Evangelho. Ao contrário, se queres evangelizar, estarás entre os Apóstolos na glória. Evangelizar é apascentar. Faze o trabalho do evangelista e realizará teu ofício de pastor.⁹²⁷

7. Dize-me: “Estás me pedindo que apascente dragões e escorpiões, não ovelhas”. Respondo que, por esse motivo, é melhor que os atraia com palavras do que com armas. Para que tentarás usar a espada novamente se novamente terás de

⁹²² II Rs. 22,6. Sl. 17,6

⁹²³ I Rs. 9,27

⁹²⁴ II Cor. 11,2

⁹²⁵ Ap. 2,13

⁹²⁶ Jo. 21,15

⁹²⁷ II Tm. 4,5

embainhá-la? Não se pode negar, porém, que a espada seja tua. Quem assim faz a meu ver não prestou atenção suficiente nas palavras do Senhor, que disse: *Enfia a tua espada na bainha.*⁹²⁸ A ti pertence a espada, e se ela deve ser desembainhada, que seja, sim, com teu consentimento, mas não por tua mão. De outro modo, se não te pertencesse, quando o Apóstolo disse “eis aqui duas espadas”,⁹²⁹ o Senhor não teria respondido “é suficiente”, e sim “são muitas”. Por isso a Igreja pode possuir duas espadas, a espiritual e a material, mas esta é para que ela seja defendida, aquela, com efeito, para que exerça seus direitos. Os sacerdotes utilizam a espiritual, a material os militares, com a anuência do sacerdote e por ordem do imperador. Sobre isso, tratarei em outro momento. Agora empunha a espada que te foi dada para ferir, curar as feridas, se não a todos ou muitos, ao menos dos que tu conseguires.

8. Dirás: “Não sou melhor que meus pais.”⁹³⁰ Quem daquela raça rebelde⁹³¹ alguma vez ouviu sem fazer zombaria?” É por isso que deves insistir mais ainda:⁹³² se te escutarem, podem se reconciliar. Insiste, mesmo que te resistam. Dizendo isto talvez soe exagerado, mas não é nossa a voz que diz *insiste oportuna e importunamente?*⁹³³ Se ouvires meu conselho, pode ser que continues tomando-o como um exagero, mas ao profeta ordenou-se: *Clama sem cessar.*⁹³⁴ Por quem, senão que pelos celerados e pelos pecadores? *Anuncia a meu povo seus delitos, e à casa de Jacó seus pecados.*⁹³⁵ Sê prudente, considera-os como povo do Senhor, mas adverte-os como criminosos. Pensa o mesmo dos teus, ainda que sejam iníquos e celerados, para que não ouças: *Todas as vezes que deixastes de fazer isso a um destes pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer.*⁹³⁶ Admito que até agora este povo mostrou ter a frente dura e o coração indômito,⁹³⁷ mas não podemos afirmar com toda certeza que são indomáveis.

⁹²⁸ Jo. 18,11

⁹²⁹ Lc. 22,38

⁹³⁰ III Rs. 19,4

⁹³¹ Ez. 2,6

⁹³² Ez. 3,11

⁹³³ II Tm. 4,2

⁹³⁴ Is. 58,1

⁹³⁵ Is. 58,1

⁹³⁶ Mt. 25,45.

⁹³⁷ Ez. 3,7

Pode ser que algo nunca antes visto aconteça. Se desconfias, saibas que para Deus nada é impossível.⁹³⁸ Se as fronteiras são duras, que seja tu tão duro quanto elas. Não há nada tão duro que não ceda diante de algo mais duro ainda. O Senhor disse ao profeta: *Tornarei o teu semblante tão endurecido quanto o deles.*⁹³⁹ Somente tens desculpa se tratou teu povo de tal maneira que possas dizer verdadeiramente: “*Meu povo, que deveria ter feito para ti que não fiz?*”⁹⁴⁰ Se assim fizeste e não te saíste bem, deves fazer precisamente o que dizes: *Saí de Ur da Caldéia,*⁹⁴¹ *porque é necessário que eu evangelize também as outras cidades.*⁹⁴² Espero que não te pese o exílio por trocar o orbe pela Urbe.

QUAIS ASSISTENTES E COLABORADORES DEVEM SER ELEITOS

IV.9. Tratemos agora de teus assistentes e colaboradores. São os mais íntimos e zelosos por ti. Se são bons, serão extraordinários. Se são maus, serão péssimos. O lado te dói para que não digas que está sem problemas, quer dizer, para que não penses que está bem se apoiando nos maus. Conforme eu havia dito no livro anterior,⁹⁴³ sua bondade, ela sozinha, que fruto pode dar?⁹⁴⁴ Como tua justiça pessoal pode trazer benefícios à Igreja de Deus se prevalecem as sentenças de outros que não pensam como tu? Rodeado dessa gente, nem sequer podes estar seguro de tua bondade, não mais do que se estivesse cercado por uma serpente. Não há refúgio contra um mal interno. Ao contrário, um ambiente familiar ajuda muitas vezes se é intenso. Em todo caso, te aliviem ou te pesem, tudo dependerá de ti, porque tu os elegeste e os admitiste. Não me refiro a todos:⁹⁴⁵ existem, com efeito, aqueles que não foram eleitos por ti, mas que te elegeram.⁹⁴⁶ Não possuem poder,⁹⁴⁷ a não ser que lhos confira ou lhes permita ter. Pois bem, voltamos então à mesma questão. Tu és o único responsável por tudo o que deves sofrer por culpa

⁹³⁸ Lc. 1,37

⁹³⁹ Ez. 3,8

⁹⁴⁰ Mq. 6,3

⁹⁴¹ Gn. 15,7

⁹⁴² Lc. 4,43

⁹⁴³ I.III.9

⁹⁴⁴ Mt. 13,23

⁹⁴⁵ Jo. 13,18

⁹⁴⁶ Jo. 15,16

⁹⁴⁷ Jo. 19,11

daqueles que sem ti nada podem fazer.⁹⁴⁸ Prescindindo disto, como vêes, não trabalhes sem considerar quando tiver de seleccionar ou reunir colaboradores para desempenharem seus ofícios.⁹⁴⁹

A exemplo de Moisés,⁹⁵⁰ tu deves convocá-los onde estiverem e rodear-te não de jovens, mas de anciãos. Todavia, que sejam anciãos [isto é, veneráveis] não tanto pela idade, mas pelos costumes e pela vida que levam, porque deve conhecê-los bem para constituí-los anciãos do povo. E por que não elegê-los de todo o orbe, se serão eles os que hão de julgá-lo? De forma alguma permita que um homem se intrometa em tua escolha implorando por algum cargo. Tua decisão final não deve ser guiada pelas súplicas. Há coisas que nos pedem que não podemos negar, ou porque a insistência consegue no-las arrancar, ou porque a necessidade nos obriga a fazê-las. Neste último caso, abrimos mão de nossa vontade. Quando não me é permitido fazer o que quero, a quem me pediu um favor só resta desejar que eu possa licitamente querer o que me solicita. Uns pedem favores para si mesmos, outros para os demais. Suspeita dos que te são recomendados. Aquele que pede para si mesmo, este já foi julgado.⁹⁵¹ Não interessa se pede por si ou por outro. De um clérigo que frequenta a Cúria sem pertencê-la, já podes imaginar, sem mais, que é da mesma classe que os ambiciosos. Reflita que, ainda que não te peça nada, o adulator quer algo de ti. Toma cuidado com o escorpião que se apresenta pela frente, porque pinça com a cauda.

10. Se te abrandares o coração com os elogios dessa gente, como costuma acontecer, recorda o que estava escrito: *É costume servir primeiro o vinho bom e, depois, quando os convidados já estão quase embriagados, servir o menos bom.*⁹⁵² Ganharás igualmente a humildade verdadeira do que teme e a do que espera algo de ti. É típico do astuto e encobridor fingir humildade quando quer alguma coisa. Sobre esses, diz a Escritura: *Há quem se humilhe maliciosamente e tem o coração cheio de embuste.*⁹⁵³ Tu mesmo podes comprovar a verdade dessa sentença porque

⁹⁴⁸ Jo. 15,5

⁹⁴⁹ Ef. 4,12

⁹⁵⁰ Ex. 3,16

⁹⁵¹ Jo. 3,18

⁹⁵² Jo. 2,10

⁹⁵³ Eclo. 19,23

ela te parece bem familiar. Quantos tu não admitiste por causa dos pedidos e depois tiveste que suportá-los duros, insolentes, contumazes, rebeldes! O mau que ocultam no princípio se descobre no final. Quando vires um jovem falador que é vazio de sabedoria mas que gosta da eloquência, pensa que não é outra coisa que um inimigo da justiça. Sobre esses falsos irmãos⁹⁵⁴ te disse o Mestre: *A ninguém imponhas as mãos inconsideradamente*.⁹⁵⁵

11. Afastada toda essa sorte de homens pestilentos, empenha-te ao máximo em admitir outros que não te farão se arrepender de tua escolha. É torpe que em todo momento tenhas de te retratares por tuas ações e que com tanta frequência elas sejam postas à prova. Quando tiveres de tomar decisões, medita contigo mesmo e com os que te querem bem. Reflete antes da ação, porque sempre atrasa a retratação. É conselho de um sábio: *Tudo faças com conselho, e não te arrependerás depois de teres agido*.⁹⁵⁶

Convence-te: é difícil avaliar os que serão admitidos na Cúria. Por isso, se for possível, é melhor que aceites homens que já tenham sido aprovados e não os que ainda devem ser postos à prova. Nos mosteiros, recebemos todos com a esperança de que hão de se tornar melhores. Na Cúria, o costume é receber os melhores ao invés de tentar aperfeiçoá-los. Mas sabendo nós, por experiência, que os bons deixam de sê-lo mais que os maus se tornam bons, devemos procurar pessoas já perfeitas, cujas quedas não se temam nem o progresso se deseje.

12. Assim, não recebas os desejosos nem os adiantados,⁹⁵⁷ mas os indecisos e os recusantes. Chama-os e obriga-os a entrar.⁹⁵⁸ Nestes, acho que teu espírito descansará,⁹⁵⁹ porque não são soberbos, mas respeitosos e temerosos. Nada temem a não ser a Deus, em nada esperam a não ser em Deus. Não fitam as mãos dos que se aproximam, mas suas necessidades. Assistem corajosamente os aflitos

⁹⁵⁴ II Cor. 11,26

⁹⁵⁵ I Tm. 5,22

⁹⁵⁶ Ecclo. 32,24

⁹⁵⁷ Rm. 9,16

⁹⁵⁸ Lc. 14,23

⁹⁵⁹ Nm. 11,26. Jz. 8,3

e julgam os pobres da terra com equidade.⁹⁶⁰ Serão íntegros, de provada santidade, dispostos a obedecer, resignados e pacientes, sujeitos à disciplina, rígidos na censura, católicos na fé, fiéis na administração, concordes na paz e colaboradores para a unidade. Serão retos nos juízos, prudentes nos conselhos, discretos nas ordens, hábeis nas disposições, ativos no trabalho, modestos nas conversações, seguros na adversidade, devotos na prosperidade e sóbrios no zelo. Não serão débeis na misericórdia, ociosos no ócio, dissolutos na hospitalidade, efusivos no convívio, desinteressados pela economia familiar, cúpidos pelas coisas alheias e pródigos com as suas. Serão sempre, onde quer que estejam, circunspectos.

Não recusarão serem embaixadores de Cristo⁹⁶¹ sempre que for preciso nem ansiarão o encargo quando não forem designados. Pedirão perdão com humildade e não repelirão a acusação obstinadamente. Não correrão atrás de ouro,⁹⁶² serão seguidores de Cristo.⁹⁶³ Não estimarão questões legais⁹⁶⁴ nem requererão que se lhes dê algo que não seja os frutos.⁹⁶⁵ Apresentar-se-ão diante dos reis como João o fez,⁹⁶⁶ dos egípcios, como Moisés;⁹⁶⁷ dos fornicadores, como Fineus,⁹⁶⁸ dos idólatras, como Elias;⁹⁶⁹ dos avaros, como Eliseu;⁹⁷⁰ dos mentirosos, como Pedro;⁹⁷¹ dos blasfemadores, como Paulo;⁹⁷² dos negociantes, como Cristo.⁹⁷³ Não desprezarão o povo, mas o ensinarão. Não lisonjearão os ricos, mas os atemorizarão. Não suportarão com má vontade os pobres, mas os ajudarão. Não temerão as ameaças dos príncipes, mas as desprezarão. Não entrarão com confusão nem sairão com ira. Não espoliarão as igrejas, mas as reconstruirão. Não esvaziarão as bolsas, mas confortarão os corações e corrigirão os vícios. Cultivarão sua fama sem invejarem a alheia. Esforçar-se-ão para manter o hábito da oração, confiando mais nas súplicas que em suas qualidades ou seus esforços.

⁹⁶⁰ Is. 11,4

⁹⁶¹ II Cor. 5,20

⁹⁶² Eclo. 31,8

⁹⁶³ Mt. 16,24

⁹⁶⁴ I Tm. 6,5

⁹⁶⁵ Fl. 4,17

⁹⁶⁶ Mt. 14,4

⁹⁶⁷ Ex. 5,1

⁹⁶⁸ Nm. 25,6

⁹⁶⁹ III Rs. 17,16

⁹⁷⁰ IV Rs. 5,20

⁹⁷¹ At. 5,1

⁹⁷² At. 13,45. At. 18,6

⁹⁷³ Mt. 21,12

Serão pacíficos na entrada e humildes na saída. Edificantes suas palavras,⁹⁷⁴ justas suas vidas, gratas suas presenças, benditas suas recordações.⁹⁷⁵ Mostrar-se-ão amáveis, mas não da boca para fora, e sim pelas obras.⁹⁷⁶ Serão reverenciados pelas ações, não pelo orgulho. Com os humildes serão humildes e com os inocentes, inocentes.⁹⁷⁷ Recriminarão os empedernidos, coagirão os malignos, darão aos soberbos o que eles merecem.⁹⁷⁸ Não enriquecerão⁹⁷⁹ à custa das heranças das viúvas e do patrimônio do Crucificado. Darão de graça o que de graça receberam,⁹⁸⁰ fazendo justiça, defendendo os oprimidos,⁹⁸¹ castigando as nações e repreendendo os povos.⁹⁸² Devem participar claramente de teu espírito como os setenta de Moisés⁹⁸³ e, na tua presença ou na tua ausência, esforçarem-se para te agradar com o intuito de agradarem a Deus.⁹⁸⁴ Retornarão a ti fatigados, mas sem esgotamento. Satisfeitos, não das coisas raras e preciosas que trazem consigo, mas por terem deixado a paz aos reinos, a lei aos bárbaros, a calma aos mosteiros, a ordem às igrejas, a disciplina aos clérigos, um povo grato a Deus e seguidor de boas obras.⁹⁸⁵

V.13. Penso que vale a pena mencionar aqui a história de nosso querido Martinho,⁹⁸⁶ cujas recordações me são sempre gratas. Tu já ouviste o caso, mas talvez não te recordes dele. Sendo cardeal presbítero,⁹⁸⁷ foi enviado à Dácia como legado. Voltou tão pobre, sem dinheiro e sem cavalos, que chegou a Florença com muita dificuldade. Lá, o bispo da cidade deu-lhe um cavalo e pôde chegar a Pisa, onde nos encontrávamos. No dia seguinte, penso eu, aquele bispo – que tinha um pleito cujo dia se aproximava – o alcançou e começou a pedir favores de seus

⁹⁷⁴ Ef. 4,29

⁹⁷⁵ Eclo. 45,1

⁹⁷⁶ I Jo. 3,18

⁹⁷⁷ Sl. 17,26

⁹⁷⁸ Sl. 93,2

⁹⁷⁹ Pr. 28,22

⁹⁸⁰ Mt. 10,8

⁹⁸¹ Sl. 102,6

⁹⁸² Sl. 149,7

⁹⁸³ Nm. 11,16

⁹⁸⁴ II Cor. 5,9

⁹⁸⁵ Tt. 2,14

⁹⁸⁶ Monge de Claraval morto em 1144.

⁹⁸⁷ Inocêncio II deu-lhe este cargo em 1130. Seu legado data de 1132. Ele não pertencia à Claraval, e não se tem certeza de que era também cisterciense. Era provavelmente um dos amigos mais pessoais de São Bernardo. (George Lewis)

amigos. Pedia um a um, até que se aproximou de Martinho. Confiava mais em sua disposição por causa do favor recente que lhe havia feito. Então, Martinho lhe disse: “Decepcionaste-me, porque eu ignorava que tinhas um pleito eminente. Toma teu cavalo, está no estábulo”. E na mesma hora o devolveu. Que me dizes, querido Eugênio? Não te parece coisa de outro século um legado que regressa do país do ouro sem um grama, atravessa a terra da prata e a desconhece e, além disso, rejeita imediatamente um presente porque poderia ser suspeito?

14. Mas, oh, quão feliz me sinto por ter a oportunidade de reviver a memória de um homem que carrega o nome do mais doce perfume. Falo do bispo Gaufrédo de Chartres,⁹⁸⁸ que se manteve por muito tempo no cargo de legado na Aquitânia com suas próprias economias. O que contarei agora pude presenciar. Acompanhava-o por aquelas terras,⁹⁸⁹ quando um presbítero ofereceu-lhe um peixe que vulgarmente chamam de esturjão. O legado perguntou-lhe quanto custava e acrescentou: “Não o aceito se não me deres um preço”. E entregou cinco moedas de ouro ao homem, que as recebeu relutante e timidamente. Em outra ocasião, estávamos em um castelo e sua senhora quis presenteá-lo, por devoção, com um ou dois manustérgios⁹⁹⁰ e três belas travessas, mas feitas de madeira. O homem de consciência escrupulosa olhou-as por um tempo, elogiou-as, mas não as aceitou. Quando receberia bandejas de prata quem recusou as de madeira? Ninguém poderia dizer ao legado “*Enriquecemos Abraão*”.⁹⁹¹ Mas ele, como Samuel, poderia dizer ante todos: *Dai testemunho de mim em presença do Senhor e do seu ungido: tomei o boi ou o jumento de alguém? Oprimi ou prejudiquei alguém? Recebi presentes de alguém para fechar os olhos ao seu proceder? Restituirei.*⁹⁹² Ah, se nos fossem dados hoje muitos homens como esses! Haveria alguém mais feliz que tu e tempos mais venturosos que os nossos? Não pareceriam eles só incomparáveis à beatitude eterna, porque aonde quer que fosses, estarias rodeado por um ilustre cortejo de santos?

⁹⁸⁸ Morto em 1149.

⁹⁸⁹ Nos meses de maio e junho de 1145.

⁹⁹⁰ Pequena toalha de linho branco utilizada pelo padre na missa para enxugar os dedos após o *Lavabo*.

⁹⁹¹ Gn. 14,23

⁹⁹² I Rs. 12,3

15. Se te conheço, estás perplexo, suspirando profundamente e exclamando contigo mesmo: “Acreditas mesmo que o que dizes pode acontecer? Acreditas que nós veremos essas coisas? Que eu viva para ver isso acontecer! Ah, se em minha vida eu visse a Igreja de Deus assentada nessas colunas! Ah, se eu visse a Esposa de meu Senhor mantendo tal fidelidade, confiada à tamanha pureza! Quem seria mais feliz e seguro do que eu, que me veria rodeado de protetores e, ao mesmo tempo, testemunhas, às quais confiaria meus segredos, comunicaria meus planos, me daria por inteiro, porque seguramente seriam como um outro eu. Se eu quisesse me desviar, eles não permitiriam, me tirariam do caminho precipitado, me acordariam. Sua reverência e liberdade para comigo reprimiriam minha soberba, corrigiriam meus excessos, firmariam minha constância e minha fortaleza hesitante, animariam meus pessimismos. Sua fé e sua santidade me estimulariam a tudo o que é santo, honesto, puro, amável e de boa fama.⁹⁹³” Agora volve teus olhos, amado Eugênio, àqueles que ocupam um cargo na Cúria e na Igreja, aos interesses dos prelados, especialmente dos que te cercam.⁹⁹⁴

16. Até aqui, tudo bem. Toquei de leve a parede, não a danifiquei. Como filho do profeta, a ti corresponde fazer nela um buraco e ver por dentro,⁹⁹⁵ porque a mim não é lícito avançar. Falo somente do que é explícito: teus ministros tentam prevalecer ridiculamente sobre seus irmãos de sacerdócio. Isso não é racional, nem tradicional, tampouco consentido pela autoridade. Se conspiram com má-fé dizendo que esse é o costume, melhor é desprezá-lo que sacrificar por ele a ordem superior. Frívolo, contudo, é o argumento que mais usam para defender o que querem: “Nós somos os que em todas as solenidades assistem ao senhor Papa, os que se sentam mais próximos dele e os que, nas procissões, seguem-no imediatamente”. Ora, todas essas coisas não são privilégios de uma dignidade em particular, senão algo que corresponde ao zelo por realizar o ofício, de modo que são as circunstâncias solenes da função que dão significado ao título de diácono. Ademais, enquanto os sacerdotes, em uma assembleia regular, rodeiam Sua Majestade, vós sentais a vossos pés. Vós assistis mais de perto para que ele vos ordene melhor. No Evangelho lemos que surgiu uma discussão entre os discípulos para saber qual

⁹⁹³ Fp. 4,8

⁹⁹⁴ Sl. 43,14. Sl. 78,4

⁹⁹⁵ Ez. 8,8

deles era o maior.⁹⁹⁶ Serias feliz se os que te rodeiam se interessassem assim pelos demais.

QUEM DEVES CONSTITUIR RESPONSÁVEL PELA TUA CASA E PELA TUA FAMÍLIA

VI.17. Já nos cansou tanta Cúria. Sigamos ao palácio, que nos esperam em casa. De certo modo, eles não estão ao teu redor, mas dentro de ti. Não é vã consideração refletir sobre a organização de tua casa e provimento dos que vivem em teu seio e em tuas entranhas. Digo eu que é necessária. Ouve a Paulo: *Quem não sabe governar a sua própria casa, como terá cuidado da Igreja de Deus?*⁹⁹⁷ E mais: *Quem se descuida dos seus, e principalmente dos de sua própria família, é um renegado, pior que um infiel.*⁹⁹⁸ Dizendo isso não estou aconselhando a ti, ocupado com assuntos de maior importância, que devotes aos pequenos o tempo que tens de gastar com os maiores. Por que te meteres onde Deus te tirou?⁹⁹⁹ Ele disse: *Todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo.*¹⁰⁰⁰

Entretanto, é preciso praticar um e não omitir o outro.¹⁰⁰¹ Convém que faças as coisas maiores e que providencie quem fará as menores por ti. Com efeito, se um servo não é capaz de cuidar da alimentação e dos animais ao mesmo tempo, como tu planejas cuidar de ti e de tua casa, que é a do Senhor, sobre a qual se escreveu: *“Ó Israel, quão imensa é a casa de Deus!”*¹⁰⁰² É preciso que tua mente, que se preocupa com tantas e importantes coisas, esteja livre das pequenas e mais desprezíveis. Tens que viver livremente, para que não te reivinde nenhuma ocupação violenta. Tens de ser livre, para que nenhum afeto indigno te arraste para baixo. Tens de ser reto, para que nenhuma intenção perversa te desvie. Tens de ser cauto, para que nenhuma suspeita furtiva te invada. Tens de ser vigilante, para que nenhum pensamento vago e curioso te afaste de ti mesmo. Tens de ser firme, para que nenhuma desordem imprevista te afete. Tens de ser desprendido, para que

⁹⁹⁶ Lc. 22,24

⁹⁹⁷ I Tm. 3,5

⁹⁹⁸ I Tm. 5,8

⁹⁹⁹ II Tm. 3,11

¹⁰⁰⁰ Mt. 6,33

¹⁰⁰¹ Mt. 23,23

¹⁰⁰² Br. 3,24

nenhuma tribulação contínua te fatigue. Tens de ser desprendido, para que nenhum bem temporal te coaja.

18. Não duvides que serás privado desses bens e ferido pelos males se quiseres dividir teu espírito entre as coisas de Deus e outras insignificantes. Deves procurar quem mova por ti o moinho. *Por ti, não contigo.* Há coisas que tu deves fazer sozinho; outras, com a ajuda de terceiros; algumas, na sua ausência devem ser feitas por ti. *Quem é sábio, entenda estas coisas.*¹⁰⁰³ Tua consideração não pode dormir sobre essas coisas. Acredito, de fato, que o governo de tua casa pertença a esse gênero de coisas que mencionei. Como disse, é por meio da ação de outro que tu as realizará.

Todavia, se ele não for fiel, agirá de má-fé. Se não for prudente, será enganado. Por essa razão, deves exigir fidelidade e prudência de quem tu constituíste responsável por tua família.¹⁰⁰⁴ Mas serão inúteis essas características se faltar uma terceira. Queres saber qual? A autoridade. Por que de que serve querer e saber como dispor todas as coisas de acordo com as necessidades se não se pode fazer como quer e sabe? Deves dar a essa pessoa liberdade de agir segundo seu critério. Se crês que isso não seria razoável, lembra-te de que se trata de um fiel que deseja agir de acordo com a razão; pensa que se trata de um homem prudente que sabe agir de acordo com a razão. Sua vontade fiel e capaz somente estará à tua disposição quando for adequadamente apoiada, de modo que possa agir com perfeita liberdade e comandar a obediência hesitante de todos. Porque todos, afinal, acatarão suas ordens. Ninguém lhe será contrário ou lhe dirá: “Por que fizeste isso?”

Terá poder de demitir e admitir quem deseje, trocar os servos, transferir as ocupações a quem e quando quiser. Assim, será temido por todos, mas para o bem de todos. Liderará a todos, para a todos servir e de todos se servir. Não ouças as acusações feitas às escondidas, por sussurros, contra ele; censure-as como se fossem detrações. E gostaria que constituíesses uma regra geral na qual fossem suspeitos todos que temem denunciar publicamente o que te dizem ao pé do

¹⁰⁰³ Os. 14,10

¹⁰⁰⁴ Mt. 24,45

ouvido.¹⁰⁰⁵ Se decides que deve acusá-lo ante os demais e ele se nega, julga-o como delator, não acusador.

19. Assim, seja uma só a pessoa responsável por todos e uma a qual todos prestem contas. Tenhas confiança nela e terás tempo para ti e para a Igreja de Deus. Se não encontras administrador que seja fiel¹⁰⁰⁶ e prudente, é melhor admitir o que seja fiel, ao menos, porque certamente é a escolha mais segura. Entretanto, se não encontras alguém idôneo, aconselho-te que suportes de preferência o menos fiel do que te perdas nesse labirinto. Recorda que o Salvador teve Judas como ecônomo.¹⁰⁰⁷ O que é mais torpe a um bispo que ocupar-se da mobília da casa e de seu dinheiro, revistar e interrogar sobre tudo, ser atormentado pelas desconfianças e perturbado por cada perda ou negligência? Digo para a vergonha de alguns que todos os dias recontam seu dinheiro, revisam tudo e exigem todas as parcelas dos empréstimos.¹⁰⁰⁸ Não agiu assim aquele egípcio que, confiando todos os seus bens a José, não se preocupou com o que se passava em sua casa.¹⁰⁰⁹ Que se enrubesça o cristão que não confia em outro cristão. Um homem sem fé confiou em seu servo e o estabeleceu sobre todos os seus bens.¹⁰¹⁰ E esse era estrangeiro.¹⁰¹¹

20. Admirável! Os bispos dispõem de tantos sacerdotes nos quais podem confiar as almas e não conseguem encontrar uma única pessoa em cujas mãos possam depositar as insignificantes. Vê-se que são ótimos avaliadores: administram as pequenas coisas como se fossem importantes e descuidam do que é maior. Mas, para que fique mais claro, toleramos com mais paciência as perdas de Cristo que as nossas. Diariamente fazemos o balanço mais rigoroso de nossas economias e desconhecemos totalmente os danos à grei do Senhor. Todos os dias, discutimos o preço dos víveres e a quantidade dos pães com os criados e raramente convocamos uma audiência com os presbíteros para discutir os pecados do povo. Cai um asno e há quem o levante, perece uma alma e ninguém se preocupa. Não espanta quando nem sentimos nossos defeitos diários. Acaso por causa dessas contas não nos

¹⁰⁰⁵ Mt. 10,27

¹⁰⁰⁶ I Cor. 4,2

¹⁰⁰⁷ Jo. 12,6

¹⁰⁰⁸ Mc. 12,42

¹⁰⁰⁹ Gn. 39,6

¹⁰¹⁰ Mt. 24,47

¹⁰¹¹ Lc. 17,18

iramos, nos atormentamos, nos angustiamos? Quão mais toleráveis não deveriam ser para nós as perdas materiais que as espirituais! *Por que não preferis sofrer injustiça?*¹⁰¹²

Tu, que ensina aos demais, peço que te ensine a ti mesmo,¹⁰¹³ se já não tiveres feito isso. Faze que essas coisas passageiras, que de modo algum podem permanecer, passem longe de ti sem penetrarem-te. O rio que flui cava a terra. Igualmente, correr atrás de bens temporais corrói a consciência. Se uma torrente pode lavar as sementes sem feri-las, confia que tu também podes tratar dessas coisas sem prejuízo a teu espírito. Aconselho que te esforces por se afastar do choque de todos os modos. Ignora muitas coisas, não prestes atenção a outras mais, mas não te esqueças de nenhuma.

21. Há, contudo, o que não gostaria que ignorasses: os hábitos e a dedicação de teus servos. Não convém que sejas o último a saber o que se passa em tua casa, como a muitos outrora ocorreu. Como disse, por isso é que outro se ocupará de tudo. Provê a disciplina e não a confies a ninguém. Se alguém em tua presença murmura palavras insolentes ou se veste indevidamente, põe tua mão sobre ele de modo a castigá-lo pelas injúrias contra ti. A impunidade gera a audácia, e a audácia gera o excesso. Que a santidade, a modéstia e a honestidade reinem na casa do bispo, e quem as cultiva na disciplina.¹⁰¹⁴ Os servos de um sacerdote ou são mais honestos que os demais, ou motivo de conversa de todos. Não permitas que nada de impudico e indecente reste na aparência, no modo de agir e nos costumes dos que estão ao teu redor. Que teus irmãos bispos aprendam contigo a não terem por companhia meninos efeminados e adolescentes vaidosos. É certo que entre os mitrados [isto é, os bispos] não convém que se espalhe a afetação. Lembra-te do conselho de um sábio: *Tens filhas? Não lhes mostres um rosto por demais jovial.*¹⁰¹⁵

22. Contudo, não te aconselho aspereza, mas seriedade. Aquela afugenta os pequeninos, esta reprime os levianos. Aquela, se presente, te torna odioso; esta, se

¹⁰¹² I Cor. 6,7

¹⁰¹³ Rm. 2,21

¹⁰¹⁴ Sl. 92,5

¹⁰¹⁵ Eclo. 7,26

falta, te torna desprezado. Em todas as coisas, contudo, o meio é o melhor caminho. Eu não gostaria que fosses nem muito severo, nem muito dissoluto. Que é mais gratificante que uma moderação que afasta o peso da severidade e o desprezo da familiaridade? No palácio, apresenta-te como papa; em tua casa, como o pai de família. Que te amem teus servos, senão, faze com que te temam. É sempre útil guardar o que se fala, sem excluir, todavia, a graça da afabilidade. A língua deve ser freada em todo momento, especialmente à mesa. Tua conduta será mais conveniente se fores severo nas atitudes, sereno na aparência e sério nas palavras. Os capelães e os que te acompanham diariamente nos ofícios divinos não podem ser indignos. Tu debes eleger os que são honrados, porque todos os servirão como servem a ti.

Receberão as coisas necessárias de tuas próprias mãos. Contentar-se-ão¹⁰¹⁶ com o que tu deres, por isso te preocupes para que não lhes falte nada. Julga como se fossem Giezi¹⁰¹⁷ aqueles que pedem insistentemente aos visitantes. A mesma regra serve para os porteiros e os outros oficiais. De fato, esse assunto já foi tratado suficientemente, porque parece que tudo isso já tens organizado desde algum tempo. O que é mais digno de teu apostolado, mais salutar à tua consciência, mais honesto à tua reputação e mais útil para teu exemplo? É uma ótima norma desterrar a avareza não só da consciência, mas também da calúnia.¹⁰¹⁸

RESUMO DO ANTERIOR E EPÍLOGO

23. Acho por bem encerrarmos esse livro, mas gostaria antes de repetir em forma de epílogo o que antes ditei e acrescentar coisas que omiti. Considera que, ante todas as coisas, a Santa Igreja Romana, que presides pela vontade de Deus, é a mãe de todas as igrejas, e não a senhora. Tu, com efeito, não és senhor dos bispos, mas um deles, mais ainda, irmão dos que amam a Deus e um entre os que os temem. Considera, pelo resto, que debes ser modelo de justiça, espelho de santidade, exemplo de piedade, depósito da verdade, defensor da fé, doutor dos gentios, condutor dos cristãos, amigo do Esposo, padrinho da Esposa, ordenador do clero,

¹⁰¹⁶ I Tm. 6,8

¹⁰¹⁷ IV Rs. 5,20-27

¹⁰¹⁸ Is. 33,15

pastor dos povos, mestre dos ignorantes, refúgio dos oprimidos, advogado dos pobres, esperança dos miseráveis, tutor dos pupilos, juiz das viúvas, olhos dos cegos, língua dos mudos, báculo dos anciãos, vingança dos ofendidos, medo dos maus, glória dos bons, cetro dos poderosos, martelo dos tiranos, pai dos reis, moderador das leis, dispensador dos cânones, sal da terra, luz do mundo, sacerdote do Altíssimo, vigário de Cristo, ungido do Senhor, enfim, deus do Faraó.

Compreende o que digo: Deus te dará inteligência. Onde a malícia e o poder se unem, lá tens que demonstrar que estás acima de todos os homens. Tua face tem de enfrentar os malfeitores. Que o homem que não respeita o homem nem se acovarda diante de tua espada tema o espírito de tua ira. Tema tua oração o que despreza tua admoestação. Aquele contra o qual te indignas pense que não é tu, mas o próprio Deus que se ira. Tema quem não te ouvir, pois Deus o ouvirá e o condenará.

O que nos restou tratar, as coisas que estão acima de ti, espero fazer com a ajuda de Deus em um livro apenas, para então cumprir minha promessa.

LIVRO V

O QUE ESTÁ ACIMA DE TI

I.1. Os livros anteriores, conquanto os tenhamos nomeados *Da Consideração*, mesclam muitos temas condizentes à ação, de tal modo que não ensinam ou admoestam somente acerca do que deverias considerar, mas também praticar. Este que está em tuas mãos, entretanto, versará exclusivamente sobre a consideração. As coisas que estão acima de ti, das quais trataremos, não requerem ação, mas observação. Tu não atuas sobre elas, pois essas coisas *são*, e sempre serão *até* à eternidade. Outras, mais que isso, são *desde* a eternidade.

Espero que percebas isso claramente, Eugênio, varão perspicacíssimo, porque tua consideração não raras vezes está a se desviar de temas superiores para seguir a outros, inferiores e visíveis, quer seja para conhecê-los, desejá-los por sua utilidade ou dispô-los em favor de teu ofício. Se, no entanto, te voltas muitas vezes a essas coisas para refletires sobre aquelas que estão acima de ti, em verdade não estás tão longe do exílio. Considerar assim é repatriar-se. Esse é o destino mais sublime e digno para o uso das coisas presentes, tal qual a sabedoria de Paulo nos ensina: “*As perfeições invisíveis de Deus se tornam visíveis à inteligência*”.¹⁰¹⁹ Tão somente os exilados necessitam dessa escada, não os cidadãos. O próprio autor da sentença observou o fato quando afirmou que o invisível pelo visível seria conhecido e assinalou expressamente que seria “*pelas criaturas do mundo*”. Em verdade, que necessidade tem de uma escada aquele que possui o trono? Criatura celeste é aquela que tem consigo o meio que a torna capaz de contemplar o invisível. Vê o verbo, e no Verbo tudo que foi criado pelo Verbo.¹⁰²⁰ Não há de mendigar, por meio das coisas criadas, o conhecimento sobre o Criador. Para conhecer-se, não necessita descer a si mesma, porque se contempla ao longe, que é melhor lugar que em si mesma. De lá, não faz uso de sentido corporal algum: ela mesma é seu sentido, sente a si mesma. Quando não tens necessidade de nada e compreende tudo o que te satisfaz, a melhor consideração é te contentares contigo mesmo. Ao

¹⁰¹⁹ Rm. 1,20

¹⁰²⁰ Jo. 1,3

invés, quem necessita de auxílio exterior é levado à subordinação, a uma menor perfeição e, por isso, é menos livre.

2. Por que necessitas das coisas mais inferiores? Não é isso indigno? É uma desonra que seres superiores desejem obras dos inferiores, embora eu admita que dessa injúria nenhum homem se verá perfeitamente livre até alcançar a liberdade dos filhos de Deus.¹⁰²¹ Serão todos, afinal, discípulos de Deus,¹⁰²² e sem mediação de criatura serão bem aventurados em Deus. Será como um retorno à pátria, como sair da região dos corpos e adentrar no país dos espíritos. País esse que é nosso próprio Deus, o espírito magnânimo, a máxima morada dos espíritos bem aventurados. E para que nela não se intrometam os sentidos corporais ou a imaginação, Deus é Verdade, Sabedoria, Poder, Eternidade e Sumo Bem. Por enquanto, não estamos nesse lugar. O lugar em que habitamos é um vale, um vale de lágrimas¹⁰²³ no qual reina a sensualidade e impõe-se o exílio à consideração, no qual os sentidos corporais dominam livremente e o olho do espírito enreda-se pelas trevas. Poderíamos nos admirar ao ver um estrangeiro necessitado do auxílio do nativo?¹⁰²⁴ É feliz o viajante que, passando do tempo à eternidade, ganha para si a generosidade dos cidadãos, sem a qual não pode transitar: a usa sem aproveitar-se dela, a reclama sem pedi-la e a exige sem suplicá-la.

OS TRÊS GRAUS DA CONSIDERAÇÃO

II.3. Grande é aquele que usa de seus sentidos corporais, bem comum a todos os homens, com a preocupação de dispensá-los em proveito não só de si próprio, mas de muitos. Não é menor o que elege seus sentidos como meio de alcançar, filosofando, as coisas invisíveis. A diferença é que este modo é mais doce e agradável; aquele, mais útil e penoso. De fato, o maior de todos é aquele que, tendo desprezado o uso dessas realidades e sentidos tanto quanto permite a fragilidade humana, acostumou-se a voar não por graus ascendentes, mas por inesperados êxtases, acima das coisas mais sublimes por meio da contemplação. Creio que a

¹⁰²¹ Rm. 8,21

¹⁰²² Jo. 6,45

¹⁰²³ Sl. 83,7

¹⁰²⁴ Neste caso, a consideração necessita do auxílio dos sentidos corporais. A tradução de Lewis esclarece esse ponto.

esse último gênero pertençam os êxtases de Paulo: eram êxtases, não ascensões [dos sentidos], pois ele mesmo diz que mais que subir, se sentia arrebatado.¹⁰²⁵ Por isso dizia: *se ficamos arrebatados fora dos sentidos, é por Deus.*¹⁰²⁶

Quando a consideração, ainda que em seu exílio,¹⁰²⁷ torna-se superior pela busca da virtude com o auxílio da graça, estas três coisas tornam-se realidade: ela reprime os sentidos para que não se tornem orgulhosos, tolhe-os para que não ultrapassem seus limites e foge deles para que não a corrompam. No primeiro caso, torna-se mais potente; no segundo, mais livre; no terceiro, mais pura. Esse voo do espírito se realiza pelas asas da pureza e do fervor.

4. Pois bem, queres que distingamos essas três espécies de consideração por seus nomes próprios? Se assim o quiser, chamemos então a primeira de dispensativa, a segunda de estimativa e a terceira de especulativa. As definições deixarão os significados de cada um dos termos mais claros. Dispensativa é a consideração que se serve dos sentidos e das realidades sensíveis, ordeira e harmonicamente, para ganhar a Deus. Estimativa é a consideração que, prudente e diligentemente, tudo perscruta e pondera a fim de alcançar o conhecimento de Deus. Especulativa é a consideração que, recorrendo a si mesma e com a ajuda divina, esquiva-se das coisas humanas para contemplar a Deus.

Suponho que notaste atentamente ser essa última consideração o fruto das duas primeiras, e que essas duas, não mantendo relações com ela, se assemelham entre si, embora não sejam a mesma coisa. Porque, a não ser que a primeira relacione-se com a última, muito semeia, mas não colhe. A segunda, se tampouco se dirige à terceira, começa a caminhar, mas não chega ao destino final. Consequentemente, a primeira deseja, a segunda fareja e a terceira saboreia. É verdade que as duas primeiras nos levam a esse mesmo sabor, ainda que mais lentamente. Há ainda uma diferença: a primeira alcança mais laboriosamente e a segunda mais calmamente.

¹⁰²⁵ II Cor. 12,2

¹⁰²⁶ II Cor. 5,13

¹⁰²⁷ Sl. 118,54

OS TRÊS MODOS COMO NOSSA CONSIDERAÇÃO INVESTIGA DEUS E OS ANJOS

III.5. “Expuseste suficientemente”, dizes tu, “sobre por *onde* subiremos, mas falta explicar-me *aonde*”. Enganas a ti mesmo se esperas que eu diga. É inefável. Esperas que eu consiga falar sobre coisas que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração do homem imaginou?¹⁰²⁸ *Deus no-las revelou pelo seu Espírito*¹⁰²⁹ Por isso, as realidades que estão acima de ti não são ensinadas, mas reveladas pelo Espírito. Em verdade, o que as palavras não conseguem explicar, a consideração procura, a oração espera, a vida merece e a pureza alcança.

Quando te admoesto a considerar as realidades que estão acima de ti, não penses que te mando contemplar o sol, a lua, as estrelas, o firmamento ou as águas que caem do céu. Ainda que estejam acima de nós localmente, são inferiores pelo valor e dignidade de sua natureza, pois se tratam de corpos materiais. Uma parte tua é espírito, de modo que em vão buscarás algo superior que não seja espírito. Além disso, Deus é espírito, também os santos anjos, e eles estão acima de ti. Mas Deus é superior a ti por Sua natureza; os anjos, pela graça. Com efeito, o melhor de um ser angelical e de ti coincidem: é a razão. Em verdade, Deus não possui uma excelência peculiar. Ele em sua totalidade é o melhor. Nossa consideração procura conhecê-Lo e também os espíritos bem aventurados que com Ele estão por três modos, ou três caminhos: a opinião, a fé e o intelecto. Este se apoia na razão; a fé, na autoridade; a opinião se ampara somente nas comparações com a verdade. As duas primeiras possuem a verdade certamente, ainda que a fé a possua velada e obscura e a inteligência nua e manifesta. A opinião não possui certeza alguma, pois busca a verdade por comparações, ainda que não a alcance.

6. Devemos evitar toda confusão para não atribuir a incerteza da opinião à fé ou opinar em questões que, por ela, são certas e imutáveis. Devemos ter em mente que a opinião é temerária se se pauta na leviandade e que a fé é débil se hesita. Do mesmo modo, deve-se julgar rota e perscrutadora da autoridade a inteligência que tenta atacar o que está assinalado pela fé. Muitos acreditaram na opinião de suas

¹⁰²⁸ | Cor. 2,9

¹⁰²⁹ | Cor. 2,10

inteligências e se equivocaram. A opinião pode ser julgada pela inteligência, a inteligência não pode ser julgada pela opinião. Por que é assim? Porque esta pode se equivocar, aquela não. E se a inteligência equivocou-se, não era inteligência, mas opinião. A verdadeira inteligência possui não só a verdade, mas o conhecimento da verdade.

Podemos definir cada uma delas desta maneira: a fé é como uma antecipação voluntária e certa de uma verdade ainda não manifesta. A inteligência é conhecimento certo e evidente de qualquer realidade invisível. A opinião é ter por verdadeiro algo que ignora ser falso. Assim, como eu disse, a fé não admite ambiguidade. Se ela admite, não é fé, mas opinião. Então, em que se diferencia a fé da inteligência? Em que a fé possui a mesma certeza que possui a inteligência, mas está encoberta por um véu que não encobre a inteligência? Ademais, o que a inteligência compreendeu não deve mais investigar. Se continua a investigar, não compreendeu. Por outro lado, nada mais desejamos saber do que já sabemos pela fé. Quando o véu tiver sido retirado das coisas que acreditamos pela fé alcançaremos a completa felicidade.

O QUE DEVEMOS CONTEMPLAR GOZOSAMENTE NOS ESPÍRITOS SUPERIORES

7. Tendo esclarecido alguns pontos, agora orientemos nossa consideração à Jerusalém celeste, nossa mãe. Por estes três caminhos descritos, com cautela e vigilância, exploremos o inexplorável, na medida de nossas possibilidades, ou melhor, segundo o dom que a nós será concedido. Primeiramente, sabemos que seus habitantes são potentes, gloriosos, beatos, distintos *in personis*; dispostos de acordo com suas dignidades; estáveis desde o princípio em suas ordens; perfeitos em seus gêneros; corporalmente etéreos; perpétuos por sua imortalidade; impassíveis; não criados, mas feitos, ou seja, pela graça e não pela natureza; puros de mente, benignos pelo afeto, piedosos pela religião; íntegros na castidade; individualizados em sua unanimidade; confirmados pela paz; criados por Deus; dedicados ao louvor e ao serviço divinos.

Todas essas coisas sabemos pela leitura e conservamos pela fé. Existem autores, contudo, que vacilam em suas sentenças sobre em que lugar ocupam os corpos desses seres e até mesmo se tem corpos. Nem discuto com quem avalia como opináveis esse tipo de questão. Além do mais, a razão nos faz compreender, e não a fé ou a opinião, que são seres dotados de inteligência, pois não poderiam carecer dela e, ao mesmo tempo, serem partícipes de Deus. Possuem também seus nomes próprios, que conhecemos por termos ouvido e pelos quais podemos conjecturar e vislumbrar de alguma maneira coisas que aos mortais não nos corresponde perceber com clareza, como seus ofícios, méritos, graus e ordens. E, de fato, o que não vem pelo ouvido não vem pela fé, pois ela verdadeiramente vem pelo ouvido.¹⁰³⁰ Por isso o que acabamos de dizer são simples opiniões. Então, por que é bom que conheçamos os nomes desses seres celestiais se não podemos, sem prejuízo para a fé, formar alguma opinião em relação às coisas que esses nomes denotam? Anjos, Arcanjos, Virtudes, Potestades, Principados, Dominações, Tronos, Querubins e Serafins.¹⁰³¹ Que significam esses nomes? Não há nenhuma diferença entre os espíritos que simplesmente se chamam Anjos e aqueles conhecidos como Arcanjos?

8. Qual é, então, o significado dessa diferença gradual? Pensemos (a não ser que tua consideração tenha pensado em algo melhor) que são chamados anjos aqueles espíritos dados a cada um dos homens e enviados para exercerem seus ministérios com os herdeiros da glória,¹⁰³² conforme a doutrina de Paulo. Sobre eles, o Salvador disse: *os anjos contemplam sem cessar a face do Pai.*¹⁰³³ Pensemos que os precedam os Arcanjos, que cômicos dos mistérios divinos, são enviados para as

¹⁰³⁰ Rm. 10,17

¹⁰³¹ Os anjos foram estudados no Cristianismo de acordo com vários sistemas de classificação, em coros ou hierarquias angélicas, desde São Clemente (séc. I), Santo Ambrósio (IV), Pseudo-Dionísio, o Aeropagita (séc.V) e São Gregório Magno (séc. VI). A divisão hierárquica mais influente no medievo foi a de Pseudo-Dionísio, o Aeropagita, mas São Bernardo aqui utiliza a ordem estabelecida por São Gregório Magno. A teologia de São Bernardo conferiu aos anjos um papel essencial na ascensão mística, uma vez que aos santos anjos deveríamos implorar seu auxílio, com abundantes lágrimas, para que apresentassem nossas súplicas à majestade suprema e nos alcançassem a graça. Os anjos, para São Bernardo, eram espíritos em serviço ativo, enviados em nosso auxílio para que herdemos a salvação. (Sermão 16, SAN BERNARDO DE CLARAVAL, 1988, p. 147).

¹⁰³² Hb. 1,14

¹⁰³³ Mt. 18,10

causas mais precípuas. Entre esses, o maior é o Arcanjo Gabriel que, como lemos, foi enviado à Maria para anunciá-la a causa mais sublime.

Pensemos, entretanto, estarem sobre eles as Virtudes, os quais ordenam a execução de sinais e prodígios que, para o aviso dos mortais, aparecem nos elementos e pelos elementos da natureza. Talvez isso explique o porquê de, quando lemos nos Evangelhos “haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas”,¹⁰³⁴ pouco depois vemos que “as virtudes do céu serão postas em movimento”.¹⁰³⁵ Trata-se dos espíritos pelos quais se realizam esses sinais. Mas pensemos que as Potestades lhe sejam superiores, pois subjagam o poder das trevas e reprimem a malignidade dos espíritos do ar, a fim de que não façam o mal que desejam, a não ser quando esse mal possa servir a um bem maior.

Pensemos que acima desses estão os Principados, que por sua moderação e sabedoria estabelecem, regem, limitam, transferem, cortam, modificam todas as coisas. Pensemos que as Dominações se sobressaem a todas as ordens mencionadas, de modo que a elas resta serem espíritos administradores, e que das Dominações dependem a obediência dos Principados, a proteção das Potestades, as ações das Virtudes, as revelações dos Arcanjos e a guarda dos Anjos.

Pensemos que os Tronos tenham voado para longe das Dominações e que se chamam Tronos por sentarem em tronos, e que assim o fazem porque Deus está sentado neles. Se não estivessem sentados, Deus neles não poderia sentar. O que quero dizer com sentar? A suma tranquilidade, a brandidíssima serenidade, a paz que supera todo intelecto. Assim é o Senhor dos Exércitos, que senta ao trono e julga a todos com tranquilidade, brandidíssimo, sereníssimo, pacatíssimo. E constituiu os Tronos muito semelhantes a Si.

Pensemos os Querubins como haurientes da boca do Altíssimo e distribuidores da ciência do universo a todos seus concidadãos. Vê se não são eles os rios dos quais falou o Profeta: os rios que alegram a cidade de Deus.¹⁰³⁶ Pensemos nos Serafins

¹⁰³⁴ Lc. 21,25

¹⁰³⁵ Lc. 21,26

¹⁰³⁶ Sl. 45,5

como espíritos abrasados pelo fogo divino que incendeiam todo o universo, para que, por sua vez, cada cidadão seja lâmpada acesa e resplandecente: ardentes pelas caridade, luminosos pelo conhecimento.

9. Ah, Eugênio, quão bom seria estarmos nesse lugar! Quão melhor não seria se seguíssemos este todo do qual só temos a parte! Nossa alma segue em frente, mas não toda ela, senão uma parte muito pequena. Enquanto nossos afetos jazem abatidos pelo peso do corpo, por nossos desejos apegados ao barro, eleva-se nossa consideração, ainda árida e tênue. Contudo, apesar dessa insignificância que se nos dá, podemos exclamar: *Senhor, amo a habitação de vossa casa, e o tabernáculo onde reside a vossa glória.*¹⁰³⁷ Que aconteceria se a alma se recolhesse, reunisse os afetos dispersos que a mantêm cativa – temores pelo que não se deve temer, amores pelo que não vale ser amado, sofrimentos vãos e alegrias mais ainda – para voar com toda a liberdade, lançar-se com todo o ímpeto do espírito e banhar-se no caudal da graça?

Quando circundar as luminosas mansões, perscrutar o seio de Abraão e sob seu altar encontrar, seja qual for, a alma dos Mártires adornados com a primeira estola e esperando pacientemente a segunda, aí não se conterà e exclamará com o Profeta: *Uma só coisa peço ao Senhor e a peço incessantemente: é habitar na casa do Senhor todos os dias de minha vida, para admirar aí a beleza do Senhor e contemplar o seu santuário.*¹⁰³⁸ Como não ver ali o coração de Deus? Estando lá, como não julgar que a vontade de Deus é boa, agradável e perfeita? Boa em si mesma, gozosa pelas obras, agradável aos que dela usufruem, perfeita aos perfeitos que de ulterior buscam. Estão abertas as entranhas da misericórdia, os pensamentos de paz, os tesouros da salvação, os mistérios da boa vontade, os arcanos da benignidade que, fechada aos mortais, até mesmo aos eleitos se mantém velada. Mas mesmo nisso há algo de salutar: serve para que os homens não cessem de temer enquanto não sejam capazes de amá-lo dignamente.

10. Temos de discernir nos que são chamados Serafins como Deus ama quem não tem causa para amar e também não odeia nada que Ele tenha feito. Como os fez

¹⁰³⁷ Sl. 25,8

¹⁰³⁸ Sl. 26,4

para serem salvos, como os sustenta, como os conduz, como os abraça, como o fogo de Seu amor consome os pecados da juventude eleita¹⁰³⁹ e as palhas de sua ignorância, como as torna digníssimas e as purifica perfeitamente. Temos de discernir nos Querubins, chamados plenitude da ciência, que Deus é senhor do conhecimento¹⁰⁴⁰ e que somente pode ignorar a ignorância, que é todo luz e que nele não há treva alguma;¹⁰⁴¹ que é todo olhos e não pode ser enganado, porque não os fecha nunca; que não busca luz fora de si mesmo para ver, porque Ele vê na luz de seu próprio ser.

Temos de discernir nos Tronos como se senta neles um juiz insuspeito para os inocentes, que não quer enganar e não pode ser enganado, porque ama e vê. Não interrompe uma audiência, é notável por sua tranquilidade. Desejo que meu julgamento siga adiante por tal rosto,¹⁰⁴² onde vê-se o amor sem erro ou confusão. Temos de discernir nas Dominações quão grande é a majestade do Senhor,¹⁰⁴³ cujo império coincide com sua vontade e tem como fronteiras a universalidade e a eternidade. Temos de discernir nos Principados o princípio do qual tudo procede,¹⁰⁴⁴ como a porta se revolve nos seus gonzos¹⁰⁴⁵ assim é governado pelo mesmo rei o universo.

Temos de discernir nas Potestades como o mesmo primeiro princípio protege aqueles que governa, afastando e vencendo os poderes contrários. Temos de discernir nas Virtudes uma única virtude igualmente presente em todos os seres, pela qual todas as coisas existem,¹⁰⁴⁶ como é vivificante, eficaz, invisível e imóvel, movendo todas as coisas para um fim útil, mantendo-as na fortaleza. Como encaminha tudo até sua meta e o domina com fortaleza. Quando sua força irrompe na natureza e produz efeitos menos frequentes para os mortais, os chamamos milagres e prodígios. Temos de discernir e admirar nos Anjos e Arcanjos a verdade e a experiência daquelas palavras: *Porque ele tem cuidado de nós.*¹⁰⁴⁷ Pois não

¹⁰³⁹ Sl. 24,7

¹⁰⁴⁰ I Rs. 2,3

¹⁰⁴¹ I Jo. 1,5

¹⁰⁴² Sl. 16,2

¹⁰⁴³ Sl, 28,3

¹⁰⁴⁴ I Cor. 8,6

¹⁰⁴⁵ Pr. 26,14

¹⁰⁴⁶ I Cor. 8,6

¹⁰⁴⁷ I. Pd. 5,7

cessa de alegrar-nos com as visitas de seres tão grandes e admiráveis, instruindo-nos com suas revelações, prevenindo-nos com seus conselhos e consolando-nos com sua assistência.

V.11. Todos esses dons e graças comunicou a esses espíritos quem os criou, o mesmo e único Espírito que reparte a cada um conforme sua vontade.¹⁰⁴⁸ Ele neles opera e permite que eles também o façam, mas de modo diferente. Os Serafins ardem, mas no fogo de Deus, ou melhor, com um fogo para Deus. Sua principal característica é amar, todavia, não tanto e como Deus. Os Querubins brilham e excedem em conhecimento, mas por participação na verdade, de modo que sabem não como nem quanto a Verdade sabe. Os Tronos sentam-se, mas em benefício daquele que está neles sentado. Julgam também com tranquilidade,¹⁰⁴⁹ mas não sem medidas¹⁰⁵⁰ nem da mesma maneira, como a paz dos apaziguados, a paz que excede todos os sentidos.¹⁰⁵¹ As Dominações dominam, mas submissas a um Senhor, servindo-o. O que é isso em comparação ao domínio sumo, sempiterno e singular? Os Principados presidem e governam, mas também são governados, de modo que não saberiam governar se deixassem de ser governados.

Nas Potestades sobressai a fortaleza, mas Aquele ao qual devem sua fortaleza possui mais força, e de um modo diverso, pois é a própria Fortaleza. As Virtudes, de acordo com sua função, podem despertar dos homens de seu entorpecimento espiritual, mas a Virtude que permanece neles¹⁰⁵² é que realiza suas próprias obras. Elas [as virtudes] também agem, mas em comparação a Ele, não agem. Tão grande é a diferença que o profeta diz a Ele: *Vós sois o Deus dos prodígios, vosso poder manifestastes entre os povos.*¹⁰⁵³ E também sobre ele: *Só ele operou maravilhosos prodígios, porque sua misericórdia é eterna.*¹⁰⁵⁴ Os Anjos e Arcanjos estão juntos de nós, mas Ele é mais fraternal conosco porque não está perto, mas nos penetra.

¹⁰⁴⁸ I. Cor. 12,11

¹⁰⁴⁹ Sb. 12,18

¹⁰⁵⁰ Jo. 3,34

¹⁰⁵¹ Fp. 4,7

¹⁰⁵² Jo. 14,10

¹⁰⁵³ Sl. 76,15

¹⁰⁵⁴ Sl. 135,4

12. Se me dizes que um Anjo pode penetrar-nos não hei de negar o fato, pois lembro-me do que estava escrito: *O Anjo que falava em mim.*¹⁰⁵⁵ Mas há algumas diferenças. O Anjo está em nós sugerindo o bem, não o fazendo. Está exortando que façamos o bem, não o criando. Deus está dentro de nós para infundir-nos a graça, ou melhor, para que ele mesmo se infunda e seja partícipe de nossa alma. Assim, alguém pode dizer sem temor que se faz um com nosso espírito, não uma só pessoa ou substância. Tenhas em mente: quem se une ao Senhor torna-se com ele um só espírito.¹⁰⁵⁶ Portanto, o anjo está com a alma, Deus está na alma. O anjo está como está na alma como um convidado, Deus como vida. Tanto quanto a alma vê pelos olhos, ouve pelos ouvidos, cheira pelo nariz, saboreia pela boca e toca com todo seu corpo, Deus opera diversas ações em diferentes espíritos. Por exemplo, em alguns se manifesta como amor, em outros como conhecimento, nos restantes realiza outras coisas, pois a cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito comum.¹⁰⁵⁷ Quem é esse tão presente em nossos lábios, mas tão distante de nossa realidade? Como pode ser que dele falemos incessantemente, e mesmo assim, recôndito em sua majestade, ele escape de nosso olhar e afeição? Ouve o que ele mesmo disse aos homens: *Mas tanto quanto o céu domina a terra, tanto é superior à vossa a minha conduta e meus pensamentos ultrapassam os vossos.*¹⁰⁵⁸ Dizemos que amamos, e também Deus; dizemos que conhecemos, e também Deus, e muitas outras coisas analogamente. Mas Deus ama como Caridade, conhece como Verdade, julga como Equidade, domina como Majestade, rege como Princípio, protege como Salvação, opera como Poder, revela como Luz, assiste como Piedade. Tudo isso fazem os Anjos, fazemos também nós, mas verdadeiramente de um modo muito inferior, não pelo bem que somos, mas pelo bem do qual participamos.

¹⁰⁵⁵ Zc. 1,14

¹⁰⁵⁶ I. Cor. 6,17

¹⁰⁵⁷ I. Cor. 12,7

¹⁰⁵⁸ Is. 55,9

O QUE DEVE SER CONTEMPLADO NA ESSÊNCIA DE DEUS E A HERESIA DOS QUE DIZEM: “DEUS É DEUS PELA DIVINDADE, MAS ELA MESMA NÃO É DEUS”. E SOBRE COMO DEUS É UNO.

VI.13. Agora que já falei sobre esses espíritos, talvez tu pudesses dizer com a esposa: *Mal passara por eles, encontrei aquele que meu coração ama.*¹⁰⁵⁹ Quem é ele? Não me ocorre melhor explicação que *aquele que é*. Ele quis que essa mesma resposta fosse dada sobre si quando a ensinou a Moisés a fim de que este a dissesse ao povo: *Aquele que é, ele me envia a vós.*¹⁰⁶⁰ Justa resposta. Nada descreveria melhor a eternidade que “*Deus é*”. Se disseses que Deus é bom, magno, beato, sábio ou qualquer outra coisa, nessas expressões está impresso¹⁰⁶¹ que esse que é, é. Em verdade, por ele existir todas essas coisas existem. Se tu acrescentasses cem outros atributos, não deixarias de ser: ao enumerá-los, nada acrescentaste; se os omitisses, nada tornaste menor. Com efeito, tendo visto esse ser tão único e sumo existente, não julgarias que, comparando-o às outras coisas, estas em verdade “*não são*”? O que é, então, Deus? Aquele sem o qual nada é.¹⁰⁶² Nada pode existir sem ele tanto quanto ele não pode existir sem si mesmo. Existe para si mesmo e para todos os demais. Nesse sentido, ele é solitário, ele, que é sua própria existência e a de todo ser. O que é Deus? O Princípio:¹⁰⁶³ eis a resposta que ele mesmo deu sobre si. Muitas coisas são chamadas princípios de outras, mas no que diz respeito ao que lhes é posterior. Sob esse ponto de vista, se volveres os olhos para algo que é precedente, a ele darias o nome de princípio. Se procuramos um princípio puro e verdadeiro, convém que seja um que não teve seu próprio, a partir qual o universo teve início – pois sem dúvida teve algum início –, de modo que faz-se necessário ter iniciado a partir de outrem. Nada começa por si mesmo. A não ser que “o que não era” tenha pensado ser capaz de dar a si mesmo existência para começar a ser, ou fosse outra coisa antes de ser, duas possibilidades que a razão não consente porque é evidente que nada existe antes de seu próprio princípio. Aquilo que de fato teve um princípio a partir de outro o primeiro não foi. Assim, o

¹⁰⁵⁹ Ct. 3,4

¹⁰⁶⁰ Ex. 3,14

¹⁰⁶¹ Rm. 13,9

¹⁰⁶² Jo. 1,3

¹⁰⁶³ Jo. 8,25

princípio verdadeiro de modo algum pode ter tido um início, senão que todo seu ser começou por si mesmo.

14. O que é Deus? Aquele cujos séculos não ultrapassam ou ficam atrás, mas tampouco são coeternos a ele. O que é Deus? Aquele do qual procedem todas as coisas, para o qual todas as coisas existem,¹⁰⁶⁴ no qual todas as coisas existem.¹⁰⁶⁵ Do qual todas as coisas procedem por criação, não por geração. Pelo o qual todas as coisas existem para que não creias que um é o autor e outro é o artífice.¹⁰⁶⁶ No qual existem todos os seres, mas não localmente, senão que potencialmente. Do qual todas as coisas procedem, como de um único princípio, autor de todas as coisas. Pelo o qual todas as coisas existem, porque não há fora dele outro princípio criador. No qual existem todos os seres, porque não há um terceiro princípio que seja o lugar em que existem. Do qual todas as coisas procedem, não como se Deus fosse a matéria do qual procedem: Deus é a causa eficiente, não material. Em vão os filósofos procuram a matéria: Deus não necessitou de matéria, não procurou uma forja e um artífice. Ele mesmo em si e por si fez todas as coisas. De onde? Do nada, porque se tivesse feito de outra coisa, esta mesma coisa ele não haveria de ter feito, de modo que não seria, então, aquele que fez todas as coisas. Não se pode pensar que de sua incorrupta e incorruptível substância tivesse feito tantas coisas, boas, é verdade, mas corruptíveis. Perguntas-me: Se nele estão todas as coisas, onde ele mesmo está? Para mim, é um mistério. Que lugar pode contê-lo? Onde ele não está? Não saberia te responder. Em que lugar não há Deus? Deus é incompreensível,¹⁰⁶⁷ mas já sabes muito sobre ele se isto aprendeste: que não pode ser contido em lugar algum, nem há um lugar do qual ele esteja ausente. Assim como todos os seres estão nele, também ele está em todos os seres¹⁰⁶⁸ de uma maneira sublime e incompreensível, como disse o evangelista: estava no mundo.¹⁰⁶⁹ Ademais, estava onde estava antes de fazer o mundo.¹⁰⁷⁰ Não tens de perguntar onde estava: fora dele nada existia,¹⁰⁷¹ portanto, estava em si mesmo.

¹⁰⁶⁴ I. Cor. 8,6

¹⁰⁶⁵ Rm. 11,36

¹⁰⁶⁶ Demiurgo platônico.

¹⁰⁶⁷ Jr. 32,19

¹⁰⁶⁸ Rm. 11,36

¹⁰⁶⁹ Jo. 1,10

¹⁰⁷⁰ Jo. 17,5

¹⁰⁷¹ Jo. 1,3

VII.15. O que é Deus? Aquilo sobre o qual nada melhor pode ser pensado.¹⁰⁷² Se concordas comigo, não podes assentir que exista outro que possua a essência de Deus e não seja Deus.¹⁰⁷³ Este sem dúvida seria melhor. Como não seria superior a Deus um ser que não é Deus e faz com que Deus exista? Havemos de concordar que essa divindade que dizem ser a essência de Deus não é outra coisa senão Ele mesmo. Não há em Deus nada mais que Deus. “O quê? Então negas que Deus tenha divindade?”, perguntam-me. Não, digo que o que Deus tem, Ele é. “Negas que Deus exista em virtude de sua divindade?” Não, mas que ele não existe por outra que coisa que ela mesma. Se descobriste outra divindade, que Deus Trindade me ajude, pois contra ela ergo-me com toda a contumácia! A quaternidade separa o orbe, não assinalada a deidade.

Deus é Trindade, Deus é cada uma das três pessoas. Se te agrada acrescentar uma quarta divindade, estou completamente decidido a não adorar quem não é Deus. Creio que tu farias o mesmo. Porque *adorarás o Senhor teu Deus, e só a ele servirás*.¹⁰⁷⁴ Que gloriosa é essa divindade que não ousa arrogar a si a honra divina. Melhor é repudiar essa quarta divindade que a recebermos sem honra. Dão-se a Deus muitos atributos, sem dúvida a doutrina católica assim o faz, mas os muitos são apenas um. Se pensarmos o contrário, não teríamos uma quaternidade, mas uma “centenidade”. Por exemplo, dizemo-lo grande, bom, justo e inúmeros adjetivos: a não ser que todas essas coisas sejam unas em Deus e com Deus as consideres assim, terás um Deus múltiplo.

16. Com efeito, não é difícil cogitar melhor ideia sobre Deus que essa tua. Qual seria? A pura simplicidade.¹⁰⁷⁵ Um bom julgamento vê que uma natureza simples antepõe-se à múltipla. Sei bem o que costumam responder como objeção: “não atribuímos a Deus uma multiplicidade, tão somente afirmamos que em sua divindade

¹⁰⁷² Santo Anselmo.

¹⁰⁷³ Gilberto, bispo de Poitiers, contra o qual São Bernardo se opôs no Concílio de Paris (1147) e no Concílio de Reims, no ano seguinte, distinguia a essência divina da deidade; as propriedades das três Pessoas divinas das Pessoas elas mesmas, não na realidade, mas por abstração. É essa distinção entre Deus e a deidade que São Bernardo condena (George Lewis)

¹⁰⁷⁴ Lc. 4,8

¹⁰⁷⁵ No sentido de singularidade. “A suprema unidade” e “a unidade mais simples de todas” talvez sejam frases equivalentes. (George Lewis)

estão reunidas todos esses atributos”. Pois então afirmas que, embora não seja múltiplo, Deus é duplo. Não alcanças a absoluta simplicidade, tampouco a concepção de ser como “aquele sobre o qual não se pode pensar nada melhor”. Não é simples o que esteve sujeito a uma forma, tal qual não é virgem uma mulher ainda que só tenha conhecido um varão. Digo seguramente: nem mesmo um Deus duplo será meu Deus. Tenho um melhor. Talvez pareça que eu prefira um Deus duplo a um múltiplo, mas desprezo ambos por um Deus perfeitamente simples. Meu Deus é o Deus católico. Puro, simples, íntegro, perfeito, constante em si mesmo; nada lhe acrescentam o tempo, o lugar, as coisas, nada perde para eles, não há o que o divida numericamente nem o reduza à unidade. Sim, ele é uno, mas não uma união. Não consta de partes como um corpo, não tem afetos opostos como uma alma, não subsiste por uma forma como tudo o que foi feito, nem mesmo assume uma, como alguns acreditam. Louvores sejam dados a Deus que contenta-se com uma forma e está livre de qualquer deformidade. Quero dizer que todos os demais seres estão submetidos a uma forma, mas Deus somente a uma. Como? Aquele pelo qual tudo tem existência se curvará ante a outro ser porque lhe deu o benefício de dá-lo a existência? Esse louvor, vulgarmente falando, soa-me como blasfêmia. Acaso não é mais excelente não necessitar de nada que necessitar de algo? Tem reverência a Deus atribuindo-lhe o que é melhor. Se teu coração foi capaz de ascender a esse grau, como pode ser que coloques teu Deus em menor nível? Ele é sua própria forma, é sua própria essência. Nesse grau o contemplo: se aparecesse outro mais perfeito, esse novo grau o atribuiria. Acaso é de se temer que nosso pensamento o transponha? Tanto quanto subamos, no mais alto ele está. Procurar o Altíssimo abaixo do que o homem pode cogitar é ridículo. Situa-lo ali, ímpio. Deve-se buscá-lo além, não aquém.

17. Eleva, se poderes, teu coração ao alto e Deus será exaltado. Deus não é formado: é forma. Deus não é afetado: é afeição. Deus não é composto: é pura simplicidade. E para que fique claro o que digo, diria que Deus é tão simples que é uno. É como dizer que é uno de um modo que nenhum outro ser é. Se se pode dizer, é “uníssimo”. O sol é uno porque não há outro sol; o mesmo se pode dizer da lua. O mesmo se pode dizer de Deus, mas ele é mais. O que mais? É também uno em relação a si mesmo. Queres que te explique? É sempre o mesmo e de um único

modo. Nem o sol nem a lua são unos assim. Ele com seu movimento, ela com suas fases nos mostram claramente isso. Deus, por outro lado, não é uno somente para si mesmo, mas em si mesmo. Nada tem em si que não seja si mesmo. Não tem alteração do tempo nem modificação alguma em sua substância. Disse dele Boécio: *“é verdadeiramente uno este, no qual não há número. Nele não há nenhum outro além daquele que é. Nem pode estar sujeito, pois, de fato, é a forma de si mesmo”*. Compara este a outro ser qualquer que possas chamar de uno e tal ser uno não será. Contudo, Deus é Trindade. Mas, e agora? Destruímos o que foi dito sobre a unidade quando nela introduzimos a trindade? Não, confirmamos a unidade. Dizemos Pai, dizemos Filho, dizemos Espírito Santo, contudo não são três deuses, mas um. E que sentido pode ter este número que não se numera? Se são três, como não se enumera? Se é um, onde está o número? “Contudo”, dirias, “tenho algo que posso numerar e algo que não posso numerar: a substância é uma, e as pessoas são três. O que há de obscuro nisso?”. Nada, se conceitualmente separarmos a substância e as três pessoas. Todavia, sendo essas três pessoas uma única substância e essa única substância três pessoas, quem pode negar seu número? Porque, de fato, são três. Contudo, quem as pode numerar? Porque, de fato, são um. Se crês fácil explicar, diz-me o que numeraste ao dizer que são três. Naturezas? Uma é. Essência? Uma é. Substância? Uma é. Deidade? Uma é. “Não essas coisas, mas o número de pessoas”, diria. Não são essas pessoas uma única natureza, essência, substância e divindade? És católico, não podes negar.

SOBRE A UNIDADE SOBERANA DA TRINDADE

VIII.18. A fé católica confessa que as propriedades das pessoas divinas são idênticas às pessoas mesmas, e que elas não são outra coisa que um Deus, uma divina substância, uma divina natureza, uma divina e suma majestade. Numera, pois, se puderes, as pessoas sem a substância que elas mesmas são, ou as propriedades sem as pessoas as quais são idênticas. Se alguém intenta separar as pessoas da substância ou as propriedades das pessoas, desconheço como se possa reconhecer como adorador da Trindade tendo dividido-a em tal multiplicidade. Digamos, pois, que são três, mas sem prejuízo à Unidade. Digamos que é uno, sem confundi-lo com a Trindade. Não se trata de nomes vazios ou palavras desprovidas

de significado. Como pode ser?¹⁰⁷⁶ É suficiente que saibamos que é assim, não pela perspicácia da razão, ou pela ambiguidade da opinião, mas pela persuasão da fé. Esse mistério é grande,¹⁰⁷⁷ todavia deve ser venerado, não escrutinado. Como há pluralidade na unidade, e essa mesma na pluralidade? Escrutar é temeridade, crer é piedade, conhecer é vida, e vida eterna.¹⁰⁷⁸ Se te pareces que valha a pena, Eugênio, repassa em tua consideração as diversas classes de unidades que conhecer, assim ficará mais patente como Deus é singular precisamente por sua Unidade. Pode-se chamar uma unidade de *coletiva*, quando, por exemplo, muitas pedras formam um único amontado. Há uma unidade *constitutiva* quando muitos membros formam um único corpo, ou cada uma das muitas partes constituem um todo. Há uma unidade *conjugativa* que faz com que dois já não sejam mais dois, mas uma só carne. É *nativa* a unidade entre alma e corpo que forma um único homem. É *potestativa* a unidade que o homem, instável nas virtudes, tenta alcançar para permanecer sempre idêntico em si mesmo. É *consentânea* quando, por exemplo, muitos homens pela caridade tornam-se um coração e uma alma. É *volitiva* quando a alma, aderindo a Deus com todo seu afeto, com ele torna-se um só espírito. E é *concessiva* a unidade que nosso barro assumiu pelo Verbo de Deus ao constituir-se uma só pessoa.

19. Mas o que é tudo isso se comparado com o máximo e, por assim dizer, unicamente Uno, onde a consubstancialidade se faz unidade? Se buscas semelhança entre quaisquer dessas unidades e a de Deus, ela será parcial; se compará-la com a sua, não encontrará nenhuma. A unidade da Trindade está acima de todas as coisas que dissemos serem unas porque são três pessoas e uma substância. Essa unidade é superior à segunda, pela qual, ao contrário, três substâncias são na pessoa de Cristo uma somente. Ademais, uma consideração sóbria e verdadeira prova que essa e quaisquer outras unidades pode-se dizer que são unas somente em virtude da imitação que fazem da Suma Unidade, não por comparação. Mas não nos afastamos da profissão dessa unidade ao afirmarmos que são três, quando nesta Trindade não admitimos uma multiplicidade e tampouco uma unidade solitária. Quando digo uno, não me perturba o número de sua

¹⁰⁷⁶ Jo. 3,9

¹⁰⁷⁷ Ef. 5,32

¹⁰⁷⁸ Jo. 17,3

Trindade, que não multiplica a essência, não varia, não se reparte. Por sua vez, quando digo três, não me é revelado a consideração de sua unidade, pois não se cria confusão entre as três realidades ou entre os três, nem os reduz a um somente.

A UNIDADE DA ALMA E DO CORPO

20. Confesso que sinto o mesmo sobre aquela unidade que honrei classificando-a em segundo lugar entre as diversas classes de unidade. Digo que em Cristo o Verbo, a alma e a carne sem confusão de essências são uma só pessoa e subsistem igualmente em seu número sem prejuízo à unidade da pessoa. Também não haveria de negar que esse tipo de unidade corresponde àquela entre alma e carne que faz um homem. Convinha certamente que o sacramento constituído em favor do homem guardasse semelhança e familiaridade com a constituição mesma do homem. Convinha que esse mistério fosse congruente com a suma unidade que é Deus e que há em Deus. Assim, como nela três pessoas são uma essência, também por um conveniente contraste, três essências são uma pessoa. Não vê quão belamente a unidade está posta entre a unidade de Deus e a unidade do homem, nele, sobretudo, que foi constituído mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus? Belíssima conveniência, digo, que o mistério da salvação responda com certa similitude a ambas unidades: a do salvador e a dos salvados. Desse modo, esta unidade situa-se ao meio das outras duas, sendo reconhecida inferior a uma e superior a outra.

21. Enfim, revela-se tão evidente a força unitiva nessa pessoa, na qual Deus e o homem são um único Cristo, que se tu disseses Deus ser homem e o homem ser Deus, não errarias, ao contrário, emitirias um juízo conforme a fé católica. Seria absurdo, entretanto, se predicasses que a alma advém da carne, ou a carne da alma, ainda que a união de ambas seja um só homem.

Não admira não ser possível à alma, com toda sua energia vital, unir-se ao corpo por meio de seus afetos nem ligar-se a ele pela vontade, como a divindade fez com

aquele homem, predestinado a ser o Filho de Deus na virtude.¹⁰⁷⁹ Longa corrente e forte para uni-los é a divina predestinação, porque é eterna. Que é mais extenso que a eternidade? Que é mais potente que a divindade? Daí que nem a morte pode interferir nessa unidade ainda que a carne e a alma tenham se separado. Talvez aquele que se professou indigno de lhe desatar as correias tenha pressentido isso.¹⁰⁸⁰

AS TRÊS MEDIDAS DE FARINHA FERMENTADAS EM UM SÓ PÃO

X.22. Se alguém chegar a dizer que essas três [substâncias] são como, no Evangelho, aquelas três medidas de farinha que foram fermentadas em um pão, não me parece cometer um desatino. Quão bem aquela mulher as misturou, pois nem com a divisão da alma e da carne o Verbo separou-se delas! Uma unidade inseparável permaneceu ainda depois da separação. Esta, que aconteceu em partes, não pôde opor-se à unidade, que permaneceu em todas as três. Quer unidas, quer separadas, se manteve nas três a unidade pessoal. Ainda que morto estivesse o homem, subsistiu identicamente o mesmo Cristo, a mesma Pessoa, o Verbo, a alma e a carne. Creio firmemente ter acontecido no útero da Virgem essa mistura e fermentação. A mulher que misturou foi a mesma que fermentou. Eu não erraria em dizer que, de fato, o fermento foi a fé de Maria. Cheia de graça foi esta que acreditou, porque a perfeição estava nela e a palavra do Senhor foi cumprida. Não teria se cumprido, por outro lado, se a palavra do Senhor não tivesse fermentado toda a massa, perpetuamente, para que tanto na vida quanto na morte, íntegro com sua divindade, gozássemos de um mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus.

¹⁰⁷⁹ Rm. 1,4

¹⁰⁸⁰ Mc. 1,7

ALGUNS AFIRMAM QUE O CORPO DE CRISTO FOI CRIADO NA VIRGEM, MAS NÃO FOI TOMADO DA VIRGEM

23. É de notar que nesse admirável mistério estão representadas as três medidas de farinha, distintas por suas qualidades: a farinha nova, a velha e a eterna. A *nova* é a alma, que se crê criada do nada quando foi infundida na *antiga*, a carne, que sabemos como foi transmitida desde o primeiro homem, Adão. A *eterna* é o Verbo que, como nos revela a verdade indubitável, foi gerado desde toda a eternidade pelo Pai e é coeterno a Ele. E nessas três, se observares bem, podes descobrir uma tríplice manifestação da potência divina, que do nada fez um ser; do velho, algo novo; do condenado e morto, algo eterno e bem-aventurado. Que tem a ver isso com nossa salvação? Muito, e por diversas razões. Primeiramente, estando nós reduzidos ao nada pelo pecado, de certo modo somos criados novamente como primícias de uma nova criatura. Assim, fomos retirados da antiga servidão e levados à liberdade dos filhos de Deus, caminhantes por novos caminhos do espírito. Por fim, fomos chamados do poder das trevas ao reino da claridade eterna, o qual nos concedeu em Cristo.

Afastemos todos os que tentam demonstrar impiedosamente que a carne de Cristo foi criada na, mas não tomada da Virgem. Belamente, o espírito profético muito antes já havia enfrentado essa opinião blasfema dos ímpios, quando disse: *Um ramo sairá do tronco de Jessé, e um rebento brotará de suas raízes.*¹⁰⁸¹ Poderia ter dito “brotará uma flor do ramo”, mas não quis e disse “da raiz”, como que para demonstrar que a flor e o ramo tinham a mesma origem. Podemos ver que a carne não foi tomada como algo distinto da Virgem, mas que descendia da mesma raiz.

MUITAS MANEIRAS DE CONTEMPLAR A DEUS

XI.24. Talvez tenhas já mudado de humor por ver-nos tantas vezes repetir “o que é Deus?”. A pergunta já foi feita tantas vezes que duvidas que a resposta será dada. Digo-te, Pai Eugênio, Deus é o único que nunca se busca em vão. Ensina-te tua experiência. Se não, crê em quem experimentou, não a mim, mas o Santo que

¹⁰⁸¹ Is. 11,1:

disse: *Bom és tu, Senhor, para os que esperam em ti.*¹⁰⁸² O que é, pois, Deus? Em relação ao universo, seu fim; aos eleitos, sua salvação; a Si, seu próprio conhecimento. Que é Deus? Vontade onipotente, virtude benevolentíssima, luz eterna, razão incomutável, suma beatitude. O que cria almas para que participem de Si, vivifica-as para que sintam, provém-nas para que apeteçam, distende-as para que compreendam, justifica-as para que mereçam, inflama-as para que zelem, fecunda-as para que produzam frutos, dirige-as para que sejam conforme a equidade, dá-lhes forma para que sejam benevolentes, modera-os para que sejam sábias, vigora-as para que sejam probas, visita-as para que sejam consoladas, ilumina-as para que conheçam, perpetua-as à imortalidade, enche-as de felicidade, circunda-as de segurança.

DEUS É IGUALMENTE CASTIGO DOS SOBERBOS E GLÓRIA DOS HUMILDES

25. O que é Deus? Igualmente castigo dos perversos e glória dos humildes. É como uma reta direção, inflexível e indeclinável, que advém de todas as partes.¹⁰⁸³ Contra ele necessariamente choca-se toda perversão. Como não haveriam de despedaçar o inchado [de orgulho] e o disforme que se lançam contra ele? Ah! Infeliz daquele que O ofende se atreve em seu caminho frente a sua retidão intolerante: Deus é fortaleza. O que é sempre tão contrário e adverso a uma vontade iníqua que sempre se preparar, sempre lutar e sair frustrado? Ah! Infelizes vontades, que conseguem somente o castigo de suas penas! Que castigo é mais severo que sempre querer o que nunca se poderá ter? Que é mais desgraçado que uma vontade viciada na necessidade de querer e de não querer, sem poder escolher outra coisa que não o mais perverso e o mais miserável? Na eternidade nunca alcançará o que deseja, não obstante o que não deseja sempre terá de suportar. Justo é todo aquele que nunca se sentiu afetado pelo conveniente, que sempre fugiu dos prazeres.

Quem faz isso? Nosso Reto Senhor, Deus, que age duramente com o perverso. O Reto e o depravado nunca estão de acordo, são opostos, ainda que não possam ferir-se mutuamente. O que sai ferido é o outro, ausente de Deus. *Duro te é*

¹⁰⁸²Lm. 3,25

¹⁰⁸³Sb. 8,1

*recalcitrar contra o aguilhão.*¹⁰⁸⁴ Quer dizer, não é duro para o aguilhão, mas para o recalcitrante. Deus é uma pena ainda mais torpe: porque é luz. Que é mais odiado pelas mentes obscenas e escandalosas? *Porquanto todo aquele que faz o mal odeia a luz.*¹⁰⁸⁵ Mas pergunto: nunca poderão esconder-se dela? Nunca. Brillham todas as partes, ainda que não para todos. Porque *a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam.*¹⁰⁸⁶ A Luz vê as trevas, porque luzir é ver. Mas reciprocamente a Luz não é vista pelas trevas, porque as trevas não a compreenderam.

Os viciosos são vistos para que se confundam, e não veem para que não sejam consolados. Não são vistos somente *pela* luz, mas *na* luz. Por quem? Por todos os que podem ver, para que sua confusão seja maior entre todos. Mas entre tantos espectadores, nada os molesta mais que seus próprios olhos. Nem no céu, nem na terra encontrarão outra visão da qual desejem mais fugir, e não podem, que de sua tenebrosa consciência. As trevas não se contentam nem consigo mesmas. Veem-se aqueles que não veem nada. São acompanhados pelas obras das trevas, e não conseguem se esconder delas nem mesmo nas trevas. Este é um verme que não morre: a memória do passado. Uma vez que se introduz, ou melhor, que nasce na alma pelo pecado, se agarra firmemente e jamais poderá ser arrancado. Não cessa de roer a consciência, como se fosse um pasto inesgotável. Horrorizo-me desse verme mordaz e dessa morte em vida. Horrorizo-me de cair em mãos de uma morte vivente e de uma vida agonizante.

26. Essa é a segunda morte que sempre está matando, mas nunca acabada de matar. Quem dera morrer para não morrer eternamente! Os que dizem aos montes “Caiam sobre nós!”, e às colinas “Cubram-nos!”,¹⁰⁸⁷ que podem pedir senão que o benefício da morte ou a graça de acabar com ela? Anseiam uma morte que não vem.¹⁰⁸⁸ Vejamos mais claramente.

¹⁰⁸⁴ At. 9,5

¹⁰⁸⁵ Jo. 3,20

¹⁰⁸⁶ Jo. 1,5

¹⁰⁸⁷ Lc. 23,30

¹⁰⁸⁸ Jó 3,21; Ap. 9,6

Consta que a alma é imortal, que nunca perderá a memória, porque senão deixaria de ser alma. Enquanto dura a alma, dura a memória. Mas que memória? Uma deformada pelos vícios, horrorizada pelas perversidades, inchada de vaidade, ressentida e rechaçada pelo desprezo. O passado passa por ela, e não passa.¹⁰⁸⁹ Passa pelo presente, mas não na mente. O que foi feito não pode ser desfeito. Por isso o que foi feito no tempo permanece na eternidade. O que acontece no tempo não passa com o tempo. Será um tormento eterno a lembrança eterna do mal que fizeste.

É como experimentar a verdade daquelas palavras: *Repreender-te-ei e lançar-te-ei em rosto os teus pecados.*¹⁰⁹⁰ O Senhor as disse¹⁰⁹¹ e nada pode contradizê-Lo sem contradizer-se a si mesmo. É tarde para queixar-se contra ele: *Se pequei, que mal te fiz, ó guarda dos homens? Por que me tomas por alvo, e me tornei pesado a ti?*¹⁰⁹² Assim é, Eugênio. Nada pode ser contrário a Deus e coerente consigo mesmo. O que é acusado por Deus, é também acusado por si mesmo. Então, a razão não poderá dissimular a verdade, ou a alma se esquivar dos olhares da razão, quando se encontra despojada dos membros corporais e em si recolhida. Como poderá fazer depois de ter adormecido e extinguido pela morte dos sentidos pelos que se afastava de si mesma e sai curiosamente a examinar as aparências desse mundo que passa? Vês como os torpes tudo os serve de confusão, tendo como espetáculo Deus, os anjos, os homens e a si mesmos? Que incômodos irão encontrar todos os injustos frente ao que é um caudal de retíssima justiça e expostos à luz da verdade manifesta! Não é verem-se golpeados e envergonhados eternamente? *Fazei recair sobre eles o dia da aflição, esmagai-os com dupla desgraça.*¹⁰⁹³

¹⁰⁸⁹ II Cor. 5,17

¹⁰⁹⁰ Sl. 49,21

¹⁰⁹¹ Dt. 4,10

¹⁰⁹² Jó 7,20

¹⁰⁹³ Jr. 17,18

QUE É A LARGURA, A EXTENSÃO, A ALTURA E A PROFUNDIDADE

XIII.27. O que é Deus? Largura, extensão, altura e profundidade.¹⁰⁹⁴ Perguntas: “Como podemos ensinar agora uma quaternidade que antes abominávamos? Nada disso. Continuo abominando-a.¹⁰⁹⁵ Pode parecer que eu tenha me referido a múltiplas realidades distintas, mas é uma só. Deus é designado uno para nossa compreensão, não em virtude de seu modo de ser. Este é divisível, não ele próprio. Muitos são os nomes e muitos os caminhos, mas um só a quem nos referimos e procuramos. Nessa quaternidade não estão expressas divisão de substância, dimensões que contemplamos nos corpos, distinções de pessoas que adoramos na Trindade, enumeração de propriedades que confessamos serem inerentes às três pessoas, ainda que se identifiquem com elas. Dito de outro modo, cada uma dessas coisas são em Deus o que são as quatro reunidas e essas quatro são o mesmo que cada uma delas. Em relação a nós, todavia, como não podemos rivalizar com a simplicidade de Deus,¹⁰⁹⁶ quando queremos apreendê-lo como um ser único ocorre que se nos apresenta quadruplicado. O único modo que temos para ver Deus é como que confusamente diante de um espelho.¹⁰⁹⁷ Quando o vermos face a face,¹⁰⁹⁸ o veremos como ele é.¹⁰⁹⁹ Então o frágil olhar de nossa inteligência, ainda contemplando-o fixamente, não ricocheteará não se quebrará em sua pluralidade. Recolher-se-á mais e mais em si mesma, encontrar-se-á e se adaptar-se-á a sua unidade, ou melhor, àquela unidade: assim, haverá um só rosto frente ao único rosto. Caríssimos, desde agora somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. *Seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é.*¹¹⁰⁰ Beata visão, pela qual suspirou quem exclamou: *Minha face vos busca; a vossa face, ó Senhor, eu a procuro.*¹¹⁰¹

Mas como, todavia, estamos buscando-o, subamos a essa quadriga porque, enfermos e frágeis como somos, necessitamos de um veículo para ver se podemos

¹⁰⁹⁴ Ef. 3,18

¹⁰⁹⁵ Lv. 20,23

¹⁰⁹⁶ Jó 9,3

¹⁰⁹⁷ I Cor. 13,12

¹⁰⁹⁸ I Cor. 13,12

¹⁰⁹⁹ I Jo. 3,2

¹¹⁰⁰ I Jo. 3,2

¹¹⁰¹ Sl. 26,8

alcançar nosso destino, isto é, a meta dessa quadriga. Assim nos aconselha seu próprio condutor, que nos convidou a levarmos: sejamos capazes de a fim de que possamos, *com todos os cristãos, compreender qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade.*¹¹⁰²

Compreender, disse, e não conhecer, para que não nos limitemos a satisfazer a curiosidade pela ciência, senão que aspiremos com todas as nossas forças a colher seus frutos. O fruto não é o conhecimento, senão o ato de compreender. Porque, como alguém disse, *aquele que souber fazer o bem, e não o faz, peca.*¹¹⁰³ E também disse Paulo: *Correi, pois, de tal maneira que o compreendeis.*¹¹⁰⁴ Mais tarde explicarei o que é compreender.

28. Que é Deus, então? Digo que é *largura.*¹¹⁰⁵ O que é ela? A eternidade, tão longa que não possui fim nem no tempo nem no espaço. E é extensão.¹¹⁰⁶ E o que é ela? A caridade. Que limites pode ela encontrar em Deus, que não odeia nada que fez?¹¹⁰⁷ *Pois ele faz nascer o sol tanto sobre os maus como sobre os bons, e faz chover sobre os justos e sobre os injustos.*¹¹⁰⁸ Em seu seio são abarcados inclusive os inimigos. Não contente com isso, seu amor evade ao infinito. Por isso supera todas as afeições e cognições, como disse o Apóstolo: *conhecer a caridade de Cristo, que desafia todo o conhecimento.*¹¹⁰⁹ Que mais posso dizer? Esse amor é eterno ou, para dar um passo além, talvez dissesse que é a eternidade. Vê como sua largura e extensão são iguais? Deus queira que percebesse não serem iguais, mas a mesma coisa: uma é igual a outra, uma só não é menor que as duas, nem as duas são maiores que uma só. Deus é eternidade, *Deus é caridade.*¹¹¹⁰ Largura sem alargamento, extensão sem distensão. Em ambos os casos ele excede os limites do tempo e do espaço em virtude da liberdade de sua natureza, não pela enormidade

¹¹⁰² Ef. 3,18

¹¹⁰³ Tg. 4,17

¹¹⁰⁴ I Cor. 9,24

¹¹⁰⁵ Ef. 3,18

¹¹⁰⁶ Ef. 3,18

¹¹⁰⁷ Sb. 11,25

¹¹⁰⁸ Mt. 5,45

¹¹⁰⁹ Ef. 3,19

¹¹¹⁰ I Jo. 4,16

de sua substância. Assim é imenso aquele que tudo dispôs com medida,¹¹¹¹ aquele que é a única medida de sua imensidade.

29. O que mais é Deus? *Altura e profundidade.*¹¹¹² Pela primeira, está acima de todas as coisas; pela segunda, dentro de todas as coisas. É claro que na deidade não há lugar em que a equidade claudica. Deus se mantém sempre constante e imóvel em si mesmo. Considera na altura sua potência; na profundidade, sua sabedoria. Ambas se correspondem por igual: sua altura é inatingível e sua profundidade inescrutável. Paulo, admirado, exclamou: *Ó abismo de riqueza, de sabedoria e de ciência em Deus! Quão impenetráveis são os seus juízos e inexploráveis os seus caminhos!*¹¹¹³ Também nós podemos exclamar com Paulo ao contemplar a unidade simplíssima que em Deus e com Deus constituem esses dois atributos: *Ó poder sábio que dispõe tudo com afetuosidade!*¹¹¹⁴ Uma é a realidade, múltiplos os efeitos e diversas as operações.¹¹¹⁵ E essa mesma realidade é largura por causa da eternidade, latitude por causa da caridade, altura por causa da majestade, profundidade por causa da sabedoria.¹¹¹⁶

XIV.30. Já as conhecemos, mas em verdade, as compreendemos? O raciocínio não as compreende, e sim a santidade, se de algum modo possa ser compreendido o que é incompreensível.¹¹¹⁷ Mas se não fosse, não teria dito o Apóstolo para que compreendêssemos com todos os santos.¹¹¹⁸ Os santos, portanto, compreenderam. Perguntas-me como. Se és santo, compreendeste e conhecestes; se não, sê santo e por tua experiência saberás. Uma santa afeição torna um homem santo de duas maneiras: pelo santo temor do Senhor¹¹¹⁹ e pelo santo amor. Quando afetam perfeitamente uma alma, ela, como se compreendesse que possui dois braços, abraça, aperta, possui e exclama: *Segurei-o e não o largarei.*¹¹²⁰ O temor corresponde à altura e à profundidade; o amor, à largura e à extensão. O que é mais

¹¹¹¹ Sb. 11,21

¹¹¹² Ef. 3,18

¹¹¹³ Rm: 11,33

¹¹¹⁴ Sb. 8,1

¹¹¹⁵ I Cor. 12,6

¹¹¹⁶ Ef. 3,18

¹¹¹⁷ Rm: 11,33

¹¹¹⁸ Ef. 3,18

¹¹¹⁹ Sl. 18,10

¹¹²⁰ Ct. 3,4

atemorizante do que um poder ao qual não podes resistir e uma sabedoria da qual não podes te esconder? Se Deus carecesse de alguns desses atributos, poder-se-ia temê-lo menos. Todavia, convém perfeitamente que temas aquele cujos olhos tudo veem e as mãos tudo podem. Igualmente, o que poderia ser tão amável quanto o próprio amor, pelo qual amas e és amado? A eternidade torna o amor mais amável, pois ele nunca acabará,¹¹²¹ e lança fora a suspeição.¹¹²² Ama, portanto, com perseverança e longanimidade e possuirás a longitude.¹¹²³ Estende teu amor aos inimigos e terás a latitude. Sê temeroso em toda solicitude e apreenderás a altura e a profundidade.

31. Se preferes corresponder esses quatro atributos divinos com quatro afetos de teu coração, conseguirás se mantiveres a contemplação, o temor, o zelo e a coragem. Deve encher-nos de admiração a altura da majestade,¹¹²⁴ causar-nos temor o abismo dos julgamentos. A caridade exige fervor, a eternidade conserva a perseverança. Quem não fica estupefato ao contemplar a glória de Deus?¹¹²⁵ Quem não se enche de temor quando penetra nas profundezas¹¹²⁶ da sabedoria? Quem não se mantém firme e persevera no amor quando emula a eternidade da caridade? A perseverança assemelha-se a certa imagem da eternidade. Ademais, é a única que manifesta a eternidade, ou melhor, que devolve ao homem a eternidade, como disse o Senhor: *Aquele que perseverar até o fim, este será salvo.*¹¹²⁷

32. Agora vê como esses quatro atributos representam quatro espécies de contemplação. A primeira e máxima contemplação é a admiração da majestade divina. Esta requer um coração expurgado de vícios e liberto de pecados, para que se eleve às coisas superiores facilmente. Às vezes uma alma admirante pode, ainda que por um breve instante, ser elevada pelo estupor e pelo êxtase. A segunda contemplação, observar os juízos de Deus, é necessária à primeira. Pelo pávido aspecto então aterroriza e foge dos vícios, funda as virtudes, inicia a sabedoria e serve a humildade. A humildade é o fundamento estável e firme da virtude. Porque

¹¹²¹ I Cor. 13,8

¹¹²² I Jo. 4,18

¹¹²³ Ef. 3,18

¹¹²⁴ Ef. 3,18

¹¹²⁵ At. 7,55

¹¹²⁶ I Cor. 2,10

¹¹²⁷ Mt. 10,22

se vacila, as virtudes reunidas vêm abaixo. A terceira contemplação se ocupa, ou melhor, faz seu ócio na memória dos benefícios, e para não cair na ingratidão, induz à memória o amor do que o concedeu. Sobre isso disse o Profeta, dirigindo-se ao Senhor: *Proclamam o louvor de vossa bondade imensa, e aclamam a vossa justiça.*¹¹²⁸ A quarta esquece o anterior e descansa¹¹²⁹ somente nas promessas. É uma meditação da eternidade, pois as coisas prometidas são eternas; fomenta a longanimidade e corrobora a perseverança.

Penso que já está clara a correspondência entre essas quatro classes de contemplação e as quatro expressões do Apóstolo. A meditação das promessas corresponde à largura, a recordação dos benefícios ao comprimento, a de sua majestade divina à altura e dos juízos à profundidade. Mas deveríamos buscar aquilo sobre o qual não encontramos completamente e que jamais pode ser buscado suficientemente. Faremos melhor com a oração que com a indagação intelectual. Assim o encontraremos mais facilmente. E seja esse o final do livro, mas não de nossa busca.

¹¹²⁸ Sl. 144,7

¹¹²⁹ Fp. 3,13